

Juliana Aparecida Cruz Martins

**SER JOVEM TRABALHADOR:
ENTRE A CONFORMAÇÃO À REPRODUÇÃO METABÓLICA
DO CAPITAL E SUA SUPERAÇÃO**

Tese submetida ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Trabalho e Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patricia Laura Torriglia

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cruz Martins, Juliana Aparecida
SER JOVEM TRABALHADOR: : ENTRE A CONFORMAÇÃO À
REPRODUÇÃO METABÓLICA DO CAPITAL E SUA SUPERAÇÃO / Juliana
Aparecida Cruz Martins ; orientadora, Patricia Laura
Torriglia - Florianópolis, SC, 2016.
243 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. trabalho. 3. educação. 4. ser jovem. 5.
trabalhadores. I. Torriglia, Patricia Laura. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação. III. Título.

Juliana Aparecida Cruz Martins

**SER JOVEM TRABALHADOR: ENTRE A CONFORMAÇÃO À
REPRODUÇÃO METABÓLICA DO CAPITAL E SUA
SUPERAÇÃO**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

Florianópolis, 28 de março de 2016.

Prof.^a Dr.^a Ione Ribeiro Valle
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra Patrícia Laura Torriglia - Orientador(a) UFSC

Profa. Dra Adriana D’Agostini - Co-Orientador(a) UFSC

Prof. Dr. Ricardo Lara - Examinador(a) UFSC

Profa. Dra Célia Regina Vendramini - Examinador(a) UFSC

Profa. Dra Marileia Maria da Silva - Examinadora externa – UDESC

Profa Dra. Maria de Fatima Rodriguez Pereira
Examinadora externa - Universidade Tuiuti do Paraná.

Profa. Dra. Valeska Nahas Guimarães - Examinadora - UFSC

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara - Suplente UNESC

Prof. Dra. Astrid Baecker Avila - Suplente UFSC

Dedico este estudo aos jovens trabalhadores do município de Fraiburgo/SC, que possibilitaram aprofundar a análise teórica sobre a relação entre o trabalho e a educação.

AGRADECIMENTOS

São seis anos de estudos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dentre estes, quatro anos desenvolvendo esta tese de doutorado, este processo nos permite muitas idas e vindas e nestas muitas pessoas entram e saem em fazer parte da nossa vida, porém algumas pessoas permanecem e marcam grande parte da trajetória. Assim sendo, agradeço:

À vida, pelas incongruências, encontros e desencontros. Como diz a canção: “a vida é um vai e vem... nada é para sempre...”¹

À Professora Patricia Laura Torriglia, por toda a orientação, confiança, carinho e cumplicidade.

À banca: Profa. Dra. Célia Regina Vendramini, Profa. Dra. Marileia Maria da Silva e Profa. Dra. Maria de Fatima Rodriguez Pereira, pelas considerações precisas realizadas na qualificação desta tese e por aceitarem o convite em participar da defesa. Ao Prof. Dr. Ricardo Lara e à Profa. Dra. Valeska Nahas Guimarães pela gentileza em aceitarem participar da banca de defesa.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica (GEPOC), pelos debates e discussões que, ao longo desses seis anos, me tem enriquecido cada vez mais como pesquisadora.

Ao professor Dr. Adrian Sotelo Valencia, pela receptividade e acolhida na Facultad de Ciencias Políticas y Sociales Centro de Estudios Latinoamericanos Universidad Autonoma México – (FCPyS de la UNAM).

Ao Fundo de Apoio e Manutenção do Desenvolvimento do Ensino Superior (Fumdes), por me proporcionar a realização desta tese, mediante uma bolsa de estudos que me permitiu dedicação integral a esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela possibilidade de estar na Universidade Autonoma do México (UNAM), aprofundando teoricamente algumas compreensões para o processo de desenvolvimento desta tese.

À minha família maravilhosa, mãe querida Ivanilde e meu pai Valdemar, por sempre me incentivarem com muito amor, dedicação, companheirismo, por sempre estarem em contato, mesmo a distância, por entenderem minhas escolhas mesmo que às vezes doloridas para eles.

¹ Música: “Vai e vem” Capital Inicial (2015).

Às minhas irmãs, Mirian e Ester, a quem amo, pela compreensão, cuidado e preocupação comigo. Também aos meus cunhados Douglas e Alvir.

Aos demais familiares, minha avó Malvina Nicolin, tios, tias, primos e primas.

Aos amigos e amigas, pela força nas horas difíceis da caminhada, por dedicarem um pouco de seu tempo em me oferecer apoio de alguma forma: Elaine Eliane, Soraya – amoras da minha vida –, tornam meus dias mais felizes. William pelos momentos de estudos, de conversas, de ajudas.

A Eliane Jacques e Djuliano, por me receberem em seu lar com todo carinho e apoio para concretizar a finalização desta pesquisa. Pelas conversas, incentivos e paciência dedicados a mim.

A querida mexicana Janet Elizabeth Castillo Burquette, pelo apoio na língua espanhola, as palavras, diálogos, pelo tempo dedicado a mim!

Aos jovens e suas famílias que participaram desta pesquisa por meio de suas falas. Ao empenho de minha querida amiga Wanusa Zago na busca dos jovens que poderiam fazer parte deste estudo, pelo carinho e atenção! Pelas mensagens de conforto e força de todos os dias!

[...] o jovem que não se “rebela” não realizou a conscientização da condição alienada do homem na sociedade capitalista: ou porque foi amplamente envolvido e integrado pela ordem estabelecida ou por não ter condições intelectuais para formular a própria condição real.

Otávio Ianni - O jovem radical

RESUMO

A presente pesquisa realiza uma análise teórica e empírica a partir de perspectiva teórico-metodológica da ontologia crítica, fundamental para a compreensão do mundo e da realidade social em sua gênese histórica. De maneira geral, tem o objetivo de analisar o complexo da educação em sua interlocução com o processo de trabalho e a constituição do jovem trabalhador. O aprofundamento dessa análise reflexiva direciona a uma compreensão acerca da especificidade do jovem, de que forma as alterações no processo produtivo de capital transformam a vida dos trabalhadores em todos seus aspectos, desde as questões básicas de sobrevivência até a busca de profissionalização da força de trabalho. Compreendemos, junto a Lukács, que uma mudança na conjuntura econômica altera a conjuntura da vida cotidiana do trabalhador. Assim, perguntamo-nos; o que é *ser* jovem da classe trabalhadora? Quais suas implicações na reprodução social? As possibilidades de crescimento dos indivíduos – suas múltiplas e variadas possibilidades de crescimento – estão na tensão contínua com seu meio [ambiente] que está para assegurar a sua reprodução, mas, está oculta nessa sociabilidade a autoafirmação da singularidade como uma individualidade autônoma, parafraseando Lukács. A tese que defendemos é que muitas alternativas são elaboradas como possibilidade de qualificação técnico-profissional da força de trabalho, e a juventude tem sido alvo de muitas propagandas para tornar útil sua força de trabalho; porém, na medida em que as relações econômicas são alteradas, toda a vida do trabalhador também se modifica independentemente da profissionalização que realizará. Com base nesse entendimento analisamos a realidade do jovem trabalhador na especificidade do município de Fraiburgo/SC, Brasil. A tese apresenta cinco capítulos: o primeiro sobre questões metodológicas; o segundo relacionado a conceituar o jovem como um sujeito que se configura de acordo com o contexto histórico-social em que está inserido; o terceiro capítulo apresenta análises teóricas sobre trabalho e educação e a articulação com a conjuntura econômica-social do município de Fraiburgo/SC; o quarto capítulo exhibe a legislação que garante os direitos à juventude e inicia uma análise empírica desta investigação a partir dos relatos dos jovens trabalhadores de Fraiburgo; e, por fim, no quinto capítulo, tratamos de forma direta o “direito” ao trabalho e à educação e as falas dos jovens que vivem diante deste dilema, entre o trabalho em curso de aprendizagem e a qualificação da força de trabalho (educação formal/informal).

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Jovem. Capital. Classe trabalhadora.

ABSTRACT

This research is evident as a theoretical and empirical analysis, it is based on the theoretical and methodological perspective of critical ontology, Upon the ontological understanding as conception of the world, that it is proposed to understand the social reality in its genesis historic. In general, has the objective to analyze the complex of education in its dialog with the work process and the constitution of the young worker. The deepening of this reflective analysis directs to an understanding about the specificity of the young, That way the changes in the productive process of capital transform the lives of workers in all its aspects, since the basic questions of survival until the search for professionalization of the work force. We understand, next to Lukacs, a change in the economic environment changes the context of everyday life of the worker. So we ask ourselves; what being young working class? What are its implications in social reproduction? The possibilities for growth of individuals – Its multiple and diverse possibilities for growth – are in continuous collision with its means environmental] that is to ensure their reproduction, but, this is hidden sociability self assertion of singularity as an autonomous individuality, paraphrasing Lukacs. The thesis that we advocate is that many alternatives are drawn up as a possibility of technical-professional qualification of the work force, and youth has been the target of many advertisements to make useful its work force, however, to the extent that the economic relations are changed, the entire life of the worker is also modified independently of the professionalization that held. Based on this understanding analyze the reality of young workers in the specificity of Fraiburgo / SC, Brazil. The thesis presents five chapters: The first on methodological questions, the second related to conceptualize the young as a subject that configures in accordance with the historical-social context in which is inserted, the third chapter presents theoretical analysis of work and education and links with the economic and social conditions in Fraiburgo / SC, the fourth chapter presents the legislation that guarantees the rights to youth and initiates an analysis of the empirical element of this research, the reports of young workers in Fraiburgo and, finally, in the fifth chapter, we treat directly on the "right" to work and education and the speeches of young people who live in front of the dilemma between the work in progress of learning and the qualification of the workforce (formal/informal education).

Keywords: Work. Education. Young. The capital. The working class.

RESUMEN

La presente investigación realiza un análisis teórico y empírico a partir de la perspectiva teórica y metodológica de la ontología crítica, fundamental para la comprensión del mundo y de la realidad social en su génesis histórica. El objetivo principal es analizar la complejidad de la educación realizando articulaciones con el proceso de trabajo y la constitución del joven trabajador. Efectuar este análisis reflexivo nos permite una mejor aproximación en relación a la especificidad de los jóvenes, de qué forma los cambios en el proceso productivo del capital transforman la vida de los trabajadores en todos sus aspectos, desde las cuestiones básicas de supervivencia hasta la búsqueda de la profesionalización de la fuerza de trabajo. Entendemos, junto a Lukács, que un cambio en la coyuntura económica cambia el contexto de la vida cotidiana del trabajador. Así nos preguntamos: que significa *ser* joven de la clase trabajadora? ¿Cuáles son sus implicaciones en la reproducción social? Las posibilidades de crecimiento de las personas – sus múltiples y variadas posibilidades de crecimiento – están en tensión continua con su medio [ambiental] que es garantizar su reproducción, pero está velada en esta sociabilidad la auto-afirmación de la singularidad como una individualidad autónoma, parafraseando Lukács. La tesis que defendemos es que son muchas las alternativas elaboradas como una posibilidad de calificación técnico-profesional de la fuerza de trabajo, y la juventud ha sido el centro de propaganda y anuncios para hacer útil su fuerza laboral, sin embargo, en la medida en que las relaciones económicas se modifican, toda la vida del trabajador también se modifica independientemente de la profesionalización que llevará a cabo. A partir de este entendimiento hemos analizado la realidad de joven trabajador en la especificidad del municipio de Fraiburgo/SC, Brasil y la tesis que presentamos consta de cinco capítulos: el primero versa sobre las cuestiones metodológicas, el segundo conceptualiza a los jóvenes como sujetos que se configuran de acuerdo con el contexto histórico-social en que están inseridos, el tercer capítulo presenta un análisis teórico sobre el trabajo y la educación y las articulaciones con las condiciones económicas y sociales en Fraiburgo / SC, el cuarto capítulo exhibe la legislación que garantiza los derechos a la juventud e inicia el análisis empírico de esta investigación a partir de los informes de los trabajadores jóvenes de Fraiburgo y por último, en el quinto capítulo, nos ocupamos directamente del "derecho" al trabajo y a la educación y los discursos de los jóvenes que viven este dilema, entre el

aprendizaje y el trabajo en curso cualificación de la fuerza de trabajo (educación formal / informal).

Palabras claves: Trabajo. Educación. Jóvenes. Capital. Clase trabajadora.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente – Maçã.....	121
Tabela 2 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente – Milho	122
Tabela 3 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente – Soja	122
Tabela 4 – Produtos da Silvicultura – Madeira	123
Tabela 5 – Aprendizagem Industrial de Suporte e Manutenção em Microcomputadores e Redes Locais.....	188
Tabela 6 – Aprendizagem Industrial de Mecânico de Manutenção de Máquinas em Geral	189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPM – Associação Brasileira de Produtores de Maçã

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

FMI – Fundo Monetário Internacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MET – Ministério do Trabalho

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos

SNJ – Secretaria Nacional de Juventude

UNFPA – United Nations Population Fund

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
CAPITULO I – COMPREENSÃO DO MUNDO DIANTE DA REPRODUÇÃO SOCIAL.....	31
1.1 UMA ANÁLISE REFLEXIVA: CONHECIMENTO, ONTOLOGIA, HISTÓRIA.....	31
1.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO MODO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL.....	35
1.3 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO: O JOVEM TRABALHADOR DE FRAIBURGO/SC	41
1.3.1 Sobre a análise empírica: a fala do jovem trabalhador	46
1.4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O SER JOVEM.....	50
1.4.1 O ser jovem: contextualizações teóricas	50
CAPÍTULO II – O SER JOVEM: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	57
2.1 JUVENTUDE E VIDA COTIDIANA: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA.....	57
2.1.1 Contexto e bases da vida cotidiana do <i>ser jovem</i>.....	61
2.1.2 <i>Ser jovem</i> e o complexo ideológico	67
2.2 SER JOVEM AO LONGO DOS TEMPOS	81
2.2.1 O que é ser jovem?	82
2.2.2 A vida do jovem diante da pré-revolução industrial.....	91
CAPÍTULO III – CAPITALISMO E A LUTA TRABALHADORES	101
3.1 UMA COMPREENSÃO ANALÍTICA SOBRE A VIDA DO TRABALHADOR SOB A ÉGIDE DO CAPITAL.....	101
3.1.1 Trabalho na sociabilidade contemporânea	107
3.2 A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO NA CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL	111
3.3 A CONJUNTURA ECONÔMICA DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: A SOBREVIVÊNCIA DOS TRABALHADORES ASSALARIADOS.....	119
3.4 A LUTA DO JOVEM TRABALHADOR PARA PERMANECER NO MERCADO DE TRABALHO	125

CAPITULO IV - AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA, O COMPLEXO JURÍDICO E O SER JOVEM 133

4.1 UMA COMPREENSÃO HISTÓRICA SOBRE O COMPLEXO JURÍDICO	135
4.1.1 Esfera jurídica e o jovem diante do Estatuto da Juventude.	147
4.1.2 Ser jovem sob a égide da sociabilidade capitalista	162

CAPÍTULO V – DO DIREITO À QUALIFICAÇÃO: FORMA CAPITAL QUE MANIPULA **173** |

5.1 O JOVEM ENTRE AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E A QUALIFICAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO	174
5.1.1 O jovem na busca para qualificar sua força de trabalho: o programa jovem aprendiz	181
5.2 CONHECENDO OS CURSOS DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM SENAI/SENAR EM FRAIBURGO/SC	188
5.2.1 Os depoimentos dos jovens sobre o conteúdo dos cursos de aprendizagem	190
5.2.2 O curso de aprendizagem e as trajetórias de vida dos jovens de Fraiburgo/SC.....	196
5.2.3 Os jovens trabalhadores egressos e os cursos do Programa de Aprendizagem	200
5.2.4 O curso de aprendizagem e seus impactos na vida do jovem trabalhador	207
5.2.5 A qualificação da força de trabalho do jovem para além dos programas de aprendizagem.....	215
5.3 CONHECER PARA TRANSFORMAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
REFERÊNCIAS	235

INTRODUÇÃO

Na juventude, todas as forças do espírito estão direcionadas para o futuro, o qual adquire formas variadas, vivas e atraentes sob a influência da esperança, que se baseia não na experiência do passado, mas na imaginária possibilidade de ser feliz, e compartilhar com alguém sonhos sobre a felicidade futura, nessa idade, já é uma verdadeira felicidade (TOLSTÓI, 2012, p. 210)¹.

Esses “jovens”, que não se limitarão a representar “os jovens”, mas que se tornarão adultos, que envelhecerão se suas vidas lhes proporcionar vida, terão que carregar, como todo ser humano, o peso cada vez maior dos dias futuros. Mas um futuro vazio, no qual tudo o que a sociedade dispõe de positivo (ou que ela dá como tal) parece que foi sistematicamente suprimido de antemão. Que podem eles esperar do futuro? Como será a sua velhice, se chegarem até lá? (FORRESTER, 1997, p. 58)².

A juventude é um momento importante da vida de todas as pessoas, momento de pensar e repensar a vida, de tomadas de decisões, de fins e recomeços, de esperança. Conforme Tolstói (2012), em seu livro *Juventude*, evidencia na juventude o já vivido e a descoberta pelo ainda não vivido, a discussão filosófica sobre a existência e o que realmente vale a pena nesse período. Os jovens se detêm com as

¹ Citado do livro *Juventude*, os três livros da trilogia de Tolstói, *Infância*, *Adolescência e Juventude*, publicados pela primeira vez em 1852, 1854 e 1857, respectivamente, são obras de ficção, embora contenham muitos elementos autobiográficos. Misturando realidade com ficção, Tolstói demonstra, no livro sobre juventude, como um jovem rico aos poucos foi vinculando-se com jovens de outras classes sociais, um jovem, o próprio Tolstói, teve em sua vida uma mãe que não permitiu enquanto estava viva que o filho tivesse uma educação realizada pelo ensino público, devido ao perigo das “más influências” que o filho poderia ter com jovens de outra classe.

² Parte retirada do livro *o Horror econômico*, demonstra a realidade de uma juventude francesa regulada pelas leis da economia globalizada, texto escrito em 1996.

relações cotidianas até as escolhas mais amplas da vida, que englobam toda a totalidade social.

Nesse livro, que pode ser sua autobiografia, Tolstói discorre sobre a vida de um jovem rico, cujo cotidiano é tomado por cuidados e preocupações sobre o futuro. Ele tem a possibilidade, na convivência com seus amigos, os trabalhadores, de entender as dificuldades do que significa ser um jovem trabalhador. Assim, nesse contexto, pode compartilhar com os outros a vida, as angústias e as limitações. Embora sua condição social seja diferente, já que é um jovem rico, ele compartilha as mesmas expectativas, os mesmos medos que seus amigos jovens trabalhadores, como também o germe da felicidade e da esperança de dias melhores.

Ao contrário, na citação de Forrester (1997), percebemos uma juventude em uma conturbada relação com o social, um jovem que não sabe se sobreviverá a mais um dia. Um jovem que vive em um mundo de inquietação, com motivos escusos, emaranhados por uma configuração social, baseada na relação da exploração da força de trabalho. Em uma sociedade que busca constituir uma harmonia entre o ser e o ter; que rouba o tempo livre de compartilhar momentos de inquietações e limitações, para não deixar processar aquele germe que gera a felicidade e esperanças de dias melhores.

Iniciamos essa análise reflexiva sobre a juventude com o auxílio da literatura com o intuito de introduzir e subsidiar a compreensão do que procederá no decorrer da escrita deste texto. Consideramos a juventude em um processo histórico e em constantes transformações com respeito à vida e às tomadas de decisões. Nesta tese, desenvolvemos uma análise reflexiva da sociedade contemporânea acerca da juventude, do trabalho e da educação.

Atualmente, vivemos em um período no qual o tempo dos sujeitos está direcionado e centrado a buscar, desde a juventude, os processos de educação que, conseqüentemente, possibilitem acesso ao mundo do trabalho. As instituições de ensino, desde a Revolução Industrial, orientam-se nessa dimensão da formação para atender a tal demanda. Importante assinalar, também, que as reformas em educação até o momento se interessam na formação técnico-profissional, para manter o Brasil um país competitivo diante dos demais países.

O trabalho, como trabalho abstrato, é central na vida do ser social na sociabilidade capitalista. Dessa maneira, muitas discussões teóricas sobre a relação entre trabalho e educação estão presentes no meio acadêmico, principalmente quando se compreende esse fenômeno social em suas gêneses históricas. Entendemos que a reprodução social

capitalista, desde seus primórdios, é baseada na relação processo produtivo e processos de educação.

Dessa forma, os estudos sobre a relação entre trabalho e educação são fundamentais, pois permitem desenvolver linhas teóricas que possibilitam que os sujeitos compreendam o processo dinâmico e contraditório da sociedade em que vivem. Somente por meio de uma análise reflexiva sobre a conjuntura histórica das bases econômicas que sustentam a sociedade capitalista, é possível desvelar as artimanhas que atrelam todas as práticas sociais com o intuito de atender aos interesses de valorização do capital.

Nessa direção é que salientamos a importância da realização do estágio de pesquisa no exterior, na Cidade do México, na Universidade Autônoma do México, com o professor Doutor Adrian Sotelo Valência. A possibilidade de participar dos encontros semanais no Seminário “Trabajo Precario y Dependencia. Enfoque Latinoamericano”, ministrados por Valencia (2015), permitiu reforçar a importância da categoria trabalho no atual marco social no capitalismo contemporâneo em crise e também entender a intensificação da exploração da força de trabalho e do trabalho como categoria essencial, que explicam hoje a dinâmica das relações sociais tanto nas sociedades dependentes como nas avançadas.

A realização de leituras, as apresentações de textos e a participação em debates teóricos com outros pesquisadores interessados nas temáticas, estudantes da UNAM e de outras nacionalidades, ampliaram a compreensão da sociedade contemporânea e da relação entre o trabalho e os processos de educação. Destarte, foi possível relacionar esta investigação com os seguintes temas: O debate sobre o trabalho na atualidade: a questão da centralidade; Crítica às ideologias do “fim do trabalho”; Reestruturação produtiva e o mundo do trabalho na América Latina: transformações no paradigma organizacional do trabalho; A questão da superexploração; e O precariado: uma nova classe social?

Na atualidade, uma das formas de expansão da valorização do capital acontece com o apoio de muitos órgãos internacionais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outros, que estabelecem estratégias e orientações para tal desenvolvimento. Tais órgãos constroem ações estratégicas que possibilitam à classe capitalista desenvolver uma análise de conjuntura contundente, sobre de que forma e como devem atuar. Um dos focos desse desenvolvimento é o fator formação técnico-profissional da força de trabalho, assim, o jovem

trabalhador torna-se a base desses empreendimentos de formação, pois é a futura força de trabalho e necessita de qualificação.

Esta pesquisa procurou aprofundar a análise a respeito da relação entre trabalho e educação, na região de Fraiburgo/SC. O município de Fraiburgo, desde a década de 1960, passa por profundas transformações em sua economia, e isso acarreta muitas modificações na qualificação da força de trabalho. Enquanto a agroindústria predominava com a produção de maçã, pouca era a exigência, no quesito formação técnico-profissional, à maioria dos trabalhadores não era exigida qualquer formação, pois a produção necessitava somente de alguns técnicos.

Mesmo com a pouca exigência de formação técnico-profissional, muitos jovens buscavam formar-se de alguma maneira para tentar alcançar melhores lugares nas agroindústrias, para além de auxiliar de produção. Os cursos oferecidos pelos programas de aprendizagem eram uma dessas alternativas, mas, com as modificações no processo produtivo, a realidade desses jovens modifica-se.

As famílias trabalhadoras que vendiam sua força de trabalho na produção de maçã são tomadas pela incerteza e pela busca de novos espaços para vender sua força de trabalho. Cabe aos jovens trabalhadores encontrar outros cursos técnico-profissionais para qualificar sua força de trabalho conforme as regras do mercado. Essas regras estão fortemente apoiadas por estudos que contribuem para escolher qual nova mercadoria poderá permitir a valorização do capital, sejam empresas de armas pesadas, sejam empresas de ensino. Para o jovem, resta escolher o que está disponível e que de certa forma contribuirá para ajudar com a garantia do sustento da família.

O presente estudo tem como orientação aprofundar essas incongruências que afetam a vida do jovem, filhos dos trabalhadores, na realidade social contemporânea. A perspectiva teórica adotada corresponde à da ontologia crítica cujo objetivo é de analisar o fenômeno social em suas gêneses históricas. Prima pela compreensão da “concepção de mundo” mediante determinado conteúdo constituído historicamente e explica que, diante das questões existenciais da vida de cada indivíduo, a forma social – a sociedade historicamente constituída – lhes apresenta um campo de possibilidades que permite a cada um realizar suas escolhas. E, assim, o ser humano, conforme Lukács (2013, p. 450), toma suas decisões “mediante a afirmação ou a negação de alternativas em função das necessidades de sua própria personalidade”.

Defendemos a tese de que essa sociabilidade oferece, de maneira limitada, elementos que possibilitam construir tendências de ser jovem para além de uma configuração social capitalista, ela cria os elementos

fundamentais para sua perpetuação, independentemente do respeito à vida humana. Sabemos que o próprio sistema e seus representantes preocupam-se e ocupam-se muito bem em organizar o movimento da economia a ponto de camuflarem as grandes crises, que atingem muito pouco a classe capitalista. Quase sempre os elementos utilizados para resolver o problema da crise (inerente ao capital) colocam em risco a vida da classe trabalhadora e os jovens têm sido o alvo dessas mudanças. Mas Lukács (2014, p. 104) afirma que,

de um ponto de vista puramente ideológico, poder-se-ia supor uma situação inteiramente sem saída se a massa manipulada, compreendendo-se por massa manipulada tanto os operários como os empregados, se sentisse inteiramente feliz no estado de manipulação. Se o capitalismo conseguisse fazer com que as pessoas não só comprassem automóveis, geladeiras e televisões, mas também conseguisse torná-las inteiramente satisfeitas com o modo pelo qual atualmente vivem, então nada mais poderia ser feito. Mas isso não acontece. Com efeito, mesmo a literatura não socialista e documentos (relatórios, etc.) mostram como até nas camadas mais favorecidas manifesta-se uma crescente e profunda insatisfação diante desse *otium* manipulado.

Com a intenção de desvelar alguns aspectos dessa relação social, cada vez mais intensa na forma capital, baseada nas sutilezas da manipulação, é que temos como objetivo geral desta tese: analisar o complexo da educação em sua interlocução com o processo de trabalho e a constituição do ser jovem trabalhador. Com base nesse objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: (a) aprofundar a análise do movimento e as mudanças do processo produtivo agroindustrial e de que forma afetam a vida dos trabalhadores na região de Fraiburgo/SC; (b) realizar uma análise reflexiva sobre o que é ser jovem ao longo do processo histórico da humanidade; (c) demonstrar que ser jovem é um conceito histórico-social; (d) evidenciar, por meio de estudo teórico, quais as limitações e as tendências apresentadas nos relatórios, documentos, leis e do próprio estatuto da juventude sobre o que é ser jovem.

Nesse contexto, no primeiro capítulo, primeiramente apresentamos o objeto de pesquisa da tese com as principais indagações

que nos suscitaram durante a realização de estudos anteriores principalmente da pesquisa dissertativa: *A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo/SC e o programa de aprendizagem “Cultivo da Macieira – Jovem Aprendiz Cotista”* (MARTINS, 2011). Nessa dissertação, estudamos as gêneses de um curso do programa de aprendizagem sobre Cultivo de Macieira, em que muitos jovens do município participaram. Com a conjuntura econômica atual, década de 2010, o município passou por modificações no processo produtivo da maçã, e a vida dos jovens trabalhadores também sofre modificações.

Posteriormente, a proposta do capítulo I também é a de apresentar as fundamentações teóricas em que a tese se vincula, com algumas explicações sobre as categorias de análise que serão abordadas no decorrer da apreciação sobre a relação entre o ser jovem e as modificações na sociabilidade capitalista. Em seguida, apresentamos o jovem trabalhador que compõe a base empírica da análise reflexiva desta tese. Para um aprofundamento sobre a relação atual entre a juventude e as transformações no mundo do trabalho na cidade de Fraiburgo/SC, fez-se necessário realizar entrevistas com os jovens. Para essa investigação, selecionamos dez jovens, sendo o requisito o jovem, ou estar cursando algum curso técnico-profissional no programa de aprendizagem, ou ser egresso desses cursos. E, por fim, oferecemos o campo de análises acerca da compreensão teórica da juventude de uma maneira geral, o que se tem estudado sobre o jovem no campo da sociologia, filosofia, psicologia. Nesse item, também abordamos os teóricos brasileiros que se dedicam à pesquisa sobre a juventude e sua relação entre trabalho e educação.

No segundo capítulo, apresentamos a categoria jovem como um conceito histórico-social, que se modifica de acordo com as mudanças na sociedade em que vive. A análise histórico-social fundamenta este estudo, pois é, por meio dela, que podemos perceber de maneira concreta que ser jovem é ser um sujeito histórico-social e que, conforme as necessidades da sociedade em que vive, determina seu conteúdo de vida, realiza suas escolhas. Entendemos também que os fenômenos sociais são considerados desde o início como um complexo de complexos e, sendo assim, torna-se fundamental uma análise que exprima quais complexos e esferas têm regulado a vida do jovem nesse processo histórico.

Dessa maneira, desenvolvemos uma compreensão com base na vida cotidiana do jovem, suas escolhas e alternativas de trabalho e processos de educação conforme a sociedade em que vivem.

Destacamos como uma decisão na vida singular de cada jovem está relacionada com as modificações econômicas, políticas, culturais da sociedade em sua totalidade. Desse modo, procuramos neste texto ampliar um entendimento sobre os desafios e as perspectivas que moveram o jovem a viver, na superação de limitações e problemáticas sociais em alguns períodos históricos, principalmente durante da Revolução Industrial.

O terceiro capítulo da tese apresenta algumas compreensões teóricas sobre a realidade da sociedade capitalista e suas interferências na vida dos trabalhadores. Após essas compreensões, analisa-se a realidade do trabalhador do município de Fraiburgo, possibilitando entender como as categorias do trabalho na forma capital apresentam-se na vida real do trabalhador desse município. No capítulo 3, a abordagem sobre a especificidade do objeto desta pesquisa expõe, em seus aspectos gerais, uma análise reflexiva acerca das modificações econômicas na região em que está localizado o município de Fraiburgo e como esse movimento atinge a vida dos trabalhadores.

Ainda no capítulo III, destacamos que o ensejo do *marketing* da profissionalização da força de trabalho realizada pela sociedade na forma capital, ao gerar capacidades humana para o desenvolvimento das forças produtivas, subsume e freia a formação de uma personalidade que possibilita ampliar as alternativas para resolver os problemas existenciais de sua época, assim como expandir nos sujeitos uma personalidade mais plena. A sociedade que preza pelos avanços tecnológicos cada vez mais tem construído uma vida sem sentido, sem conteúdo de certezas no futuro. Os processos de educação que outrora eram a esperança, hoje já perderam em algumas situações essa possibilidade.

Nesse contexto de reflexões – no quarto capítulo –, apresentamos a análise empírica do objeto. Primeiramente, realizamos uma compreensão teórica sobre a função da esfera jurídica em manter os direitos dos jovens, por meio de estatutos, programas, etc., e como esses “direitos” refletem na vida cotidiana dos jovens. Nesse momento da pesquisa, apresentamos os relatos dos jovens, explicitando como é ser jovem diante da sociabilidade capitalista com base nas entrevistas realizadas com os jovens trabalhadores, no município de Fraiburgo.

É importante salientar que a tese procura evidenciar nas falas dos jovens os elementos que operam a vida real do jovem trabalhador diante dos discursos das políticas ou dos programas de governo. Demonstrar qual a realidade social em que se encontram esses jovens que

corresponde, em sua grande maioria, em estar “dançando conforme a música das exigências do mercado”.

A análise de documentos, relatórios, Estatuto da Juventude, Lei de Aprendizagem etc. evidenciam como essa sociabilidade organiza-se para usufruir da força de trabalho do jovem. Também destacamos como a legislação que proporciona os direitos para a juventude é construída, mediante exigências internacionais. Destarte, nos documentos de órgãos internacionais, é possível perceber as determinações e orientações aos países em desenvolvimento para manter “um país competitivo”, e, para isso, torna-se necessário possibilitar aos jovens direitos, e entre estes, o direito ao trabalho e à educação.

Finalmente, no capítulo V, ponderamos de maneira detalhada a relação entre o direito ao trabalho e à educação. A apreciação centra-se nos cursos técnico-profissionalizantes dos programas de aprendizagem, no município de Fraiburgo, com base nos relatos dos jovens trabalhadores, que estavam cursando e também aqueles que já haviam terminado. Por conseguinte, em primeiro lugar, apresentamos os cursos de aprendizagem, como e por que os jovens escolheram realizar o curso no Programa de Aprendizagem; em segundo lugar, destacamos as primeiras impressões e interferências do curso de aprendizagem na vida do jovem trabalhador. Em um terceiro momento, realizamos uma análise sobre os conteúdos aprendidos durante a realização do curso e como os jovens fazem uso desse conhecimento, técnico-profissional, para, assim, no quarto item, abordar a questão do jovem egresso e como ele direciona sua trajetória profissional. Por fim, traçamos algumas considerações a respeito da qualificação realizada por meio dos cursos técnico-profissionalizantes, dos Programas de Aprendizagem e as contradições da educação na sociabilidade capitalista.

Salientamos que procuramos apresentar nesta tese os pontos positivos e negativos, a respeito da legislação vigente que trata de suprir os direitos da juventude no Brasil em específico o jovem de Fraiburgo. As intenções dos conteúdos formais da Lei de Aprendizagem e Estatuto da Juventude demonstram a preocupação de tornar melhor a vida dos jovens, pois de maneira formal em todos os textos entendem que é necessário modificar a sociedade em prol de uma vida para o jovem além da questão econômica da sociedade. Sendo assim, no texto, destacamos, conforme a análise do contexto histórico-social em que estamos inseridos – sociedade capitalista –, essas transformações, propostas das leis, necessitam ser essências e não aparentes, baseados em mudanças radicais e não apenas em reformas.

CAPITULO I – COMPREENSÃO DO MUNDO DIANTE DA REPRODUÇÃO SOCIAL

Neste capítulo, apresentamos alguns apontamentos referentes à perspectiva teórica adotada para a apreciação do objeto desta pesquisa de tese. Teceremos algumas compreensões teóricas a respeito de algumas categorias de análise que permeiam a exposição da investigação. Inicialmente, expomos a concepção de ontologia, conhecimento e história e, posteriormente, uma análise reflexiva sobre trabalho, educação e jovem na conjuntura social capitalista, considerando a realidade histórico-social do município de Fraiburgo. E, para finalizar, apresentamos um levantamento sobre os principais autores que tratam de análises teóricas acerca do tema juventude.

1.1 UMA ANÁLISE REFLEXIVA: CONHECIMENTO, ONTOLOGIA, HISTÓRIA

Analisar a realidade social é fundamental para compreender suas contradições e transformá-la. A aproximação para compreender o real deve estar vinculada com o conhecimento teórico e é somente pelo estudo teórico que conseguiremos compreender o fenômeno social para além de sua mera aparência. Segundo Lukács (2010, p. 340) “o conhecimento adequado das séries causais sempre foi e será a base da práxis humana, do conhecimento da realidade que a fundamenta”. Nesse sentido, é essencial o conhecimento do desenvolvimento da complexidade social para uma melhor compreensão da realidade na qual estamos inseridos.

Dessa maneira, torna-se necessário compreender que a configuração da realidade social na sociabilidade capitalista – como todo fenômeno social – corresponde a uma totalidade social. Esta é composta por múltiplas mediações que geram a possibilidade de sua existência; assim, a esfera jurídica, o complexo educativo, a política, entre outras, são imprescindíveis para a regulação e sua reprodução social.

A análise da história tem sido um dos elementos que permitem adquirir subsídios para, em vez de limitar, alargar a ação da classe dominante, quando, por exemplo, adultera e falsifica o entendimento sobre as relações sociais vigentes.

Mészáros (2008, p. 37) é enfático ao afirmar que

[...] as deturpações desse tipo são a regra quando há riscos realmente elevados, e assim é, particularmente, quando eles são diretamente concernentes à racionalização e à legitimação da ordem social estabelecida como uma “ordem natural” supostamente inalterável.

Na mesma linha de pensamento, Thompson (1981, p. 57) assinala que a história

[...] não é uma fábrica para a manufatura da Grande Teoria, como um concorde do ar global, também não é uma linha de montagem para a produção em série de pequenas teorias [...] seu objetivo é reconstruir, “explicar”, e “compreender” seu objeto: a história real.

Na compreensão desse “objeto real”, o conhecimento que procura desvelar o mundo fantasmagórico e mistificado, de determinadas compreensões, fenomenológicas, positivistas, etc. possibilita a intervenção das ações humanas, “ajuda a conhecer quem somos, por que estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestaram, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social” (THOMPSON, 1981, p. 58). Como afirma Lukács (2013, p. 211),

[...] a conservação dos fatos passados na memória social influencia ininterruptamente todo acontecimento posterior. Isso de modo algum abole a legalidade objetiva do processo, mas certamente a modifica, às vezes até decisivamente.

E, nessa direção, segundo Thompson (1981, p. 58), “qualquer momento histórico é ao mesmo tempo resultado de processos anteriores e um índice da direção de seu fluxo futuro”. Assim, passado e futuro estão em movimento no presente e cabe ao pesquisador estruturar sua análise em direção a uma compreensão profícua da realidade histórico-social. Escreve Marx (2008) que os homens fazem a sua história, mas não a fazem segundo sua vontade, em circunstâncias escolhidas imediatamente dadas e transmitidas pelo passado. “Essas circunstâncias” determinadas nas quais os homens formulam finalidades são as relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas. “[...] é a unidade de

forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento” (HELLER, 2008, p. 11). Vemos aqui uma ideia que retira qualquer tipo de “sorte fortuita”, já que o sujeito singular está incluído no processo da história.

O conhecimento, no entanto, deve ser um instrumento que permite aos homens desvendar o passado e, na medida dessa compreensão, contribuir na construção de elementos que possibilitem a transformação social no presente. Afirma Thompson (1981, p. 61) que

a explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionam-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a uma “lei”, nem são os “efeitos” de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo.

É fundamental salientar que, para realizar uma análise teórica que possibilite uma compreensão coerente da sociedade contemporânea, seus percalços e avanços, diante do humano, o intelectual necessita ter clara a posição que fundamenta sua teoria. A consistência na escolha do referencial teórico possibilita elaborar questionamentos e uma atitude crítica diante da realidade social a ser analisada, que consinta desnudar a lógica do discurso dominante. E, assim, compreender não apenas o fenômeno social, em sua concreticidade imediata, mas também entender sua essência, seus nexos e suas conexões.

De acordo com Moraes (2007), apreender o complexo, essência e aparência, demanda recursos de um realismo crítico e científico, pois concebe o mundo como uma totalidade estruturada, diferenciada e em mudança. Só compreendemos o mundo social se identificamos as estruturas em funcionamento que geram os eventos, as aparências ou os discursos, sendo essa tarefa primordial do pesquisador. Porque desvelar as dimensões que estão postas nos fenômenos implica, entre outras coisas e por um lado, um aprimoramento o mais adequado possível – a partir da materialidade do mundo externo – dos processos cognitivos que permitem refletir e elaborar aquilo que está fora de nós,

independente de nós, mas que existe porque “existimos”, e por outro lado, esse *conhecer* orienta os futuros atos de intervenção e transformação da realidade (TORRIGLIA, 2013).

O marxismo torna-se o referencial fundamental; na análise do fenômeno social para além da mera aparência, considera que toda objetividade é histórica como produto e como produtora, o presente é uma transição do passado para o futuro, “só em Marx a história adquire um significado objetivamente mais adequado à realidade, como forma-base fundante de todo o ser” (LUKÁCS, 2010, p. 279). O marxismo é enfático ao afirmar que

[...] em relação ao futuro são os próprios homens que fazem a sua história; que eles mesmos e o sistema de relações em que vivem com seus semelhantes são produtos da sua própria atividade; que todos os conteúdos e formas do futuro resultam e resultarão do concreto vir-a-ser da humanidade, independentemente do fato de que este processo ocorra com verdadeira ou falsa consciência (LUKÁCS, 2009, p. 219-220).

Quanto ao processo de conhecimento do fenômeno social, Duayer (2006) explica que estamos cercados por crenças que contribuem para o entendimento sobre a realidade social. Sendo assim, necessitamos, como pesquisadores, levantar certos questionamentos acerca das crenças. Conforme Duayer (2006, p. 109),

crenças são convicções sobre a realidade ou verdade de qualquer coisa. Mas são convicções que sempre trazem consigo interrogações que nos assediam continuamente. Como emergem as crenças? Por que são cridas? Como distinguir as críveis das incríveis? As falsas das verdadeiras?

O autor segue com os questionamentos, portanto, é perceptível nesse trecho, um instigar para analisar O quê? O como? e o Por quê? conhecer, pois, para intervir na realidade, o ser humano precisa fazer uma constante leitura da realidade social. O esforço de apropriação do real por meio do pensamento, poderá permitir e fundamentar a compreensão das relações sociais em que o sujeito vive. Esse entendimento sobre questões contemporâneas, que, em alguns casos, foram compreendidas como crenças e que se apresentaram como falsas

ou verdadeiras, críveis ou incríveis e que, por serem partes da realidade, de algum modo interferem no processo de constituição dessa realidade. Duayer (2006, p. 110) diz que: “[...] é por meio dessa totalidade articulada de crenças, ou sistemas de crenças, que os sujeitos significam o mundo para si, criam para si um espaço de significação”. Isto é, as crenças sobre o mundo têm uma função prática sobre as atividades que os homens exercem no mundo objetivo.

Por sua vez, Moraes (2009, p. 601) afirma que o conhecimento mais aprofundado possibilita concretizar escolhas mais adequadas das ações cotidianas, “somente com o conhecimento dos mecanismos, dos nexos causais, é possível a efetivação da finalidade”. Nesse sentido, alguns questionamentos são necessários quanto à responsabilidade do pesquisador diante da sociedade e a forma de analisar seu objeto de pesquisa. Dependendo de suas escolhas teóricas estaria este intervindo na compreensão da realidade em que está inserido?

1.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO MODO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL

A sociabilidade capitalista nos últimos tempos apregoa a todo momento a importância e a necessidade da responsabilidade do ser humano diante da sociedade, devendo todos ser responsáveis por todos, criando a ideia de que a sociedade é humanitária, solidária, e de que todos podem contribuir. Os governos, em parceria com as grandes empresas, também se destacam no que diz respeito a ter responsabilidade com o social; eles criam projetos e programas, promovem diversas reformas, tudo para demonstrar que são responsáveis de alguma forma com a sociedade.

Por um lado, a sociedade industrial explora a força de trabalho, o meio ambiente, de determinada região, e, de outro, tenta, minimamente, suprir algumas necessidades básicas da comunidade e seu meio físico, para evidenciar responsabilidade social. E, com o desenvolvimento cada vez maior das forças produtivas e avanços tecnológicos, temos a indústria necessitando de uma força de trabalho qualificada e um trabalhador à procura dessa profissionalização para vender sua força de trabalho. Assim, a parceria dos ramos industriais burgueses se junta com a vontade dos governos que, por sua vez, se responsabilizam em promover as reformas e criar programas e projetos que permitem a qualificação desse trabalhador.

A presente sociabilidade com a classe capitalista hegemônica e atrelada às políticas governamentais elabora possibilidades com uma consciência mais ou menos adequada, pautada por contradições antagônicas, para formar um ser humano útil para atender ao desenvolvimento dessa sociedade. As ideias de como funciona essa sociabilidade são internalizadas desde criança, mediante os processos educativos elaborados pela família, religião, escola, etc., que permitem ao ser humano pertencente a essa sociabilidade regular-se socialmente, interferindo nos processos de decisões dos indivíduos.

Conforme Lukács (2010, p. 224),

de fato toda educação orienta-se para formar no educando possibilidades bem determinadas, que em dadas circunstâncias parecem socialmente importantes, e reprimir ou modificar, aquelas que parecem prejudiciais para essa situação. A educação das crianças bem pequenas para que caminhem de forma ereta, para falar, para atuar no interior da assim chamada ordem, para evitar contatos perigosos, etc., etc., no fundo nada mais é do que a tentativa de formar aquelas possibilidades (e reprimir as não correspondentes) que parecem socialmente úteis e vantajosas para a vida daquele que um dia será adulto.

No processo histórico do ser humano, materializam-se diferentes formas de conceber o processo de produção e reprodução da vida; o desenvolvimento das relações sociais e das forças produtivas configura-se de acordo com o momento histórico. Em cada processo de reprodução social, a educação apresenta-se como fundamental; conforme Lukács (2013), a educação é essencial para influenciar os homens em face das novas alternativas da vida, para reagir do modo almejado pela sociedade.

Assim, na atualidade, a educação assume o sentido de tornar o ser humano útil para o processo produtivo; conforme o desenvolvimento das forças produtivas, os processos de educação assumem determinadas características para atender às exigências de tal sistema. Entretanto, principalmente a classe trabalhadora que vende sua força de trabalho em

troca de sua subsistência necessita estar sempre buscando uma profissionalização adequada para sua força de trabalho.

Consideramos, com base na compreensão de Marx (1983), que a educação na sociabilidade capitalista nada mais é que meio de subsistência do trabalhador para a reprodução da classe trabalhadora.

Para modificar a natureza humana de tal modo que ela alcance habilidade e destreza em determinado ramo de trabalho, tornando-se força de trabalho desenvolvida e específica, **é preciso determinada formação ou educação, que, por sua vez, custa uma soma maior ou menor de equivalente mercantis.** Conforme o caráter mais ou menos mediato da força de trabalho, os seus custos de formação são diferentes. Esses custos de aprendizagem, ínfimos para a força de trabalho comum, entram portanto no âmbito dos valores gastos para a sua produção (MARX, 1983, p. 142, grifo do autor).

Marx (1983) é enfático em seu pensamento quando se refere à tarefa da educação na sociabilidade capitalista, “é preciso determinada formação”, tornar a força de trabalho do trabalhador adequada a determinado ramo de trabalho na indústria capitalista. Sendo assim, com base na compreensão de Marx e ao considerar seu pensamento e suas análises teóricas sobre a educação inserida no sistema capitalista, não tem como adotá-la como instrumento de transformação social sem que antes se transforme o processo produtivo de determinada sociedade. Portanto, esse é um elemento nodal na compreensão da educação em seu sentido tanto *lato*, como restrito. A manobra do capital precisa sustentar um sistema de crenças sobre a qualificação da força de trabalho que possa vir a garantir perspectivas atraentes para os trabalhadores que insaciavelmente buscam um trabalho.

Para a classe capitalista, a educação é estudada, compreendida e analisada como uma das alternativas para manter a competitividade de países exportadores como o Brasil. Importante recordar as palavras de Moraes (2003, p. 152) “os destinos da educação parecem articular-se diretamente às demandas deste mercado insaciável e aos paradigmas propostos para a sociedade de aprendentes”. Nos estudos realizados pelos pesquisadores/ideólogos de agências internacionais sobre como a educação precisa ser configurada em países como o Brasil, é notável o esforço em enfatizar a necessidade de força de trabalho útil para

manipular tecnologias. O trabalhador precisa estar disposto a se atualizar de acordo com as demandas do sistema capitalista ao longo de sua vida.

Esse desenvolvimento do processo produtivo mediante a valorização do capital e a intensificação da exploração da força de trabalho torna o campo de mediações voltado para atender a esses objetivos. Os processos de educação tornam-se fundamentais para cumprir esses objetivos, sendo consequência das necessidades surgidas por essa configuração. Segundo Moraes (2004, p. 320),

[...] as rápidas mudanças em tecnologia no “chão da escola”, locais de trabalho e residências afetam o modo de aprendizagem dos estudantes e as habilidades que eles adquirem. Procura-se, a qualquer custo e de qualquer forma, adaptar alunos e docentes à nova realidade; cresce a exigência pública quanto a avaliação dos sistemas educacionais, de administradores e docentes; reduz-se o financiamento da educação nos âmbitos local, estadual e nacional com impactos sobre salários e recursos educacionais de todo tipo; aumenta a demanda pela educação a distância e continuada; percebem-se pressões psicológicas e físicas em diferentes modos de aprendizagem.

Os processos de educação adaptam-se às novas exigências do mercado; a classe trabalhadora, nesse caso, recebe “saberes instrumentais que se ajustam à necessidade fugaz do capital” (MORAES, 2004, p. 321). Dessa forma, o controle vem do processo de produção para os resultados e é conforme a avaliação dos resultados que se buscará a eficiência e a produtividade:

Os países exportadores obrigam-se a buscar alternativas que lhes permitam participar do complexo jogo econômico mundializado e a sobreviver à disputa por vantagens competitivas tornando ainda mais dramática a separação entre os que ganham e os que perdem. Tal estado de coisas tem efeitos extensos e profundos sobre as várias práticas sociais e, de modo particular, sobre a educação (MORAES, 2003, p. 151).

A educação, na forma capital, mostra-se como meio de permitir a regulação dessa sociabilidade. O jovem, apesar de ter possibilidade de qualificar sua força de trabalho em determinada área profissional, não tem muita alternativa clara para desenvolver sua personalidade para além da mera manipulação da técnica e do consumismo. O ter apresenta-se como a alternativa, ter bens materiais que satisfaçam a aparência de que são bem-sucedidos, pois a sociabilidade do capital apresenta como o certo e o bem-sucedido o que tem uma condição de vida parecida com aqueles que a mídia patrocinada pela indústria da moda dita como o correto.

Outro ponto a destacar é a questão da criminalidade que afeta milhares de jovens todos os dias no Brasil, jovens que vivem em condições precárias nas periferias dos grandes e pequenos centros urbanos. O acesso à educação, saúde e à vida cultural torna-se escasso, a propaganda do crime, em muitos casos, torna-se maior. As políticas públicas voltadas a esta fase da vida se esforçam em buscar atender aos direitos básicos por meio de estatutos e pactos governamentais.

É importante salientar que os programas, documentos e infinidades de acordos com agências internacionais também carregam esse discurso de conceder direitos ao jovem, principalmente em países em desenvolvimento, como no caso do Brasil. O jovem nunca antes teve tantos incentivos, pois países em desenvolvimento contribuem para o expansionismo do capital, o que aprofundaremos na continuação desta análise teórica. Isto é, se o jovem nunca teve tantos incentivos como nestes tempos, como esses apoios se apresentam sob a ótica do movimento do capital? Quais são as suas propostas mediadas por programas pontuais?

A educação formal apresenta-se, nesse processo de acumulação de capital, como um dos complexos ideológicos que contribuem para a reprodução das injustiças e desigualdades sociais. E, conforme Mészáros (2008), a revolução só poderá ocorrer se ambos, trabalho e educação, se universalizem. É fundamental que a classe trabalhadora tenha conhecimento sobre as relações desiguais de produção que subordinam o trabalhador ao capitalismo, no ato da venda da sua força de trabalho, seu único meio de produção.

A escola não tem, muitas vezes, espaços que favoreçam intervenções mais sólidas para a mudança, pois essa instituição também se encontra atrelada à aceitação e permanência nesse modo capitalista de produzir a vida, que preza pelas injustiças e desigualdades sociais. Os processos de formação são limitados e, na maioria das vezes, não analisam de maneira aprofundada os acontecimentos e os fenômenos, as

desigualdades sociais. O intuito é de que se aceite o mundo como “já dado”, sem possibilidade de mudá-lo. Isso denota o “pensamento único”, colocado fortemente mediante os discursos da política educacional, como proposta que dissemina a ideologia conservadora.

Contrários a essa direção, existem estudos e educadores pesquisadores comprometidos com a classe trabalhadora que pensam em alternativas que venham ao encontro da transformação social que se vincula a uma configuração anti-hegemônica econômica e política. Meszáros (2008) salienta que precisamos de uma educação que rompa com as estruturas da sociedade capitalista, que nos leve para além do capital.

Os processos educacionais e os processos sociais de reprodução do capital encontram-se interligados. Nesse sentido, constantemente são necessárias reformas educacionais, reformas elaboradas que introduzem alterações no sistema educacional, porém sem modificar ou ferir a lógica do capital. Sendo assim, ao não atingir questões de fundo, as reformas educacionais mantêm o trabalhador subsumido ao processo de produção do capital, apesar de suas posições críticas, apenas remediam os efeitos da ordem produtiva. Historicamente, os parâmetros estruturais fundamentais tornam o capital incontestável, é nesse sentido que não se pode apenas limitar a mudança educacional baseada em reformas. Nessa direção e no marco dessa sociabilidade, um passo importante é ao menos estudar o porquê das reformas e como elas podem ocultar uma intervenção e transformação social possível.

Os países em desenvolvimento considerados pobres pelas grandes potências mundiais veem no desenvolvimento dos processos de educação, em seus diversos âmbitos, a fórmula para tornar-se competitivo. E as reformas educacionais têm sido constantes, mas continuam mantendo o trabalhador atrelado à lógica da produção capitalista, apesar da dita “democratização do ensino”, em que se promete educação para todos. Essas reformas apenas remediam os efeitos da ordem produtiva e contribuem para a reprodução da classe trabalhadora. De acordo com Mészáros (2008), em nome das reformas apenas alguns ajustes são admitidos, apenas se corrigem os detalhes problemáticos, permitindo que as estruturas que fundam a sociedade do capital, a contradição trabalho e capital, permaneçam intactas, e o trabalho continue atrelado ao sistema de produção que prioriza a lógica do capital.

Sabemos que nossa análise requer uma compreensão acerca da especificidade do jovem no município de Fraiburgo/SC e de sua relação com os processos de educação e o processo produtivo, mas não se limita

a essa especificidade, pois compreendemos que esse tema requer uma abrangência de totalidade social. Desse modo, entendemos que o capital coloca o ser humano diante de suas próprias legalidades, nos processos de ajustamentos econômicos, não levando em conta – e não poderia ser de outro modo – os processos e a vida da classe trabalhadora. Na especificidade da região de Fraiburgo, a denominada agroindústria domina, ela é quem dita as regras, e, quando a mercadoria central precisa ser substituída por outra, não importa ao capitalista se a força de trabalho profissionalizou-se para determinada atividade, o que interessa é tornar sua perspectiva competitiva influente diante do mercado.

Nessa linha de pensamento, é que o complexo da educação no sistema capitalista instiga-nos a muitos questionamentos. Algumas destas indagações são: como se configura a educação para os trabalhadores a ponto de atender apenas aos interesses do processo produtivo na forma do capital? A educação – como um dos complexos ideológicos – torna-se elemento para perpetuação de uma formação voltada aos interesses de reprodução da sociedade do capital e a imobilização da luta de classes?

Com essas aproximações da conjuntura a respeito da relação entre trabalho e educação na sociedade capitalista, é que pretendemos dar sequência a esta investigação. E o posicionamento marxista orienta-nos a fundamentar ações estratégicas para compreender a realidade social na qual estamos inseridos de forma a ir além da imobilidade social, mas contribuir com o movimento da práxis social. Assim, apresentamos no próximo item as linhas gerais do campo empírico da pesquisa.

1.3 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO: O JOVEM TRABALHADOR DE FRAIBURGO/SC

A compreensão de trabalho que nos fundamenta encontra-se em Marx (O capital). No processo de complexificação das diferentes formas do ser (inorgânica e orgânica), o trabalho, a atividade vital, tornou-se fundamental – em sua forma geral e ampla – para que pudesse acontecer o salto ontológico transformando e trazendo à luz uma nova forma de *ser*, o ser social. Esse ser humano em contínuo processo de complexificação mediante a atividade metabólica com a natureza e no decorrer da história sofre modificações, assumindo diferentes e diversas formas de expressão e exploração de sua força de trabalho. Nesse processo de continuidade, o trabalho possibilitou os múltiplos avanços

na construção das diferentes sociabilidades, a possibilidade de dar finalidades e realizar as escolhas entre as alternativas, nos diferentes períodos da história, confluindo – com base em múltiplas mediações – no trabalho abstrato.

Desse modo, conforme a compreensão de Lukács (2013), com base na perspectiva ontológica, a categoria trabalho permitiu o desenvolvimento processual do ser social, entendendo que todo fenômeno social pressupõe o trabalho. Com o trabalho, é possível o desenvolvimento de outras categorias fundamentais ao ser social, linguagem, cooperação e divisão do trabalho. Essas, para existirem e funcionarem, necessitam interagir entre si, e é por meio dessa relação que se desenvolve o processo reprodutivo do complexo total, como o momento predominante do ser social. Portanto, pelo trabalho, o ser humano modifica a natureza e a si próprio.

O ato de dar finalidades aos objetos disponíveis permite ao ser social passar por profundas transformações. É pelo trabalho que o ser humano conhece os meios adequados que resultaram no conhecimento das finalidades; é com base nessa dinâmica espontânea que as demais categorias sociais (linguagem, cooperação, etc.) tornam-se efetivas cada vez mais. A categoria trabalho vincula-se diretamente ao desenvolvimento processual da sociedade, constitui o modelo da práxis social. Por ter caráter processual, o trabalho, ao longo dos tempos, cria, no ser humano, sempre novas necessidades e capacidades, como também permite o desenvolvimento das relações sociais e das forças produtivas (LUKÁCS, 2013).

No decorrer das transformações da sociedade, o trabalho toma características distintas, quanto à sua configuração econômica e social. Em cada momento histórico, as forças produtivas e as relações sociais assumem aspectos distintos, temos como exemplo: as sociedades antigas (oriental e ocidental), o feudalismo europeu, o império romano, a escravidão no Brasil, etc. Essas formas de organizar a vida em sociedade se complexificam a cada período; toda vez que há uma mudança econômica, também se modificam todas as demais relações quanto – o complexo ideológico – à política, à educação, às leis, etc.

Na sociabilidade capitalista, o trabalho assume características negativas para o ser humano, pois se fundamenta na propriedade privada e no processo desigual de produção dos meios para subsistência do ser humano. O trabalho convertido em trabalho assalariado torna o ser humano vendedor de sua força de trabalho, que permite sua reprodução como trabalhador e a valorização do capital da classe capitalista.

De acordo com Tumolo (2005, p. 242),

num primeiro exercício analítico percebe-se que o trabalho concreto (valor de uso) está subsumido pelo trabalho abstrato (valor), em razão de que o capitalismo é uma sociedade essencialmente mercantil, cujo objetivo não é a produção de valores de uso para a satisfação das necessidades humanas, do estômago à fantasia. Mais do que isto, trata-se de uma relação na qual a afirmação do trabalho abstrato é a negação do trabalho concreto e vice-versa.

A reprodução social com caráter capitalista tende a se voltar cada vez mais a sustentar a estrutura social e suas contradições. Dessa forma, tanto a vida singular dos indivíduos quanto a totalidade social modificam-se, de acordo com os interesses dessa sociabilidade. A configuração da vida singular dos indivíduos assume distintas funções e atitudes mediante as possibilidades elaboradas pelo capital.

No desenvolvimento processual da sociabilidade de classes, o campo de mediações sempre foi fundamental para a reprodução social dessa sociedade e contribui nas escolhas realizadas pelos indivíduos singulares. A educação apresenta-se como uma dessas mediações, “toda sociedade reclama dos próprios membros uma dada massa de conhecimentos, habilidade, comportamentos, etc.” (LUKÁCS, 1981, p. 16).

Na sociabilidade do capital, o conhecimento e a educação assumem características distintas que poderiam resultar na emancipação humana, pois se encontram vinculados diretamente com o processo produtivo material. O objetivo do conhecimento nessa sociabilidade é tornar o capital em funcionamento e reproduzindo-se. Tendo a classe trabalhadora acesso ao conhecimento para contribuir com os avanços tecnológicos do processo produtivo que permite a intensificação da exploração de sua própria força de trabalho.

No Brasil, desde os primórdios, a classe trabalhadora serve de alvo das táticas e estratégias elaboradas pelo sistema capitalista em sua totalidade para o desenvolvimento do capital de acordo com a lógica do mercado mundial. A propaganda do progresso social torna-se o lema da classe capitalista à custa da classe trabalhadora, pois tem em sua força de trabalho o elemento favorável para a valorização do capital.

Com a pesquisa que realizamos no mestrado, tornou-se possível compreender um dos processos educativos atrelados às grandes agências

financiadoras para a profissionalização da força de trabalho do jovem, o programa de aprendizagem “Cultivo da Macieira – Jovem Aprendiz Cotista”. Por intermédio desse estudo, explicitou-se que o jovem aprendiz, ao mesmo tempo em que se profissionaliza mediante o programa de aprendizagem, também está na escola; ao mesmo tempo em que recebe a aprendizagem, também executa determinada atividade nesse ramo agroindustrial. Sendo esses estudantes da escola, tanto do Ensino Fundamental II quanto do Ensino Médio, em sua grande maioria filhos de trabalhadores que necessitam se manter na escola e no processo produtivo, para que, de alguma forma, contribuam com os meios de sobrevivência da família.

Entretanto, ao analisar a sociabilidade capitalista em sua totalidade social, entende-se que a educação tem sido um dos instrumentos para a profissionalização do jovem. O jovem, ao mesmo tempo em que constrói esperanças, que, por meio dos estudos (educação formal) tenderá a um futuro melhor, também encontra nos programas de qualificação de trabalho essa expectativa (jovem aprendiz, estágios, etc.). Consideramos, assim, muito importante analisar o campo de mediações desses processos de constituição com base em uma perspectiva histórica, tentando compreender a relação entre educação e trabalho, a articulação entre ambos e o papel que esses cumprem na regulação social do capital.

O estudo teórico realizado sobre o jovem aprendiz³ permitiu levantar algumas questões referentes ao objeto de tese que precisam ser aprofundadas: o jovem diante da sociabilidade capitalista, especificamente o jovem da classe trabalhadora no município de Fraiburgo/SC. Com a investigação dissertativa, foi perceptível compreender que o Programa Jovem Aprendiz Cotista da Macieira tornou-se um programa de aprendizagem enquanto a produção de maçã era a base econômica do município de Fraiburgo/SC. A agroindústria, até meados de 2009, recrutava muita força de trabalho para a produção da maçã, consecutivamente essa qualificação do trabalhador, por meio do programa de aprendizagem, era necessária.

Cabe destacar que, com as modificações econômicas na região de Fraiburgo, os interesses da classe agroindustrial também se alteraram e, assim, no caso, ter um curso de aprendizagem na área de produção de

³ A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo/SC e o Programa de Aprendizagem "Cultivo da Macieira-Jovem Aprendiz Cotista" [dissertação] / Juliana Aparecida Cruz Martins; orientadora, Patrícia Laura Torriglia. - Florianópolis, SC, 2011.

maçã torna-se obsoleto. Nessa direção, o jovem trabalhador tem de se profissionalizar em outras áreas para poder vender sua força de trabalho. Assim sendo, a questão é: como formular um pensamento sobre o trabalho na forma capital de organizar a vida?

Historicamente, essa sociedade configura-se fundamentada na competitividade, nos grandes negócios, na exploração da força de trabalho, na exploração dos meios naturais, etc. O que importa para a classe burguesa é apenas as vantagens e perpetuação de determinado processo produtivo responsável pela valorização de seus capitais. E a educação para o jovem necessita ser responsável a ponto de construir estratégias que possibilitem que a situação mantenha-se conforme este objetivo, o lucro.

Sabemos que, para a maioria dos jovens, o conhecimento nessa perspectiva social tem se tornado sinônimo de “correr atrás” de formas para tornar a força de trabalho apta para ser vendida. Os processos de educação, na condição de campo de mediações do capital, vinculam-se diretamente às propostas capitalistas de formação para determinado processo produtivo. Como, por exemplo, na especificidade do programa de aprendizagem “Cultivo da Macieira – Jovem Aprendiz Cotista de Fraiburgo”, tornar a vida do jovem trabalhador em seu contexto geral, atrelada ao processo produtivo de maçã.

O que segue como primeiro plano é a profissionalização do jovem independentemente de suas condições de trabalho. Sendo assim, o que nos instiga é como pensar uma análise teórica que consiga transpor as limitações de muitas compreensões supérfluas que criam a falsa crença que basta ao jovem ter uma formação ou profissionalização que poderá transformar sua condição de vida, a crença que muita qualificação poderá permitir que ele deixe de ser “trabalhador” para ser “proprietário”. Como conceber essa compreensão teórica, de modo a visualizar suas contradições para superá-las?

O que causa certa preocupação das limitações na compreensão do processo histórico da humanidade é que atualmente, mais do que em qualquer outra época, existe certa “naturalização”, na luta por uma transformação social que altere a maneira de atender às necessidades da vida. Sendo assim, consideramos importante aprofundar uma concepção que desmascare a realidade das desigualdades que milhares de trabalhadores enfrentam todos os dias em seus ambientes de trabalho, para sobreviverem. E, desse modo, construir uma estratégia de ação que revolucione esse sistema.

A partir deste estudo, pretende-se observar como está organizada a educação nessa sociabilidade diante das necessidades pontuais do

processo produtivo capitalista. Identificar as principais características do jovem envolvido com qualificações que, ao certo, não sabe se realmente atenderá a seus objetivos profissionais, devido à falta de oportunidade ou de um local para atuar. Sendo assim, no próximo item, apresentamos a empiria na qual esta tese faz a análise: as falas dos jovens trabalhadores do município de Fraiburgo/SC, que nos auxiliará na compreensão teórica sobre a realidade desses jovens.

1.3.1 Sobre a análise empírica: a fala do jovem trabalhador

Esta pesquisa de tese trata de uma apreciação teórica e empírica sobre o jovem trabalhador no município de Fraiburgo/SC e, como já indicamos, o presente estudo é um aprofundamento da dissertação de mestrado sobre o jovem aprendiz na especificidade da produção de maçã. Na dissertação, traçamos uma análise teórica sobre a relação entre o ser “jovem aprendiz da macieira” e a conjuntura histórico-social do trabalho na forma capital. Nesta tese, apresentamos, além de uma compreensão teórica sobre a situação do jovem na nova conjuntura histórico-social, algumas entrevistas realizadas com os jovens.

Para o processo de constituição desta investigação, o levantamento das informações e dos dados foi realizado por meio de entrevistas, em meados de 2015, com jovens filhos de trabalhadores das agroindústrias do município de Fraiburgo, que já realizaram ou estavam realizando algum curso de qualificação por meio de programas de aprendizagem. Foram dez entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro preestabelecido, com jovens, entre 15 e 25 anos.

Importante destacar que o ambiente em que aconteceram as entrevistas, em sua grande maioria, foi a própria casa da família do jovem. Os bairros em que a maioria dos jovens entrevistados residem possuem como principal característica ser um bairro de trabalhador da agroindústria. Três dos jovens residem em vila operária, encontrando-se a casa ao lado da agroindústria na qual os pais trabalham.

Geralmente, quando a entrevista acontecia, alguém da família estava por perto do jovem entrevistado, e os pais ou irmãos interferiam e também davam suas opiniões sobre a questão do trabalho na cidade voltado para os jovens. Quando os pais opinavam sobre o programa de aprendizagem “jovem aprendiz da macieira”, as intervenções em sua grande maioria, apresentavam-se de forma negativa, pois diziam, “hoje não se tem mais maçã o suficiente para dar oportunidade para minha filha de que adiantou este curso de dois anos”. Já quando comparavam o

“jovem aprendiz da macieira” e o “curso de aprendizagem em auxiliar de administração”, afirmavam “o curso que minha filha faz hoje é melhor que o da filha de meu irmão, pois dá para trabalhar em outras áreas”. Como explicitaremos no decorrer desta tese, a cidade vive outro movimento de conjuntura histórico-social e é nesse sentido que a intervenção das falas dos pais aparecem nas entrelinhas das entrevistas.

O desenvolvimento histórico-social que culmina na sociabilidade de configuração na forma capital pressupõe desde questões mais básicas da vida cotidiana até as que envolvem as relações mais complexas da totalidade social. Adentrar na base da vida cotidiana do jovem permitiu-nos entender a história da vida desses jovens trabalhadores, a base material que os cerca, suas condições de vida, a relação familiar, trabalho e educação (entre a qualificação da força de trabalho e a escola).

Enunciamos também que Marx e Engels, em muitos momentos de suas análises do real, também utilizaram da descrição da vida real e objetiva da classe trabalhadora em sua vida cotidiana. Por exemplo, no livro de Engels – *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – segundo as observações do autor e fontes autênticas –, e nos livros de Marx *O capital* e o *Sobre o suicídio*, ambos os autores tratam nessas obras de elaborar uma compreensão teórica sobre a vida cotidiana da classe trabalhadora. Conhecer a vida cotidiana, suas contradições e movimento é fundamental para compreender e orientar nossas ações em direção a uma transformação social.

Algumas categorias da ontologia lukácsiana são o apoio basilar para analisar os dados empíricos da investigação, para explicar o ser jovem no movimento histórico-social da sociedade. Embora Lukács não aprofunde estudos sobre juventude ou jovem, ele nos oferece um arcabouço teórico importante para compreender tal temática social, com base em sua concepção ontológica materialista da realidade e do ser social. As categorias que compõem a totalidade social especificadas pelo autor possibilitam-nos entender as características mais singulares do sujeito histórico. Sendo assim, uma das categorias que consideramos pertinentes para nosso estudo é a vida cotidiana, priorizando a compreensão de G. Lukács e também da autora Agnes Heller (1994)⁴.

⁴ Referenciamos Heller, em uma etapa em que a autora está ainda ligada a seu mestre Lukács e à perspectiva marxista. Conforme indicação de Torriglia (1999, p. 4), Sergio Lessa realiza uma análise detalhada com relação a algumas questões sobre as diferenças existentes entre Lukács e seus antigos discípulos em seu livro *Trabalho e Ser Social*, Maceió: EUF/EDUFAL, 1997.

Um dos questionamentos feitos por autores que tratam de analisar a vida cotidiana é: por que compreender a vida cotidiana? Sobre tal questão, nas palavras de Netto (2012, p.88), o autor explica que o que está em jogo,

[...] no centro da cotidianidade contemporânea, é a universalização do mistério que Marx localizou na forma mercadoria: a específica objetividade imediata instaurada nas formações econômico-sociais onde o modo de produção capitalista consolidou conclusiva e desenvolvidamente a sua dominância.

Evidenciamos a vida cotidiana porque é nela e por ela que a vida acontece, o mais ilustre homem tem uma cotidianidade; no entanto, entender que conhecer a cotidianidade permite-nos pensar ações e estratégias para torná-la apta às transformações mais amplas da sociedade. Nas palavras de Torriglia e Cisne (2014, p. 5-6),

[...] a vida cotidiana permeia a existência da totalidade social, porque ela é parte fundante das relações sociais. Ela – a vida – tem, então, um cotidiano intrínseco a sua existência, que não se pode perceber como algo acabado e fixo. Ao contrário, ela está em permanente movimento já que ela se configura como o movimento das relações que se objetivam constantemente na consciência dos sujeitos singulares mediante o reflexo do mundo externo – sempre por meio de uma atividade subjetiva. E, ao realizar esta atividade, amplia e incorporam os conhecimentos, práticas, atividades que lhe abrem os limites – estende-se a vida cotidiana – aparentemente fixos por sua condição de imediaticidade.

O jovem sempre esteve e está diante de questões, de alternativas que reivindicam um posicionamento conforme o contexto histórico-social de cada época; porém, como todos os sujeitos, a gênese de sua relação social encontra-se no centro da cotidianidade, é daí que despontam a compreensão sobre o ser humano, as valorações para futuras tomadas de decisões.

Não saímos da vida cotidiana como se fosse uma etapa a ser “superada”, ao contrário, estamos sempre dentro dela, e aí é onde se produzem os processos de objetivações dos mais simples aos mais complexos. Quanto mais rica e profunda é seu desprendimento, sua ampliação, mais enriquecida pode ser a vida cotidiana (TORRIGLIA/ CISNE, 2014, p. 8).

Os conteúdos e formas de existência humana de cada época contribuem para cada decisão realizada por parte do jovem, considerando a cotidianidade como lugar onde acontece a vida. A arte a ciência, a filosofia são elementos fundamentais que ampliam a compreensão do mundo, podem contribuir nas decisões e resultar em transformações sociais amplas. Esses elementos permitem que o ser humano aperfeiçoe a cotidianidade, torne-a mais ampla, que considera as atividades automáticas de cada dia, porém também acrescenta certa consciência para realizar as devidas tomadas de decisões para além das atividades diárias.

A compreensão acerca do jovem ou de grupos de jovens pode elucidar os problemas da sociedade em geral. Em primeiro lugar, existe um laço entre análise sobre a juventude e a sociedade em geral, e um segundo aspecto é a compreensão das características universais que demandam a compreensão da dinâmica histórica e possibilita pensar em termos de acumulação e de comparação sobre a realidade dos jovens na sociedade. A juventude indica uma temporalidade; todos somos ou fomos jovens; sendo assim, segue sendo expressa numa categoria em situação dinâmica. Dessa forma, a juventude corresponde a uma questão de tensão, de mudanças, de evolução dinâmica, e alguns dos conceitos dialéticos podem ser incluídos quando tomamos como campo de análise (FERRAROTI, 2008).

Nessa direção, abordaremos essa temática com base no entendimento do *ser* do ser jovem como um sujeito histórico-social, demonstrando, mediante alguns momentos históricos da humanidade, como esse tornar-se consciente na sociabilidade, modifica-se, altera-se, de acordo com conteúdo e forma na totalidade social. Para isso tratamos de elaborar um levantamento sobre os principais teóricos que se tem dedicado em pesquisar temáticas acerca da juventude na contemporaneidade século XXI.

1.4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O SER JOVEM

O conhecimento histórico das categorias, conceitos e conhecimentos elaborados pela humanidade até então torna-se fundamental, pois é mediante esse discernimento histórico-social que será possível elaborar estratégias que possibilitem entender o mundo para além das “visões de mundo” que deturpam a constituição do ser social. Assim, neste item apresentamos, primeiramente, como as perspectivas teóricas têm tratado este tema: o jovem, considerando os teóricos clássicos. Posteriormente, elencamos alguns dos principais teóricos brasileiros que estudam a temática da juventude, principalmente aqueles que analisam a relação entre trabalho, educação e jovens.

1.4.1 O ser jovem: contextualizações teóricas

Um importante estudioso sobre as teorias da juventude é o autor Isla (2008). O autor explica, no texto: “*Juventud: un concepto en disputa*”, que existem três vertentes que abordam a concepção moderna sobre a juventude: a da pedagogia, a da psicologia e a social. Sendo Rousseau um dos pioneiros dessas vertentes e se destaca a partir da sua obra “*Emílio*”, publicada em 1762, nesta obra é quando separa a compreensão de criança e adolescente e influenciará diretamente essas concepções (ISLA, 2008).

De acordo com Isla (2008 p. 9-10),

as tres vertientes se desarrollaron prácticamente en caminos paralelos, con algunos intentos por conectarse, pero en su mayoría imprimieron miradas distintas y en ocasiones contrapuestas en la construcción de objeto teórico llamado adolescencia, educación o juventud.

A vertente social, conforme Isla (2008), é a etapa que aborda o jovem como parte da população com características próprias e que se modifica e diversifica no decorrer da história como produto das transformações da sociedade e suas instituições que fazem parte, conforme suas formas organizativas e de expressão social, econômica, cultural e política. O autor aborda as principais correntes teóricas antropológicas e sociológicas que estudam sobre a juventude.

Ao investigar os três principais autores clássicos da sociologia: Marx, Durkheim e Weber, segundo Isla, poucas coisas se dizem

diretamente sobre os jovens. O autor explica, por exemplo, que Marx não escreveu diretamente sobre a juventude, mas,

en la sección tercera del primer tomo sobre la *plusvalía absoluta*, concretamente en el capítulo VIII donde aborda la jornada de trabajo, Marx como usualmente hace, da múltiples ejemplos del sistema de explotación capitalista, particularmente sobre los niños y jóvenes, a quienes se le hacía trabajar en ocasiones casi 36 horas seguidas, o sobre su inicio en la vida productiva a los siete años, o del empleo de la jóvenes a los 13 años en talleres de costura donde además de trabajar, comían y dormían en condiciones insalubres y de hacinamiento; en paralelo, narra las luchas y avances logrados en materia legislativa para disminuir las jornadas laborales de 14 horas diaria a 12 para los jóvenes entre los 13 y 18 años y a ocho horas para el trabajo infantil. En algún momento Marx concluye que estas condiciones sólo generaban que “las horas de descanso se conviertan en horas de ocio forzado, que empujaban al obrero joven a la taberna y a la obrera joven al prostíbulo”.

Otro ámbito donde Marx pudo tocar algunas temáticas juveniles es al referir-se a la educación, pero él fue uno de los adversarios más combativos e incisivos sobre este asunto, planteando que se debería substituir “la ideología de la educación por una teoría de la formación humana”, donde no se separe al niño (joven) del adulto, porque la enseñanza estaría unida al trabajo, produciéndose” (ISLA, 2008, p. 11).

No caso de Weber, a questão sobre jovens é escassa e sem uma postura clara. Entretanto, na perspectiva de Durkheim (1911) entende que

la educación como la acción de los adultos sobre los jóvenes: para que se tenga educación es menester que exista la presencia de una generación de adultos y una generación de jóvenes, así como también una acción ejercida por

los primeros sobre los segundos. (DURKHEIM apud ISLA, 2008, p. 12).

O debate sociológico sobre a construção teórica da juventude também se encontra em duas correntes principais: a corrente geracional e a corrente classista. A corrente geracional tem caráter que concebe a juventude como uma fase da vida sob o enfoque da socialização. Tal teoria remonta a Auguste Comte, em princípios do século XIX até John Stuart Mill nos finais do século XIX. Explicitamente José Ortega e Gasset publicam, em 1923, o artigo “*La idea de las generaciones*”, no qual, segundo Isla (2008, p 17), se explica

[...] que la “generación” es el compromiso más dinámico entre masa e individuo; pueden ser los hombres del más diverso temple y pensar diferente, ser reaccionarios o revolucionarios, pero son individuos de su mismo tiempo.

Outro autor, Karl Mannheim, sociólogo húngaro, também segue essa perspectiva. Em 1928, escreve “*Das Problem der Generationen*”, que aborda a teoria das gerações, com uma análise nova, devido à sua influência com a teoria marxista e seu racionalismo, que baseava sua teoria em relacionismo que,

su propuesta entonces parte de rechazar el tiempo cronológico como base del concepto generación y plantear el tiempo vivencial, al que se accede mediante múltiples percepciones según los estratos generacionales donde el sujeto este ubicado (ISLA, 2008, p. 18).

Essa concepção define-se como uma análise mais complexa já que considera aspectos para além da idade cronológica e biológica. Sofre críticas porque muitos consideram que a teoria das gerações substitui os conflitos de classes pelo conflito de gerações.

Nos estudos da juventude, também se torna importante considerar o enfoque da perspectiva estrutural-funcionalista, que, em 1942, se destaca por meio das obras de Talcott Parsons. É a partir daí que se fala de “cultura juvenil”, em especial no texto “*Age and Sex in the Social Structure of the United States*”, que conforme Isla (2008, p. 19), neste texto Parsons compreende que,

[...] la cultura juvenil surge como una acción que se opone al rol adulto, conflicto que tiene su ‘cristalización’ en las relaciones de los jóvenes con las obligaciones del trabajo curricular que exige la escuela.

Seguindo o pensamento de Isla, em 1961, também desponta como um sociólogo da cultura juvenil James S. Coleman, que escreve a obra *“The Adolescent Society”*. Na mesma linha de Parsons, estuda a “cultura juvenil” ou “sociedade adolescente” que, conforme explicita Coleman, vive de forma separada em geral dos adultos mediante pequenas sociedades adolescentes.

Los resultados que obtiene confirman que esta cultura juvenil se ha extendido a todos los jóvenes estudiantes, pero además se ha convertido en un agente de la inserción social de la juventud” (COLEMAN apud ISLA, 2008, p. 20).

Coleman e outros autores da perspectiva em foco desenvolvem o seguinte pensamento: que a falta de influência dos adultos na vida dos jovens resulta na cultura juvenil, que é um reflexo do que acontece na cultura adulta, pois cada vez há menos diferença entre vida adulta e jovem. Nas palavras de Coleman (2008, p. 111):

Nuestra sociedad cambia cada vez más rápido; los adultos no pueden darse el lujo de moldear a sus hijos a su imagen. Los padres son con frecuencia obsoletos en sus habilidades, entrenados para desempeñar empleos que están desapareciendo; por lo tanto, son incapaces de transmitir su conocimiento acumulado. Termina estando “fuera de época” e incapaces de entender, mucho menos inculcar, los estándares de un orden social que ha cambiado desde que eran jóvenes.

Também nessa mesma linha de raciocínio destaca-se Shmel N. Eisenstadt, com seu texto *“From Generation to Generation de 1964”*. Eisenstadt concentra-se nos períodos das revoltas juvenis da década de 1960, mostrando os enfoques funcionalistas desse momento histórico. Caracteriza a nova cultura juvenil como menos superficial, explica os

movimentos de protestos e mudanças que acontecem no contexto da modernização (ISLA, 2008).

Importante destacar que, no transcorrer desta investigação, enunciaremos algumas compreensões com relação ao jovem e sua vida de trabalhador nos primórdios da Revolução Industrial, mediante a explanação de Engels, que oferece alguns elementos significativos sobre esse momento histórico. Sabemos que a análise a respeito da concepção de classe social é polêmica, porém se faz essencial para entender o pensamento sobre os jovens. Consideramos que a compreensão da juventude, por meio da análise da classe, é um componente necessário, porque permite uma análise dos aspectos de diferenciação juvenil ligada à origem social; as expectativas que tem sobre o mundo, sobre a geração, etc.

Isla (2008) explica que embora Marx não tenha se dedicado a estudar à temática sobre a juventude, outros marxistas, como Lenin, por exemplo, estudaram. Os temas estudados por Lenin enfatizam o jovem e a reprodução social e a necessidade de um alto nível de compreensão que permita a transformação social e a construção da sociedade comunista. Lenin aponta a necessidade da crítica do ensino aos jovens, que instrui os trabalhadores a favorecer os interesses da burguesia.

Entretanto Isla (2008, p. 22) atenta que “la misma centralidad del análisis de clase retardó la atención académica de esta corriente sobre sectores específicos, como las mujeres o los jóvenes, que siempre terminaban subsumidos en su origen de clase”.

De acordo com o Isla (2008), três são os enfoques que se destacam na década de 1970. A ala crítica norte-americana, que apresenta muitos intelectuais que, no período histórico da guerra fria, denunciaram e buscaram analisar e defender os direitos humanos em um movimento pacifista diante da conjuntura da guerra, e perceber como a juventude agia diante desse contexto histórico. Sendo que, Paul Goodman (1960) se destaca – atuou como poeta, filósofo, sociólogo – pioneiro da contracultura e que ficou conhecido principalmente por seu livro “*Growing Up Absurd. Problems of youth in the Organized Society*”, sua ideia central é que,

los jóvenes viven una crisis de identidad y una crisis de pertenencia, debido a que hay una contradicción entre el crecimiento individual y el crecimiento de la sociedad; el joven es un exiliado de su propia patria y de sus propias comunidades,

por eso pierde el sentido de continuidad y de historia (GOODMAN apud ISLA, 2008, p. 23).

Nesse mesmo viés, na compreensão crítica da década de 1960, aparece o pensador Bennett Berger (1960) estadunidense, que questiona o foco de transição que se dá ao período juvenil, “ya que en dado caso dicho período puede no transitar a nada y quedarse siendo joven para siempre, ya que algunos de ellos no pueden o no quieren crecer” (BERGER apud ISLA, 2008, p. 24).

E, por fim, Kenneth Keniston, (1971), psicanalista, estuda, com base na psicologia social juvenil, a diferença entre adolescência e juventude. Explicita que juventude não é o mesmo que adaptação de causas, modas, retóricas ou posturas juvenis (KENISTON apud ISLA, 2008).

La cuestión juvenil no sólo es asunto de los jóvenes, sino de los adultos que no quieren dejar de ser también jóvenes. Es una nueva clase de edad que engloba no sólo a los adolescentes, sino la precocidad, ahora incluye a la infancia, además a los adultos mismos, convirtiéndola en “adolescencia permanente (ISLA, 2008, p. 29).

Esse enfoque das repentinas transformações na vida humana, acompanhada pelos avanços em tecnologias e em informação, é uma das problemáticas abordadas constantemente por psicanalistas, que tentam diagnosticar esses movimentos e modificações na vida dos indivíduos, principalmente na vida de adolescentes e jovens.

Destacamos, nessa sequência de autores citados por Isla (2008), outros que fazem parte da referência teórica desta tese: a obra *História dos Jovens*, dividida em dois volumes e organizada por Giovanni Levi e Jean Claude Schmitt (1996), que trata de um conjunto de artigos e ensaios sobre os vários momentos da história da humanidade e a relação com o jovem. O livro *História dos jovens* permite-nos compreender uma concepção da juventude e o lugar desempenhado pelo jovem no processo histórico pela compreensão de historiadores.

Sobre a questão do jovem e a juventude no Brasil, muitos são os estudiosos que se dedicam à referida temática. Dentre os que podemos citar que tratam sobre as relações histórico-sociais desses jovens, encontram-se: Sposito (1997, 2003, 2010), principalmente o artigo *Estudos sobre juventude em educação*, em que a autora realiza um

levantamento sobre a produção do conhecimento sobre jovens e juventude. A autora realiza a análise de dissertações e teses defendidas na Pós-graduação em Educação de 1980 até 1995.

As pesquisas de Foracchi (1972, 1977) tratam do tema a propósito dos jovens, apresentando a realidade dos jovens na década de 1970, entre a luta diária do trabalho e a qualificação da força de trabalho, por meio dos estágios, articulando a empiria com a análise teórica. Sobre a relação entre trabalho e educação, também citamos Pochmann (2000), Künzer (2001, 2008), Frigotto (2008, 2009), Alves (2014), Machado (1982). A pesquisadora Mariléia Maria da Silva (2004, 2012) também apresenta estudos significativos sobre a temática: mercado de trabalho e jovens na perspectiva teórica marxista.

Referenciamos esses autores, pois são centrais quando se trata de analisar a relação entre juventude, trabalho e educação, cada qual com seus aspectos próprios de análise. Importante frisar que não nos deteremos em aprofundar cada perspectiva adotada pelos autores, somente alguns serão citados ao longo desta tese.

CAPÍTULO II – O SER JOVEM: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em *O ser jovem: contextualização histórica*, pretendemos desenvolver a temática sobre juventude em duas sessões. Na primeira parte, trataremos do conceito da vida cotidiana com base na teoria social de Lukács (2010,2013) e, na segunda, aplicaremos tal análise em uma compreensão de alguns períodos históricos e a vida do jovem. Neste texto, buscamos nos posicionar em uma compreensão histórica acerca do ser jovem, demonstrando que a vida modifica-se conforme as mudanças na estrutura econômica e política de cada época. A compreensão sobre o tempo e o espaço torna-se cada vez mais complexa com o processo de industrialização, conforme destacamos ao longo deste texto.

2.1 JUVENTUDE E VIDA COTIDIANA: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA

Nesta seção, apresentamos algumas categorias estudadas por Lukács (2010, 2013) sobre a compreensão da reprodução do ser social, que nos auxiliam no entendimento acerca do ser jovem. O momento da juventude corresponde a um período de transição que possibilita apreender o mundo de acordo com critérios universais; a escolha de objetivos para a vida acontece conforme normas e regras tanto cotidianas como também universais. Dentre as compreensões lukácianas que pretendemos abordar no tópico, estão a concepção de vida cotidiana, a função social da ideologia e o campo de mediações como possibilidade de transformação da mera cotidianidade para uma percepção de mundo para além da “visão de mundo”.

O estudo que buscamos desenvolver entende o ser jovem na sociedade durante diferentes períodos da história e considera que algumas características, sobre a juventude, seguirão todas as gerações. Uma dessas particularidades é a vida diária de cada um e em cada época. Compreendemos que, para além de um mero fenômeno social, a cotidianidade de cada ser é ontológica, pois tem uma gênese que corresponde ao processo histórico da humanidade. Dessa forma, é necessário entender a ontologia da cotidianidade como responsável por todas as tendências indispensáveis para a prática da reprodução da vida (LUKÁCS, 2013). Uma das especificidades da vida cotidiana é que

a relação entre teoria (como preparação consciente da práxis) e práxis possui um caráter imediato, em todo caso, ela supera todas as demais esferas da vida em termos de imediatidade. Isso está intimamente ligado [...] com o fato de a vida cotidiana constituir o âmbito em que todo homem forma de modo imediato as suas formas de existência pessoais, implementando-as na medida do possível, o âmbito em que para o homem se decide, em muitos aspectos, o êxito e o fracasso desse modo de conduzir sua vida (LUKÁCS, 2013, p. 449).

De acordo com Lukács (2013), a concepção mais geral das contradições centrais sociais é impossível de apreensão teórica se não ponderarmos o ponto de partida nos fatos mais simples da vida cotidiana dos homens. Só o que realmente existe no real pode ser analisado, estudado, etc. Todo pensamento que não considera o real está comprometido com dissoluções subjetivistas. Esclarece Lukács (2010, p. 37) que,

[...] devido igualmente ao fato básico, próprio do ser humano, de que nunca somos capazes de ter um conhecimento total de todos os componentes de nossas decisões e suas consequências –, também na vida cotidiana o ser real muitas vezes se revela de maneira altamente distorcida.

A imediatidade da cotidianidade precisa ser o ponto de partida, como também a base que nos possibilita apreender o ser autêntico em si. Continua Lukács⁵ (1994, p. 10) explicando que “precisamente su immediatez objetiva, que surge del modo de reaccionar y de actuar de los hombres particulares, da lugar en la vida cotidiana a una zona de mediación, apta para superar este aparente abismo del pensamiento”. Como bem salientam Torriglia e Cisne (2015, p. 165)⁶, para ultrapassar essa lacuna, é necessário

⁵ Escrito no Prefácio do livro *Sociología de la vida cotidiana*, escrito por Ágnes Heller, em 1970.

⁶ Torriglia, P. L., Cisne M. F. *A crítica ontológica na formação humana e os processos de conhecimento: aproximações reflexivas*. Revista Ibero-americana de Educação, v. 67 (2) p. 161-171. 2015.

aceitarmos a ideia de que a produção de conhecimento se dá no movimento entre a vida cotidiana e sua superação, torna-se necessário restaurar e avançar no conceito da vida cotidiana já que é imprescindível para compreender o retorno do conhecimento mais elaborado – ciência, arte, filosofia – à vida cotidiana.

A consideração de meios intelectuais do ser e a base simples (vida cotidiana) possibilitam compreender o ser, como ente. “A vida cotidiana, em contrapartida – até devido a sua imediatidade –, não pode em absoluto tornar-se consciente sem a permanente referência ao ser” (LUKÁCS, 2010, p. 68).

Nessa mesma linha de pensamento, Lukács (1994, p. 12) esclarece que

la vida cotidiana constituye la mediación objetivo-ontológica entre la simple reproducción espontánea de la existencia física y las formas más altas de la genericidad ahora ya consciente, precisamente porque en ella de forma ininterrumpida las constelaciones más heterogéneas hacen que los dos polos humanos de las tendencias apropiadas de la realidad social, la particularidad y la genericidad, actúen en su interrelación inmediatamente dinámica.

O ser humano, ao transformar seu mundo imediato, forma a si próprio. Cada um de nós é responsável e representante do mundo em que outros nascem. O modo como vemos esse mundo, que a educação cumpre seu papel de tornar-se útil à nossa sociedade, repercutirá nas experiências pessoais de cada um e, quando transmite essa experiência, o ser humano objetiva-se no mundo. “En mi relación con la vida cotidiana dada, en mis afectos y reflexiones respecto a estas relaciones, en la eventual descomposición de las actividades cotidianas, nos enfrentamos, y esto subrayado, con procesos de objetivación” (HELLER, 1994, p. 25). É na vida cotidiana que formamos o mundo e que coincide com a formação de nós mesmos. Lukács (2013, p. 432-433) ressalta que,

contudo, na vida cotidiana que surge em virtude dos atos de alienação, é construída uma continuidade de caráter diferente, cujos atos fundantes possuem um caráter teleológico (alienado-objetivante), de modo que a substância que aqui se conserva na continuidade do processo social vital deve ter uma constituição valorativa. [...] a substância de um caráter humano, não é um fato dado da natureza, mas o produto do próprio homem, o resultado total dinâmico de seus atos de alienação. Por mais que todas as circunstâncias, sob as quais o homem atua, às quais ele responde, não sejam ocasionadas por ele mesmo, mas pela sociedade, por mais que as aptidões psíquicas e físicas do homem estejam dadas e não sejam feitas por ele, a conjunção de todos esses fatores resulta para ele, não obstante, somente em perguntas às quais ele próprio tem de dar as respostas – por meio de decisões alternativas, ou seja, aquiescendo ou negando ou adaptando-se etc.

O homem particular é histórico, é sempre reprodução de um homem histórico, em um mundo concreto. Por mais que sejam diferentes os usos das coisas e sistemas concretos de determinada sociedade, se o homem quer sobreviver, deve aprender a cada dia a lidar com as circunstâncias e instituições da sociedade na qual vive. Vejamos isso nas palavras de Heller (1994, p. 22):

La apropiación de las cosas, de los sistemas de usos y de instituciones no se lleva a cabo de una vez por todas, ni concluye cuando el particular llega a ser adulto; o mejor, cuanto más desarrollada y compleja es la sociedad tanto menos está concluida.

A etapa da juventude corresponde a um período da vida em que o ser encontra-se na fase de transição ao mundo adulto. Sua vida cotidiana é repleta de novidades, de sonhos, de perspectivas de um futuro a ser conquistado. Os referentes, como família, instituições, grupos de jovens, movimentos sociais, etc., podem desempenhar um papel importante para a formação dos conteúdos que permitem a esse jovem fazer as escolhas que podem tornar-lhe um adulto melhor. É nesse período que o trabalho

e a educação são excepcionais para os futuros desígnios na vida do jovem.

É a partir da Revolução Industrial que a sociedade toma aspectos cada vez mais dinâmicos, e o ser humano torna-se apto a colocar em prova sua capacidade vital a cada nova transformação. O ser social

[...] vive al mismo tiempo entre exigencias diametralmente opuestas, por lo que debe elaborar modelos de comportamiento paralelos y alternativos. Resumiendo, debe ser capaz de luchar durante toda la vida, día tras día, contra la dureza del mundo (HELLER, 1994, p. 23).

No mesmo sentido segue Lukács (1994, p. 12) explicitando que

así la vida cotidiana, la forma inmediata de la genericidad del hombre, aparece como la base de todas las reacciones espontáneas de los hombres a su ambiente social, la cual a menudo parece actuar de una forma caótica. [...] Por consiguiente quien quiera comprender la real génesis histórico-social de estas reacciones, está obligado, tanto desde el punto de vida del contenido como del método, a investigar con precisión esta zona del ser⁷.

Da vida cotidiana até as mais complexas objetivações dos seres humanos vigora, em toda parte, a dupla determinação, em que nela se entende a ideologia no sentido mais amplo, como possibilidade de elemento fundamental na resolução dos conflitos sociais. Na cotidianidade de cada homem a vida acontece – suas realizações, sejam práticas, intelectuais – estes são enfrentados mediante formas ideológicas. A família torna-se o primeiro contato com as referências sobre o mundo, que permite ao jovem desenvolver seu caráter, ter suas primeiras conquistas e frustrações.

2.1.1 Contexto e bases da vida cotidiana do *ser* jovem

Como já destacado, a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, o ser humano participa na vida diária com todos os aspectos de sua

⁷ Escrito no Prefácio do livro Sociología de la vida cotidiana, escrito por Agnes Heller, em 1970.

personalidade. Ao longo da vida, o indivíduo desenvolve certas habilidades que contribuem para suas escolhas fora do âmbito da vida familiar. Essas habilidades dependem do conteúdo da vida que possibilitou a formação dessa personalidade. Para o jovem, é evidente que, no meio familiar, na vida de cada dia, com base nas relações desempenhadas em família, existe possibilidade de

a) aprendizaje de las actividades instrumentales que están, b) reguladas de acuerdo con ciertos patrones o valores, y c) con base en la solidaridad de adultos y otros miembros de la familia (EISENSTADT, 2008, p. 211).

De acordo com Lukács (2013, p. 285),

como toda alternativa real é concreta, mesmo que conhecimentos, princípios e outras generalizações tenham um papel decisivo na resolução concreta, esta conserva tanto subjetiva como objetivamente o seu ser-propriadamente-*assim* concreto, atua também como tal sobre a realidade objetiva e, a partir daí, tem o seu peso e exerce a sua influência, antes de tudo, sobre o desenvolvimento do sujeito. Aquilo que chamamos personalidade de um homem constitui tal ser-propriadamente-*assim* de suas decisões alternativas.

O ser humano da cotidianidade se constrói, dessa forma, atuante e ativo, receptivo à sociedade em que vive, mas nunca absorvendo completamente todo o movimento dessa, já que, por causa do tempo e da possibilidade, não pode ativá-la em sua intensidade. "São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação" (HELLER, 2008, p. 32).

Lukács (2013, p. 288-289) lembra que

o homem realiza em seus atos a sua essência, a sua identidade consigo mesmo, que suas ideias, seus sentimentos, suas vivências etc. expressam a sua essência, o seu si-mesmo de modo autêntico só na medida em que são capazes de externar-se de alguma forma em suas ações, [...]

Na mesma linha de pensamento, Heller (2008, p. 33) afirma que

o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

O adulto, antes de tudo, deve dominar a manipulação das coisas; exemplos como manipular o garfo, a colher e a faca, por mais triviais que sejam, demonstram “a assimilação da manipulação das coisas e sinônimo de assimilação das relações sociais” (HELLER, 2008, p. 33). A manipulação de coisas básicas não garante ao ser humano que realmente tenha assimilado valores de integrações maiores; somente quando o indivíduo age fora de seu círculo familiar, compreenderá se é capaz de agir e se manter autonomamente no mundo, para além da dimensão do grupo humano comunitário. “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (HELLER, 2008, p. 34).

Lukács (2013, p. 284) esclarece que a gênese desse ser social, por mais sutil que pareça, tem toda uma relação com o que se compreende nos dias atuais por individualidade. De acordo com o autor,

assim como o ser social se constrói de encadeamentos dessas decisões alternativas que se cruzam de muitas maneiras, assim também a vida humana singular se constrói de sua sequência e de sua separação. Desde o primeiro trabalho enquanto gênese do devir homem do homem até as resoluções psíquico-espirituais mais sutis, o homem confere forma ao seu meio ambiente, contribui para construí-lo e aprimorá-lo e, concomitantemente com essas suas ações bem próprias, partindo da condição de singularidade meramente natural, confere a si mesmo a forma de individualidade dentro de uma sociedade.

Considerando os jovens, entendemos que é na sua vida cotidiana familiar que se desenvolvem os preceitos e valores próprios desse ambiente no qual estão inseridos. No entanto, é no convívio fora desse

ambiente, nas relações e articulações para além da cotidianidade que eles colocam em prática esses preceitos e valores obtidos. Dessa maneira, o ambiente familiar é imprescindível para sua formação como ser social.

Así se puede decir que la familia constituye un grupo social o sistema que mantiene un balance constante entre muchos tipos de actividades, que reducen en este sentido las tensiones acumuladas de la necesidad de actividades instrumentales de regulación y que, en consecuencia, mantiene la estabilidad y seguridad emocional del individuo, así como la solidaridad y continuidad social (EISENSTADT, 2008⁸, p. 211-212).

O significado das características da vida familiar e a sociedade é uma questão relevante, pois possibilita ao jovem compreender os muitos tipos de relações sociais e atividades a desempenhar no decorrer da vida. Permite à família exercer um papel socializador de possibilidades de continuidade social. É na família que o jovem aprende os diferentes tipos de atividades que lhe torna membro da sociedade, possibilita resolver a tensão das frustrações, caso algo dê errado na disciplinada vida em sociedade (EISENSTADT, 2008, p. 210).

No entanto, a totalidade da sociedade apresenta ao jovem cada vez mais integrações, desde a esfera jurídica, política, da educação, etc., que lhe exigem sempre escolhas entre alternativas que podem influenciar a comunidade, a cidade, o país, entre outros lugares e, assim, abarcar consequências que possibilitam alterar a vida de muitas pessoas. O ser individualidade contém tanto o humano do cotidiano quanto o humano genérico. Na concepção de Heller (2008, p. 39),

quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana.

Heller (2008, p. 42) enfatiza o papel da catarse como possibilidade de compreender o mundo para além da vida cotidiana:

⁸ Texto original escrito em 1964.

O herói da escolha moral é seu próprio destino; e aquilo que lhe acontece só pode conhecer a ele. O cume da elevação moral acima da cotidianidade é a catarse. Na catarse, o homem torna-se consciente do humano-genérico de sua individualidade.

A arte e a ciência desempenham importante função no que corresponde a criar possibilidade de elevação na assimilação do agir na vida cotidiana. De acordo com Heller (2008), Georg Lukács, no primeiro capítulo da *Estética*, escreve que o reflexo artístico e o reflexo científico rompem com o pensamento espontâneo. A autora esclarece que

a arte realiza tal processo porque, graças à sua essência, é autoconsciência e memória da humanidade; a ciência da sociedade, na medida em que desantropocentriza, (ou seja, deixa de lado a teologia referida ao homem singular); e a ciência da natureza, graças a seu caráter desantropomorfizador (HELLER, 2008, p. 43).

O meio para superar dialeticamente a cotidianidade e sua elevação ao humano genérico é a homogeneização. Porém, o que significa a homogeneização?⁹

Significa, por um lado, que concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e centramos toda nossa atenção sobre uma única questão e “suspenderemos” qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa; e, por outro lado, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. [...] transformamo-nos assim em um “homem inteiramente” (HELLER, 2008, p. 44).

O caráter central da vida cotidiana é o pensamento espontâneo. Se formos analisar de forma profunda o conteúdo de verdade material e formal de cada atividade a ser realizada, a vida se tornaria impossível.

⁹ Retomaremos a análise compreensiva da homogeneização quando voltarmos ao estudo da vida cotidiana do ser jovem e o desempenho da função do complexo jurídico como regulador da cotidianidade desse sujeito.

Isso pois todas as atividades que executamos em nossa cotidianidade estão envolvidas em uma grande complexidade de relações humanas. Heller (2008, p. 49-50) salienta que

o pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. As ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis. A atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando é atividade humano-genérica consciente; na unidade viva e muda de particularidade e genericidade, ou seja, na cotidianidade, a atividade individual não é mais do que uma parte da práxis, da ação total da humanidade que, construindo a partir do dado, produz algo novo, sem com isso transformar em novo o já dado.

Se absolutizarmos as formas da vida cotidiana, tornando-a sem movimento, possibilitamos a alienação da cotidianidade. “Alienação é sempre em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade” (HELLER, 2008, p. 56-57). As formas de pensamento e comportamento produzidos na estrutura da vida cotidiana não são necessariamente estáticas, pois podem possibilitar ao indivíduo movimentação e possibilidades de explicitação. “Quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade dada, tanto mais a vida cotidiana irradiará sua própria alienação para as demais esferas”.

Na mesma linha de raciocínio segue Lukács (2010, p. 223):

[...] no homem, como ser existente não há possibilidades simplesmente determinadas, que, segundo as circunstâncias que a vida lhe traz, se realizam ou permanecem latentes; sua conduta de vida é, sobretudo, constituída, como ser processual, de modo tal que ele próprio, segundo os caminhos de desenvolvimento de sua sociedade, se esforça ou por fazer valer plenamente também suas próprias possibilidades subjetivas ou, então, reprimi-las ou, eventualmente, também modificá-las

essencialmente. Isso não é um processo meramente pessoal, e sim profundamente social, que muito cedo deixa de atuar nas pessoas singulares ou em suas relações diretas, tomando-se, porém, algumas medidas sociais para conduzir esse desenvolvimento na direção socialmente desejada.

A esfera da educação desempenha esse papel condutor, permite formar no educando possibilidades que parecem socialmente importantes; ela contribui de forma a regular e conduzi-lo diante das decisões que a vida na sociedade lhe estabelece. Nessa sociabilidade, as possibilidades são construídas com o intuito de formar um ser humano útil para atender às exigências dessa sociedade, ou elaborar elementos que permitam a concretização paulatina de um campo de possibilidades que transformem as relações que danificam a vida humana.

Esses elementos tornaram-se indispensáveis cada vez mais, por causa do aumento do nível de sociabilidade. O desenvolvimento da personalidade, como parte desse desenvolvimento das possibilidades, permite a ampliação das formas de reagir do ser humano diante da realidade. Questões como: (a) Qual é o conteúdo das possibilidades na realidade social capitalista?; (b) Que tipo de ampliação das possibilidades prioriza-se na sociabilidade do capital? são evidentes diante desse problema. Portanto, o desenvolvimento da personalidade, que é consequência do âmbito de possibilidades, “está, como todos os processos históricos, em uma relação de desigualdades com sua própria base sócio-histórica” (LUKÁCS, 2010, p. 226).

Para além do âmbito familiar, temos que, com o desenvolvimento da sociabilidade, outros aspectos contribuem para a formação da personalidade do jovem. Concretiza-se um complexo ideológico que assume diferentes funções sociais e de forma significativa contribui para o desenvolvimento da personalidade humana. E o jovem, por estar nesse processo de transição na sociabilidade do capital, é alvo do conteúdo desse complexo ideológico – tema que trataremos na próxima seção.

2.1.2 Ser jovem e o complexo ideológico

O sentido concreto de ideologia no âmbito do ser social é que nada pode ocorrer na vida do ser humano além do que o nascimento determinou, de acordo com o contexto histórico-social de nascimento. Não existe nada no ser social, desde a alimentação, a sexualidade até

abstrações mais amplas e exteriorizadas que não façam parte do ser humano concreto que corresponde às circunstâncias de seu nascimento. A objetivação e a alienação são componentes fundamentais e indispensáveis para que aconteça essa concretização.

Essa realidade, na qual se encontram os homens e mulheres, esse “mundo” o qual devem enfrentar desde seu nascimento, seja qual for a classe ou o extrato social no qual se encontram, determinam, necessariamente, o tipo e a qualidade das demandas que a vida lhes coloca. Eles deverão responder e reagir com respostas práticas e com generalizações que surgem de tais respostas. Dentro destas ininterruptas respostas se encontram os impulsos, os sentimentos, todas as questões internas e subjetivas que constituem os indivíduos. Essas respostas acompanham a história e os momentos em uma sociedade determinada (TORRIGLIA, 1999, p. 103).

E é mediante a “experiência cotidiana prática e conquista científica da realidade que pode decorrer uma aproximação legítima da verdadeira constituição do ser” (LUKÁSC, 2010, p. 41). Esses dois componentes sociais podem igualmente permitir o bloqueio do progresso humano, que podem ter a função ideológica de estímulo ou obstáculo, conforme os interesses de classes. No processo histórico, o posicionamento mais arraigado de interesses em defesa de determinada ideologia que direciona a sociedade torna-se posicionamento enfático com a origem da propriedade privada e a divisão da sociedade em classes.

A questão principal é, por conseguinte, que o surgimento de tais ideologias pressupõe estruturas sociais, nas quais distintos grupos e interesses antagonicos atuam e almejam impor esses interesses à sociedade como um todo como seu interesse geral. Em síntese: o surgimento e a disseminação de ideologias se manifestam como marca registrada geral das sociedades de classes (LUKÁCS, 2013, p. 472).

Na sociedade capitalista, o interesse da classe trabalhadora aparece como interesse da classe burguesa. As regulamentações, as leis

de governo só podem funcionar de uma forma coercitiva para uma minoria da população; de uma maneira geral, devem gerar o voluntarismo, a aceitação da grande maioria, temos que

[...] cada imagem humana a respeito do ser também depende de quais imagens de mundo parecem adequadas para fundar teoricamente uma práxis, possível ao máximo grau, que funcione corretamente conforme as circunstâncias (LUKÁCS, 2010, p. 46).

O jovem enfrenta problemas diários; ele necessita, de alguma maneira, encontrar uma alternativa para continuar sobrevivendo; entretanto, precisa ter uma compreensão concisa sobre como enfrentar cada obstáculo cotidiano. Vimos que a vida diária de cada um torna-se um momento de fazer e realizar coisas de forma automática, sem muita clareza do que modificar; no entanto, com o auxílio da cientificidade, da arte, da filosofia, todos podem aperfeiçoar essa cotidianidade (LUKÁCS, 2014). A fundamentação da ideologia na concepção do materialismo histórico e dialético implica a transformação social.

A ideologia pode ser compreendida como um dos elementos que contribuem para que aconteça a modificação de concepções do mundo, baseadas em problemas sociais que emergem das bases sociais na vida cotidiana, entendida por Lukács (2010, p. 38) como formas “nas quais os seres humanos se conscientizam desses conflitos e o combatem”. O autor esclarece que esse pensamento sobre ideologia baseia-se no Prefácio da *Crítica da Economia Política*, escrito por Marx (1859). É importante destacar que, em toda a sua obra, Lukács compreende ideologia nesse fundamento e não como alguns entendem ideologia, como falsa realidade. Apesar de que ambas são possíveis na prática, proporcionando tanto uma aproximação do ser, como um afastamento de sua realidade.

A importância extraordinária da vida cotidiana dos homens para a reprodução do todo consiste exatamente em que, por um lado, correntes fluem ininterruptamente do centro para a periferia, incluindo-as nas tentativas de solução dos grandes problemas da sociedade como um todo, desencadeando nelas reações a estes, e em que, por outro lado, essas reações não só refluem para o centro, para toda a sociedade, mas, desse modo,

simultaneamente tornam operativos “para cima” de modo reivindicatório, os problemas particulares que ocupam as comunidades locais, menores, em forma de posicionamentos perante eles (LUKÁCS, 2013, p. 438).

De acordo com Lukács (2010), a ideologia contribui de maneira significativa quando cumpre a função social que possibilita resolver conflitos sociais que podem cooperar com a concretização de ações e estratégias que permitam superar grandes obstáculos sociais e aproximar o ser humano de conteúdos que poderão auxiliar em escolhas de alternativas para o desenvolvimento da personalidade humana, tanto em seu ser individualidade quanto no tornar-se homem do homem, ou seja, a consciência do gênero em si.

Salientamos que compreender essa análise teórica possibilita-nos pensar a respeito do jovem nos diferentes períodos históricos e que os aspectos vivenciados não podem estar dissociados da vida cotidiana. Entender os aspectos que conceituam o jovem no movimento da história permite compreender o pensamento de cada período, das ações e estratégias de cada sociedade com relação a essa época da vida. Ideologia compreendida como um posicionamento no mundo, como uma direção, pode levantar apontamentos a propósito do que se pretende em cada época com relação aos jovens.

Dessa maneira, é de fundamental importância o posicionamento da ideologia para o funcionamento de determinada sociedade. Ela regula, resolve conflitos, determina as funções a que cada indivíduo está predisposto a executar, define o que é ser trabalhador, ser burguês, ser criança, ser jovem, conceitua, delimita os papéis sociais, o entregar-se a uma “causa”, etc. Lukács (2010, p. 47) salienta ainda que

[...] tem de ordenar essas decisões isoladas em um contexto de vida geral dos seres humanos e esforçar-se por estabelecer ao indivíduo como é indispensável para sua própria existência avaliar as decisões segundo os interesses coletivos da sociedade. O conteúdo e a forma do que aqui entendemos como interesse coletivo tem tanto mais caráter prevalentemente ideológico quanto mais rudimentar for a respectiva sociedade.

As manifestações mais elaboradas do ser necessitam considerar o método crítico também no que se relaciona à cotidianidade. “Na vida

cotidiana, os problemas da práxis só podem emergir de modo imediato, o que, por sua vez, se absolutizado acriticamente, pode conduzir a distorções [...] da verdadeira constituição do ser” (LUKÁCS, 2010, p. 69).

A práxis, afirma Lukács (2010), consiste, na sua essência, fator decisivo para que aconteça a autoeducação humana; todos os conflitos que o indivíduo é forçado a dominar mediante sua sensibilidade estão presentes e nascem de sua cotidianidade. A base do ser humano, para produzir a superação do mutismo do gênero, está nas contradições presentes na práxis. A base ontológica do descrito consiste na “transformação da adaptação passiva do organismo ao ambiente em uma adaptação ativa” (LUKÁCS, 2010, p. 79). Nessa relação baseia-se toda a sociabilidade, cada vez mais como nova maneira de generidade, que permite sempre o surgimento de novas categorias que superam o caráter imediato biológico.

Com o desenvolvimento de novas categorias com caráter sempre mais social, é possível compreender o desenvolvimento da singularidade em vir ser individualidade, ambas são categorias fundamentais de todo ser social. A individualidade socialmente fundada corresponde a um processo complexo, os seres humanos, ao se tornarem individualidade, tornam-se conteúdos de pores teológicos¹⁰. A base ontológica da individualidade deriva da interação constante entre objetividade e subjetividade; no metabolismo com a natureza, ainda que em aspectos simples, a singularidade adquire caráter de individualidade somente com a sociabilidade. Conforme Marx (apud LUKÁCS, 2010, p. 82), quando a práxis corresponde à generidade-não-mais muda, entende-se “a sua própria generidade como conjunto das relações sociais”.

O trabalho, em sua amplitude, “introduz no ser a unitária inter-relação, dualisticamente fundada, entre teologia e causalidade; antes de seu surgimento havia na natureza apenas processos causais” (LUKÁCS, 2010, p. 44), sendo por meio do trabalho que o ser humano conhece os nexos da realidade material em que operará e, conseqüentemente, a

¹⁰ Como o trabalho – base fundadora de toda sociabilização humana, mesmo da mais primitiva – destaca tendencialmente o ser humano da esfera das necessidades biológicas mais puramente espontâneas e de sua satisfação apenas biológica, tornando determinantes, em seu lugar, os pores teleológicos, que, por sua natureza, assumem de imediato um caráter alternativo, são necessários, desde o primeiro instante, reguladores sociais que regulamentem as decisões alternativas que estabelecem os conteúdos da teleologia, conforme as respectivas necessidades sociais vitais (LUKÁCS, 2010, p. 46).

possibilidade efetivada do produto, ou projetos concebidos pela consciência, operando no real. Os momentos mediados pelo trabalho e pela linguagem, referência ligada diretamente à prática, tornam a imagem do mundo “dominada pela generidade objetiva que vai, por meio do conhecimento, superando o simples conhecimento imediato de uma generidade estranha” (LUKÁSC, 2010, p. 84). “A generidade humana não é capaz de desenvolver-se sem que os indivíduos tomem posições conscientes e práticas quanto aos problemas nela contidos” (LUKÁSC, 2010, p. 89).

Sabe-se que a constituição da vida humana é um processo histórico e que, ao longo de sua trajetória, a vida cotidiana apresenta-se como uma importante dimensão da complexificação desse processo histórico. Assim a necessidade do conhecimento científico torna-se um caminho para aperfeiçoar essa vida cotidiana, a cada dia. Dessa maneira, pretendemos compreender como o campo de possibilidades pode ser um importante elemento para que aconteça essa mediação entre a “visão de mundo” para além da mera cotidianidade. Mera cotidianidade, porque a vida cotidiana faz parte de todo ser humano, até o mais nobre artista, filósofo, cientista, etc. tem uma vida cotidiana, e ela jamais deixará de existir enquanto esse indivíduo viver. Nesse sentido, Lukács (2013, p. 439) explica que

[...] até mesmo o mais renomado dos pensadores, políticos, artistas etc., vivem pessoalmente uma vida cotidiana, cujos problemas jorram incessantemente sobre ele através dos acontecimentos diários do seu dia a dia, através da cozinha, do quarto das crianças, do mercado etc., tornando-se atuais para ele e provocando decisões, inclusive do tipo espiritual, da parte dele.

É inevitável, todo ser humano é um ser social, e cada um tem o “peso” de sua vida cotidiana a carregar. É importante destacar que, conforme Lukács (2013), a atividade na cotidianidade é diferente no ato do trabalho:

Naturalmente as diferenças são igualmente importantes nesse processo; enquanto no trabalho a suspensão das necessidades levou ao desenvolvimento de ciências exatas, surgem, por exemplo, no conhecimento humano da vida cotidiana, na melhor das hipóteses, experiências

pessoais acumuladas, controladas, assimiladas; enquanto no trabalho essa suspensão tem de ser completa, sob pena de frustrar todo o pôr, na vida cotidiana ela é ininterruptamente posta de lado por afetos, que podem até assumir a intensidade das paixões (LUKÁCS, 2013, p. 448).

Acrescentamos a tal questão o problema das possibilidades. Segundo Lukács (2010, p. 211),

a constituição qualitativamente nova da categoria da possibilidade no ser social origina-se dos pressupostos e consequências no plano ontológico dos pores teleológicos, que, começando com o trabalho, no curso do desenvolvimento determinam, no interior dessa constituição, todo o modo do ser.

A dualidade de funções subjetivas e objetivas é que permite entender o problema da possibilidade. O trabalho em seu aspecto objetivo concretiza o campo da possibilidade, porque, no final do processo, o resultado demonstrará se teve êxito ou não teve, se a atividade foi bem-sucedida. A possibilidade deixa de ser uma mera tentativa e passa a ser uma finalidade posta, que entra no fluxo da história, contribui para o desenvolvimento da humanidade. Mediante os resultados práticos de grande precisão, concretizados na vida cotidiana, é possível a teorização.

O “mundo” do cotidiano diferencia-se do “mundo” do trabalho sobretudo pelo fato de que, nele, o aspecto da alienação dos pores desempenha um papel tanto extensiva como intensivamente maior. A personalidade do homem exprime-se objetivamente antes de tudo na práxis do trabalho, mas faz parte da essência da vida humana, que as tendências para o ser-para-si, para a autoconsciência, via de regra, ganham validade, de modo imediatamente pronunciado, na esfera do cotidiano, do âmbito da atividade do homem inteiro (LUKÁCS, 2013, p. 442).

Temos como marcas essenciais da existência humana a

reprodução e continuidade dos seres singulares e da sociedade. Os processos de objetivações singulares não possuem caráter de rigidez; porém, são expressão dinâmica do real e base para outros sistemas de objetivações superiores (TORRIGLIA; CISNE, 2014). A forma de objetivação, quando remodelada em uma atividade, resulta em formas de objetividade. Continua explicando Lukács (2013, p. 447) que

a objetividade é precisamente uma intenção do pensamento direcionada para o em-si dos objetos e de suas conexões, um em-si não falsificado por ingredientes subjetivos, projeções etc., do que faz parte tanto a qualidade quanto a quantidade. O tipo de sua realização depende, portanto, da constituição dos objetos, cujo ser-em-si se pretende apreender, depende da adequação do tipo do pôr a eles.

O ser humano é produto de sua atividade que exerce sobre as possibilidades uma ação qualitativamente transformadora “[...] do mesmo modo que transformou o desenvolvimento do ser e o ser determinado da forma também em um processo ativo” (LUKÁCS, 2010, p. 221). Conforme aumenta o nível do campo das atividades humanas, “o âmbito de possibilidades se ampliam de forma constante e necessária, tanto quantitativa como qualitativamente, em cada membro singular da sociedade e na totalidade de sua cooperação” (LUKÁCS, 2010, p. 221). É necessário entender que esse campo de possibilidades – que permite a mediação da concepção do mundo para além da mera cotidianidade – encontra problemas quando se pauta somente na análise científica sem uma referência crítica. Conforme Lukács (2013, p. 453-545),

[...] a vinculação do “mundo” e da “concepção de mundo” do cotidiano com o amplo efeito da ciência sobre o plano da concepção de mundo se expressa em dois sentidos. Por um lado, nesse ponto, os resultados do desenvolvimento científico não se efetivam em sua cientificidade imanente, mas através de interpretações que atrelam o seu conteúdo – ontologicamente generalizado dessa maneira – a determinadas ideologias dominantes que lhe conferem a aparência (e a autoridade) de uma fundamentação científica exata. Por outro lado, não se pode interpretar tais manifestações de acadêmicos

importantes nem como meros enunciados puramente subjetivos, muito menos como um aconchegar-se a correntes em moda; trata-se muito antes de que também tais concepções de mundo pessoais medram do mesmo chão que produz as “concepções de mundo” do cotidiano e que simultaneamente constitui o fundamento social das filosofias em moda amplamente difundidas.

E, segundo a temática desenvolvida nesta tese, a educação apresenta-se como um elemento de possibilidade de modificar e tornar o ser social em um ser que responde e que modifica o ambiente no qual vive, mediante um conhecimento teórico e prático. A educação dos jovens pressupõe atender aos objetivos de apreensão do conhecimento científico, filosófico. Nesse caso, torna-se fundamental

educar a sus jóvenes es probablemente la segunda tarea más importante de una sociedad, y ocupa el segundo puesto sólo con respecto al problema de organizarse para llevar a cabo actos colectivos. Una vez organizada, si la sociedad busca mantenerse, el joven debe ser moldeado para encajar en los roles para los cuales depende la supervivencia del conjunto social (COLEMAN, 2008, p. 109)¹¹.

A formação do homem para a individualidade consiste na multiplicidade de decisões que o ser singular da sociedade é induzido ou em alguns casos obrigado a tomar pela diferenciação interna da sociedade. A grande multiplicidade de reações, seu conteúdo, sua forma, etc. são sempre postos pelo desenvolvimento da sociedade,

[...] ser humano [...] é um ser que responde, seu papel nesse curso histórico consiste em dar às questões colocadas pela sociedade respostas tais que, em suas consequências, sejam capazes de estimular, inibir e modificar etc. as tendências de fato operantes (LUKÁCS, 2010, p. 92).

A individualidade socialmente determinada, que permite reagir

¹¹ Texto original escrito em 1961.

diante da cotidianidade, e as alternativas que ela apresenta, é caráter de todo o ser humano. “É em termos ontológicos objetivos, um produto do desenvolvimento milenar da sociedade para uma sociabilidade tendencialmente omnilateral” (LUKÁCS, 2010, p. 95).

Lukács (2010, p. 95-96) lembra que

o curso de vida de cada ser humano consiste numa cadeia de decisões, que não é uma sequência simples de diferentes decisões heterogêneas, mas se refere contínua e espontaneamente ao sujeito da decisão. As inter-relações desses componentes com o ser humano, como unidade, formam aquilo que costumamos chamar, na vida cotidiana, com razão, o caráter, a personalidade, do ser humano singular.

Qual conjunto de valores? Qual conteúdo de valores (positivos ou negativos) configura-se na vida diária sob a égide da sociabilidade capitalista? No entendimento de Lukács (2013), por um lado, a vida cotidiana, com seus complexos, pode dificultar a compreensão real dos fenômenos sociais; por outro lado, pode influenciar as objetivações mais elevadas no sentido social. Quanto mais a sociedade torna-se social, a vida privada (cotidiana) torna-se um complexo de decisões e alternativas, com conteúdo com peso social que pode resultar em escolhas bem-sucedidas ou frustrantes, que podem ser decisivas.

Nesse sentido, valor e valoração entram como momentos do ser. Conforme afirma Lukács (2010, p. 98), “o complexo de decisões do qual surge a individualidade humana como superação da mera singularidade, é momento real do processo em seu conjunto que valoriza e é valorado”. E o autor prossegue nesse pensamento, esclarecendo que

o homem singular que busca reproduzir a si mesmo socialmente pelas decisões alternativas de sua práxis precisa, na maioria esmagadora dos casos – não importa com quanto de consciência –, assumir posição sobre como imagina o presente e o futuro da sociedade na qual, mediado por tais decisões, ele se reproduz individualmente, como ele deseja enquanto ser, sobre qual direção do processo corresponde a suas ideias sobre o curso favorável de sua própria vida e da de seus semelhantes (LUKÁCS, 2010, p. 99).

Se não entendermos a imediatidade da vida dos indivíduos (vida cotidiana), em seu caráter ontológico, não o compreenderemos como individualidade, somente como produto de um desenvolvimento mecânico. “A individualidade pode expressar-se tomando posição contra ou a favor da sociedade existente [...] com o que estes podem significar tanto uma transformação paulatina e reformadora do presente quanto sua derrubada revolucionária” (LUKÁCS, 2010, p. 101). Em uma sociedade de classes, o comportamento do indivíduo é determinado por formas particulares.

Essa escala de conteúdos históricos tão ampla é um dos elementos mais importantes que, ou ajudam o ser humano singular a elevar suas decisões, em territórios e níveis tão heterogêneos para sua personalidade, a uma unidade subjetivo-dinâmica, ou levam ao fracasso interno nessa busca de unidade, que, naturalmente, pode ter como resultado um fracasso externo de toda conduta de vida (LUKÁCS, 2010, p. 101-102).

A que considerar que a individualidade humana é resultado de um longo processo de sociabilização da vida social do ser humano. “Mesmo o mais profundo sentimento interior só pode demonstrar sua autenticidade ao converter-se de algum modo em feitos, e estes só são possíveis na convivência com outros seres humanos (ou seja, socialmente)” (LUKÁCS, 2010, p. 106).

Sobre a juventude, é fundamental destacar que a apreensão e as explicações no que concerne às diferentes idades em determinada sociedade permitem uma compreensão do sistema social e também da personalidade individual de cada jovem. Quando a sociedade tem clareza sobre a questão da idade – e o que ela representa nesse momento da história –, significa que pode organizar distintos papéis aos seus membros. Para o indivíduo ter consciência de sua idade, necessita de um elemento importante que corresponda à integração com os demais por meio de sua influência. A sociedade permite, assim, o desenvolvimento de comportamentos que influem na personalidade de cada sujeito, consente que este faça parte da sociedade e reaja conforme sua personalidade em face das tarefas diárias dessa sociabilidade (EISENSTADT, 2008).

A idade e as diferenças de idade estão entre as características básicas da vida humana e determinam o destino do ser humano. Nas diferentes etapas e idades que o ser humano transita, utiliza esforços biológicos e intelectuais diferenciados. Salientamos que a questão de idade é histórica, corresponde ao campo de mediações de determinada época e sociedade, e de suas diferenças de classe.

En cada etapa, hace diferentes tareas y actúa diferentes roles en relación con otros miembros de la sociedad: de niño se convierte en padre; de alumno en maestro; de un joven vigoroso, gradualmente en un adulto de edad (EISENSTADT, 2008, p. 195).

Nessa direção, temos de ponderar que, sem mediações de um conhecimento científico elaborado, “o processo das distorções que a vida e o pensamento cotidianos realizam na verdadeira constituição do ser” (LUKÁCS, 2010, p. 130) apresentam-se numa multiplicidade de problemas. E, nesse norte, Lukács ressalta (2010, p. 132) que, durante muito tempo, existiram grandes obstáculos para a compreensão do ser na história, contribuindo, assim, para um conhecimento estático do ser, na mera aparência do fenômeno social, “apoiado por sua espontânea evidência”.

Assim sendo, compreende-se a urgência em mediar um debate que permita aprofundar a apreensão da dimensão da vida cotidiana, que consinta em possibilitar a concretização de ações e estratégias que cheguem ao âmago da questão acerca do ser humano na sociedade capitalista contemporânea. Qual o campo de possibilidades alternativas tem sido construído para se contrapor à sociabilidade capitalista que mantém em seus domínios o complexo ideológico social? Sociabilidade esta, que cria os produtos culturais, de bens de consumo com os quais os jovens convivem todos os dias em sua vida cotidiana e para além dela em questões sociais e políticas.

O campo de possibilidades está permeado pela política, economia neoliberal e pensamento pós-moderno, que tem sido responsável pela concretização de conteúdo e forma de como se deve portar o ser jovem na atualidade. Que tipo de vida cotidiana e que tipo de campo de possibilidades foram, ao longo da história, possíveis e que permitiram o desenvolvimento das capacidades e formação da personalidade do jovem é o que pretendemos mostrar ao dar continuidade neste estudo.

Consideraremos que a ideologia ocupa um lugar fundamental como função social, no direcionamento, no posicionamento político, científico, e tem um determinado posicionamento de classe, tratando-se de uma sociedade que se baseia na propriedade privada¹². Ideologia pode ser um meio de luta social; verdade ou falsidade, opiniões pessoais, hipóteses, entre outros, não podem constituir-se uma ideologia, mas podem vir a ser uma ideologia. Como bem explica Lukács (2013, p. 467), uma teoria social, critérios de verdade ou falsidade, hipótese,

podem se converter em ideologia só depois que tiverem se transformado em veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menos amplitude, determinantes dos destinos do mundo ou episódicos.

Sendo assim, há a necessidade de uma apreciação crítica do conhecimento científico que se pretende afirmar em determinada sociedade, como o coerente para direcionar e posicionar os indivíduos que compõem essa sociabilidade¹³. A teoria precisa ser crítica e manter-

¹² Um dos apontamentos a destacar é que, conforme Lukács (2013, p. 162), a ideologia só se torna possível quando o trabalho se torna social, com “o afastamento da barreira natural, como consequência da socialização cada vez mais resoluta e pura do ser social, expressa-se sobretudo no fato de que esse princípio originalmente biológico de diferenciação acolhe cada vez mais momentos do social e estes assumem um papel predominante nela, degradando os momentos biológicos à condição de momentos secundários”. E continua Lukács (2013, p. 84): [...] “o objeto desse pôr secundário do fim já não é mais algo puramente natural, mas a consciência de um grupo humano; o pôr do fim já não visa a transformar diretamente um objeto natural, mas, em vez disso, a fazer surgir um pôr teleológico que já está, porém, orientado a objetos naturais; da mesma maneira, os meios já não são intervenções imediatas sobre objetos naturais, mas pretendem provocar essas intervenções por parte de outros homens”.

¹³ Importante destacar que existe em andamento a pesquisa sobre “Ontologia crítica, vida cotidiana e as dimensões do conhecimento: primeiros apontamentos para discutir *o ser* da didática” (Torriglia, Patricia Laura e Feiten, Cisne Margareth, 2016), inserido ao Programa de Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica (GEPOC), denominado “*Formação Humana, Ontologia crítica e Educação*”, que engloba diferentes projetos de pesquisas como este estudo de tese doutoral, articulado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da

se a favor da vida, do conhecimento a respeito do gênero humano, não somente atender a interesses de determinados grupos, mas à formação da pessoa como aquela que tem

[...] igualmente um caráter duplo objetivo inseparavelmente unitário. Por um lado, a unidade social do homem, a sua existência como pessoa se evidencia no modo como ele reage às alternativas com que a vida o confronta; as ponderações que precedem essas decisões em seu íntimo nunca chegam a ser totalmente indiferentes para o quadro global dessa sua singularidade, mas, ainda assim, trata-se da cadeia vital de decisões alternativas, na qual se manifesta a verdadeira essência da singularidade social, a dimensão pessoa no homem. Por outro lado e simultaneamente, porém, todas as alternativas, pelas quais o homem toma suas decisões, são produtos do *hic et nunc* social, no qual ele tem de viver e atuar; mas essas perguntas, às quais ele responde em cada caso, não são só levantadas pelo meio ambiente social; cada uma dessas perguntas também tem sempre um campo de ação de possibilidade de respostas reais concretamente determinado em termos sociais. Portanto, o homem é pessoa ao fazer ele próprio a escolha entre essas possibilidades (LUKÁCS, 2013, p. 469-470).

Um dos problemas da sociabilidade capitalista é a utilização de certas teorias em favor da manipulação das informações, cria-se uma “falsa consciência” que impossibilita a classe trabalhadora de reconhecer sua condição de força de trabalho explorada pela burguesia, e essa é afirmada até mesmo por posicionamentos teóricos. E, assim, em nome da teoria, mudam-se complexos inteiros educacionais, jurídicos, ideológicos, a vida cotidiana, as formas de trabalho, as condições de trabalho. Transforma-se a vida de muitos indivíduos, o tempo, as exigências, etc. Essas modificações e transformações quase sempre ligadas a interesses de classe, de grupos, compõem o campo de

possibilidades, influenciando de forma direta as escolhas entre as alternativas com as quais o indivíduo depara-se a todo o momento.

A posição ocupada pelo indivíduo no capitalismo atualmente se defronta cada vez mais com o fator manipulação, que se tornou universal e defronta-se com a formação soberana de todas as coisas, e “todo homem se torna um nada incapaz de resistir à onipotência da manipulação” (LUKÁCS, 2013, p. 454). A onipotência abstrata e a impotência concreta do problema da manipulação torna-se um grande problema a ser investigado. Esse problema está, em certas circunstâncias, cada vez mais ligado com outro importante fator que corresponde às questões éticas e morais relativas à vida humana. Pretende-se dar sequência a este texto com o objetivo de contextualizar o que é ser jovem em alguns períodos históricos significativos, salientando o aspecto da relação entre a educação e o trabalho e as questões ideológicas.

2.2 SER JOVEM AO LONGO DOS TEMPOS

A finalidade desta seção é contextualizar a juventude e sua relação com a sociedade em que vive. Para concretizar tal análise, destacamos exclusivamente alguns períodos históricos. Realizamos uma revisão bibliográfica acerca de alguns pensadores que têm pesquisado e conceituado a respeito do tema da juventude. Posteriormente, realizamos uma análise sobre a vida do jovem e os impactos da configuração social capitalista na formação da personalidade desse sujeito durante a pré-revolução industrial.

Engels (2008), em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, relata como era a vida dos trabalhadores no início da Revolução Industrial, na Inglaterra. Mesmo sendo um texto datado historicamente, é possível perceber muitas características em comum do que presenciamos relativamente à questão da intensificação cada vez maior da exploração da força de trabalho, inclusive dos jovens, na sociedade contemporânea no século XXI.

A população dos jovens, em sua grande maioria, tem se dedicado basicamente a adaptar (vender) sua força de trabalho a determinada qualificação para atender às exigências de desenvolvimento das capacidades humanas para o processo produtivo burguês. Mesmo com conteúdos diferenciados de outras épocas, a forma capital permanece sendo a mesma, gerando cada vez mais o conflito social entre o

desenvolvimento das capacidades humanas e a conservação da personalidade particular dessa forma social de desenvolver a vida.

2.2.1 O que é ser jovem?

Neste item, interessa compreender a juventude na contemporaneidade com base no processo dos diferentes períodos históricos – conjuntura histórico-social – que foram decisivos para a humanidade. Sobre a gênese histórica do termo juventude, temos que

el término “juventud” apareció como una categoría emergente en la Gran Bretaña de la posguerra: una de las más apabullantes y visibles manifestaciones del cambio social en este periodo. El término “Juventud” permitió un enfoque para los reportes oficiales, legislaciones e intervenciones oficiales. Significó un problema para los guardianes Morales de la sociedad (algo que “tenemos que resolver”). Pero por encima de todo esto, la “juventud” jugó un papel importante, como piedra angular en la construcción de entendimiento, interpretación y una casi explicación acerca de ese periodo (CLARKE et al., 2008¹⁴, p. 271-272).

No trecho anterior, os autores destacam algumas definições sobre como compreendem o conceito de juventude. Dentre os temas que investigam, encontra-se a “cultura juvenil”; segundo eles, cultura é o nível em que diferentes grupos sociais desenvolvem seus distintos padrões de vida e dão forma e expressão à experiência de vida material e social. “La ‘cultura’ es la práctica que comprende y objetiva la vida del grupo de una forma significativa. ‘En tanto los individuos expresen su vida, eso serán’ (CLARKE et al., 2008, p. 273).

Nessa direção entende-se que cultura implica uma relação de classes que conflui na luta de classes,

sin embargo, ya que la naturaleza de esta lucha por la cultura no puede ser reducida a una simple oposición, es crucial reemplazar la noción de “cultura” [...] una redefinición que haga más

¹⁴ Texto original escrito em 1975.

claro el hecho de que la cultura siempre está en relación directa de dominación (y subordinación) con alguien más, por lo que de cierto modo, es una lucha con otro (CLARKE et al., 2008, p. 275).

A cultura se expressa e corresponde historicamente à forma como as relações sociais de determinado grupo estruturam-se e acontecem, isto é, o conteúdo de como se entendem as experiências e interpretações das formações desses grupos. O ser humano desenvolve-se por meio dos padrões sociais, culturais e históricos de cada sociedade.

Um das obras que trata dessa relação entre ser jovem e conjuntura histórico-social é a *História dos Jovens*, organizada em dois volumes, pelos historiadores Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (1996). Nessa obra, há textos que possibilitam compreender que ser jovem não é um conceito estático, mas que, conforme o contexto histórico-social, ser jovem está em constante movimento e altera-se de acordo com os interesses sociais e culturais de determinada época. Os autores afirmam que a juventude não pode ser enquadrada unicamente em um número, mas salientam que os jovens vivem em um constante movimento, e suas percepções de vida – ser jovem – modificam-se de acordo com os interesses sociais e culturais de determinada época. Nas palavras desses autores, o jovem

se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder. Nesse sentido, nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado. Essa “época da vida” não pode ser delimitada com clareza por quantificações demográficas nem por definições de tipo jurídico, e é por isso que nos parece substancialmente inútil tentar identificar e

estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 7-8).

Consideramos que, no decorrer do processo histórico, as sociedades assumiram configurações diversas, características que levaram a possibilidade de o ser humano desenvolver-se parcialmente, como também momentos de autodestruição. Lembramos que a juventude assume, assim, um caráter diverso, conforme a demanda da sociabilidade em que vive exige. Salientam Levi e Schmitt (1996, p. 9) que,

numa sociedade “fria” ou estruturalmente estática, determinados processos jurídicos e simbólicos tenderão a sublinhar predominantemente os elementos de continuidade e de reprodução dos papéis atribuídos à juventude. Por outro lado, uma sociedade “quente”, mais predisposta a reconhecer o valor da mudança, será levada a admitir com maior facilidade o caráter necessariamente conflitante da transição de uma idade para outra e da transmissão do conjunto de prescrições entre as gerações.

Seguindo o mesmo pensamento, Bourdieu (1983, p. 113) enfatiza, em uma entrevista,¹⁵ que, “[...] a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”, e as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1983, p. 113).

E continua o autor falando sobre como o sociólogo necessita compreender a “juventude”:

¹⁵ Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes ET Le premier emploi*, Paris, Association dès Ages, 1978.

O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias. É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades (BOURDIEU, 1983, p. 112).

Em determinadas circunstâncias históricas, a juventude assume certos aspectos e características que lhe são exigidas pela sociedade em que nasceu, e por serem históricas podem modificar-se. O que torna o sujeito apto a terminar em outra sociedade econômica, social e culturalmente diferente daquela em que nasceu. Segundo Heller (2008, p. 11), as ‘circunstâncias’ em que “os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas [...] a ‘circunstância’ é a unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento”, a juventude corresponde à fase em que determinadas “circunstâncias” permitem ou bloqueiam seu desenvolvimento psíquico-social. A juventude refere-se ao momento no qual a sociabilidade em que faz parte constrói valores a serem seguidos, independentemente se positivos ou negativos. Para entender o que significa o valor, explicitamos que, conforme Heller (2008, p. 15), um valor compreende

tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou indiretamente, para a explicação desse ser genético. [...] pode-se considerar valor tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daqueles componentes essenciais; e pode-se considerar desvalor tudo o que direta ou indiretamente rebaixe ou inverta o nível alcançado no desenvolvimento de um determinado componente essencial. O valor, portanto, é uma categoria ontológico-social; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural (apenas pressupostos ou condições, naturais) e sim objetividade social. É independente das avaliações dos indivíduos, mas não da atividade dos homens, pois é expressão e resultante de relações e situações sociais.

O valor, e em especial no caso da juventude, torna-se uma categoria fundamental, pois possibilita indagar qual a base geradora do quadro de valores em cada período histórico. O que é considerado um valor positivo ou negativo para o ser jovem na Grécia Antiga? Na Idade Média? No início da Revolução Industrial? Ou para os jovens no século XXI? De acordo com Levi e Schmitt (1996, p. 12),

a sociedade plasma uma imagem dos jovens, atribui-lhes caracteres e papéis, trata de impor-lhes regras e valores e constata com angústia os elementos de desagregação associados a esse período de mudança, os elementos de conflito e as resistências inseridos nos processos de integração e reprodução social.

Nesse sentido, é possível entender que, em cada época histórica com relação ao ser jovem, certas características sociais determinam e propiciam tendências de como se configura o caráter do ser jovem: “A juventude pode ser o momento das tentativas sem futuros, das possibilidades de alternâncias entre os êxitos e fracassos. Momentos de crises, individuais e coletivas, ‘não vamos encontrar sempre os jovens na linha de frente das revoltas e revoluções?’” (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 12). O entregar-se a uma “causa” torna proporções e conteúdos significativos na história; em certas épocas, concilia-se com as demandas econômicas, sociais e culturais, que favorecem o desenvolvimento do processo social ou, em outras épocas, que travam.

Na Grécia Antiga, o ser jovem que estava disposto a entregar-se a uma “causa”¹⁶ estava ligado diretamente com a formação humana ampla, que possibilitava ao jovem o fortalecimento entre as faixas etárias e classes, que poderiam contribuir para o desenvolvimento da cidade ou da sua destruição. A educação, desde a infância, contribui para tornar o jovem cidadão útil para escolher de forma ética e moral o melhor para sua *polis*. A base dessa formação, conforme destaca Schnapp (1996, p. 19), era a *paideia*:

¹⁶ Na entrega a uma “causa”, é precisamente esta que desempenha o papel determinante mais importante, mas, para ser corretamente entendida, ela jamais poderá ser concebida em termos apenas formais. O aspecto não formal externa-se nisto: “se e em que medida uma entrega é capaz de provocar a elevação do homem acima de sua particularidade e de inflamar uma paixão duradoura” (LUKÁCS, 2013, p. 783).

A coluna vertebral da vida em sociedade é a *paidéia*, a educação, a distinção que permite o acesso dos jovens a um saber partilhado sem o qual a cidade não poderia existir. [...] A *paidéia* não busca somente adaptar o cidadão à cidade. Ela deve contribuir para revelar qualidades humanas presentes em estado virtual em todos os futuros cidadãos, mas que precisam ser descobertas e desenvolvidas por meio de treinamentos específicos. A *paidéia* identifica-se com um comportamento global, com aptidões psicológicas e morais que não se limitam unicamente à aprendizagem de certo número de técnicas militares.

Em muitos momentos do processo histórico da humanidade, o indivíduo demonstra por meio de certas atividades qual papel social assume em determinada comunidade, nação, conforme o código de valores da sociedade. Em sociedades em que a atividade militar tinha relevância para a formação humana, o ser jovem que se doa à pátria tem certa honradez, o morrer pela nação “não é algo tão difícil de ser aceito e mesmo desejado, contanto que seja grandiosa e bela” (NIZIA, 1996, p. 164), sendo essa a característica do jovem que vivenciou o feudalismo durante o século XI e XII.

Para compreender esses momentos que perpassam o ser jovem no processo histórico da humanidade, e de acordo com Heller (2008, p. 17),

basta pensar nos valores morais mais arcaicos e, ao mesmo tempo, mais persistentes, como a honradez, a justiça, a valentia, para ter certeza de que tais valores foram sempre – como normas, usos ou ideias – meios de elevação da particularidade ao genericamente humano; as variações de seus conteúdos dependeram em grande medida do tipo de comunidade a que tinha de elevar-se o indivíduo a partir de sua particularidade.

Tudo depende do contexto social em que o jovem encontra-se inserido. Qual o conjunto de valores que essa sociedade preza: “o valor”¹⁷

¹⁷ Heller (2008) não se refere ao valor com base no trabalho abstrato.

se refere a tudo o que produz a explicitação da essência humana ou a condição para esta explicitação” (HELLER, 2008, p. 20). Nesse momento, consideramos por valores o desenvolvimento das forças produtivas e suas explicitações: o aumento da quantidade de valores de uso e, conseqüentemente, a diminuição do tempo socialmente necessário para a obtenção dos produtos imediatos para sobrevivência. Conforme Lukács (2013, p. 107),

[...] podemos considerar o valor de uso como uma forma objetiva de objetividade social. Sua socialidade está fundada no trabalho: a imensa maioria dos valores de uso surge a partir do trabalho, mediante a transformação dos objetos, das circunstâncias, da atividade etc. dos objetos naturais, e esse processo, enquanto afastamento das barreiras naturais, com o desenvolvimento do trabalho, com a sua socialização, se desdobra sempre mais, tanto em extensão como em profundidade.

O desenvolvimento das forças produtivas é a condição necessária para a explicitação universal da essência humana. Nenhum valor conquistado pela humanidade perde-se por completo, mas sempre ressurge e só pode sucumbir com a própria humanidade no transcórre de sua história.

Desse modo, como entender o papel da história para apreender o conhecimento a propósito do ser humano ao longo dos tempos no que concerne ao conjunto de valores que são elaborados em cada período histórico? A história como substância¹⁸ da humanidade considera que a sociedade é um complexo determinado, com um método de produção, que apresenta classes, camadas, formas mentais e alternativas determinadas. De acordo com Heller (2008, p. 26-27),

[...] os homens jamais escolhem valores, assim como jamais escolhem o bem ou a felicidade

¹⁸ “A substância é aquilo que, na contínua mudança das coisas, mudando ela mesma, pode conservar-se em sua continuidade. No entanto, esse dinâmico conservar-se não está necessariamente ligado a uma “eternidade”. As substâncias podem surgir e perecer, sem que com isso deixem de ser substâncias – desde que se mantenham dinamicamente durante o tempo da sua existência.” (LUKÁCS, 2013, p. 122).

escolhem sempre ideias concretas, finalidades concretas alternativas concretas. [...] seus juízos estão ligados à sua imagem de mundo.

O sentido da história corresponde ao estabelecimento de possibilidades do desenvolvimento dos valores, vinculando-se a base na possibilidade do homem em produzir sua própria essência, elevando-se acima da mera vida animal.

Voltando ao tema da obrigação do valor moral, entendemos que, nos diferentes momentos da história, ela demonstra a importância do compromisso pessoal, da individualidade e das consequências na escolha entre uma determinada alternativa, que pode resultar para além de sua mera vida cotidiana. Quando essa decisão está mais perto do certo, o motivo moral manifesta-se, representando valores universais. O caminho desse comportamento é a decisão, a concentração de todas as forças na execução da escolha e a vinculação consciente com a situação presenciada e a clareza de suas consequências (HELLER, 2008).

No que tange às alternativas, Lukács (2013, p. 123) esclarece que

[...] são fundamentos insuprimíveis do tipo de práxis humano-social e somente de modo abstrato, nunca realmente, podem ser separadas da decisão individual. No entanto, o significado de tal resolução de alternativas para o ser social depende do valor, ou melhor, do complexo respectivo das possibilidades reais de reagir praticamente ante a problematidade de um *hic et nunc* histórico-social.

Em relação às escolhas e o ser jovem, segundo Pastoureau (1996), no contexto medieval, por exemplo, o jovem, em sua grande maioria, era percebido como não pronto para fazer escolhas, conforme aquele momento histórico considerava como “correto” de acordo com seu conjunto de valores morais. O autor contextualiza o entregar-se a uma “causa” no medievo como correspondente à rebeldia, mesmo que, em alguns casos isolados, essa atitude se relacionasse à possibilidade de contribuir de forma significativa tanto para si como para todo o grupo. Estudando a iconografia da época e os escritos sobre jovem, o autor destaca que

a iconografia medieval não só mostra pouco o que é um corpo jovem, como raramente ilustra a

função ativa da juventude no seio da sociedade. Quase sempre confere a ela um papel passivo, representando-a de maneira estereotipada, estática, pouco diversificada. Já o mesmo não se dá com o discurso dos textos, por mais repetitivo e tóxico que seja. Em geral, a juventude é mostrada aí como turbulenta, ruidosa, perigosa. Faz desordens, não respeita nada, transgride a ordem social e a ordem moral. Os jovens desprezam os valores estabelecidos e as pessoas idosas, consideradas “caquéticas”. São insolentes e briguentos, creem saber tudo, entregam-se as loucuras de todo tipo, gastam irrefletidamente, vivem na luxúria e no pecado. É preciso dar-lhes lições, cortar seu orgulho, orientar seus corpos para exercícios úteis, ensinar-lhes a desprezar a vida e, sobretudo, casá-los jovens para evitar a fornicção e o adultério (PASTOUREAU, 1996, p. 259).

No entendimento do autor, nessa contextualização, entende-se o jovem do medievo como aquele que não se acha com condições necessárias para realizar escolhas. Heller (2008, p. 109) colabora com esse pensamento afirmando que

[...] uma comunidade cujo conteúdo axiológico seja basicamente negativo jamais desenvolverá a individualidade, visto que tampouco desenvolve o valor no indivíduo, nem mesmo quando esse se sente bem em tal comunidade, quando acredita ter encontrado nela o espaço adequado para a explicitação de suas capacidades. Quando muito, o que se pode configurar numa comunidade de conteúdo axiológico negativo é a particularidade pessoal, não a capacidade de tornar-se autêntico indivíduo.

Quando a sociabilidade na qual o indivíduo está inserido compromete o desenvolvimento de conteúdo axiológico positivo, as relações sociais podem estar comprometidas e obstaculizadas. Um dos posicionamentos a se tomar é encontrar meios para mudar tal situação de forma significativa. Entende-se por forma significativa ou valor positivo as relações, os produtos, as ações e as ideias sociais que

permitem ao ser humano o pleno desenvolvimento das possibilidades de objetivação para organizar universalmente sua liberdade social, que possibilita ao homem tornar-se

indivíduo na medida em que produz uma síntese em seu eu, em que transforma conscientemente os objetivos e aspirações sociais em objetivos e aspirações particulares de si mesmo e em que, desse modo, “socializa” sua particularidade (HELLER, 2008, p. 108).

A liberdade social de socializar a particularidade encontra-se cada vez mais comprometida e constitui-se conforme o contexto histórico de determinada época. E em sua grande maioria o entregar-se a uma “causa” corresponde a buscar meios de atender aos interesses individuais e não a resistência às condições sociais de uma forma a abarcar os interesses da coletividade.

Até aqui exemplificamos a realidade social do jovem nas sociedades antigas e feudal. Entendemos que a sociedade industrial assume outros desdobramentos, em que configura a vida do jovem para atender às “causas” concretizadas pela necessidade da venda da força de trabalho para garantir a sobrevivência de si próprio, como também auxiliar nas necessidades de toda a família. Na continuidade deste estudo, na próxima seção, apresentamos uma abordagem de como se constitui a vida do jovem nos primórdios da Revolução Industrial.

2.2.2 A vida do jovem diante da pré-revolução industrial

Na Idade Moderna, é perceptível a ideia de que o ser jovem está para além do tempo presente. A esperança traria no futuro melhores condições de vida, trabalhar e aprender possibilitaria ao jovem o futuro de um adulto com autonomia perante os seus familiares. A vida que, em outros tempos, se dirigia com ações em que atitudes e as escolhas do indivíduo transcorriam conforme os anseios de toda a comunidade modifica-se com a era moderna e, consecutivamente, com a revolução industrial, as ações e escolhas limitam-se na própria vida familiar do jovem e em suas expectativas individuais de sucesso.

E só nas camadas letradas que iremos encontrar já formado o embrião da idéia – moderna – da juventude enquanto moratória, isto é, a de uma

economia de vida baseada em uma renúncia temporária na esperança de uma carreira futura e de melhores oportunidades financeiras, idéia que encontra seu fundamento social num período de “formação” que dura muitos anos, em grande parte livre da necessidade de se manter e que hoje já se tornou demasiado habitual (SCHINDLER, 1996, p. 271).

Na juventude, internaliza-se uma grande quantidade de características que devem possibilitar uma vida adulta estável, mesmo que as condições sociais da sociedade industrial não sejam as mesmas para todos. Com a Revolução Industrial, a relação trabalho e capital instruem a vida do ser humano, desde a infância até a velhice. São idealizados desejos e propósitos como se todos os jovens, independentemente da classe social de que fazem parte, pudessem concretizar de igual modo.

O presente é negado em prol de um futuro distante que nem sempre atende aos propósitos almejados pelo ser jovem, que chega à vida adulta sem muitas expectativas e, na velhice, depara-se com os sonhos frustrados. Em tal sociedade industrial, cada jovem sai do ponto de partida com seu conteúdo de vida, que difere entre si, uns carregados pela frustração de uma educação que não oferece uma formação ampla, outros com o desespero do desemprego, da ausência de moradia, da carência de atendimento à saúde, à arte e à vida humana, entre outros aspectos.

Em alguns casos, entregar-se à luta por uma “causa” é lutar pela pátria, o abrir mão da família, da vida para defender o direito da propriedade privada dos grandes impérios; foi durante as guerras que muitos jovens foram submetidos pelo lema: “amor à pátria e morrer pela nação”.

Não é casual, portanto, que a imagem do serviço militar como rito de passagem para a idade adulta ganhasse terreno sobretudo no âmbito escolar, como elemento da ideologia nacionalista. Os manuais escolares alemães, que evocavam continuamente 1813, ano da grande insurreição contra Napoleão, ou os franceses, em que a retórica da guerra fora exasperada pela perda da Alsácia-Lorena e pela crise de 1870-1, dirigiam-se aos estudantes enquanto “futuros soldados”:

“entende, meu filho, serás tu a cicatrizar as feridas [da nação]”, lia-se numa ilustração de Cham (LORIGA, 1996, p. 36).

Ao jovem, cabe entregar-se à “causa” na luta pela nação, e esse papel social perpassa todos os momentos históricos da humanidade; no entanto, acirra-se com o passar dos tempos e das tendências do sistema baseado na relação trabalho e capital. Ou assumindo a luta pela nação; como exemplo, citam-se as grandes guerras, ou ainda a luta pelos direitos humanos, visíveis nas décadas de 1960 a 1980. Conforme Heller (2008, p. 116),

o homem jamais se enfrenta com usos isolados; ele os “apreende” numa totalidade relativa como sistema, como estrutura. O caráter estruturado do uso, a presença simultânea de várias reações consuetudinárias (sistema tanto mais complexo quanto mais desenvolvida é a sociedade), é um dos pressupostos da função “papel”. A sociedade não poderia funcionar se não contasse com sistemas consuetudinários de certo modo estereotipados.

No contexto da configuração da sociedade industrial, o ser jovem é inserido em um ambiente de trabalho, sua vida passa a ser subsumida ao trabalho. A reprodução do ser humano integra-se à reprodução do capital, e cabe ao jovem da classe trabalhadora o trabalho, a disciplina, a obediência, o tempo na indústria e as altas jornadas de trabalho. O ser jovem passa a constituir mais um dos membros da família que contribui com o sustento do lar. No início da Revolução Industrial, a vida familiar estava concentrada no trabalho, e as condições de trabalho eram degradantes ao ser humano. Nas palavras de Perrot (1996, p. 84),

o precoce encaminhamento ao trabalho absorve suas energias sem lhes dar os direitos dos adultos. Sua situação de aprendizes não é um estatuto, a despeito dos esforços persistentes dos ofícios e do *compagnonnage* para preservá-lo. [...] A família é, mais que nunca, a instância de gestão e de decisão no que concerne aos jovens. Ora, ela tem sua lógica própria que não é necessariamente a dos membros que a compõem; uma lógica mais holista que individualista, que privilegia o todo

sobre as partes e se aplica especialmente às mulheres e aos jovens, lógica que a classe operária, em via de constituição, irá retomar. Sua identidade não se funda nem sobre o gênero, nem sobre a categoria de idade; ao contrário, ela pretende subsumi-los. A família – e a classe – operária tem necessidade de seus jovens, mas lhes pede trabalho, obediência e, em última instância, silêncio. Eles se exprimem pouco, e, quando o fazem, sua voz é reprimida.

É possível compreender que a família passa por modificações. De acordo com Engels¹⁹ (2008, p. 46), que escreve sobre a vida do trabalhador e sua família antes da Revolução Industrial, o corpo e a sensibilidade estavam sob outras condições desiguais, mas que

ganhavam para cobrir suas necessidades e dispunham de tempo para um trabalho sadio em seu jardim ou em seu campo, trabalho que para eles era uma forma de descanso; e podiam, ainda, participar com seus vizinhos de passatempos e distrações.

Continua Engels (2008, p. 47) explicitando o caráter dos pais de família:

Tinham os filhos em casa durante todo o tempo e inculcavam-lhes a obediência e o temor a Deus; essas relações patriarcais subsistiam até o casamento dos filhos – os jovens cresciam com seus amigos de infância em idílica intimidade e simplicidade até que se casassem, e mesmo que as relações sexuais antes do matrimônio ocorressem comumente, só eram legitimadas quando reconhecidas pelas duas partes e quando as subsequentes núpcias punham as coisas em seu lugar. [...] a revolução industrial apenas levou tudo isso às suas consequências extremas, completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma

¹⁹ Texto *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, escrito por Friedrich Engels, em 1845.

– mas, precisamente por isso, incitando-os a pensar e a exigir uma condição humana.

Mesmo que já se vivessem em condições desumanas, a Revolução Industrial inaugura um momento de intensificação dessa, com a inserção de máquinas na produção; o tempo passa a ser manipulado e cabe ao trabalhador inserir-se no processo produtivo, tanto o corpo quanto sua sensibilidade passam a serem alvos da grande revolução, que modifica por completo a vida humana. Ao retratar a situação da relação entre os proletários e os burgueses, Engels (2008) salienta que muitos burgueses reconheciam que a indústria traz consequências funestas sobre o corpo e o espírito do trabalhador, mas, se esses escritores burgueses fossem muito claros sobre o que pensavam, poderiam colocar em risco a própria burguesia e sua perpetuação.

As lutas por melhores condições de trabalho e de vida são mais do que debatidas e exigidas pela classe trabalhadora, que, devido às contradições existentes entre trabalho e capital, em alguns momentos vê, na classe industrial inglesa, a responsabilidade por essa miséria. No entanto, sempre mais se veem os proletários em uma multidão, presos em grandes cidades, vivendo enclausurados em suas individualidades proletárias. Como explica e questiona Engels (2008, p. 68),

até mesmo a multidão que se movimenta pelas ruas tem qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão todos eles seres humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo de serem felizes? E não deverão todos eles, enfim, procurar a felicidade pelos mesmos caminhos e com os mesmos meios? Entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum, como se nada tivessem a realizar uma com a outra e entre elas só existe o tácito acordo pelo qual cada uma só utiliza uma parte do passeio para que as duas correntes da multidão que caminham em direções opostas não impeçam seu movimento mútuo – e ninguém pensa em conceder ao outro sequer um olhar.

Se não fosse a data, o texto de Engels (1845) seria para a geração atual, ou seja, da contemporaneidade do século XXI que vivemos; porém, o autor demonstra na escrita a situação do trabalhador na Inglaterra. Considerando que o capitalismo, no decorrer dos tempos, só se aperfeiçoou e ampliou seus domínios, esse e tantos relatos de Engels do proletário inglês que vive na pré-revolução industrial tornam-se atuais. O autor prossegue destacando que a vida do trabalhador era curta, e a mudança repentina nas condições de vida traz mudanças significativas ao ser humano. No que corresponde o ser jovem e ser família na configuração da sociedade sob a perspectiva industrial, a ordem social torna quase impossível à vida familiar:

Não é possível a vida em família numa casa inabitável, suja, inapropriada até como abrigo noturno, mal mobiliada, raramente aquecida, onde a chuva penetra com frequência, como cômodos cheios de gente e imersos numa atmosfera sufocante. O homem trabalha todo dia, assim como a mulher e talvez os filhos mais velhos, todos em lugares diferentes e só se veem à noite – e, ademais, há a tentação da bebida. Como pode, nessas circunstâncias, haver vida familiar? E, no entanto, o operário tem de viver em família, não pode escapar a ela e essa necessidade traz consigo desacordos e brigas que afetam de modo moralmente negativo os cônjuges e, pior, os filhos. [...] E quem pode esperar que crianças e jovens que crescem como selvagens, em meios degradados e com pais muitas vezes também eles degradados, quem pode esperar que se tornem adultos moralmente bem formados? De fato, as exigências que o burguês, do alto de sua olímpica auto-satisfação, faz ao operário são demasiado ingênuas (ENGELS, 2008, p. 167).

E, assim, o jovem e toda a classe trabalhadora, nas condições sociais da sociabilidade capitalista, desde os primórdios, sofrem por causa da predominância de aparatos que correspondem com a intensificação cada vez maior da exploração da força de trabalho. Nessa sociabilidade, o entregar-se a uma “causa”, quando não mobiliza o ser jovem para a construção de ações e estratégias revolucionárias, mobiliza-o para a luta da sobrevivência, que, no início da Revolução Industrial na Inglaterra, nem a garantia de atender às necessidades

básicas o trabalhador jovem possuía. De acordo com Engels (2008, p. 144), os trabalhadores:

Quase todos têm problemas gástricos, quase todos são mais ou menos hipocondríacos e seu humor é melancólico e irritadiço. Seu organismo debilitado tem poucas chances de resistir às doenças, que os vitimam com frequência – por isso, envelhecem prematuramente e morrem jovens.

Nesse processo de envelhecimento, Engels (2008, p. 158) se pergunta:

Quais sentimentos e quais capacidades humanas pode conservar à altura dos trinta anos aquele que desde jovem trabalhou doze ou mais horas por dia, fabricando cabeças de pregos ou limando rodas dentadas e vivendo nas condições de um proletário inglês?

E essa complexidade que envolve as problemáticas sociais causadas pela lógica capitalista, ser criança, ser jovem, ser adulto ou ser velho é ser força de trabalho, apta para atender aos objetivos de produção. Portanto, as fragilidades da sociedade capitalista abrem lacunas para o surgimento de questionamentos acerca dessas condições, permitindo abrir caminhos,

para a formação de concepções próprias dos operários e adequadas à sua posição no mundo; eles começam a dar-se conta de que são oprimidos e adquirem importância política e social (ENGELS, 2008, p. 160).

Os esclarecidos relatos de Engels (2008) remetem-nos para o início da Revolução Industrial, em que o capital impõe de forma direta e violenta seus tentáculos sobre a vida humana. A busca por maior valorização de capital, sustentação, perpetuação de seu sistema em todo o globo é motivo de aumentar a velocidade da máquina, a jornada de trabalho, sem considerar as condições espirituais e físicas desses jovens. Inicia-se, assim, um processo que, para a alegria de acumular lucros para poucos, custa a brutalidade e opressão para a vida de muitos

trabalhadores sem propriedade, sem meios para conquistar sua sobrevivência.

No decorrer do contexto histórico da sociabilidade capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas modifica-se, os avanços tecnológicos permitem a modificação nas capacidades humanas, de um lado a indústria oprime por meio da intensificação da exploração da força de trabalho, de outro intensifica essa exploração, mediante o uso da tecnologia nas empresas de serviços. A industrialização alastra-se por todo o mundo como previsto, regiões mais afastadas dos grandes centros sofrem com seus impactos.

Os jovens recebem – entendendo o desenvolvimento combinado e desigual do capital – conteúdos diversos: desde aquele que possibilita desenvolver capacidades que permitem descobertas cada vez mais avançadas para a grande indústria, até aqueles que são explorados nos meios rurais na busca de matérias-primas para alimentar essa grande indústria. Mas, podemos pensar que, diante dessa situação, a classe trabalhadora e os jovens não se silenciam e, ao longo da história, muitas manifestações e revoluções aconteceram em todo o mundo.

De acordo com Lukács (2013, p. 817),

bem indicativas dessa situação são as revoltas estudantis, que – paralelamente aos acontecimentos políticos descritos – cresceram a ponto de se tornarem um movimento internacional de massas. [...] deve estar claro para cada observador mais ou menos imparcial que seu ponto de partida original foi o desconforto espiritual-moral da juventude com a divisão do trabalho manipulado do saber, cuja consequência seria a sua educação para um “idiotismo especializado”.

Lukács (2013) com razão afirma que a educação desses jovens resultou em um “idiotismo especializado”. De um lado, esse pensamento, descrito por Lukács em um período da década de 1970, ainda é muito presente na história, em que muitos jovens têm intenção em modificar a sua condição de “tédio” causada pela própria organização da sociabilidade capitalista; no entanto, o que se percebe é que, em sua grande maioria, as lutas mobilizadas pelos jovens nem sempre têm um foco, ou ações e estratégias muito claras. Por outro lado, Lukács (2013) destaca o ser jovem que se entrega á “causa” de cunho

social, isso é perceptível na juventude entusiasta, dos movimentos jovens frequentes que acentuam a própria juventude como valor central.

Por conseguinte, é central a necessidade de dar continuidade a esse estudo que considera a realidade social concreta, porque ainda vivemos na base social capitalista. A compreensão do processo-histórico nos permite perceber as modificações e impactos na vida do jovem trabalhador de acordo com os objetivos da sociedade do capital. Porém, necessitamos encontrar subsídios que possibilitem elaborar ações que permitam compreender de forma crítica a relação trabalho e capital, como propostas para a transformação social.

No transcurso do processo histórico, o conteúdo da sociabilidade para o ser jovem está quase sempre ligado ao desenvolvimento do processo produtivo de capital. Nesse caso, conhecer a história que o constitui como vendedor de força de trabalho, as políticas governamentais que sustentam a exploração, torna-se, cada vez mais, essencial. Essa contextualização histórica permite-nos compreender que, em cada período histórico, o ser jovem está movido por alguma alternativa construída socialmente, que a sociedade na qual vive coloca diante de sua vida e possibilita realizar as escolhas de cada dia.

Assim sendo, percebe-se que, com a Revolução Industrial, se promove o afastamento do jovem dos interesses que resultem em grandes realizações que correspondem a atender a uma grande “causa” para além da vida familiar. Embora muitas lutas concretizem-se nesse período, a transformação radical do capital não aconteceu, e as lutas permaneceram no entorno das condições de trabalho e sobrevivência do trabalhador. Mesmo que os jovens tenham a intensão de promover lutas para transformar a realidade em que estão inseridos, as façanhas do capital priorizam o desenvolvimento das capacidades humanas para atender ao processo produtivo que gera a valorização do capital. A personalidade humana desenvolve-se para atender à vida de trabalhador nas condições burguesas de produção.

É necessário desenvolver um conhecimento com conteúdo histórico-social que possibilite ao ser humano compreender a conjuntura atual como insustentável. É diante das análises que é possível compreender que a sociedade é baseada em incongruências e limitações à vida humana. Compreender como se encontra atualmente o sistema do capital pode gerar atitudes para além dessa sociedade.

Para tanto, no próximo capítulo, buscaremos elaborar uma análise reflexiva a respeito do jovem na sociedade capitalista do século XXI. Trataremos de significar o contexto e de que forma são travadas as lutas entre a consciência individual e as contradições sociais. Interessa

conhecer como se encontram os processos de educação e de que forma o jovem pode exercer alguma atitude de transformação social já que vive em uma sociedade que possui objetivos pontuais e bem delimitados, que visa ao lucro.

Consideraremos, no próximo capítulo, a análise de conjuntura do capitalismo contemporâneo e suas articulações nas modificações das economias locais; no caso desta tese, analisaremos as modificações no processo produtivo de maçã e sua influência na vida do jovem trabalhador de Fraiburgo. Trataremos de compreender como se encontra a conjuntura econômica e social dessa região e de que forma os processos de educação e de trabalho contribuem na vida cotidiana desses jovens.

CAPÍTULO III – CAPITALISMO E A LUTA TRABALHADORES

Neste capítulo, pretendemos abordar primeiramente em uma análise teórica a sociedade na forma capital; apresentaremos algumas compreensões de como Marx e alguns teóricos marxistas, Lukács, Postone, Harvey, entre outros, têm considerado o momento histórico do capitalismo contemporâneo – século XXI. As principais categorias analisadas são trabalho na forma capital, a força de trabalho como mercadoria, a compreensão sobre classes – a trabalhadora e a capitalista –, e a relação entre a vida do trabalhador e o fenômeno histórico-social do estranhamento.

Posteriormente, traçamos a relação entre a concepção teórica e a realidade da conjuntura histórico-social do município de Fraiburgo e apresentamos alguns dados a respeito da situação econômica da região e suas modificações ao longo dos tempos. Como as modificações econômicas nessa região têm afetado a vida dos trabalhadores é um dos temas relevantes da discussão, principalmente no que tange à questão dos processos de educação e às alternativas de venda da força de trabalho. Salientamos que, ao estudar a realidade de Fraiburgo, é possível compreender como se configura a realidade social capitalista em sua totalidade social, pois procuramos basear-nos em elementos gerais da sociedade nesta tese para explicitar a especificidade dessa cidade.

E, por fim, expomos a situação da vida do trabalhador diante das transformações econômicas da região; como a intensificação da exploração da força de trabalho tem acirrado os aspectos do fenômeno histórico-social do estranhamento em detrimento ao ser humano. E, assim, também procuramos apontar as características das qualificações de força de trabalho que permanecem atreladas à concepção de atender a um mercado cada vez mais globalizado, que corresponde, em sua grande maioria, à lucratividade do capitalista.

3.1 UMA COMPREENSÃO ANALÍTICA SOBRE A VIDA DO TRABALHADOR SOB A ÉGIDE DO CAPITAL

Iniciamos este capítulo explicitando que o capital é um sistema que se modifica e transforma-se conforme suas finalidades. No sistema capitalista, o que outrora era a alavanca do crescimento econômico, de forma repentina, pode tornar-se obsoleto. Os processos produtivos

alteram-se rapidamente, modificando a vida de milhares de trabalhadores em pouco tempo.

De acordo com Marx apud Tumolo (2005, p. 242),

num primeiro exercício analítico percebe-se que o trabalho concreto (valor de uso) está subsumido pelo trabalho abstrato (valor), em razão de que o capitalismo é uma sociedade essencialmente mercantil, cujo objetivo não é a produção de valores de uso para a satisfação das necessidades humanas, do estômago à fantasia. [...] O desenvolvimento da força produtiva do trabalho, que é uma tendência inelutável do capital, agudiza tal contradição.

As necessidades básicas de sobrevivência são diferentes das necessidades humanas para viver. O que permanece nessa sociabilidade é o mercado, como *locus* social onde se estabelece a verdadeira guerra entre vendedores e compradores. Assim, evidencia-se um dos problemas fundamentais do capital que é a circulação dos meios de subsistência e de produção que são privados. Para o trabalhador, o que prevalece é a venda da força de trabalho para atender às necessidades básicas de sobrevivência.

A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias – comércio – são os pressupostos históricos sob os quais ele surge (MARX, 1983). E o dinheiro apresenta-se como produto último da circulação de mercadorias, aparentemente. O problema para o trabalhador e sua família é que cada vez mais se torna difícil a aquisição do dinheiro pela venda da força de trabalho, e a circulação de mercadorias, por ser privada, é restrita aos que têm dinheiro. Sendo assim, o trabalhador encontra-se em desvantagem, pois só possui o necessário para atender a suas necessidades básicas, mesmo que o século XXI seja marcado pela propaganda e manipulação da técnica e consumismo.

A vantagem e a circulação de mercadorias concentram-se nas mãos daqueles que têm o controle do mercado e suas parafernálias, a classe capitalista, Marx (1983, p. 125) afirma que

cada novo capital pisa em primeira instância o palco, isto é, o mercado, mercado de mercadorias, mercado de trabalho ou mercado de dinheiro,

sempre ainda como dinheiro, dinheiro que deve transformar-se em capital por meio de determinados processos.

E Marx continua (1983, p. 131) mostrando que, nesse círculo vicioso da forma social do capital, a força de trabalho, acima de qualquer outra mercadoria, é a fonte de toda valorização do capital, “a forma de circulação, pela qual o dinheiro se revela como capital, contradiz todas as leis anteriormente desenvolvidas sobre a natureza da mercadoria, do valor, do dinheiro e da própria circulação”. O que o capitalista necessita não é somente o dinheiro, mas uma mercadoria cujo valor de uso pode ser fonte de valor e, assim, a força de trabalho mostra-se com todas essas características. Conforme Marx (1983, p. 139), esses aspectos são evidenciados da seguinte forma: o trabalhador

e o possuidor de dinheiro se encontram no mercado e entram em relação um com o outro como possuidores de mercadorias iguais por origem, só se diferenciando por um ser comprador e o outro, vendedor, sendo portanto ambos pessoas juridicamente iguais.

Enquanto existir a sociabilidade capitalista, esta mercadoria, a força de trabalho, será o foco do detentor de dinheiro, como também do trabalhador, que é o possuidor dessa força de trabalho. E, assim, a vida do trabalhador torna-se dependente do capitalista em todos os sentidos. O que é ser trabalhador nas condições do capital sem possuir trabalho? Sem poder vender a força de trabalho? Que alternativas encontram os trabalhadores diante da falência do processo produtivo que lhes permitiu a sobrevivência por anos, em uma sociedade que só sobrevive quem vende a força de trabalho?

E Marx (1983) esclarece que o valor da força de trabalho, como qualquer outra mercadoria, corresponde ao tempo de trabalho necessário para sua produção e também sua reprodução. É por meio da força de trabalho e somente por ela que o capital pode se expandir, pois produz mercadorias e mais valor.

Na sociabilidade capitalista, o processo de trabalho, que corresponde à produção de valor para além de seu valor, a transferência de valor para a mercadoria e a produção de valor de uso só são possíveis pelo valor da força de trabalho. E assim o valor da força de trabalho

necessariamente desemboca na valorização do capital. Marx (1983, p. 160-161) explica como esse movimento acontece:

O capitalista, ao transformar dinheiro em mercadorias, que servem de matérias constituintes de um novo produto ou de fatores do processo de trabalho, ao incorporar força de trabalho viva à sua objetividade morta, transforma valor, trabalho passado, objetivado, morto em capital, em valor que se valoriza a si mesmo, um monstro animado que começa a “trabalhar” como se tivesse amor no corpo.

Dessa forma, processo de produção de valor corresponde a processo de produção de mercadorias; processo de produção capitalista é inerente ao processo de trabalho, o que garante a vida do capital é a força de trabalho de forma incondicional (MARX, 1983). É interessante compreendermos essa apreensão para, posteriormente, articular com nosso objeto de pesquisa e entender a relação entre o jovem trabalhador e as mudanças no processo econômico realizado pelo capital. Mesmo sabendo que a força de trabalho é a base desse processo produtivo, perguntamos por que determinados processos produtivos quando se encontram em crise descartam-na como não fosse essencial? Trabalhadores necessitam ir para outra região, enfrentar novos costumes, profissionalizar-se em muitos campos de conhecimentos, para estarem aptos a mudar quando as forças do mercado necessitam.

O trabalhador precisa de trabalho para garantir sua sobrevivência, trabalho entendido como aquele que agrega valor, não por seu tipo, mas porque é trabalho abstrato, social geral, porque dura um tempo determinado. A parte do capital, convertida em meios de trabalho, objeto de trabalho e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção. É a parte do capital convertida em força de trabalho que muda o valor do capital no processo de produção (MARX, 1983).

O que interessa na relação social capitalista é a taxa de valorização do capital que provém do tempo que o trabalhador trabalha além daquele necessário para pagar o valor de sua própria força de trabalho e meios de produção. No início da industrialização, esse processo dava-se de forma mais direta por intermédio da mais-valia absoluta, aumento do tempo da jornada de trabalho, apressamento do funcionamento das máquinas, emprego da força de trabalho infantil e

feminina, etc. E, aos poucos, a mais-valia absoluta passa a ser complementada pela mais-valia relativa, em que assume aspectos envoltos na manipulação – da técnica – dos avanços tecnológicos. No entanto, a luta da classe trabalhadora em meio às dificuldades da vida era perceptível. Marx (1983, p. 190) esclarece que

[...] a regulamentação da jornada de trabalho apresenta-se na história da produção capitalista como uma luta ao redor dos limites da jornada de trabalho – uma luta entre o capitalista coletivo, isto é, a classe capitalista, e o trabalhador coletivo, ou a classe trabalhadora.

“O trabalhador não é aqui mais que tempo de trabalho personificado”, o processo de industrialização inaugura uma nova concepção de vida, o tempo e o espaço passam a ser organizados para disciplinar o trabalhador aos movimentos rotineiros na indústria; mesmo a vida no cotidiano de cada trabalhador é pensada para atender à finalidade do processo produtivo capitalista (MARX, 1983, p. 196). E quando responde ao próprio questionamento: “Que é a jornada de trabalho?”, Marx (1983, p. 211) salienta que se entende

por si, desde logo, que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à auto valorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo – e mesmo no país do sábado santificado – pura futilidade! Mas em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por mais-trabalho, o capital atropela não apenas os limites máximos morais, mas também os puramente físicos da jornada de trabalho. Usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo.

Enquanto a configuração da sociabilidade for baseada na capitalista, esses e tantos outros aspectos serão presentes em nossas análises da realidade social que vivenciamos, tão atual como na época,

metade do século XIV ao fim do XVII, em que Marx escreveu. A situação do trabalhador modificou-se, porém a intensificação da exploração da força de trabalho se faz presente na sociedade do século XXI.

O processo produtivo capitalista aniquila e até mesmo elimina, com as mais temíveis estratégias, a própria força de trabalho, prolonga o tempo de produção e encurta o tempo de vida do trabalhador, tanto física quanto sentimental. O valor da força de trabalho corresponde ao valor das mercadorias necessárias para a produção e reprodução do trabalhador, e também sua propagação como classe trabalhadora. Na medida dos desgastes, mortes e doenças que afetam o trabalhador, é necessária sua substituição. Distinto de outros sistemas de produção anteriores,

o capital evolui, além disso, para uma relação coercitiva que obriga a classe trabalhadora a executar mais trabalho do que exigia o estreito círculo de suas próprias necessidades vitais. E como produtor de laboriosidade alheia, extrator de mais-trabalho e explorador da força de trabalho, o capital supera em energia, exorbitamento e eficácia todos os sistemas de produção anteriores baseados em trabalho forçado direto (MARX, 1983, p. 244).

E, assim, entendemos que, em Marx (1983, p. 244), “o processo vital do capital consiste apenas em seu movimento como valor que valoriza a si mesmo”. Para que isso se concretize, potencializa-se e diminuiu o tempo de trabalho desnecessário com a produção de mercadorias. Outro aspecto é a redução do tempo de trabalho necessário para a subsistência do trabalhador, a redução do valor das mercadorias consumidas por esse sujeito.

Ao longo dos tempos históricos, aconteceram importantes alterações no processo de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, que colaboram com o processo de valorização do capital e aniquilamento da vida dos trabalhadores. Marx destaca três aspectos fundamentais: as novas formas de potencialização do trabalho, produção de conhecimentos e a incorporação de novas técnicas no processo de trabalho. Sendo assim, a produção de conhecimento científico permite alterações na produção, no objeto de trabalho e, por conseguinte, na qualificação da força de trabalho e na universalização do conhecimento das forças produtivas com menor dispêndio de tempo de trabalho,

gerando lucros significativos para o capitalista são os temas que serão tratados na próxima seção.

3.1.1 Trabalho na sociabilidade contemporânea

De acordo com Postone (2014, p. 148), Marx observa que “[...] o trabalho no capitalismo é [...] uma atividade social útil que envolve a transformação de materiais de forma determinada que é condição indispensável de reprodução da sociedade humana”. Todas as relações sociais e modificações nas várias esferas: econômica, política, educacional, jurídica, etc. estão vinculadas com o desenvolvimento das forças produtivas na forma capital. Marx (1844) mostra que é possível compreender o capitalismo para além do fetichismo dos avanços em forças produtivas do trabalho, quando revela que o trabalho abstrato é a verdadeira fonte de riqueza social, que é apropriada de maneira imoral pela classe capitalista.

Sendo assim, a concepção a respeito dos avanços em forças produtivas do trabalho no capital necessita ser analisada conforme o caráter histórico específico que o trabalho adquiriu sob essa configuração social. E, desse modo, conforme Postone (2014, p. 148),

[...] determinar adequadamente valor como uma forma historicamente específica de riqueza e de relações sociais e mostrar que o processo de produção incorpora tanto as “forças” quanto as “relações” de produção, e não se limita a corporificar somente as forças de produção. [...] de acordo com a análise de Marx, o modo de produzir no capitalismo não é simplesmente um processo técnico, é, na verdade, moldado pelas formas objetivadas de relações sociais (valor, capital).

Para além do desenvolvimento das forças produtivas na sociabilidade capitalista, sempre existirá a busca incansável pela valorização do capital e a manutenção dessa forma de valor sob o conteúdo do trabalho. O trabalho torna-se central nessa sociabilidade porque é o conteúdo que garante a extração desse mais-valor que configura toda a relação social em prol desse objetivo, o desenvolvimento da capacidade do ser humano relacionado com determinado processo produtivo. Segundo Postone (2014, p. 149), “o

capitalismo é um sistema de dominação abstrata e impessoal. Em relação a formas sociais anteriores, as pessoas parecem independentes; mas, na verdade, são sujeitas a um sistema de dominação social que não parece social, e sim “objetivo””. Os sujeitos são dominados pelo trabalho social.

No capitalismo, o trabalho social não é somente o objeto de dominação e exploração, mas é, ele próprio, o terreno de dominação. A forma não pessoal, “objetiva” de dominação característica do capitalismo está aparentemente relacionada à dominação dos indivíduos por seu trabalho social. [...] Ela se refere à dominação das pessoas por estruturas abstratas, quase independentes de relações sociais, mediadas pelo trabalho determinado por mercadoria, que Marx tenta compreender com suas categorias de valor e capital (POSTONE, 2014, p. 150).

De acordo com Lukács (2013), o ato do trabalho é um ato de objetivação que imprime de modo direto e material o ser-para-si na existência material das objetivações. Todo ato do trabalho sobre o domínio de um determinado modo de trabalhar provoca no trabalhador divergências sociais. Enquanto a objetivação desenvolve nos homens as capacidades necessárias à exteriorização, sobre o trabalhador tem efeitos diversificados.

Lukács²⁰ (2014, p. 66) oferece uma descrição detalhada dessa dinâmica em que

[...] com os meios da grande indústria, surge um produto destinado ao consumo de massa (basta pensar em produtos tais como lâminas de barbear) que torna necessário um aparato especial para levar milhões de lâminas de barbear aos consumidores particulares. Estou convencido de que todo o sistema de manipulação, do qual estamos falando surgiu desta necessidade e depois se estendeu também à sociedade e à política. Agora este mecanismo domina todas as expressões da vida social, desde as eleições do presidente até o consumo de gravatas e cigarros.

²⁰ Conversando com Lukács, publicado originalmente em 1967.

Basta folhear algumas revistas para encontrar exemplos suficientes deste fenômeno. Mas encontramos aqui uma consequência posterior e diversa: a exploração da classe operária passa cada vez mais da exploração através da mais-valia absoluta para a quês e opera através da mais-valia relativa.

Na sociabilidade capitalista, a dominação social tem como fundamento o trabalho social, tanto os trabalhadores quanto os capitalistas organizam-se para preparar a vida social de tal forma. É por meio do processo produtivo social e cooperando entre si de forma que abranja um número cada vez maior de capitalistas produtivos, que estes conseguem dominar os indivíduos mediante o trabalho abstrato, que é social. A valorização do capital é uma categoria do todo social que se distribui entre capitalistas individuais de acordo com suas proporções relativas de capital total social, e assume formas e proporções cada vez mais amplas, conforme as necessidades de perpetuação desse sistema (POSTONE, 2014).

Com o crescimento das forças produtivas, acontece um fortalecimento nas capacidades humanas, mas, ao mesmo tempo, esse processo sacrifica os indivíduos (classes inteiras). Quando cada nova tecnologia é acrescentada a determinado processo produtivo, ou quando um determinado processo produtivo já não consegue acompanhar o aumento da taxa de valorização do capital, é necessário eliminar os obstáculos, mesmo que seja a vida de muitos trabalhadores. O desenvolvimento das forças produtivas não significa desenvolvimento da personalidade humana, e, sob a égide do capital, bem pelo contrário, contribui para desfigurar, aviltar, etc. o ser humano (LUKÁCS, 2013). Aparentemente, existe a “falsa crença” de que as condições sociais dos trabalhadores estão bem, de que a possibilidade de consumo na expectativa de cada mês do trabalhador, por meio do salário, efetiva-se. Segundo Lukács (2013, p. 601), o ser humano só alcançará a formação de uma personalidade autêntica

[...] quando o homem singular apreende a sua própria vida como um processo que faz parte desse desenvolvimento do gênero, só quando ele, por essa via, experimenta e busca realizar a sua própria conduta de vida, os autocomprometimentos daí decorrentes, como pertencentes a esse contexto dinâmico, só então

ele terá alcançado uma ligação real e não mais muda com a sua própria generidade.

Lukács (2013) compreende que a personalidade humana é uma categoria social que implica uma vasta problemática e, conforme o autor, existe uma diferença entre o desenvolvimento das capacidades dos homens e o formar-se da personalidade. Ontologicamente o homem torna-se homem objetivamente no trabalho e no desenvolvimento subjetivo das capacidades provocadas pelo ato do trabalho. A ação favorável ou desfavorável do desenvolvimento das capacidades humanas sobre as personalidades dos homens é um fato objetivo e tendência social que age sobre o real.

As mudanças provocadas pelas estruturas sociais antes e depois da produção capitalista – com reviravoltas radicais ou com visão ampliada – seguem transformando as expressões de vida dos homens. Com o desenvolvimento histórico, é possível perceber o aumento do grau de sociabilidade e as contradições entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. De um lado, podem adquirir caráter de revolução e penetrar em todas as expressões da vida humana ou, de outro lado, a permanência e sustentação da base capitalista, com consequências negativas à vida humana.

O trabalho sob os aspectos capitalistas não possibilita criar, nas condições específicas da singularidade do sujeito, um vir-a-ser que prioriza a transformação dessa situação social. O conteúdo do trabalho na forma capital permite que o indivíduo lute por uma “causa”, que não transpõe para além da vida cotidiana. A educação *stricto sensu* organizada nas instituições educacionais, em sua grande maioria, também não está preparada para modificar esse pensamento.

Com relação à vida do jovem trabalhador, é possível elencar muitas possibilidades de trabalho que são configuradas para atender a referido público. De forma mascarada, em sua grande maioria, muitos desses conteúdos de caráter fluem em exploração da força de trabalho do jovem. Estágios, programas de aprendizagem são oferecidos pelas indústrias, com a proposta de qualificação da força de trabalho e inserção em inovação tecnológica. E, assim, o jovem depara-se entre uma formação e outra, entre o curso de qualificação profissional e o cumprir a jornada de trabalho e também as horas para garantir os níveis de escolarização.

O trabalho, na forma capital, não se sensibiliza pelo jovem iniciante, ou pela sua qualificação. Os programas de aprendizagem, que garantem um trabalho e uma qualificação ao mesmo tempo em que o

jovem está na escola, se baseia em uma Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000, e as empresas são obrigadas a cumprir. Quando termina a aprendizagem, o jovem nem sempre trabalha na área em que realizou a aprendizagem. As empresas, indústrias, agroindústrias têm um fluxo contínuo de jovens aprendizes e não se responsabilizam com contratos fixos após a aprendizagem. Sendo assim, quando o jovem termina os dois anos de aprendizagem, a empresa contratante não tem mais obrigações legais com ele e, para se manter dentro da lei, contrata outros jovens. Outro entrave relaciona-se à aprendizagem, pois nem sempre o jovem dá sequência à área em que cursou os anos de aprendizagem. À medida que se alteram as tecnologias, cursos que eram significativos para determinado ramo produtivo são substituídos, e cabe aos jovens qualificarem-se conforme as novas tecnologias.

Inovações tecnológicas são disponibilizadas todos os dias, porém provenientes por meio de um grupo seletivo, patrocinados pelo grande capital. Ao jovem trabalhador, resta o ensino e aprendizagem repetitivos, oferecidos por uma educação formal acompanhada de uma infinidade de cursos oferecidos por outras instituições privadas ou públicas. Os objetivos traçados para qualificação da força de trabalho têm como consequência encontrar um lugar no mercado de trabalho com a esperança de um futuro bem-sucedido.

No entanto, o teor da vida na sociabilidade do capital, sob caráter do fenômeno social do estranhamento, não permite que todos tenham as mesmas oportunidades. No próximo tópico, trataremos de explicar ontologicamente o fenômeno do estranhamento e sua influência na vida dos jovens trabalhadores.

3.2 A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO NA CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL

Acerca do fenômeno do estranhamento, compreende-se, segundo Lukács (2014), como um dos elementos que limita o desenvolvimento do processo histórico-social, pois cria um conflito social entre o desenvolvimento das capacidades humanas pelas forças produtivas e a conservação da personalidade humana.

Conforme Lukács (2013), o estranhamento, é descrito por Marx como um dos conflitos sociais, historicamente fundamentados e incrementados com o surgimento da propriedade privada. E nas palavras

de Marx (2004, p. 87)²¹ “a propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa [...] do trabalhador com a natureza e consigo mesmo”.

Esse fenômeno histórico-social está presente no desenvolvimento em curso da sociedade e apresenta-se sob formas historicamente diferentes e marcantes. Todavia, o estranhamento só é possível no ser social com a superação do mutismo desse ser social. De acordo com Lukács (2010, p. 242),

o desenvolvimento da generidade-não-mais-muda cinde o próprio processo de desenvolvimento: seu lado objetivo só pode se realizar por meio de uma violentação do lado subjetivo; o crescimento do trabalho além da mera possibilidade de reprodução (mais-trabalho no sentido mais amplo do termo) desenvolve no nível social a necessidade de arrancar dos verdadeiros produtores os frutos desse mais-trabalho [...] forçando-os assim a um modo de trabalho em que se tornam posse de uma minoria não trabalhadora.

A relação do homem consigo mesmo é, antes de tudo, objetiva, efetiva, mediante sua relação com outro homem. Se o que produz não lhe pertence, é fruto para outro homem. Se o tempo de trabalho é árduo e caracteriza-se como não livre, relaciona-se sob o domínio de outro homem (MARX, 2004).

O desenvolvimento das forças produtivas acrescenta elementos fundamentais para a formação das capacidades humanas, que podem gerar circunstâncias que possibilitam sacrificar os indivíduos ou classes inteiras, no processo de desenvolvimento histórico de constituição da humanidade (LUKÁCS, 2013). Unicamente nas relações sociais reais que consideram como base o ser objetivo, é possível determinar ontologicamente o estranhamento real. O estranhamento surgiu objetivamente entre a generidade da sociedade como tal e os membros a ela pertencentes. No entanto, Marx acrescenta que, na medida em que o trabalho estranhado,

²¹ A propriedade privada, como a expressão material, resumida, do trabalho exteriorizado, abarca as duas relações, a relação do trabalhador com o trabalho e com o produto do seu trabalho e com o não trabalhador, e a relação do não trabalhador com o trabalhador e [com] o produto do trabalho deste último (MARX, 2004, p. 89-90).

[...] 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada (MARX, 2004, p. 84).

O trabalho torna-se um meio para satisfazer a manutenção da existência física. A vida produtiva é a vida genérica. “A vida mesma aparece só como meio de vida” (MARX, 2004, p. 84). O trabalho estranhado arranca do homem o objeto de sua produção e, consecutivamente, sua vida genérica.

Essa questão traz, no nosso entender, uma inversão ontológica; desse modo, “a consciência que o homem tem do seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento, de forma que a vida genérica se torna para ele um meio” (MARX, 2004, p. 85). O trabalho estranhado faz do ser genérico do homem um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual. Provoca o estranhamento do homem pelo próprio homem e, dessa maneira, o homem está diante somente de possibilidades de alternativas que correspondem atender unicamente às necessidades básicas. A liberdade tem limites e, como sabemos, na ideologia liberal, ela encontra-se no outro semelhante seu limite de ação. Como a relação do homem com seu trabalho é também a relação do homem com outro homem, então, como posso ser livre se os outros homens não são?

Sobre esse processo, compreende-se que, como já assinalamos, “[...] o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas” (LUKÁCS, 2013, p. 581). Porém, o desenvolvimento das capacidades humanas não resulta em desenvolvimento da personalidade humana.

Porque, como bem explica Lukács (2013), o estranhamento é o conflito entre o ápice de desenvolvimento das capacidades humanas e a conservação de um tipo de personalidade que não reage diante das condições sociais para enfrentá-las de maneira a transformá-las de forma radical. Isso afeta todos os trabalhadores e intensifica-se com o processo de industrialização: com a flexibilidade da produção, a terceirização, a fragmentação da luta dos trabalhadores, entre outras formas.

Sendo assim, entende-se que

[...] os estranhamentos também podem adquirir tanto formas como conteúdos diferentes nos diferentes estágios. Só o que importa é que o antagonismo fundamental entre desenvolvimento da capacidade e desdobramentos da personalidade está na base de seus diferentes modos fenomênicos (LUKÁCS, 2013, p. 582).

O complexo da personalidade humana emerge do desenvolvimento social objetivo. O desenvolvimento da personalidade é resultado do recuo das barreiras naturais. A origem da sociedade de classes é produto de uma socialização ampliada da sociabilidade humana, pode permitir o desenvolvimento cada vez maior da personalidade humana, na confrontação diária, com o conjunto de contradições formadas pelo caráter dessa sociabilidade. A sociedade sempre requer ações e reações rápidas do ser humano, diante das instituições que o cercam. Toda ação e reação está pressupondo alcançar certas finalidades para suprir as necessidades da vida cotidiana, como também pode desembocar em processos que contribuem, positiva ou negativamente, com a totalidade dos processos sociais ao qual vive. Nessa linha de raciocínio, temos que

o fato de toda reação individual ter uma base social que a determina amplamente e ter também as suas consequências sociais naturalmente não consegue abolir essas diferenças individuais, mas, ao contrário, confere-lhe um perfil marcadamente individual (e simultaneamente histórico, nacional, social, etc.) (LUKÁCS, 2013, p. 584).

Uma personalidade humana só pode vir a ser, desdobrar e definir num campo de ação histórico-social e concreto específico. “[...] O desenvolvimento da personalidade também depende de muitas maneiras da formação superior de cada uma das capacidades” (LUKÁCS, 2013, p. 588). A divisão do trabalho, por exemplo, torna-se um momento importante da gênese da personalidade, coloca o sujeito diante de atividades heterogêneas e múltiplas, que desperta no homem uma síntese de capacidades heterogêneas. Nessa direção, a divisão do trabalho tem consequência em todos os âmbitos da vida, muda essencialmente a forma e o conteúdo do ser da personalidade no

processo histórico-social da humanidade, criando o campo de ação real de possibilidade para a constituição e atuação da individualidade humana. O desenvolvimento das relações sociodinâmicas e o curso dos processos de vida singulares vão se tornando cada vez mais individuais (LUKÁCS, 2013).

Marx, nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, afirma que o “ter” representa, na vida dos homens, como indivíduos, uma força motivadora determinante para o estranhamento. Esse enunciado auxilia na compreensão do fenômeno básico do conflito entre o desenvolvimento das capacidades humanas pelas forças produtivas e a formação de sua personalidade como homem,

[...] certos estranhamentos do homem provocam nele: sua exclusão do complexo do ser do homem, que se tornou possível para ele por meio do gênero (do ser social, do ser personalidade), que é fundamentalmente possibilitado pelo estado da respectiva civilização (LUKÁCS, 2013, p. 594-595).

Frisamos, nesse sentido, como assinala Torriglia (2016, p. 12), que

[...] o *ser* em potencialidade se configura *em e com* sua relação genérica, com seu gênero na unicidade ontológica que coloca aos seres humanos em relação, em reconhecimento entre si, e com a própria individualidade, em seu processo de *vir a ser*, indivíduo.

Com o desenvolvimento da economia capitalista, os aspectos do estranhamento assumem as características do moderno modo do ser do estranhamento. O fundamento material da vida social adquire a prioridade do ser material, na consciência individual do homem, ou seja, a consciência que regula as ações práticas do homem na vida cotidiana. Marx (2004, p. 82) escreve que

o estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacionais-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem valor e indigno ele se torna; quanto mais bem

formado seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador.

O estranhamento é um fenômeno socioeconomicamente fundado. Se não acontecem mudanças na estrutura econômica de determinada sociedade, nada poderá ser modificado em suas bases por meio de ações individuais. Todo estranhamento é um fenômeno ideológico, suas consequências prendem a vida individual de todo ser humano de maneira múltipla e sustentada. Ainda que o indivíduo domine o entendimento sobre o fenômeno do estranhamento, formas de modificar e reagir os fatos sociais estranhados, por ser parte do contexto social no qual atua, esse sujeito continua estranhado e, dependendo das circunstâncias, estranha-se ainda mais. À vista disso, há apenas estranhamentos concretos e reais: “todas as formas de estranhamento que se tornam atuantes num determinado período estão fundadas, em última análise, na mesma estrutura econômica da sociedade” (LUKÁCS, 2013, p. 633). Acrescenta o autor que

[...] tivemos de apontar para a grande guinada que o surgimento do capitalismo provocou no modo de desenvolvimento da sociedade. [...] O tipo superior do ser socializado que caracteriza economicamente o capitalismo faz desaparecer toda barreira desse gênero que obstaculiza o desenvolvimento econômico para um patamar superior; esse ser socializado parece ter adquirido um caráter totalmente ilimitado. [...] nas formações sem possibilidades parece haver para uma parte dos homens singulares, ao menos nos estágios iniciais, vias abertas para escapar ao estranhamento geral, sobretudo ao decorrente do estranhamento de outros homens, nas sociedades mais desenvolvidas isso está totalmente excluído: o estranhamento dos espoliados tem o seu contraponto exato no estranhamento dos espoliadores (LUKÁCS, 2013, p. 753).

Para entender o estranhamento na atividade humana prática, a que considerar alguns aspectos fundamentais levantados por Marx (2004) que dizem respeito à relação do trabalhador com o produto do trabalho e a relação do trabalho com o ato da produção no interior do trabalho, e que compreende essa relação como uma atividade estranha, atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. Assim, como bem descreve Marx (2004, p. 83),

comer, beber e procriar etc. são também, é verdade, funções genuína [mente] humanas. Porém na abstração que os separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são [funções] animais.

Marx (2004, p. 86) acrescenta que “o estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com outro homem”. O estranhamento é processualidade, está em constante modificação e transforma-se conforme as necessidades reais de determinada sociedade. De acordo com Lukács (2013, p. 635),

[...] os homens levam a si mesmo e também os seus semelhantes ao estranhamento, combate esse estranhamento em favor de sua própria pessoa e em favor de outros etc., que o processo decorrente desses atos da vida social, dos da totalidade objetiva da sociedade e dos da personalidade singular, é a única forma existente daquilo que podemos chamar teoricamente de estranhamento. Portanto, ontologicamente o estranhamento nunca é um estado, mas sempre um processo que se desenrola dentro de um complexo – a sociedade como um todo ou então a individualidade humana singular.

Retirar essa concepção de “estado” do estranhamento é fundamental. O estranhamento na vida dos homens, desde o seu nascimento até a vida adulta e a velhice, sempre se complexifica. “Se sua atividade lhe é martírio, então ela tem de ser fruição para outro e alegria de viver para outro. Não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem” (MARX,

2004, p. 86). O estranhamento não está “fora” da história, ao contrário, como toda relação, não pode estar isolado do social. Nas palavras de Lukács (2013, p. 636)

[...] toda tendência estranhadora está objetivamente enraizada no plano social, ou seja, está permanentemente ativa, influenciando os motivos dos pores, ao passo que a luta contra esses processos de estranhamento exige do indivíduo resoluções sempre novas e a sua implementação na práxis.

Por conseguinte, o ser estranhado também é o ser social que está e é parte da história, responsável pelos seus atos e pelas tomadas de decisões que possibilitam reverter as formas e conteúdos do estranhamento. “Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana” (MARX, 2004, p. 86). Esse importante ponto que Marx cita como um dos elementos do estranhamento tem possibilidade de superação; portanto, o agir do mesmo homem encerra a potencialidade de tal fato. E aqui consideramos o pensamento de Lukács (2012, p. 318) que escreve:

O agir social, o agir econômico dos homens, abre livre curso para forças, tendências, objetividades, estruturas, etc. que nascem decerto exclusivamente da práxis humana, mas cujo caráter resta, no todo ou em grande parte, incompreensível para quem o produz.

Nessa direção, afirmamos que só com a crítica ontológica, persistente e coerente, “de tudo o que é reconhecido como fato ou conexão, como processo ou lei, é que pode reconstituir no pensamento a verdadeira inteligibilidade dos fenômenos” (LUKÁCS, 2012, p. 306).

Com base nessa análise teórica sobre as bases do que constitui o trabalho e o estranhamento na sociabilidade capitalista, prosseguimos neste estudo com o intuito de averiguar como as transformações na economia afetam a vida do trabalhador no caso de Fraiburgo. Fundamentados nessa compreensão sobre o estranhamento, apresentamos um levantamento de como esse fenômeno se expõe na realidade dos trabalhadores – como afeta a vida de cada dia dos jovens e suas famílias –, gerando problemas seja nas condições materiais, de

moradia, alimentação, seja na sensibilidade, o cultivar da arte, da filosofia.

Explicitaremos como se encontra a conjuntura econômico-social do município de Fraiburgo/SC, buscando compreender como as transformações na economia do município resultaram na modificação da qualificação da força de trabalho dos jovens dessa localidade.

3.3 A CONJUNTURA ECONÔMICA DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: A SOBREVIVÊNCIA DOS TRABALHADORES ASSALARIADOS

Como já mencionamos neste estudo, em pesquisa anterior²², procuramos compreender o processo produtivo da maçã, na cidade de Fraiburgo no estado de Santa Catarina e suas implicações para a vida do trabalhador. Por aproximadamente cinquenta anos a predominância da mercadoria maçã constituiu a base econômica principal da região, sendo a sobrevivência dos trabalhadores suprida somente pela venda da força de trabalho nesse processo produtivo. Todas as esferas da vida do trabalhador, sejam elas jurídicas, políticas, sociais, religiosas, educacionais, etc. vinculavam-se para atender a esse processo de produção.

A cidade de Fraiburgo em si é um campo de pesquisa muito interessante, já que toda a trajetória da região, e em específico do município em foco, está afetada pelas modificações histórico-sociais do Brasil, evidenciadas nos períodos históricos desse pequeno município. Fraiburgo é composto por aproximadamente 34.553 de habitantes e possui uma área territorial de 546 km², conforme dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Importante destacar que a questão histórica-social de transformações inicia desde as primeiras populações aborígenes que habitavam a região, povo kaingang, eram nômades que viviam da caça, pesca e coleta. Com a chegada dos primeiros imigrantes, remanescentes de conflitos, como a Revolução Farroupilha (1835-1845), Guerra do Paraguai (1864-1870) e Revolução Federalista (1893-1895), a vida dos aborígenes torna-se conturbada e eles deslocam-se para outras regiões. A região de Fraiburgo também é marcada pelo conflito do Contestado

²² Dissertação de mestrado: *A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo SC e o Programa de Aprendizagem "Cultivo da Macieira-Jovem Aprendiz Cotista"*, defendida em 2011 no PPGE – UFSC.

(1912/1916) e, devido à luta pela terra, muitos caboclos (descendentes de indígenas e imigrantes) resistem às tropas do governo federal; entretanto, muitos são mortos, e a dominação do capital internacional adentra a região para o grande empreendimento da construção da estrada de ferro e posse das terras dos povos caboclos.

Alguns anos após este conflito ou Guerra do Contestado, a região onde hoje é Fraiburgo passou a ser dominada pela família Frey, em 1937, que inicialmente exploraram na região a mata nativa, instalando grandes serrarias. E é com estas que se inicia a povoação do local onde hoje está localizado o município de Fraiburgo. Finalizada a exploração da mata nativa, na década de 1960, iniciaram-se estudos para a produção de frutas de clima temperado nas terras que outrora compunham vasta mata nativa.

Por esse fato, muitos trabalhadores de regiões do Brasil direcionaram-se para residir na cidade de Fraiburgo, outros deixaram as atividades no campo e foram viver na cidade, para encontrar melhores condições de vida e de salário, para sustentar a família. As agroindústrias de maçã tornaram-se uma alternativa de trabalho e de garantias futuras para muitas famílias de trabalhadores. No início de 2010, ocorre o enfraquecimento desse processo produtivo e modifica a vida de muitos trabalhadores que vivem na cidade, e a própria produção, a mercadoria, modifica-se, e a vida do trabalhador altera-se, o que antes era promissor deixa de ser.

Entretanto, como muitos intelectuais já elencaram e explicam, a sociabilidade capitalista é insaciável e incontrolável, destrutiva e tanto outros sinônimos e adjetivações, mais negativas do que positivas, que causam grande prejuízo ao ser humano. Nessa lógica, encontra-se, como sabemos, aquela em que o que importa é o ter e não o ser do trabalho, o “ter condições” para permitir a valorização do capital. O “ter condições” de produzir mercadorias atrativas que garantam a lucratividade para um mínimo grupo de grandes proprietários de meios de produção. Nessa realidade, encontra-se a grande maioria dos trabalhadores tendo que se adequar às incansáveis alterações no processo de produção para vender sua força de trabalho, que mal permite alcançar as condições suficientes para a sobrevivência.

A imposição da propriedade privada dos meios de produção na região de Fraiburgo/SC distribuiu milhares de hectares de terras nas mãos de poucos grandes produtores; e, quando finalizou a exploração da mata nativa, iniciaram-se os grandes empreendimentos agroindustriais. Em Fraiburgo, a maçã destacou-se como a mercadoria que permitiu a

subsistência dos trabalhadores assalariados e ainda hoje em proporção cada vez menor.

Dados do Diário Catarinense (2013)²³ afirmam que de 6 mil hectares plantados de maçã diminuíram para 4 mil nos últimos cinco anos, contando a partir da data dessa publicação. Na mesma notícia, encontra-se a fala do presidente da ABPM²⁴ justificando que a produção diminuiu na região por dois motivos principais: a renovação dos pomares, pois são pés de maçã muito antigos, e além disso devido à instabilidade do mercado. O que se encontra nas pesquisas do IBGE é que houve redução na área plantada e redução na produção da fruta, como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente – Maçã:

Ano	Área destinada à colheita	Quantidade produzida	Valor da produção
2004	5.834 hectares	227.526 - toneladas	109.212 - mil reais
2009	4.106 hectares	140.506 - toneladas	112.405 - mil reais
2013	2.172 hectares	65.160 toneladas	81.450 - mil reais

Fonte: resultados elaborados com base em pesquisa do IBGE 2004, 2009 e 2013.

Esses dados apresentados pela notícia e pelo instituto possibilitam-nos entender as alterações na conjuntura econômica do município de Fraiburgo/SC, relativamente à sua principal fonte de produção, a maçã. Algumas compreensões acerca das modificações no processo de produção da mercadoria são necessárias para analisar tal fenômeno. Sabemos que, para o capital, a produção permanece caso a mercadoria seja lucrativa, quando não mais garante esse desenvolvimento produtivo, vira cadáver e precisa ser enterrado o mais rápido possível.

²³ Acessado em 29 de julho de 2013.

²⁴ Associação Brasileira de Produtores de Maçãs (ABPM).

Se o pinus, a soja, o milho, a especulação imobiliária são mais atrativos economicamente, então se altera a produção, sem ao menos considerar o ser humano que sobrevive dessa produção, que prepara mediante qualificação sua força de trabalho para determinado processo produtivo específico. Para melhor entender esse fenômeno, vejamos nas tabelas dois e três, como se altera e é substituída a produção de maçã por outros produtos agrícolas ao longo dos anos em evidência.

Tabela 2 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente –Milho:

Ano	Área destinada à colheita	Quantidade produzida	Valor da produção
2004	3.000 hectares	9.000 toneladas	2.880 mil reais
2009	4.200 hectares	27.720 toneladas	8.316 mil reais
2013	8.000 hectares	67.200 toneladas	26.813 mil reais

Fonte: resultados elaborados com base em pesquisa do IBGE 2004, 2009 e 2013.

Tabela 3 – Produção Agrícola Municipal Lavoura Permanente – Soja:

Ano	Área destinada à colheita	Quantidade produzida	Valor da produção
2004	Não há áreas destinadas a esta produção		
2009	300 hectares	660 toneladas	198 mil reais
2013	3.750 hectares	11.250 toneladas	10.688 mil reais

Fonte: resultados elaborados com base em pesquisa o IBGE 2004, 2009 e 2013

É possível observar que em 2004 aproximadamente 6 mil hectares de terra servem para a produção de maçã. Nesse período, se for considerada a produção de soja e milho, percebemos um número muito reduzido, a soja nem é mencionada como um produto agrícola plantado na região. Em 2009 (Tabela 1), percebe-se uma redução significativa na área plantada de maçã, porém já aparecem indícios da produção de soja e um aumento significativo na produção de milho (Tabela 2 e 3). Esse dado estatístico vem ao encontro com as análises desta tese no que é relativo à queda na quantidade produzida de maçã. Essa diminuição se

explica em virtude do aumento da produção de grãos, milho e soja, entre 2009 a 2013, desta forma a área plantada de maçã nesse período diminui pela metade. E, ao analisar os números, é perceptível para qual produção o município se volta, de uma cidade da fruticultura passa para uma cidade agrícola produtora de grãos.

Outro produto que se destaca na região é a madeira (reflorestamento), conforme podemos observar na Tabela 4.

Tabela 4 – Produtos da Silvicultura – madeira:

Ano	Produtos da Silvicultura – madeira em tora para papel e celulose	Produtos da Silvicultura – madeira em tora para outras finalidades	Produtos da Silvicultura – madeira em tora
2004	60.000	250.000	310.000 - metros cúbicos
2009	76.000	180.000	256.000 - metros cúbicos
2012	268.000	394.000	662.000 - metros cúbicos

Fonte: resultados elaborados com base em pesquisa o IBGE 2004, 2009 e 2012.

De 2004 a 2012, a produção duplica, se considerarmos a redução das áreas plantadas de maçã, e, ao observar a Tabela 4, percebemos como o capitalista configura a produção de acordo com seus interesses. Sempre reutilizando a terra para a produção em escala de alguma mercadoria em um sistema de monocultura seja em plantações de grãos, madeira (reflorestamento pinus e eucalipto) ou de frutas de clima temperado (maçã). A maçã empregava muitos trabalhadores, desde a adolescência já se esperava pelo momento de estar preparado para vender a força de trabalho nessa produção. Com os grãos e madeira, a situação de vender a força de trabalho altera-se e torna-se necessário pensar quais estratégias poderiam se opor ao projeto agroindustrial.

Outro aspecto sobre a produção cada vez menor de maçã refere-se a um acordo realizado pela ministra da Agricultura, Katia Abreu, no final de 2015, na China. Pelo acordo feito, o Brasil passará a exportar a fruta dos chineses. Conforme dados de notícias vinculadas na mídia, o valor da força de trabalho barata influencia no valor da maçã: uma caixa de 20 quilos de maçã chinesa pode chegar a R\$ 34,00; podendo na

produção brasileira, a caixa do fruto alcançar R\$ 60,00²⁵. Sendo assim, o barateamento da força de trabalho em outro país influencia de forma direta as características da força de trabalho brasileira.

A realidade concreta do município em estudo, exposta nos dados aqui apresentados e nas aproximações teóricas por meio de Marx, Lukács entre outros autores, esclarece-nos que a situação da classe trabalhadora só será possível de transformações significativas, com uma modificação na estrutura econômica da sociedade na forma capital. O conhecimento sobre a realidade social da vida do trabalhador na forma capital é um aspecto que necessita ser avaliado. As informações fundamentadas nos dados levantados para esta tese sobre a realidade econômica no município permite-nos uma aproximação de como se encontra a vida do trabalhador.

A classe burguesa vive do lucro e da exploração dos meios naturais e da força de trabalho. O dono da propriedade privada – da área de monocultura – explora referida área com plantações de milho, soja ou pinus. Essa produção de grãos emprega poucos trabalhadores, ao contrário da produção de maçã. Portanto, os trabalhadores que vivem da produção de maçã encontram dificuldades de permanecer vendendo a força de trabalho nessa área. Outro fator da inserção da produção de maçã chinesa no Brasil, ao mesmo tempo em que intensifica a exploração dos trabalhadores naquele país, também contribui para a derrota dos trabalhadores brasileiros diante da produção capitalista.

Mesmo com todos os problemas causados pela transformação dos processos produtivos, a busca em qualificar a força de trabalho tem sido uma alternativa. No que diz respeito à qualificação da força de trabalho para a produção de maçã ou produção de milho, soja, pinus, o nível de escolarização é reduzido. Essa produção agroindustrial, quando muito, exige um curso técnico e com vagas limitadas. No próximo item, apresentaremos alguns apontamentos considerando essa conjuntura histórico-social, quanto à relação do jovem trabalhador e a qualificação da força de trabalho.

²⁵ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2016/01/abertura-do-mercado-para-a-maca-chinesa-ameaca-producao-em-santa-catarina-4944266.html>. Acesso em 12 de fev. de 2016.

3.4 A LUTA DO JOVEM TRABALHADOR PARA PERMANECER NO MERCADO DE TRABALHO

O conhecimento elaborado sobre a classe trabalhadora pelos teóricos marxistas é muito complexo e existem diferentes concepções entre eles. Sendo assim, aprofundaremos a temática tomando por fundamento Marx, como foi apresentado no início deste capítulo. Destacamos que a classe em Marx é compreendida em uma relação com a classe capitalista, e essa se manifesta na medida em que o trabalhador vende sua força de trabalho, desempenhando, assim, uma relação capitalista de produção específica da forma capital que produz mais-valia.

A análise da definição da sociedade em classes sociais, conforme a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), no Brasil, encontra-se dividida em oito grupos sociais, conforme a renda média familiar. Essa forma de divisão das classes nem sempre esclarece a realidade histórico-social das classes sociais. Entendemos que, na forma capital, a sociedade concentra-se em duas grandes classes, a trabalhadora e a capitalista. Quando não se compreende que a sociedade em sua totalidade social divide-se em duas classes, as consequências de entendimento do mundo no qual vivemos podem tornar-se em ações errôneas. Os resultados tornam-se perceptíveis quando se busca compreender quem é a classe trabalhadora hoje.

Conforme Tumolo (2012), é necessário entender classe proletária não somente de forma estática, mas como aquela que mantém a relação assalariada, vendedora da força de trabalho para o processo de produção de capital, que sofre represálias, pela concorrência a que é submetida pelo excesso de trabalhadores no mercado de força de trabalho.

Nessa mesma direção, Netto (2012, p. 87) lembra que

sob o salariado não se encontra mais apenas a classe operária, mas a esmagadora maioria dos homens; a rígida e extrema divisão social do trabalho subordina todas as atividades, “produtivas” e “improdutivas”; a disciplina burocrática transcende o domínio do trabalho (*labour*) para regular a vida inteira de quase todos os homens.

A venda da força de trabalho depende de suas características determinadas por quem está comprando. O que faz com que uma força

de trabalho tenha êxito e não outra não somente se vincula diretamente à sua qualificação ou escolarização, mas também às características de que o capitalista necessita, e sabemos que, para exercer determinadas atividades, muitas vezes as exigências são mínimas, podendo até ser semianalfabeto, quem vende sua força de trabalho.

Tumolo (2012)²⁶ esclarece que os humanos são produzidos pelas condições próprias da sociedade e, na forma capital de sociedade, encontramos “humanos vendendo a força de trabalho, eis a realidade!” Na mesma linha de pensamento, e de acordo com Valencia (2009, p. 137)²⁷,

devido ao enfraquecimento da estrutura sindical mundial e das lutas operárias, o curso posterior que assumiram as políticas de reestruturação do capital se concentra em três dimensões: a) forte tendência à queda dos salários; b) aumento da exploração e da superexploração em todas suas facetas; e c) extensão da precarização do trabalho como um fiel reflexo da imposição da flexibilização do trabalho, pois agora o operário tem que “trabalhar mais”, ganhando menos, para sobreviver num mundo “individualizado” e “competitivo”, rodeado de milhões de pobres e famintos.

A classe trabalhadora torna-se reacionária na medida em que se torna apenas vendedora de sua força de trabalho, adentra na corrida desesperada pela qualificação da força de trabalho para ser explorada na condição de proletária e contribui para que a classe enquadre-se nas condições históricas dessa sociedade: “A planificação global [...] cobre a vida como um todo: da distribuição (destruição) ecológica ao conteúdo do lazer, do controle da mobilidade da força de trabalho ao *continuum* instrução formal/informal etc.” (NETTO, 2012, p. 86).

²⁶ TUMOLO, Paulo Sergio. *Educação e marxismo, a educação na perspectiva da classe trabalhadora*. Anotações aula proferida no dia 20/11/2012, PPGE/UFSC, Florianópolis SC.

²⁷ Para a análise reflexiva desta tese fazemos menção da compreensão teórica de Valencia (2009) e Tumolo (2012), no entanto salientamos que os autores possuem divergências de compreensão teórica que não nos detemos nesta investigação.

Para a classe capitalista, a classe trabalhadora tem o potencial de tornar útil sua força de trabalho, nos vários momentos da vida, tem suas formas específicas de configurar essa vida a atender a seus interesses de classe capitalista. Seguindo essa concepção é que pretendemos aprofundar nos próximos capítulos o debate, relacionando a sociabilidade capitalista e o ser jovem sob a configuração do sistema na forma capital, na realidade histórico-social do município de Fraiburgo/SC.

Essa sociedade, de forma parcial, possibilita o desenvolvimento das capacidades humanas para os avanços em forças produtivas, ocupando os processos de educação lugar de adequar o ser humano em partes para cumprir esse objetivo. De acordo com suas limitações, a educação cumpre ainda a função de configurar a formação da personalidade humana, “o típico da vida cotidiana contemporânea, aquela própria do capitalismo tardio, é a reificação das relações que o indivíduo enquanto tal desenvolve” (NETTO, 2012, p. 86).

As possibilidades de crescimento dos indivíduos – suas múltiplas e variadas possibilidades de crescimento – estão na tensão contínua com seu meio [ambiente] que está para assegurar a sua reprodução, mas, está oculta nessa sociabilidade a autoafirmação da singularidade como uma individualidade autônoma, parafraseando Lukács (2013).

De acordo com Harvey (2010, p. 189),

a objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferentemente.

Com as mudanças nos avanços tecnológicos e desenvolvimento das forças produtivas, tanto ambiente, cidade, campo, quanto o próprio ser humano que habita esse meio físico nessas condições de vida, precisam modificar-se, para não colocar em risco sua reprodução como ser social e humano. Mesmo que envolvidos em aspectos que não correspondem às características de uma autêntica humanidade, como falta de certezas, se amanhã se alimentará ou poderá estar ainda inserido de alguma forma no processo produtivo, vendendo sua força de trabalho, o ser humano necessita realizar escolhas. A educação, como elemento de possibilidades, em sua grande maioria, é dominada por

incertezas e torna a vida humana um vir-a-ser algo de atraente para a sociabilidade do capital, que, conforme Harvey (2010, p. 189) o capital,

[...] foi (e continua a ser) um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os significados do tempo e do espaço também se modificam.

O tempo torna-se tempo de trabalho necessário para buscar fazer algo que atenda a esses requisitos da sociabilidade da rapidez, da agilidade. Jovens considerados úteis para esse sistema são aqueles que, de alguma maneira, elaboram estratégias e ações que contribuem para o desenvolvimento da força produtiva do trabalho. Ser jovem é ser hábil para modificar o seu espaço, ou perceber essa modificação, como sendo necessária, na esperança que o mesmo capital que garantia a sobrevivência da família, continuará possibilitando sob outra configuração.

Nesse contexto, ser jovem em Fraiburgo/SC é estar sempre disponível em alterar os rumos da vida, em se tornar força de trabalho em outro processo produtivo. É ver um tempo rápido que modifica o espaço constantemente, como por exemplo, ver os pomares sendo substituídos rapidamente por plantações de pinus, soja ou milho, é ver casas sendo construídas onde outrora eram plantações de maçã, ver escolas e universidades chegando à cidade e oferecendo uma infinidade de cursos de todos os tipos, desde arquitetura até “*agribusiness*”. A questão é em que direção optar quando qualificar a força de trabalho, o jovem vive em todo o mundo o dilema da economia mundializada em que a cada tempo demonstra a sua essência contraditória na realidade material da vida humana.

[...] Se o avanço do conhecimento científico, técnico, administrativo, burocrático e racional é vital para o progresso da produção e do consumo capitalistas, as mudanças do nosso aparato conceitual (incluindo representações do espaço e do tempo) podem ter consequências materiais para a organização da vida diária (HARVEY, 2010, p. 190).

A organização da vida diária dos trabalhadores está em sua grande maioria arraigada àqueles que detêm os meios de produzir, a classe capitalista. Para os trabalhadores, tudo isso implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. O desafio é modificar-se, transformar-se para além da mera reprodução social capitalista. Sendo assim, a transformação torna-se um desafio para tempos vindouros.

A sociabilidade do capital é destrutiva à vida humana, pois destrói classes inteiras de trabalhadores quando necessário. Marx escreve que uma das consequências (1984, p. 201) da

expansão súbita e intermitente da escala de produção é o pressuposto de sua contração súbita; a contração provoca novamente a expansão, mas esta é impossível sem material humano disponível, sem multiplicação dos trabalhadores independente do crescimento absoluto da população. Ela é criada pelo simples processo de “liberar” constantemente parte dos trabalhadores ocupados em relação à produção aumentada. Toda a forma de movimento da indústria moderna decorre, portanto, da constante transformação de parte da população trabalhadora em braços desempregados ou semi-desempregados.

Marx (1984, p. 203) explica da seguinte maneira esta transformação da população de trabalhadores em desempregados:

[...] causa e efeito da acumulação – capacita o capitalista a pôr em ação, com o mesmo dispêndio de capital variável, mais trabalho mediante exploração extensiva ou intensiva das forças de trabalho individuais. Viu-se, além disso, que, com capital do mesmo valor ele compra mais forças de trabalho ao deslocar progressivamente força de trabalho mais qualificada por menos qualificada, madura por imatura, masculina por feminina, adulta por adolescente ou infantil.

A condenação de uma parcela da classe trabalhadora à ociosidade forçada em virtude do sobretrabalho da outra parte e vice-versa torna-se

um meio de enriquecimento do capitalista individual e acelera, simultaneamente, a produção do exército industrial de reserva numa escala adequada ao progresso da acumulação social (MARX, 1984, p. 203).

Acrescentar ou eliminar força de trabalho é parte da acumulação capitalista, tornar toda a família um projeto que corresponde à valorização do capital. Por mais que se lute contra os males que acompanham a sociabilidade, as carências humanas permanecem. O que temos de considerar junto com Marx são as consequências do trabalho abstrato que acompanham o capital e resultam na intensificação cada vez maior da exploração da força de trabalho da família trabalhadora.

O capital necessita, para sua própria reprodução, de desempregados, da competitividade entre trabalhadores. A burguesia, dona da propriedade privada, precisa que famílias não tenham teto, para exercerem a especulação imobiliária. Também necessita de pessoas que recebam conforme uma faixa de salários no nível que permita a perpetuação e desenvolvimento do capital, como afirma Marx (1984, p. 204) com o valor do salário:

[...] em baixa, a população trabalhadora é mais e mais dizimada, de modo que em relação a ela o capital volta a ficar excessivo, ou, também como outros os explicam, o salário em baixa e a correspondente exploração mais elevada do trabalhador novamente acelera a acumulação, enquanto, ao mesmo tempo, o salário baixo mantém o crescimento da classe trabalhadora em xeque. Assim, reaparece a condição em que a oferta de trabalho é mais baixa do que a demanda de trabalho, o salário sobe etc. Belo método de movimento, este, da produção capitalista desenvolvida! Antes que, em decorrência da elevação salarial, pudesse ocorrer algum crescimento positivo da população efetivamente capaz de trabalhar, várias vezes teria vencido o prazo em que a campanha industrial teria de ser conduzida, a batalha travada e decidida.

Quando o capitalista aumenta os salários, sempre está conforme as bases salariais. A humanização do capital tem seus devidos limites e, na prática, comprova que, quando necessário, destrói famílias, sonhos

dos jovens, etc., em favor de seus avanços que visam à sua própria valorização. À classe trabalhadora cabe migrar para outros processos produtivos para adquirir sua sobrevivência de cada dia. E assim acontece em todas as regiões do mundo, criam-se sempre novas estratégias de manutenção, perpetuação, destruição para favorecer a classe capitalista.

O processo produtivo da maçã em Fraiburgo/SC atualmente – século XXI – apresenta-se inserido na totalidade capitalista, e as agroindústrias que ainda se mantêm na produção de maçã estão vinculadas com outros processos produtivos que garantem a valorização de seu capital. Cabe destacar que umas das agroindústrias que se mantêm no ramo da produção de maçã também é proprietária de agroindústrias de laranjas e uma das maiores produtoras de suco dessa fruta no mundo, possui madeireiras que exploram o reflorestamento de pinus, eucalipto, etc., também possui um dos maiores estaleiros do Brasil. Apresenta, em suas publicações, sites, etc., os trabalhadores como sendo seus colaboradores, que necessitam ser respeitados; no entanto, quando o setor entra em crise os trabalhadores são os primeiros a serem eliminados. Trocam as produções de mercadorias repentinamente, conforme atendem às suas necessidades de mercado.

O jovem que outrora especializou-se para vender a força de trabalho em determinada atividade necessita modificar para outra, que aceite sua força de trabalho como mercadoria que gera sua sobrevivência. A luta de cada dia pela sobrevivência é travada diante da inconsistência da vida social. As contradições sociais e a vida cotidiana refletem nas incertezas e inseguranças. A relação entre o trabalho na forma abstrata e os processos de educação formal/informal já não sustenta uma vida que conflui em ações e estratégias possíveis de modificar a vida.

O complexo agroindustrial modifica o tempo e o espaço para garantir o lucro de seus negócios. A família dos trabalhadores também se modifica pelo motivo da sobrevivência, o quesito que se evidencia é a transição entre uma e outra profissionalização da força de trabalho. Em alguns casos, como estaremos elencando no último capítulo da investigação, o jovem depara-se com um resultado negativo, pois não alcança a vaga de trabalho que pretende, mesmo com a qualificação de sua força de trabalho para a área afim. Como salienta Netto (2012, p. 85), a vida em sua amplitude passa a ser reificada; porém,

[...] ao indivíduo sempre resta um campo de manobra ou jogo, onde ele pode exercitar

minimamente a sua autonomia e o seu poder de decisão, onde lhe é acessível um âmbito de retotalização humana que compensa e reduz as mutilações e o prosaísmo da divisão social do trabalho, do automatismo que ela exige e impõe etc.

No Brasil, o jovem trabalhador encontra-se entre o direito à educação e a busca de profissionalização, qualificação da força de trabalho na forma social capitalista. As propostas governamentais por meio de estatutos, pactos, leis, incentivos, etc., são diversificadas. Essas políticas para juventude de um lado evidenciam a necessidade de contribuir com o jovem para que receba profissionalização e uma vida com acesso a saúde, cultura, esportes entre outros, mas, de outro lado, alimenta a classe capitalista e a permanência da vida nessa forma social que a cada dia mostra-se como insustentável ao ser humano.

Mesmo que a sociedade na qual vivemos é regida pela forma capital, isso significa, entre outros aspectos, ter a centralidade no trabalho abstrato, torna-se possível e no campo de possibilidades pensar em transformações sociais significativas. No próximo capítulo, analisaremos a forma jurídica, tanto em seus aspectos mais ligados à vida cotidiana até mesmo as mais amplas que correspondem à totalidade social. Mediante análise empírica, demonstraremos como o fenômeno histórico-social do estranhamento explicado neste capítulo apresenta-se na vida cotidiana dos jovens do município de Fraiburgo, tomando por base leis e documentos específicos para a juventude.

CAPITULO IV - AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA, O COMPLEXO JURÍDICO E O *SER JOVEM*

Desses repudiados, desses abandonados à própria sorte e lançados num vazio social, esperam-se, entretanto, comportamentos de bons cidadãos destinados a uma vida cívica, toda de deveres e de direitos, ao passo que lhes é retirada todas as oportunidades de cumprir qualquer dever, enquanto seus direitos, já bastante restritos, são simplesmente ridicularizados (FORRESTER, 1997)²⁸.

No capítulo III desta tese, apresentamos uma compreensão geral sobre trabalho em Marx e Lukács, e também sobre como se encontra a conjuntura histórico-social da região de Fraiburgo. Neste capítulo, iniciamos a exposição e análise empírica sobre o jovem trabalhador na singularidade do município de Fraiburgo/SC, em especial, as consequências provocadas pelos momentos de mudanças econômicas que afetaram a região, principalmente a cidade em foco, que, por muito tempo, se baseou na produção de maçã para permanecer economicamente ativa. Também expomos alguns questionamentos a respeito da realidade do jovem que reside nessa região, a qualificação de sua força de trabalho por meio de programas e cursos de aprendizagem e sua vida cotidiana.

Realizaram-se, em meados de 2015, entrevistas com alguns jovens da região com o intuito de aprofundar e melhor conhecer como se encontra a vida desses jovens no município. A característica e a utilização desse instrumento baseiam-se na entrevista semiestruturada, com roteiro predeterminado, considerando a história de vida do jovem. Como já indicamos, o roteiro priorizou os seguintes aspectos de relação: entre o jovem e a família, entre o jovem e o trabalho (programas ou cursos de aprendizagem), entre o jovem e a escola, e entre o jovem e o ser jovem.

Participaram da entrevista dez jovens, sendo o público-alvo aqueles que participaram ou estavam participando de algum curso ou programa de aprendizagem (Lei 10.097/2000) e também ser filho ou filha de trabalhadores das agroindústrias no município de Fraiburgo. A

²⁸ Trecho do “O horror econômico” de, Viviane Forrester (1997, p. 98).

idade dos jovens entrevistados varia entre 15 a 25 anos, sendo oito do sexo feminino e dois do sexo masculino. Dessa população, três dos jovens entrevistados já haviam terminado o curso de aprendizagem e sete estavam cursando, e, destes, dois estavam na fase final do curso. Com relação à escolaridade, dois jovens concluíram o Ensino Médio, dois estão cursando o Ensino Superior e seis estão cursando o Ensino Médio. As duas jovens que concluíram o Ensino Médio não estudam, são mães e aliam o ser mãe com a dificuldade de retornar aos estudos. Uma das jovens mãe, no momento da pesquisa estava desempregada e com sérios problemas de saúde devido a trabalhos anteriores.

Dividiremos este capítulo em dois momentos: no primeiro, apresentamos alguns aspectos teóricos sobre a esfera jurídica e as interferências da vida cotidiana do jovem trabalhador. Entendemos que a esfera jurídica – que, segundo Lukács (2013), é uma das esferas do complexo ideológico – interfere desde a vida cotidiana do ser humano até a vida pública. O complexo jurídico assume determinado posicionamento de classe e, embora colabore para amenizar conflitos sociais, em outra sociabilidade, para além da forma capital, poderá assumir outras implicações.

Em um segundo momento, analisaremos duas leis que fundamentam ou pretendem fundamentar as propostas de garantir os direitos à educação e ao trabalho para os jovens brasileiros, a Lei 12.852/13 (Estatuto da Juventude) e a Lei 10.097/2000 (Lei de Aprendizagem). Nessa direção, interessa-nos investigar o que diz a legislação e como o ser real tem presenciado e vivido na prática os direitos propostos pela legislação. Assim, analisamos a vida cotidiana do jovem e as leis que regem sua vida quanto à questão de trabalho e educação, por meio das falas dos jovens entrevistados.

Portanto, consideramos que o complexo de leis, normas, regras, estatutos tem sua gênese histórica e resulta em desdobramentos históricos significativos para o sujeito. Temos que considerar a concepção histórico-social do complexo jurídico porque, em sua grande maioria, o direito é “tratado como uma área fixa, coesa, definida univocamente ‘em termos lógicos’ [...] que pode ser corretamente manejado tão somente pela ‘lógica’ jurídica, autossuficiente, fechado em si mesmo” (LUKÁCS, 2013, p. 237). Porém, ao analisar esse complexo, mediante uma análise de conjuntura histórico-social, entendemos que ele sofre alterações no decorrer da história e é passível de transformações; logo, essa área fixa, coesa, apontada por Lukács (2013), pode ser modificada.

4.1 UMA COMPREENSÃO HISTÓRICA SOBRE O COMPLEXO JURÍDICO

A esfera jurídica faz parte do processo de constituição histórico-social da humanidade e necessita ser analisada para além de uma compreensão superficial ou “lógico formal”. Para entender a ação do complexo jurídico na esfera social, é importante considerar alguns elementos²⁹ da constituição do Estado, da política e da economia. O posicionamento teórico adotado para a análise que faremos a seguir são os estudos de Engels (2012), Lukács (2013), Pachukanis (1988) e também os de Marx (2010).

O processo histórico-social pelo qual o sistema jurídico desenvolve-se remonta a toda a história da humanidade. Um dos exemplos que mencionamos aqui é a complexidade jurídica durante a Idade Média. A igreja feudal constituía-se no espaço que compunha a classe culta; o clero era a base de toda a medida do pensamento. Nesse momento, a concepção de mundo teológica era o centro; nesse sentido, a “jurisprudência, ciência da natureza e filosofia, tudo se resumia em saber se o conteúdo estava ou não de acordo com as doutrinas da Igreja” (ENGELS, 2012, p. 17).

Na Inglaterra, durante o século XVII, o posicionamento da igreja interferia nas relações sociais de todas as classes. Porém, na França é que surge uma nova concepção de mundo, que se opõe a este posicionamento religioso, a concepção jurídica de mundo. E, assim, “as relações econômicas e sociais, anteriormente representadas como criações do dogma e da Igreja, [...] agora se representam fundadas no direito e criadas pelo Estado” (ENGELS, 2012, p. 18). Nesse processo, a igualdade jurídica torna-se um dos principais instrumentos de guerra da burguesia. A luta da burguesia era contra a monarquia e senhores feudais, luta política, luta pela tomada do Estado, que deveria ser direcionado por meio de reivindicações jurídicas.

O proletariado, por sua vez, também se utiliza desse arcabouço da concepção jurídica, como meio de luta, mas “a reivindicação da igualdade, assim como do produto integral do trabalho, perdia-se em contradições insolúveis tão logo se buscava formular seus pormenores jurídicos”; sendo assim, demonstra sua limitação e a necessidade da

²⁹ [...] ““elemento” é sempre um complexo com propriedades concretas, qualitativamente específicas, um complexo de forças e relações diversas que agem em conjunto” (LUKÁCS, 2012, p. 307).

transformação do modo de produção (ENGELS, 2012, p. 20). Dessa forma, o contexto histórico-social da gênese do direito burguês mostra que, para a classe trabalhadora, esse emaranhado de leis, normas, regulações não passa de ilusão jurídica.

Marx (1843) escreve que o complexo jurídico – Estado de direito – tem uma fundamental representação na sociedade capitalista. A esfera jurídica fundamenta a constituição da propriedade privada, e esse Estado do direito compreende o ser social como um número, uma estatística, “um ente genérico, ele é o membro imaginário de uma soberania fictícia, tendo sido privado de sua vida individual real e preenchido com uma universalidade irreal” (MARX, 2010, p. 41). E ainda afirma o autor,

[...] o Estado permite que a propriedade privada, a formação, a atividade laboral atuem à maneira delas, isto é, como propriedade privada, como formação, como atividade laboral, e tornem efetiva a sua essência particular. Longe de anular essas diferenças fáticas, ele existe tão somente sob o pressuposto delas, ele só se percebe como Estado político e a sua universalidade só efetiva em oposição a esses elementos próprios dele (MARX, 2010, p. 40).

Lukács (2013) explica que o Estado assume caráter de dever, e este passa a ter aspecto oficial. Por sua condição de classe, o Estado passa a ter o conteúdo legitimador de como isto ou aquilo devem ser julgados, proibidos ou liberados, etc. E “surge um sistema tendencialmente coeso de enunciados, de determinações factuais [...] cuja incumbência é submeter o relacionamento social dos homens a regras nos termos do Estado monopolista” (LUKÁCS, 2013, p. 238).

O complexo jurídico contribui para que um espelhamento da vida real sempre tenha uma distorção, principalmente no que diz respeito ao que lhe sustenta e lhe mantém como Estado, o contexto econômico real. O direito e o Estado determinam como o *ser em si* deve se comportar diante da “vontade estatal referente a o que e como isso deve acontecer em um caso dado, o que e como isso não pode ocorrer nesse contexto” (LUKÁCS, 2013, p. 239).

Essa evidência gera um problema sem precedentes quando se trata de reproduzir um pensamento coerente da realidade social em que o sujeito está inserido. Em sua grande maioria, a pessoa adere a um pensamento que entende que as leis, estatutos, normas, entre outros instrumentos legais, são elaborações inabaláveis, já que se afirmam e

legitimam-se oficialmente pelos órgãos jurídicos ligados ao Estado. A percepção do sujeito diante desse complexo é como se não existissem contradições, isso em sua mera aparência. Segundo Lukács (2013, p. 239-240),

toda forma de regulação desse tipo, até a mais energeticamente manipulada, constitui uma regulação concreta e socialmente necessária: ela faz parte do ser-propriadamente-assim justamente da sociedade na qual ela funciona. Mas, precisamente por essa razão, o nexó sistemático, sua dedução, fundamentação e aplicação logicistas são apenas aparentes, ilusórias, porque a constatação dos fatos e seu ordenamento dentro de um sistema não estão ancorados na realidade social mesma, mas apenas na vontade da respectiva classe dominante de ordenar a práxis social em conformidade com suas intenções.

Não se pode perder de vista que o direito é possível em sua amplitude somente no processo histórico-capitalista; nesse período, seus desdobramentos alcançam o auge, configurando-se com base em uma grande quantidade de conceitos abstrato-jurídicos, o que resulta em uma crescente manipulação em detrimento da classe trabalhadora e a favor da classe capitalista. O direito constitui-se, dessa forma, em um regime social determinado e fundamentado sobre a oposição de interesse privado (mas não da propriedade privada).

Em todas as circunstâncias, o sujeito depara-se com regulamentações que tomam conta de todas as relações sociais, e estas são cada vez mais de caráter jurídico. O homem que vive sua vida de cada dia está submetido e considerado sujeito de direitos e obrigações, ele se depara diariamente com uma infinidade de atos jurídicos, e, por conseguinte, com suas diferentes consequências.

Hoje são incontáveis as interferências do Estado, com a ajuda do complexo jurídico na vida cotidiana, desde o castigo contra o delito, contra a propriedade, até o direito de ter a propriedade, da regulação do matrimônio ao divórcio, da escolarização obrigatória às normas de trânsito, etc. (HELLER, 1994). Apresentam-se, na vida cotidiana, direitos negativos e positivos; por exemplo, segundo Heller, a lei que favorece o despejo do inquilino pobre é a mesma lei que garante a seguridade social. Nessa mesma linha de raciocínio segue a autora:

El derecho regula ante todo la distribución de los bienes producidos por la sociedad; regula además las formas de contacto entre los hombres en base a los criterios de “lícito” e “ilícito”. De este modo es garantizado en última instancia el poder de una clase, de un estrato, de una capa dominante. El derecho es por principio un fenómeno de alienación, en cuanto que su aparición como esfera autónoma está ligada a la aparición de un Estado separado de los hombres (HELLER, 1994, p. 181).

Quando Heller (1994) se refere ao direito como alienação, afirma que não o limita, mas reconhece sua função no desenvolvimento dos valores genéricos. A especificidade do Estado consiste em perceber se determinado direito pode garantir ou não a estabilidade social, se pode ou não ser exercido com uma consciência cotidiana. O desenvolvimento da economia sublinha as diferenças entre o público e o privado. Conforme Pachukanis (1988, p. 92),

a interpretação jurídica, isto é, racional do fenômeno do poder não se torna possível a não ser com o desenvolvimento da economia monetária e do comércio. Apenas tais formas econômicas criam a oposição entre a vida pública e a vida privada que, com o tempo, reveste um caráter “eterno” e “natural” e que constitui o fundamento de toda a teoria jurídica do poder.

E, assim, justamente com essa sociabilidade, o direito apresenta-se como o regulador da vida, determinando os direitos, precisando libertar direitos, conforme as limitações da sociedade que o fundamentou. Entendemos que tais direitos, como educação, trabalho, moradia, cultura, etc., são direitos genéricos de todo ser social e não somente pelo fato de estarem escritos em um papel e assinados por um jurista, conforme os acordos feitos entre Estado e os proprietários dos meios de produção.

Com o Estatuto da Juventude, é possível legitimar, formalmente, quais direitos básicos os jovens têm, direitos como educação, trabalho, saúde, etc., que são prioridades e que, nessa sociabilidade, precisam da lei para que todos a eles tenham acesso. Importante considerar que a sociedade capitalista, para se sustentar e perpetuar, limita e nega acesso

a certos direitos, e, como sabemos, pela própria constituição da lei que homogeneiza e subsume os interesses de todos em uma lei geral e abstrata como uma de suas características – oculta a realidade social de cada ser. Torriglia (2004, p. 52) explica que

o processo jurídico tem um duplo caráter: por um lado, ele vale como uma fixação ideal importante de determinado estado de coisas e tenta expressar esse estado em definições que conformam um sistema compacto, que não admite contradições. Quando mais isto se sistematiza, mais se distancia da realidade: “[...] o sistema, de fato, não se desenvolve como reflexo desta, mas como sua manipulação que a homogeneiza em termos abstrato-ideais”.

A gênese do Estado de direito, ao mesmo tempo em que libera, também priva o ser humano de ter acesso a uma vida plena de sentidos, pois é historicamente constituído para não atender à totalidade social. Segundo Mészáros (2015, p. 29),

o sistema do capital tem três pilares interligados: capital, trabalho e Estado. [...] A materialidade do Estado está profundamente enraizada na base sociometabólica antagônica sobre a qual todas as formações de Estado do capital são erguidas. Ela é inseparável da materialidade substantiva tanto do capital quanto do trabalho. Só uma visão combinada de sua *inter-relação tríplice* torna inteligíveis as funções legitimadoras do Estado do sistema do capital.

E, continua o autor, o “[...] Estado é um componente vital nesse conjunto de inter-relações, tendo em vista o seu papel direto e, agora, avassalador na modalidade necessária de tomada de decisão global” (MÉSZÁROS, 2015, p. 29). A esfera jurídica em sua gênese, controlada pela intervenção do Estado, contribui para regular a vida do ser humano. Assim como também as outras esferas da vida social – educação, religião, política, ideologia – são regulamentadas pela forma estatal considerando a totalidade social. Continua Lukács (2013, p. 438-484) dizendo que,

[...] com o desenvolvimento das forças produtivas, crescem constantemente a esfera de validade e a importância do costume, do hábito, da tradição, da educação etc., que sem exceção se baseiam em pores teleológicos desse tipo; basta apontar para a necessidade de que surjam esferas ideológicas próprias (é o caso, sobretudo, do direito) para satisfazer essas necessidades da totalidade social.

Pachukanis (1988, p. 13) esclarece que o objetivo prático da esfera jurídica consiste em “dar garantias à marcha, mais ou menos livre, da produção e da reprodução social que, na sociedade de produção mercantil, se operam formalmente através de uma série de contratos jurídicos privados”.

Na mesma linha de pensamento, Lukács (2013) afirma que a esfera do direito, em sentido amplo, surge a fim de mediar as relações sociais e também, em sua origem, regular a reprodução social. Segundo o autor,

é exatamente a dependência objetivamente social do âmbito do direito em relação à economia e, ao mesmo tempo, a sua heterogeneidade, assim produzida, nos confrontos com esta última que, na sua simultaneidade dialética, determina a peculiaridade e a objetividade social do valor (LUKÁCS, 2013, p. 119).

Esse conflito entre a pluralidade de valores configura a objetividade social na realidade social. O ser humano entra em conflitos reais na real situação em que é submetido no decorrer da vida, entre deveres e direitos a serem cumpridos. São perceptíveis as contradições na proposta do estatuto e na vida real de cada jovem. No documento, é estabelecido o direito ao trabalho e à educação. Na vida real, o jovem entra na corrida e procura para vender a força de trabalho e, mesmo que tenha certa qualificação, em muitos casos não consegue encontrar oportunidades de trabalho. Nessa situação, como citamos anteriormente, o jovem fica entre o certo e o incerto de um discurso persuasivo e coercitivo de um documento.

Essa constituição da pluralidade de valores e valorações necessita ser entendida dentro de um complexo do processo histórico, que acompanha a reprodução do ser social e adquire, ao longo dos tempos, caráter social. Lukács (2013, p. 163) salienta que

os valores que surgem nesse processo, como conhecimento humano, arte da persuasão, destreza, sagacidade etc., ampliam, por seu turno, o círculo dos valores e das valorações – cada vez mais puramente sociais. Se o grupo em questão já se desenvolveu a ponto de dispor de uma espécie de disciplina, essa socialidade adquire um caráter mais ou menos institucional, ou seja, um caráter ainda mais nitidamente social.

Esse caráter nitidamente social é perceptível no contexto histórico do capital; cada vez mais se sentem e vivenciam-se a cada dia as consequências desse complexo, que resulta em problemas reais, que, em parte, se resolvem, utilizando-se das artimanhas do mercado. É possível perceber a tendenciosa prioridade da manipulação da técnica e, em consequência, a exploração da força de trabalho, principalmente do jovem. Outro fator é a quantidade de mercadorias disponíveis e os obstáculos para circulação, as campanhas publicitárias a todo o momento indicam que a prioridade é ter, desde objetos, carro, calçados, bebidas até um diploma, uma qualificação da força de trabalho; porém, para fazer cursos de aperfeiçoamento, necessita-se pagar mensalidades.

A destreza é tão ínfima que, mesmo custando muitas horas necessárias de trabalho, o que se quer é interagir cada vez mais com o mundo tecnológico e consumir o que o crédito pode pagar. É esse discurso elaborado no Relatório sobre a juventude que destaca a obrigação dos países mais pobres com seus jovens e que

son necesarios determinados acuerdos institucionales básicos, como los relativos a la seguridad de los sistemas de ahorro y los derechos de propiedad a los que también pueda recurrirse para obtener crédito (UNFPA, 2014, p. 3).

Um jovem bem-sucedido no caso é aquele que supera as limitações do contexto social e, por meio da venda da força de trabalho e do crédito adquirido, pode alimentar seus desejos de consumo. No entanto, é perceptível que esse transpor de limitações materiais é limitado e corrobora para atender às próprias necessidades de lucro da burguesia. A mercadoria, como constituição da forma capital, precisa ser protegida e dar direitos de acordo com seus limites. A vida cotidiana é afetada de muitas formas, conforme Lasch (1986, p. 22),

a produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. É enganoso caracterizar a cultura do consumo como uma cultura dominada por coisas. O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou contrariar seus desejos.

O problema maior é que esse sujeito vive uma vida real, e as ficções e possibilidades construídas pela sociabilidade na qual vive também constroem limitações e regulamentações. Muitos dos jovens “empreendedores” ou jovens que realizam empréstimos sofrem consequências negativas, quando necessitam realizar o pagamento desses empréstimos, financiamentos, etc., pois a Educação para o empreendedorismo,

[...] pretende ensinar aos jovens que na atual crise no mundo do trabalho não há emprego para todos, sem, contudo, permitir que os jovens compreendam e questionem o processo histórico de criação do assalariamento, desvendem o engodo do salário como pagamento justo pelo trabalho e entendam que o processo de produção da riqueza é o mesmo que produz a miséria (COAN; SHIROMA, 2012, p. 271).

Esse pensamento de Shiroma permite compreender que a educação, ao negar a compreensão histórica, fundamenta a crença de que basta ao jovem querer para poder ser dono de seu próprio negócio. E, assim, o jovem, envolvido nessas relações de normas e contratos, em muitos casos acaba em dívidas, e a própria lei que permitiu os empréstimos é a mesma que faz as cobranças. E as contradições da lei entram em vigor novamente: a mesma lei que protege é a que oprime, afinal foram assinados contratos com muitos juros, e as correções monetárias necessitam ser pagas. Aqui temos o paradoxo da igualdade

aparente do direito em reais trabalhos desiguais, nas palavras de Marx (2012 p. 30-31):

[...] o igual direito é ainda, de acordo com seu princípio, o direito burguês [...]. Esse igual direito é desigual para trabalho desigual. Ele não reconhece nenhuma distinção de classe, pois cada indivíduo é apenas trabalhador tanto quanto o outro; mas reconhece tacitamente a desigualdade dos talentos individuais como privilégios naturais e, por conseguinte, a desigual capacidade dos trabalhadores. Segundo seu conteúdo, portanto, ele é. Como todo direito, um direito da desigualdade. [...] quando tomados apenas por um aspecto determinado, por exemplo, quando, no caso em questão, são considerados apenas como trabalhadores e neles não se vê nada além disso, todos os outros aspectos são desconsiderados.

A falsa crença de que querer é poder é contestada quando o complexo jurídico entra em cena, corroborando com Marx, escreve Lukács (2013, p. 233) que o direito “surgido em virtude da existência da sociedade de classes, é por sua essência necessariamente um direito de classe: um sistema ordenador para a sociedade que corresponde aos interesses e ao poder da classe dominante”; assim, o direito corresponde a um posicionamento de classe que compreende a todos os direitos humanos constituídos.

Os direitos humanos universais foram necessários devido ao avanço da violência provocada pelas relações sociais capitalistas, como, por exemplo, a proibição de crianças ao trabalho; porém, em certas circunstâncias, o detentor do dinheiro consegue burlar as leis e torna crianças força de trabalho.

Lukács (2013), quando se refere à esfera jurídica, salienta que temos de considerá-la em sua complexificação histórica, porque, aos poucos e no decorrer dos tempos, os conteúdos jurídicos foram tomando forma, tornando a vida cada vez mais social. Dessa maneira, reivindica regulamentações desde totalidade social ampla até as singulares da vida cotidiana. Lukács (2013, p. 236) acentua que,

à medida que o direito foi se tornando um regulador normal e prosaico da vida cotidiana, foi desaparecendo no plano geral o *páthos* que

adquirira no período do seu surgimento e mais fortes foram se tornando dentro dele os elementos manipuladores do positivismo. Ele se torna uma esfera da vida social em que as consequências dos atos, as chances de êxito, os riscos de sofrer danos são calculados de modo semelhante ao que se faz no próprio mundo econômico.

A respeito da esfera jurídica, é necessário entender que essa “reflete igualmente o processo de evolução histórica real, que é justamente o processo de evolução da sociedade burguesa” (PACHUKANIS, 1988, p. 25); destarte, é somente na sociabilidade capitalista que se configuram condições necessárias para que o complexo jurídico influencie diretamente e plenamente as relações sociais. Com a sociedade do capital, é possível distinguir o indivíduo como sujeito privado e como partícipe de uma sociedade política.

O direito assume, dessa maneira, ontologicamente, uma dupla função, influenciar com seus pores teleológicos todo ser humano em tomar certa direção, não podendo estar fora do complexo ideológico (gênese dos pores teleológicos secundários), e a de levar os juristas e grupos responsáveis em converter as determinações legais em práxis jurídica, a efetuar os pores teleológicos dentro de parâmetros bem delimitados (LUKÁCS, 2013).

O direito que nasce da necessidade da justiça é produzido da própria necessidade de igualdade determinada pelo movimento da estruturação da vida social, conforme seu contexto histórico-social. Quando a igualdade para todos abarca a todos e deixa de lado suas especificidades, quando observamos as leis, seu conteúdo como, por exemplo, o Estatuto da Juventude, percebe-se o grau de abstração e amplitude de suas indicações a respeito do conteúdo. Isso não evidencia os processos marcantes da realidade objetiva e expressa, muitas vezes, um discurso no qual se repetem generalizações e se prende em fraseologias vazias. Mas, a característica da lei, da norma, poderia trazer os aspectos singulares? Por que ela tem de expressar e homogeneizar a realidade?

Vejam as palavras de Lukács (2013, p. 247) sobre o direito positivo:

[...] a principal função das ponderações teóricas elaboradas para a práxis do direito e nela aplicadas não é a de demonstrar, em termos teóricos gerais, a ausência de contradição do

direito positivo, mas, muito antes, eliminar em termos práticos todas as contradições que eventualmente possam emergir na práxis; ora, se isso acontece na forma de uma interpretação do direito positivo ou como modificação, reformulação etc. de determinações singulares é algo irrelevante a partir desse ponto de vista.

Conforme Lukács (2013, p. 247), o direito positivo tem seu método fundamentado em manipular as contradições, para que um sistema unitário venha se apresentar como capaz de regular o que de contraditório acontece socialmente; sendo essa uma técnica de manipulação própria que necessita ser renovada com a inserção sempre nova de especialistas (advogados, juristas, policiais, etc.). O complexo jurídico “constitui um fenômeno decorrente do desenvolvimento econômico, da estratificação em classes e da luta de classes”.

De acordo com Podvolockij (apud Pachukanis 1988, p. 96),

a livre concorrência, a liberdade da propriedade privada, a igualdade dos direitos no mercado e a simples garantia da existência da classe geram uma nova forma de poder de Estado, a democracia, que possibilita o acesso coletivo de uma classe ao poder.

Assim, temos que a participação política na sociedade na forma capital aparenta que todos podem participar, todos podem escolher de modo democrático o futuro da nação. No que se refere ao jovem, poderíamos dizer que existe uma falsa crença de que ser jovem é agir de forma a atender a objetivos da política, é efetivar em sua prática diálogos que possam acrescentar temas que satisfaçam suas necessidades, desde a vida cotidiana, até a vida pública. No entanto, temos de considerar sobre essa pretensa participação política que, conforme Heller (1994, p. 173),

[...] la clase dominante (los estratos y capas dirigentes) hace siempre política, los estratos y las clases oprimidas o que todavía no han alcanzado el poder sólo se convierten en factores políticamente activos cuando surge un cierto mínimo de consciencia colectiva, es decir, cuando se comprende que existen intereses comunes, cuando se constituye la consciencia del nosotros.

Consideramos que a sociedade capitalista, em seus desdobramentos ao longo da história modifica-se, limita a ação da classe oprimida em levar adiante estratégias que poderiam transformar a sociedade em outro sistema; exemplos que confluem com essas limitações acontecem por meio das guerras, das ditaduras. A respeito dessa coerção nas relações de classe, Pachukanis (1988, p. 98) explica que,

nas mútuas relações entre os proprietários de mercadorias, a necessidade de uma coação autoritária surge cada vez que a paz é perturbada ou que os contratos não são cumpridos voluntariamente. Eis a razão por que a doutrina do direito natural restringe a função do poder do Estado à manutenção da paz e reserva ao Estado a tarefa exclusiva de ser um instrumento do direito.

O Estado constitui-se por meio da teoria natural do direito de forma autônoma. Embora quem outorgue a forma à ordem estatal sejam as pessoas singulares, que organizam decretos e ordens, as ordens são dadas conforme os designios do Estado. É como se o Estado fosse um ente para além da sociedade de classes, que dita as ordens como se fosse possuído por algo que transcende e que desconsidera as relações humanas reais ou, quando as considera, seus aspectos organizam-se de forma abstrata. O campo de mediações, nesse caso, e mesmo diante de certas limitações, gera tendências que poderiam resultar em uma práxis política que se opõe a esse conglomerado de dificuldades administradas pela sociedade na forma capital. Lukács (2013, p. 277) traz um indicativo importante sobre a necessidade de um conhecimento das relações sociais reais, como possibilidade de transformação social que é

[...] somente partindo do ser-propriadamente-assim da nação, extremamente diferenciado nas diferentes épocas, somente partindo da respectiva interação das leis, cuja síntese a nação é em cada caso, poderemos chegar a um conhecimento que corresponde à realidade, avançando rumo às transformações histórico-sociais, às quais ela está sujeita no curso da mudança da totalidade social, sendo obviamente a da estrutura econômica seu momento predominante.

A esfera jurídica, de acordo com a explanação que realizamos até aqui, contribui com assume uma função social, e se apresenta no campo de mediações da forma capital, em especial para limitar e construir uma falsa aparência de “normalidade” social. Tal aparência só poderá ser compreendida em sua essência com o conhecimento dos aspectos que cercam a realidade social; torna-se necessária a compreensão histórica dessa conjuntura. Para tanto, no próximo item, realizaremos uma análise reflexiva a propósito do jovem diante do Estatuto da Juventude e da Lei de Aprendizagem.

4.1.1 Esfera jurídica e o jovem diante do Estatuto da Juventude

É com base na compreensão das gêneses da esfera jurídica que entendemos que a Lei 12. 852/13 (Estatuto da Juventude) e a Lei 10.097/2000 (Lei de Aprendizagem) são centrais para direcionar, tanto no que diz respeito às políticas públicas para juventude, quanto à regulação do trabalho e educação do jovem. Essas leis são desdobramentos da esfera jurídica e expressam como organizar a vida do jovem de maneira formal; apresentam uma série de direitos: à educação, ao trabalho, à renda, à participação social e política, entre outros.

Salientamos que as leis para a juventude são necessárias mesmo que de maneira superficial e pouco substancial na efetividade da vida social, pois a sociedade capitalista é a sociedade que preza pela desigualdade social. Mesmo formalmente instituídas, as leis que atentam para o cuidado do jovem em partes são cumpridas, como se percebeu por meio dos depoimentos dos jovens entrevistados.

A Lei 12.852/13, em seu art. 1º, “[...] institui o Estatuto da Juventude que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE” (ESTATUTO, 2013, p. 5), leva em conta algumas ideias relativas à esfera jurídica, à sociedade na forma capital e ao jovem. Conforme o próprio Estatuto da Juventude, entende-se que este compõe, em primeira instância, um compêndio de leis que garantem direitos geracionais no Brasil, desde a aprovação, em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e também o Estatuto do Idoso, em 2003. Segundo o Estatuto da Juventude, esse marco legal poderá contribuir para um novo desafio: “erguer cada avanço legal nele contido é o próximo passo de todos que lutam por um Brasil mais justo” (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013, p. 4).

O que indagamos é o que está por trás dos discursos do Estado guiado pelos interesses da sociabilidade na forma capital. Uma das hipóteses é que a sociedade não se sustenta em meio às suas crises; ela busca seus alibis para estar em “paz” em meio à crise que intensifica a exploração da força de milhares de jovens, mas na promessa de construir um diálogo com esses jovens, como afirma o Estatuto da Juventude (2013)³⁰, ameniza conflitos, que poderiam resultar em ações estratégicas mais amplas de transformação social.

A história do jovem no Brasil possibilita compreender que, em muitos momentos históricos, os jovens mobilizaram-se diante das condições sociais existentes e lutaram para modificar a sociedade. É importante enfatizar esses momentos principalmente a partir da década de 1970, pois foram fundamentais para a assimilação dos direitos da juventude e, ao mesmo tempo, para mostrar que tanto os jovens como a classe trabalhadora em geral, na forma capital, encontram-se diante de questões sociais singulares.

Uma das pesquisas que tomamos como referência nesta tese é a da pesquisadora, Marialice M. Foracchi, que escreveu dois importantes livros, que correspondem às suas respectivas pesquisas sobre a juventude. Um dos livros, *A juventude na sociedade moderna* (1972), refere-se à pesquisa em que a autora trata da rebelião da juventude na sociedade moderna, destacando o movimento estudantil na década de 1970. Esse texto é importante devido à maneira como a autora analisa a juventude nesse período, mas também traz questões pontuais e atuais. A autora inicia questionando que ser jovem é estar em conflito com o sistema em crise e destaca que no comportamento da juventude que lhe

singulariza estão contidas as omissões, as contradições e os benefícios de uma configuração social de vida que, sendo histórica, é transitória e que, ao esgotar-se, delapida o seu potencial humano, nele investindo as suas perspectivas de sobrevivência. Não será, com certeza, o jovem, o depositário único de investidura tão dramática. Mas, sendo o menos preparado para recebê-la, é, paradoxalmente, o único com condições de

³⁰ Após quase dez anos de tramitação e de muita mobilização social, o Estatuto da Juventude foi aprovado em julho de 2013 pelo Congresso Nacional e sancionado pela presidenta Dilma Rousseff em agosto do mesmo ano. Depois de 180 dias de sua publicação no Diário Oficial da União, o Estatuto entrou em vigência a partir do dia 2 de fevereiro de 2014.

executá-la, nos moldes tolerados pela situação de crise. O seu descomprometimento relativo com as tarefas produtivas, sua abertura aos processos de criação, sua disponibilidade psicológica e social o encaminham para o exercício da liberdade, da busca e da improvisação (FORACCHI, 1972, p. 11).

Para o jovem, a sociedade constituída é o marco da referência da contestação, na medida em que adentra ao sistema, na crise da adolescência até a busca de identidade, em que se desloca da família para o sistema em sua totalidade social. Os termos do Estatuto da Juventude garantem o cumprimento dos direitos dos jovens; todavia, a que considerar a vida real de cada jovem, que vivencia a cada dia as contradições sociais, entre o discurso da lei e a práxis da vida.

Foracchi (1972), ao expor aspectos de uma juventude da década de 1960 e 1970, objeto de seu estudo, afirma que

há na juventude moderna não só o apelo para a vida comunitária mas, em certos setores, uma verdadeira identificação com tal modo idealizado de vida, um vínculo que chega a ser emocional e pretende impor-se como a resposta jovem à indagação adulta sobre o tipo de vida que desejariam ter (FORACCHI, 1972, p. 27).

Importante destacar que, nesse momento histórico, no Brasil, havia muitos movimentos organizados por jovens, inspirados em outros movimentos espalhados pelo mundo. Acreditava-se na possibilidade de que uma transformação social seria possível, e o contexto da ditadura militar impulsionava muitos jovens a construir estratégias e ações para que a transformação se concretizasse. De acordo com Foracchi (1972, p. 30),

não serão, com certeza, modalidades mais adequadas de socialização, ou a institucionalização mais hábil e flexível das alternativas que a sociedade oferece que poderão resolver a contestação com que ela se defronta. A condição humana não é mais passível de ser definida como aquela que melhor se ajusta ao sistema dominante, quando o sistema dominante aparentemente não se ajusta à condição humana.

Há, assim, um enorme desperdício de potencial humano, incapaz de ser criadoramente absorvido pelo sistema social, e a juventude é parcela considerável desse potencial.

O contexto histórico-social das décadas de 1960 e 1970 apontava certo conflito entre as gerações, jovens que questionavam o sistema, pois, em sua grande maioria, com clareza entendiam as consequências que causava. Nesse momento, conforme a autora,

[...] reabre-se a oposição entre as gerações, questiona-se novamente o modo de ser adulto, não mais como uma alternativa de vida, mas como um modo e existir socialmente. O conflito das gerações desloca-se para o plano da sociedade e polariza-se numa proposição aberta que também transcende jovens e adultos e que se resume em aceitar o sistema, usufruindo as oportunidades de vida com que ele acena ou em rejeitar o sistema, tentando reconstruí-lo total ou parcialmente, e realizando-se pessoalmente nesse esforço de reconstrução (FORACCHI, 1972, p. 30).

No que concerne à citação anterior, alguns apontamentos são necessários: ao compreender como a sociedade capitalista está organizada, sabemos que ela articula todas as esferas do ser social para continuar seu empreendimento, que visa à valorização do capital. As alternativas que estão diante dos sujeitos, principalmente do jovem, aos poucos não são o bastante, para torná-lo em condição de entender sua realidade social e construir algum tipo de estratégia que poderia transformar a sociedade. Atualmente, na última década, encontramos um jovem que, mesmo imerso nessas relações de conflito entre a crise econômica e a exigência de qualificar a força de trabalho, e mesmo em um nível superficial de compreensão sobre a sociedade e suas contradições, consegue discernir que o mundo necessita passar por transformações, mas, assim como a classe trabalhadora em geral, atrela-se, em sua grande maioria, na luta pela sobrevivência.

Desde a Revolução Industrial, o modo de produção capitalista direciona e orienta as relações da vida, e assume características específicas de cada época. No entanto, não deixa de concentrar sua prioridade na luta pela valorização do capital, tanto na intensificação da exploração da força de trabalho por meio da mais valia-absoluta, quanto

pela mais valia-relativa. Porém, o conhecimento histórico mostra muitos momentos em que o sistema fragilizou-se e permitiu à classe trabalhadora que se questionasse e resistisse diante de suas condições materiais de produzir a vida.

Como destacado ao longo deste estudo, ser jovem na sociedade, sob a configuração social capitalista, assume uma série de características, períodos de estabilidade econômica e momentos de crise. O jovem na sociedade contemporânea, século XXI, vive diante de implicações que ameaçam a cada dia sua sobrevivência, pois o período histórico-social caracteriza-se em insatisfação, crise política, econômica e ideológica. A falta de referente permeia a vida cotidiana de muitas famílias e amplia-se em assuntos de totalidades sociais maiores, gerando uma crise tanto social como política, como explica Mészáros (2015, p. 89):

[...] a crise social e política gerada estruturalmente e o protesto tão necessário, embora ainda desdobrando-se lentamente, são visíveis em todos os lugares em nosso lar planetário, onde quer que olhemos. As determinações materiais diretas da ordem reprodutiva do capital estão totalmente complementadas pela abrangente estrutura política de comando das formações estatais do capital, constituindo-se, assim, a realidade estruturalmente interligada e enredada, e o círculo vicioso prático, do sistema do capital como um todo.

Os espaços para resistência dessa forma de vida, aos poucos, são cercados por uma estrutura que aparentemente não pode ser tocada. Nas palavras de Netto (2012), todas as esferas da existência são tomadas por ações de manipulação generalizada,

na idade avançada no monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos agentes sociais particulares – é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado [...] (NETTO, 2012, p. 85).

A manipulação prevalece de todos os lados, seja mediante a manipulação da técnica, seja por meio da manipulação por meio do consumismo. Com limitações, os jovens trabalhadores veem na possibilidade de trabalhar uma forma de consumir e, consecutivamente, uma alternativa para acalmar seus ânimos, na busca incansável por melhores condições de vida, da profissionalização, na porta de trabalho que ora se fecha, ora se abre. Tudo funcionando conforme os ânimos do mercado.

Em números, o jovem no Brasil, conforme a Secretaria Nacional de Juventude³¹ (SNJ, 2015), corresponde hoje (2015) a aproximadamente cinquenta milhões de pessoas de 15 a 29 anos. E o jovem no mundo, conforme último relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), é de 1,8 bilhão de jovens; e, de acordo com esse relatório, o Brasil está em sétimo lugar na lista dos países com mais pessoas entre 10 e 24 anos. Os números apontam o jovem como um alvo importante, e esse “capital humano” necessita de investimentos, pois, como demonstra o mesmo relatório da UNFPA (2014, p. ii),

nunca antes había habido tantos jóvenes. Es poco probable que vuelva a existir semejante potencial de progreso económico y social. El modo en que abordemos las necesidades y aspiraciones de los jóvenes determinará nuestro futuro común. La educación es fundamental. Los jóvenes deben adquirir destrezas y conocimientos pertinentes en la economía actual que les permitan convertirse en innovadores, pensadores y solucionadores de problemas.

De um lado, a informação poderia causar certa esperança, pois aponta uma probabilidade de os jovens gerarem alternativas orientadas em prol de uma transformação radical da sociedade em qual vivem. Mas, por outro lado, existe a necessidade de realizar e aprofundar sobre como está acontecendo esse movimento dialético e histórico em todo o mundo globalizado. Da citação do referido relatório o que mais nos instiga é apreender o que esses pensadores entendem por “progresso

³¹ Secretaria Nacional de Juventude vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, criada em 2005, tem como objetivo a tarefa de coordenar, integrar e articular as políticas de juventude, além de promover programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados para o segmento juvenil, como consta nesse folder.

econômico e social”? Que futuro comum almejam? A educação é fundamental, mas a que tipo de educação se refere o relatório. O que é receber conhecimento e destreza conforme a economia atual? Aquele conhecimento pragmático que, quando se torna obsoleto para o processo produtivo, é eliminado?

Será que o que pensam e expõem as agências internacionais, como Banco Mundial, UNFPA, em relação ao que é *ser* jovem no Brasil e nos países elencados e considerados pelas mesmas agências como “países em desenvolvimento”, é a cartilha, caderno, relatório, uma receita já prefigurada para orientar os seus jovens? É por meio dessas exigências internacionais, do capitalismo globalizado, ou do mercado mundial, que todos os países constroem seus estatutos da juventude?

Por mais que a lei seja nacional, em seu conteúdo é formal e, em geral, pode ser para o jovem brasileiro ou de qualquer outro país, pois não faz referência às características singulares do jovem brasileiro. Embora, no Brasil, o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13), documento de referência para os jovens conhecerem seus direitos de *ser* jovem, aparentemente, atenda às necessidades do jovem brasileiro. Ao confrontar a leitura dos relatórios elaborados pelas agências internacionais citadas e o conteúdo do Estatuto, percebe-se que é uma exigência dos países desenvolvidos. Os jovens serão o futuro e precisam receber uma educação, com conhecimentos que os preparem para enfrentar esse futuro, conforme as necessidades dessa sociabilidade. Vejamos as considerações e as preocupações expressas nesses documentos:

Según el Banco Mundial (2013), «el entorno político debe ser propicio para el crecimiento. Esto requiere prestar atención a la estabilidad macroeconómica, a un entorno empresarial propicio, a la acumulación del capital humano y al estado de derecho». Conseguir este entorno político óptimo puede parecer una tarea abrumadora para muchos países en desarrollo (UNFPA, 2014, p. 23).

Nesse contexto, é perceptível o significado de certas intervenções estatais ao enunciar os direitos dos jovens na elaboração da Lei 12.852/13 e, por se constituir em lei, deve ser cumprida, uma obrigação do Estado independentemente da vontade de governos. Vejamos, assim,

como a Lei 12.852/13 enumera os direitos que pretendem atender às especificidades da população jovem brasileira:

[...] direito à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil; direito à educação; direito à profissionalização, ao trabalho e à renda; direito à diversidade e à igualdade; direito à saúde; direito à cultura; direito à comunicação e à liberdade de expressão; direito ao desporto e ao lazer; direito ao território e à mobilidade; direito à sustentabilidade e ao meio ambiente; direito à segurança pública e o acesso à justiça (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013, p. 3-4).

Com base em algumas indagações empíricas do jovem na singularidade de Fraiburgo/SC, foi possível, embora de forma parcial, por se tratar de um estudo de caso, entender alguns aspectos de como se organiza essa sociedade que preza pela valorização do capital e como esses direitos estão presentes na vida diária dos jovens. Por meio das falas dos jovens, foi possível perceber um jovem com características próprias que se vinculam a uma cidade de interior, um jovem que tem apego à família e aos valores transmitidos por gerações, principalmente ao que concerne à questão de trabalho e educação.

O vínculo com a família é perceptível em todas as falas, mesmo na daqueles que não residem mais com seus pais; todos falam em algum momento da vida em família. Também, da possibilidade de realizar aquilo que o pai e a mãe não realizaram, principalmente com relação à vida profissional, por exemplo, como relata a jovem:

Eu levo como exemplo o meu pai, porque ele naquele tempo não tinha esses cursos, então, ele queria fazer uma coisa e ele foi e trabalhou só no pomar, nessas coisas, e agora que ele começou a fazê esses cursos e daí agora ele já está aumentando assim, só que depois de anos (Anita³²).

³² Com intuito de preservar a identidade dos jovens entrevistados, todos os nomes utilizados nesta tese são fictícios. A transcrição das falas segue como os jovens nos relataram; neste caso preserva-se a forma original da fala, supressões, gírias, vícios de linguagem, etc.

A influência da família nas escolhas realizadas pelo jovem destaca-se em muitos momentos dos relatos dos jovens, que têm em seus pais o ponto de referência. A liberdade de escolha está sempre acompanhada de conteúdos próprios dessa sociabilidade e corresponde em atender às necessidades imediatas do jovem para viver em meio às dificuldades da realidade social em que está inserido. Mesmo que seja uma ideia de liberdade de escolha, sabemos que essa condiz com as limitações impostas por tal sociedade e sempre o conteúdo de vida está vinculado em atender às necessidades de sobrevivência.

Então, eu sempre estou assim procurando as coisas, eu sempre tô pensando, eu tava fazendo o curso de inglês, mas eu tive que parar por causa do Senai né!? Que daí o curso de inglês era à tarde e a noite era particular eu teria que pagar muito caro, então, tipo, eu teria que pagar cinquenta reais por hora, então seria muito caro pra mim, eu não ia conseguir pagar, né!? Então eu tive que parar, mas não foi porque eu quis, porque assim eu tendo um curso de inglês, eu sabe falá o inglês fluentemente, eu ter um curso de aprendizagem e quando eu for procurar emprego isso vai se né! Porque agora o mercado de trabalho cobra muito o no caso se interessa muito por quem sabe fala uma língua estrangeira né!? Eu acho que é isso! (Maria).

A difícil liberdade de escolha que a sociedade na forma capital apresenta ao jovem demonstra aspectos de penúria que, em grande parte, tornam o ser jovem, com uma pobreza de conteúdo de vida. O aprender outro idioma está relacionado com as possibilidades de alcançar uma boa qualificação da força de trabalho e não o de adquirir um novo conhecimento cultural. Foracchi (1972, p. 33-34) explica que

a simples possibilidade que a sociedade moderna lhes assegura de poderem escolher o tipo de adulto no qual irão se converter é um desafio complexo, penoso para ser enfrentado com desenvoltura e sem sofrimento. A sociedade propõe opções que podem ser pobres insatisfatórias e pouco diversificadas, mas não abre mão à premência da escolha. A liberdade de escolher é uma dádiva que para alguns pode ser

considerada excessivamente pesada. Mesmo admitindo-se que esta liberdade seja efetiva e não meramente formal; que a escolha, dentro dos limites sociais que a configuram possa ser razoavelmente livre, ela envolve uma decisão de destino pessoal.

A liberdade de escolhas na sociedade do trabalho na forma capital poderia possibilitar outros horizontes ao jovem? Das entrevistas com os jovens trabalhadores, percebe-se que a autonomia e emancipação estão, em sua maioria, vinculadas a algum tipo de qualificação da força de trabalho. O envolvimento político e social do jovem resume-se à educação formal/informal (escola e curso de aprendizagem) e aos momentos em família, na comunidade. No Estatuto da Juventude (2013, p. 6), encontramos que as políticas públicas para a juventude devem promover a autonomia e emancipação dos jovens:

Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios: I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens; II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações; III - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País; IV - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares.

Um dos aspectos a destacar nessa situação é o que se entende por autonomia, emancipação, participação social e política. Ao realizar um paralelo da Lei 12.852/13 com esta investigação, é notável que essa autonomia e emancipação não se desvinculam do mundo do trabalho, pois é pelo trabalho que essa sociedade se mantém. Nos moldes da economia social de mercado, os significados de autonomia, emancipação, valorização, participação social, etc. estão atrelados a um discurso empreendedor, em que o esforço próprio tem maior prestígio do que um comunitário.

A região em evidência neste estudo tem passado por constantes transformações econômicas e, a cada ano, diminui a produção de maçã, e passa a produzir outras mercadorias. Pois muitas agroindústrias abrem falência e a expectativa de futuro para o trabalhador em vender a sua

força de trabalho transforma-se, em alguns casos, no discurso de se tornar um empreendedor como relata a jovem:

[...] então eu vejo que agora eu aproveitando este curso de aprendizagem, e eu tô gostando e eu segui esta profissão no futuro eu vô me dá bem! Porque eu sei que eu posso abrir o meu negócio, eu sei que eu posso no caso se uma empreendedora, eu posso ser né!? Isso, eu acho que é isso assim que agora na tua juventude você tem que fazer o máximo pra que no futuro quando você tiver adulto você se dá bem (Maria).

Nesse contexto social, o ser jovem é ser trabalhador e, caso a expectativa de qualificação de força de trabalho não alcance os níveis desejáveis, a educação para o empreendedorismo pode ser uma das alternativas. O discurso da educação empreendedora diz que o jovem pode ter seu próprio negócio. Autonomia e emancipação, nesse discurso, significam o jovem ser criativo em meio aos problemas sociais, de desemprego, de falta de oportunidades. Ao entrevistar os jovens, indagamos sobre o que é ser jovem e, na grande maioria, as respostas fundamentaram-se em: “é dar o meu melhor” em alguma qualificação da força de trabalho, pois lhe trará um benefício individual e de prospecção de um futuro garantido. Em alguns casos, como da jovem Maria, ser jovem é sacrificar o momento de “curtir a vida”, de “festa” em prol de algo que pode possibilitar um nível melhor de qualificação profissional,

Ser jovem, eu acho que ser jovem é você saber aproveitar a vida, acho que é você sabe o certo e o errado, sabe que você tem que sabe diferenciar as coisas assim, não tem uma festa, mas eu tenho que saber que amanhã eu tenho uma prova, então se eu quiser ir nesta festa eu tenho que estuda antes, ou nem ir. Então eu vejo que assim, tem muita menina da minha idade, que não tá nem aí. Então, até a gente teve uma entrevista, tipo como se fosse uma entrevista de emprego sabe e o professor falou que é muito bom conversar com jovens que já tenham um futuro assim planejado sabe, porque se você for conversar assim como, por exemplo, principalmente da minha sala na escola, não tão nem aí! A maioria só pensa em festa, só pensa em sair e eu não penso nisso, eu penso muito no meu

futuro porque minha mãe fala que eu tenho que escolher uma profissão que eu goste, porque se eu não gostar depois eu posso me arrepender (Maria).

Outro jovem assim expõe:

Curtir, aproveitar é estudar também, ter um pouco mais de conhecimento pra quando chegar nos 18 começar a trabalhar e botar em prática (João).

Na mesma linha, a jovem Anita assim se expressa:

O que é ser jovem pra mim? É bom ser jovem porque a gente faz bastante coisa principalmente agora que tem bastante coisa pra nós diferenciada; no tempo de minha mãe e de meu pai não tinha essas coisas e pra eles tipo era só trabalha no pomar não tinha como pensar mais alto porque a sociedade não deixava (Anita).

Esse “pensar mais alto” corresponde ao aspecto da qualificação. As oportunidades escassas de qualificação da força de trabalho e a necessidade ínfima de uma força de trabalho com escolarização, para a produção de maçã, não permitiam que os trabalhadores tivessem acesso a outros níveis de ensino. A maioria dos pais dos jovens entrevistados somente possui o Ensino Médio completo, cursado por meio da Educação de Jovens e Adultos; outros, apenas o Ensino Fundamental. O ponto central na vida desses jovens trabalhadores é a qualificação porque veem nela a possibilidade de encontrar a autonomia financeira por meio do trabalho.

Outro paralelo que podemos traçar sobre a questão da autonomia e emancipação é com o jovem da pesquisa de Foracchi (1972), caracterizado como um jovem movido a enfrentar os conflitos sociais da sociedade de sua época. Movidos com os acontecimentos desse período histórico, década de 1970, e com evidente intensão de transformar a sociedade, o sentido e significado de emancipação, participação, valorização, etc., encontravam-se para além do contexto histórico-social dessa sociedade. Foracchi (1972, p. 37-38) explicita que o fator mudança radical era notável,

[...] a capacidade individual de sofrer profundas modificações no seu estilo de relacionamento com

os demais, no seu modo de aprofundamento crítico no conhecimento da realidade histórico-social e da modalidade de participação com que o concretiza. [...] assegurar condições sociais favoráveis para que a prática radical do jovem seja levada a efeito e seja pelo menos tolerada socialmente, é favorecer a sequência da radicalização. Isto permite, ao mesmo tempo, controlar e estimular a sua expressão e circunscrevê-la socialmente na área da juventude, destacando-se como setor radical e tornando-a socialmente visível.

Conforme a autora, a prática de participar de movimentos que propõem mudanças radicais na sociedade, com conhecimento histórico-social, para sugerir modificações coerentes, é a base para promover a participação política e social do jovem. O problema é quando acontece uma descontinuidade de uma prática que propõe revolucionar e desemboca em movimentos que sustentam práticas reformistas e, dessa maneira, deixam de ser práticas contestadoras:

A descontinuidade da radicalização assume, nesse caso, o aspecto de retração e cristalização precoce de uma experiência crucial. [...] a submersão em atividades estimuladoras da mudança social, regulamentadas no plano institucional pode limitar a atuação radicalizadora ao nível em que ela é socialmente permitida, ratificando, assim, uma prática reformista radical, mas não contestadora (FORACCHI, 1972, p. 39).

É importante esclarecer que, mesmo sendo uma prerrogativa apresentada nas décadas de 1960 e 1970, a prática reformista radical, mas não contestadora, assinalada pela autora, ainda é atual e problemática. Os movimentos de jovens apresentam-se cada vez mais com um conteúdo de concepção histórico-social, baseada em informações vindas de redes sociais, meios de comunicação de massa, e muito pouco de livros que contestam a forma pela qual a sociedade do capital vem se apresentando, ou que não chegam a ser lidos e discutidos. Também e ao mesmo tempo, existem tendências que poderiam concretizar-se em uma ação revolucionária, mas, na maioria das vezes, acabam no discurso do reformismo e aprofundamento da proliferação da forma do capital de organizar a vida.

Mas, também nas entrevistas a respeito da questão “ser jovem”, encontram-se expressos outros significados para além do mundo do trabalho. Alguns jovens comentam sobre a expectativa de que na juventude as possibilidades para conhecer o mundo são maiores. Os jovens relatam que,

[...] ser jovem... deixa eu pensar... eu acho que é conhecer porque quando você cada vez que você conhece coisas novas você aprende coisas novas, é faz amigos novos tem novas experiências acho que isso é ser jovem (Marcia).

Ser jovem é descobrir o mundo de uma forma móvel, descobrir coisas que você nunca conheceu, ter a vida mais tranquila, do que como os adultos tem (Pedro).

Entretanto, muitas das reclamações dos jovens entrevistados estão direcionadas à falta de oportunidades de conhecer o mundo para além de estar presos na exigência de qualificação da força de trabalho. Quando foram indagados sobre o que é ser jovem, muitos expressam em suas falas que ser jovem é estar diante de uma situação de não oportunidades,

[...] aqui tipo jovem tá difícil achar serviço né!? Tipo que nem pra aprende né! Se sustenta, tá bem difícil serviço (Joana).

Bom, o que eu acho é que na verdade é que pra nós jovem não tem muito emprego assim que daí que nem com isso a gente consiga achar algo melhor, conseguir algo mais fácil. Que o curso³³ pode ajuda (Eduarda).

Nesse contexto das falas dos jovens, que reclamam da falta de oportunidades e quanto ao discurso do Estatuto e da Lei de Aprendizagem, percebemos que, como escreve Marx (2012, p. 20), “cada passo do movimento real é mais importante do que uma dúzia de programas”, nesse caso quando a lei não se efetiva na prática social temos que as leis são apenas construções lógicas abstratas, verborragias profanadas por meio desses programas, estatutos, baseados nas leis. E,

³³ A jovem refere-se ao curso de aprendizagem que está cursando.

como evidencia Foracchi (1972), promovem a descontinuidade do que poderia ser uma real luta para uma possível transformação social real.

Desse modo, temos que as propostas de emancipação não são mais que aquelas que se constroem dentro dos limites do capital. Entretanto, conforme Marx (2004), a emancipação é consequência da supra-sunção da propriedade privada, ou seja,

[...] a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetivamente quanto objetivamente (MARX, 2004, p. 109).

Marx (2004) salienta que, para ocorrer a emancipação, é necessária a transformação social em seus aspectos subjetivos e objetivos. As características da sociedade não possibilitam essa emancipação pensada por Marx; mesmo que seja pauta dos Estatutos, está cercada pela lógica do capital. Sendo assim, é necessária uma construção teórica e prática, que se oponha às incertezas do capital, que questione as leis e estatutos. Isso porque a realidade capitalista não permite que o jovem tenha uma vida plena de sentidos, mas baseada em falta de perspectiva, acompanhada do tédio, da sujeição aos meios de comunicação de massa, que proclama o dito: “querer é poder”. Assim sendo,

as reivindicações resultantes dos interesses comuns de uma classe só podem ser realizadas quando essa classe conquista o poder político e suas reivindicações alcançam validade universal sob a forma de leis. Toda classe em luta precisa, pois, formular suas reivindicações em um programa, sob a forma de reivindicação jurídica. Mas as reivindicações de cada classe mudam no decorrer das transformações sociais e políticas e são diferentes em cada país, de acordo com as particularidades e o nível de desenvolvimento social (ENGELS, 2012, p. 47).

Ao considerar que o ser humano é um ser como todo organismo que responde ao ambiente em que vive, temos que “o homem constrói os problemas a serem resolvidos e lhes dá resposta com base na sua

realidade” (LUKÁSC, 2014, p. 54). E o *ser do ser* jovem em uma sociedade de realidade capitalista necessita pensar alternativas que se oponham aos problemas gerados por tal sociedade, mesmo que, em alguns casos, a juventude esteja escusa de um conhecimento histórico em sua essência³⁴, urge a necessidade de combatê-los, por meio do entendimento do fenômeno social que gera o problema.

4.1.2 Ser jovem sob a égide da sociabilidade capitalista

Sabe-se que mais do que em outras épocas, nunca se falou tanto do incentivo aos avanços tecnológicos e em uma formação direcionada para o público jovem. A sociedade em geral organiza-se na transformação desse jovem em um ser apto a desenvolver estratégias e ações que comportem os objetivos, de desenvolvimento das forças produtivas de trabalho. A manipulação da técnica tem sido um dos instrumentos que contribui para a manutenção e perpetuação da sociabilidade do capital. “Há tempos a manipulação deixou para traz o estágio das experiências e postulados; hoje ela exerce seu domínio sobre toda a vida, da práxis econômica e política à ciência” (LUKÁCS, 2012, p. 46)³⁵. Também, Mészáros (2004, p. 269), explica que a

³⁴ A caracterização das atividades sociais dos seres humanos, tantas vezes comentadas por nós como “eles não sabem, mas fazem”, significa, vista mais de perto, que os seres humanos ativos não conseguem tornar conscientes nem as causas, nem as consequências e muito menos a essência daquilo que forma o objeto ou o instrumento (ou ambos) de suas atividades, conforme o verdadeiro ser, todavia, tornam-se capazes de destacar aqueles momentos de seu complexo do ser relevantes para a atividade em questão, mas – segundo as respectivas situações sociais concretas – em momentos conscientes de sua práxis (LUKÁCS, 2010, p. 274).

³⁵ [...] a ciência contemporânea não é mais simplesmente um objeto do irresistível desenvolvimento social no sentido da manipulação generalizada, mas participa ativamente de seu aperfeiçoamento, de sua imposição generalizada [...] emerge nas últimas décadas do mesmo século uma confiança no poder de manipular ilimitadamente a massas. [...] O princípio da manipulação foi tacitamente enunciado já na concepção do cardeal Belarmino, que, conforme vimos dominou por longo período as mais influentes correntes da filosofia burguesa. Porque se a ciência não se orienta para o conhecimento mais adequado possível da realidade existente em si, se ela não se esforça para descobrir com seus métodos cada vez mais aperfeiçoados essas novas verdades, que necessariamente são fundadas também em termos ontológicos e que aprofundam e multiplicam os conhecimentos ontológicos, então sua atividade se

[...] ciência e a tecnologia seriam inevitavelmente absorvidas pelo processo de articulação material alienada da lógica perversa do capital. Aliás, as estruturas produtivas e os complexos tecnológico-instrumentais criados com a participação ativa da ciência, sobre a base das determinações socioeconômicas capitalistas, adquiriram um caráter que estava harmonizado com a lógica interna do capital e lhe dava sustentação. Em consequência, a ciência contribuiu muito para o rápido desenvolvimento tanto da potencialidade positiva, como da destrutiva, desta formação social.

Encontramos uma série de cursos, técnicos, graduação, etc., todos incentivando o desenvolvimento de determinada área do conhecimento que prioriza a produção. O que se percebe, como já destacamos, é que esse processo de avanços em tecnologia tem organizado e regulado um arcabouço de órgãos e investimentos, no desenvolvimento que corresponde às capacidades humanas. Segundo Mészáros (2004, p. 265),

a afirmação de que nossa “sociedade tecnológica” é um “*tipo totalmente novo de sociedade*” em que “*a ciência e a tecnologia ditam*” o que acontece ao corpo social, abalando por sua própria conta as instituições estabelecidas e “destruindo os fundamentos sociais dos valores mais prezados”, é uma completa mistificação. Não pode haver um “tipo totalmente novo de sociedade” criado pelo mecanismo pretensamente incontrolável e autopropulsionado das descobertas científicas e dos desenvolvimentos tecnológicos porque, na verdade, a ciência e a tecnologia estão sempre profundamente inseridas nas estruturas e determinações sociais, de sua época. Consequentemente, não são nem mais “impessoais e não-ideológicas”, nem mais

reduz, em última análise, a sustentar a práxis no sentido imediato. Se a ciência não pode ou conscientemente não deseja ir além desse nível então sua atividade transformasse numa manipulação dos fatos que interessam aos homens na prática (LUKÁCS, 2012, p. 46-47).

ameaçadoras do que qualquer outra política produtiva importante da sociedade em questão.

A percepção real dessa sociabilidade, na forma capital, possibilita compreender que a transformação e complexificação das relações humanas, com o intuito de desenvolver as forças produtivas do trabalho, nem sempre tem como consequência o desenvolvimento de um ser humano que mensure os pontos positivos e negativos dos avanços em tecnologia ao longo dos períodos históricos da sociedade. Recorremos à concepção de Lukács (2013, p. 625) que analisa que,

seja o trabalhador do século XIX, que considerava a jornada de 12 horas como destino humano universal, seja um trabalhador de hoje que considera a manipulabilidade pela organização megacapitalista do consumo e das prestações de serviço como um estado de bem estar humano finalmente alcançado, esses dois modos de estranhamento – tão diferentes quanto à forma – correspondem exatamente às respectivas finalidades socioeconômicas do grande capital [...] quanto mais intensamente o estranhamento se apoderar de toda a vida interior do trabalhador, tanto mais desimpedidamente poderá funcionar a dominação do grande capital.

A dominação do grande capital tem avançado em passos amplos; sempre que surge um obstáculo que movimentava a vida do trabalhador, ao ponto de lutar por uma alteração na sociabilidade em sua estrutura, cria-se um novo estratagema de manipulação. O ser jovem está envolvido em uma série de atividades, que engloba toda a sua vida. As redes sociais, o crédito fácil e a possibilidade de ampliação na aquisição de seus diplomas, entre outros aspectos, está cada vez mais sendo um fator que obstaculiza a formação ampla de conhecimentos. Esses conhecimentos que poderiam favorecer a compreensão e apropriação de elementos e ferramentas para pensar em ações e estratégias para mudar o mundo são utilizados como alavanca para o processo de valorização do capital. A situação social da grande maioria de filhos e filhas de trabalhadores encontra-se na busca diária de trabalho. Em algumas situações, as mulheres jovens tornam-se mães na adolescência o que acelera a necessidade de encontrar um trabalho. O apoio da família igualmente é fundamental, como salienta as jovens das quais

descrevemos suas histórias: Julia mãe de dois filhos e Joana mãe de uma menina. Ambas terminaram o Ensino Médio e não prosseguiram os estudos devido às condições da vida. A jovem Julia, que trabalha na agroindústria, descreve como foi sua trajetória de trabalhadora até a atualidade (2015),

[...] hoje minha mãe diz assim pra mim se não tivesse feito o grande, senão tivesse feito o pequeno já podia ter carteira, já podia te feito faculdade, já não precisava ta se batendo em empresa de maçã. Porque faz, na [...] eu fiquei 5 anos, na [...] ³⁶ eu fiquei um ano e dois meses, fiquei quase um ano no [...] em Videira, e daí do [...] em Videira eu sai e entrei na [...]. Porque lá a vida era muito corrida, tinha que me acordar todo dia as cinco horas da manhã, chega em casa as seis e meia, tinha que depende tanto de um pra leva o nenê na creche e pra busca. Na época que eu tava lá a mãe não tava trabalhando e agora com a mãe trabalhando durante a noite, daí esses dias que o pai não tava em casa. Daí eu optei por sair de lá e entrar ali porque durante o dia minha vida não é corrida, que daí que nem eu levo o nenê na creche e pego de tarde daí a mãe só pega ele só se precise passa da hora, lá era bem corrido.

Essa é a vida da grande maioria dos jovens trabalhadores na especificidade do município de Fraiburgo/SC, relatada na fala dessa jovem, mesmo sabendo que faz parte de um universo específico, permite-nos traçar semelhanças com aspectos da vida dos jovens em geral. Na sociedade capitalista, a vida cotidiana é ampliada para trancafiar o jovem em um círculo vicioso da venda da força de trabalho. O que importa no processo de valorização do capital é o processo produtivo, as relações de trabalho baseadas na intensificação cada vez maior da força de trabalho. O bem-estar físico, psíquico, intelectual, etc. não são prioridades para esse tipo de sociedade. Na sociedade capitalista, de acordo com Lukács (2013, p. 624),

o tempo é o espaço para o desenvolvimento humano. Um homem que não dispõe de tempo

³⁶ Os nomes das empresas foram suprimidos a fim de preservar identidade da jovem entrevistada.

livre, cujo tempo de vida é todo tomado pelo trabalho para o capitalista, excetuando as interrupções meramente físicas para dormir, tomar as refeições, etc., é menos que um animal de carga.

Na mesma linha, Marx (2004, p. 81) escreve que

o trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. [...] A exteriorização³⁷ [...] do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, [...] mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele [...], independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência [...] autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha.

A preciosidade do tempo livre que poderia possibilitar a construção de um campo de mediações estratégico capaz de modificar essa forma social de vida, em sua grande maioria, é desperdiçada na busca de avanços em tecnologia, que, conseqüentemente, geram o aumento da produtividade. Por exemplo, milhares de jovens chineses são submetidos todos os dias nas grandes indústrias, quando vendem sua força de trabalho, ao contato de produtos químicos, altamente prejudiciais à vida, que geram muitas doenças. Contudo, o que importa é a produção, para posterior venda dos produtos em grandes *shoppings centers*, inclusive vender para outros jovens. Valencia (2009, p. 106) enuncia a situação do jovem no México onde

[...] a recessão e a crise afetam com muito mais força aqueles “setores vulneráveis”, como a população jovem. De acordo com a Cepal, no que se refere à população desempregada no México, os jovens entre 15 e 24 anos constituem um exército que abarca uma porcentagem

³⁷ Exteriorização do trabalho consistem em que o trabalho é externo ao trabalhador, pois nega-se em seu trabalho, se sente infeliz “[...] que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína seu espírito” (MARX, 2004, p. 82-83).

preocupante da população marginalizada e excluída: mais de 20% da população total e cerca de 33% da população economicamente ativa. Numa palavra, eles englobam entre 41 a 62% dos desempregados em toda a região latino-americana.

E, assim, o capital garante a lucratividade de cada dia e lucra de forma privada na exploração da força de trabalho desses sujeitos, que vivem à mercê do comportamento do mercado. E, cada vez mais, como destaca Valencia (2009, p. 107-108),

as características do mundo do trabalho são a precarização e a perda de direitos contratuais e jurídico-trabalhistas, ao que coadjuvam a reforma do Estado e as reformas trabalhistas em curso, estabelecidas pelos governos sob pressão dos empresários e dos organismos internacionais como o FMI, o Banco Mundial e a OCDE.

Essa análise de conjuntura realizada por Valencia demonstra a real situação do jovem trabalhador na América Latina. De acordo com um dos relatórios a respeito da juventude no mundo, elaborado pela UNFPA,

es necesario fortalecer el estado de derecho y las instituciones de seguridad para proteger los derechos de todos, entre ellos los de los jóvenes. Para llevar a cabo estos cambios habrá que contar con la gente joven y darle voz —una participación significativa— en la gobernanza y la formulación de políticas (UNFPA, 2014, p. ii).

Ao considerar a realidade social da vida desses jovens espalhados pelo mundo, entendemos que essa voz ativa tem limitações. É necessário compreender que os direitos dos jovens só poderão ser realmente estabelecidos, por meio de participação política atuante, quando acontecer uma radical transformação social. Elencamos uma transformação radical porque é necessário que se rompam as políticas de dominação burguesa sobre a vida material e ideológica dos trabalhadores. Os programas de governos elaborados na sociedade do capital sempre atenderão os desejos da classe burguesa. Como esclarece Marx (2012, p. 25), esses programas organizam-se da seguinte forma:

Primeiro, surgem as pretensões do governo, com tudo que nele está incluído, pois ele é o órgão social para a manutenção da ordem social; em seguida, surgem as pretensões dos diferentes tipos de proprietários privados, pois os diferentes tipos de propriedade privada são os fundamentos da sociedade, etc.

Cabe destacar que Marx está analisando o *Programa de Gotha*, e afirma que em geral os programas de governo quando avaliados pode revirar e revirar as frases como quiserem, sempre estarão ocas de conteúdo. Nessa forma social da vida, em muitos momentos, percebe-se que reformar a educação, reorganizar as condições de trabalho, também corresponde a atender aos interesses da burguesia. Sendo assim, a necessidade de um posicionamento político e social que possibilite à juventude participar ativamente da construção de programas que sejam contrários a tudo aquilo que desumaniza: o trabalho abstrato, ao fim do estranhamento.

Os artigos que compõem o Estatuto da Juventude salientam a necessidade de analisar a situação do jovem, “[...] que não basta apenas criar leis, políticas públicas e projetos. É preciso estabelecer mecanismos que assegurem sua implementação na ponta, nos estados e municípios” (BRASIL SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ), 2014, p. 7).

É inegável que tivemos avanços; porém, relativamente à situação da classe trabalhadora, em aspectos gerais, ainda há muito o que mudar – passarão anos e décadas para acontecer uma transformação social – porque o limite é a permanência na luta por reformas e não uma mudança radical. O interessante de uma consciência que pense para a transformação humana é que, como afirma Lukács (2013, p. 625) sobre o pensamento de Lenin na obra

[...] em *O que fazer?* Combate à espontaneidade que sugere apenas reformas (mera luta) por salários / diminuição da jornada de trabalho. Gera uma compreensão que significa a apreensão pelo pensamento simultaneamente o combate prático do sistema capitalista em sua totalidade.

A forma de como se tem construído o pensamento dessas transformações sociais possíveis conforme as regras do capital é um

aspecto a considerar. Porque, por mais que existam direitos, que permeiam basicamente a vida do jovem trabalhador, a educação, a renda, a cultura, etc. a moldes do capital, permanecem estranhos ao ser humano, que poderia beneficiar-se com esses parágrafos, textos, artigos. O que esses sujeitos realmente carecem são de textos e ações com conteúdo, que lhe permitam atender às suas necessidades básicas de vida, como almejar ser livre, se vivem na incerteza se a comida e o teto serão garantidos no dia seguinte. Marx (2012, p. 25) afirma que,

[...] em vez de lançar frases feitas sobre “trabalho” e “a sociedade”, dever-se-ia demonstrar com precisão de que modo, na atual sociedade capitalista, são finalmente criadas as condições materiais etc. que habilitam e obrigam os trabalhadores a romper essa maldição histórica.

O conteúdo desses documentos, estatutos e relatórios estão tomados de preceitos que, em sua grande maioria, confluem com os ajustes e desajustes, do grande capital. Aqueles que não passam nos padrões de qualidade dos grandes investimentos necessitam, ou viver uma vida de constantes modificações e formações, qualificações de suas forças de trabalho, ou, como tem sido muito frequente sobretudo com jovens oriundos da classe trabalhadora, entrar no mundo do crime. Para o capital, são vistos somente como trabalhadores; em aspectos gerais, de acordo com Marx (2012, p. 31), “são considerados apenas como trabalhadores e neles não se vê nada, além disso, todos os outros aspectos são desconsiderados”.

Quando levamos em conta a sociedade em seu desenvolvimento ontológico, no processo histórico-social, como um complexo de complexos, necessitamos entender que, de um lado, temos a totalidade social, e de outro, o complexo constituído pelo indivíduo. E, assim, ambos se complexificam e estão em uma unidade, modificando-se reciprocamente. Uma sociedade séria permite o avanço de ambos os complexos, em que conseqüentemente resulta na humanização do ser humano (LUKÁCS, 2014). Dessa forma, Lukács (2014, p. 155) salienta que, na sociabilidade capitalista,

uma consequência da desigualdade do desenvolvimento é que a humanização cada vez maior da vida produz, [...] formas cada vez mais desenvolvidas de desumanidade. Nunca pode admitir que o horror gerado, por exemplo, pelo

fascismo tenha sido apenas uma espécie de recaída na idade da pedra ou qualquer coisa do gênero. O fascismo é a atrocidade, a desumanidade, de uma forma de capitalismo altamente desenvolvido. Um fenômeno humano como Eichmann³⁸ nunca existiu no tempo dos canibais, no qual, acredito, não teria podido surgir um homem em condições de fazer do aniquilamento em massa dos homens uma operação tranquilamente burocrática. Trata-se de um produto da época imperialista, como nunca existiu antes; nem mesmo a Inquisição produziu figuras semelhantes: somente fanáticos e políticos. [...] o processo de humanização do homem é um processo cheio de contradições, que produz continuamente, e que deve mesmo produzir, o seu polo oposto, até o seu êxito final.

E continuamos a contemplar a realidade atual em que jovens estudantes são reféns da forma capital, morrem por pensar ser possível outra sociedade, por reagir diante das condições precarizadas de trabalho, de moradia, de saúde. A realidade histórica da América Latina, como expõe Valencia (2009, p. 218), está permeada pela “[...] crise, a reestruturação e as tendências depressivas em curso atacam sem piedade os mercados de trabalho e estendem como nunca o desemprego, a miséria e a pobreza extrema”. Citamos o caso recente, de julho de 2014³⁹, em que jovens mexicanos foram mortos em nome da violência, na resistência às condições precárias de vida, aquilo que talvez Lukács (2014) não pudesse imaginar quando escreve sobre o fascismo no trecho citado.

Ou, mesmo jovens com condições acessíveis escolhem o vício, em vez de lutar. Um entorpecente a cada dia sendo criado, para amortecer os cérebros em vez de despertá-los para a luta, para o

³⁸ Responsável pela logística de extermínio de milhares de pessoas no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

³⁹ No ano de 2014, 43 jovens estudantes de curso de licenciatura, saíram para uma viagem de estudos, e no caminho foram raptados e não mais encontrados, somente algumas suspeitas de que foram queimados vivos. O motivo: eram contrários à opressão que sofrem no México e realizavam protestos e acreditavam que uma modificação social é possível. E, assim, consecutivamente outros jovens estão na mira desta opressão, desaparecendo e sendo mortos todos os dias.

conhecimento histórico-social de seu país e, assim, construir estratégias para modificá-la. Um exemplo que Lukács (2014, p. 164) apresenta e leva à reflexão é com relação ao comportamento dos jovens diante de certas circunstâncias sociais,

Se considerarmos a situação atual e a posição dos Estados Unidos da América, não apenas no Vietnã, mas também na América do Sul, veremos que é o prosseguimento atual da política de Warren Hastings⁴⁰. Este problema, nós bem o conhecemos. E, de fato, pelo menos em relação a ele, podemos tomar uma posição precisa. Quando os democratas europeus dizem “basta com a tradição de Warren Hastings”, exprimem algo importante e cientificamente correto, mesmo se hoje não estão em condições de dizer o que deve ser feito em Zâmbia ou na Somália, no lugar do que foi feito até agora. Nisto consiste, em minha opinião, a grande falta, e muitos jovens desiludidos com esta situação e prontos a oferecer com sincero entusiasmo sua contribuição deveriam ao menos empregar uma parte de seu talento científico para ajudar estes povos atrasados com um trabalho de pesquisa. Creio que se, das amplas camadas de jovens que nos países europeus ficam irritadas com a atual situação existente no Vietnã, aparecessem dez ou quinze boas monografias sobre determinados países, poderíamos falar de uma extraordinariamente eficaz trazida às forças realmente progressistas em ação nestes países.

A chamada do autor nos faz preocupar-nos com a responsabilidade social, com os princípios éticos que não se desenvolvem na mesma velocidade que as inovações em tecnologia. Tem-se uma preocupação em ocupar o jovem nesse período da história da humanidade, envolvê-los na grande guerra. Mas, como Lukács (2014) salientou quando descreve esse jovem envolvido com a Guerra do Vietnã, que os jovens poderiam gastar esse fôlego e vigor da juventude, em estudar e compreender como a sociedade configura-se,

⁴⁰ Primeiro general-governador inglês da Índia (1774-1785), que aplicou uma cruel política colonizadora.

conforme seus aspectos históricos-sociais de cada região. E, assim, para consecutivamente construir estratégias e ações que contribuam para modificar essa realidade social.

O que se tem, conforme a concepção da perspectiva social em que estamos inseridos, é que a regulação para transformação humana nessa sociedade não passa de um grande problema social, que cada vez mais permite a concentração de lucros nas mãos de poucos. A grande maioria da classe trabalhadora, mesmo a que se considera com alta qualificação, vive à mercê dos ânimos do mercado capitalista; não podemos negar, porém, que nesse dilema histórico-social, há a perspectiva da transformação social e “[...] partindo dessa perspectiva um homem pode compreender que, com ela, também a sua vida pessoal será mudada” (LUKÁCS, 2014, p. 168-169).

Temos que considerar que os “[...] pores teleológicos das pessoas singulares desembocam de alguma forma na totalidade do processo, pelo qual cada formação se reproduz e se desenvolve como totalidade” (LUKÁCS, 2010, p. 240). O grande problema a enfrentar atualmente é encontrar essa singularidade disposta a acreditar que é possível mudar a sociedade, com conteúdo histórico-social que corresponda a modificar e contribuir para uma alteração que transforme a vida em sua totalidade social, para além das reformas inspiradas pelos governos.

Portanto, ao considerar as análises teóricas sobre a realidade social em que estamos inseridos, essa perspectiva de transformação social necessita estar presente. Ao nos depararmos com os dados empíricos, no caso desta tese, as falas dos jovens, a transformação social urge, pois sabemos que o jovem trabalhador no mundo passa por situações semelhantes.

No próximo capítulo, evidenciaremos essa situação do jovem trabalhador na especificidade de Fraiburgo com as devidas apreciações, ponderando a totalidade social, no que concerne à qualificação da força de trabalho.

CAPÍTULO V – DO DIREITO À QUALIFICAÇÃO: FORMA CAPITAL QUE MANIPULA

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-AR/SC), órgão vinculado à Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (Faesc), realizou na última semana a formatura de 53 aprendizes no curso “Auxiliar Administrativo e Financeiro” do Programa Jovem Aprendiz Cotista, no Clube Fraiburguense, no município de Fraiburgo (SENAR/SC, 2013).

Com o objetivo de preparar jovens para o mercado de trabalho, o Senar/SC, órgão vinculado à Faesc, desenvolveu no município de Fraiburgo duas turmas do Programa Jovem Aprendiz Cotista. No dia 31 de julho, ocorreu a formatura de 55 aprendizes do curso “Auxiliar Administrativo e Financeiro”, no Clube Fraiburguense. A solenidade reuniu aproximadamente 170 pessoas, entre autoridades, líderes rurais e empresariais, dirigentes sindicais, pais e alunos, profissionais de imprensa e demais convidados (AGRICULTURA SC, 2014, p. 12).

Os trechos iniciais deste capítulo permitem-nos ter uma base do envolvimento dos jovens nos programas de aprendizagem no município de Fraiburgo. A qualificação da força de trabalho do jovem torna-se central, por meio de cursos de aprendizagem; em alguns casos, é a única alternativa do jovem, em outras, o início para uma série de outros cursos de qualificação que passam a serem partes da vida do jovem trabalhador. Este capítulo corresponde a um aprofundamento da análise empírica com foco na relação entre o *ser* jovem, trabalho e educação.

As notícias enfatizam a qualificação da força de trabalho, a primeira epígrafe, de dezembro de 2013, com a informação sobre o Programa de Aprendizagem, que formou 53 jovens, no curso de Auxiliar Administrativo e Financeiro, e a segunda, de julho de 2014, que trata do mesmo assunto – formação por meio do Programa de Aprendizagem no mesmo curso. Devido às modificações no processo produtivo, os cursos de aprendizagem também se alteram em outras áreas, como, por exemplo, administrativas, contábeis, técnicas.

Como já destacamos no capítulo I, esta investigação refere-se a um aprofundamento da dissertação de mestrado, escrita entre 2009 e

2011, em que o foco temático diz respeito ao jovem aprendiz cotista da pomicultura no município de Fraiburgo/SC. Mediante as transformações econômicas da região, o contexto histórico-social em que os trabalhadores se inserem igualmente se altera, os cursos que outrora atendiam à produção da maçã, são outros, conforme as necessidades do mercado. O trabalhador jovem também necessita encontrar alternativas de subsistência e de qualificação da força de trabalho.

5.1 O JOVEM ENTRE AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E A QUALIFICAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

As duas instituições principais que promovem o curso de aprendizagem em Fraiburgo são: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Os cursos de aprendizagem são em nível técnico, e de acordo com Machado (1982, p. 76), o conceito de educação técnica pode ser,

[...] empregado para designar outras atividades de formação profissional, que se diferenciam não só pelo nível, como também pelo caráter formal ou informal da educação. Trata-se, por exemplo, de referências a experiências profissionalizantes como SENAI, SENAC, MOBRAL, treinamento em serviços, etc.

No caso dos cursos de aprendizagem, possuem caráter informal da educação e são propostas que aceleram a entrada do jovem trabalhador no mercado de trabalho. Os traços históricos da interferência de configuração capitalista na educação brasileira são cada vez mais intensificados. “A delegação, ao capital, da formação profissional da classe trabalhadora, que se consolida, no Estado Novo, com o início do Sistema S, cada vez mais fortalecido” (RUMMERT; ALGEBAIL; VENTURA, 2012⁴¹, p. 61). As autoras citam o Prouni e o Pronatec como partes do avanço com o objetivo de disseminar a formação técnica e em nível de graduação a todos os trabalhadores.

Em Fraiburgo, o Senai oferece os seguintes cursos: Aprendizagem Industrial de Eletricista de Instalações Industriais, Aprendizagem Industrial de Mecânico de Manutenção de Máquinas em Geral e Aprendizagem Industrial de Suporte e Manutenção em

⁴¹ O presente artigo em sua forma original foi escrito no ano de 2011.

Microcomputadores e Redes Locais. O Senar oferece somente o curso de Auxiliar Administrativo e Financeiro. Os jovens entrevistados e que estão cursando algum curso de aprendizagem estão realizando o curso ou no Senai ou no Senar.

Conforme o site do Senai, “esses cursos gratuitos qualificam jovens aprendizes entre 14 e 23 anos, com forte articulação entre a formação profissional e o mundo do trabalho”. (SENAI/SC, 2014).

Na realidade social em que está inserido o jovem trabalhador, é perceptível que essa chamada para qualificação da força de trabalho torna-se uma alternativa para sobreviver. A região tem como base central o agronegócio e este é fundamental na vida dos trabalhadores. A propaganda da qualificação da força de trabalho é notável, também quanto à coerção concretizada pelo *marketing* do mercado que não considera a vida real desses jovens.

Até 2009-2011, quando realizamos a pesquisa de mestrado, a proposta para o jovem trabalhador era fazer um curso no programa de aprendizagem para estar preparado e trabalhar na produção de maçã. No final de 2011, é possível perceber, mediante os meios de comunicação, que há crise nesse processo produtivo, em uma das notícias que informa que,

[...] o secretário de Estado da Agricultura e da Pesca, João Rodrigues, recebeu o deputado estadual Reno Caramori acompanhado do presidente da Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM), Pierre Pérès. O objetivo do encontro foi buscar alternativas para a reestruturação do setor que passa por uma forte crise.

O pedido emergencial dos produtores é a renegociação das dívidas vencidas e vincendas relativas a custeio, investimento, capital de giro, linhas especiais de comercialização, entre outras, inclusive aquelas em litígios judiciais. De acordo com os fruticultores, a renegociação não deveria exigir novas garantias, nem impactar nos limites de crédito do produtor e/ou beneficiador junto ao banco⁴².

⁴² Disponível em:

<http://www.economiasc.com.br/index.php?cmd=agronegocio&id=7642>. Acesso em: 25 de agos. de 2013.

Nessa conjuntura econômico-social, o trabalhador encontra-se à mercê dos comportamentos do mercado capitalista: de um lado, o setor produtivo que entra em crise, a empresa de “propaganda” da qualificação necessita de novas articulações, de novos cursos; de outro lado, uma lei a ser cumprida – lei de aprendizagem – e as novas demandas a serem atendidas. Nesse tocante, o jovem trabalhador da macieira, que tem formação para trabalhar na referida área, busca alternativas, estas conjecturadas a atender à demanda de desenvolvimento capitalista local. O jovem trabalhador que está iniciando sua trajetória profissional qualifica-se de acordo com os interesses do mercado capitalista em áreas de eletroeletrônica, metalmecânica, tecnologia da informação, ou mesmo na área do agronegócio auxiliar administrativo e financeiro da empresa rural.

Com essas compreensões, não queremos dizer que a produção de maçã, ou as áreas tecnológicas, ou mecânica, ou eletrônica, etc. seriam as melhores alternativas para o jovem. Ou que um pomar de maçã seria mais essencial para ocupar a paisagem que um prédio do Senai ou um bairro utilizado como especulação imobiliária. O que interessa é que esse modelo de organizar a sociedade, desde os primórdios da Revolução Industrial, apresenta-se cada vez mais incompatível com a vida humana; em vez de humanizar e apresentar alternativas de vida, coloca o ser social diante de aporias diárias. Tanto a vida singular como a vida na totalidade social mais ampla tornam-se um grande problema a ser resolvido. Um dos pontos do relatório da UNFPA destaca que o jovem necessita ser responsável em querer buscar as mudanças para sua própria vida, quanto à questão profissional,

ser responsables y profesionales es el primer paso para gozar de credibilidad. También es preciso que las organizaciones juveniles se adapten a este mundo nuestro que cambia con tanta rapidez y adopten las nuevas tecnologías, que pueden revolucionar el comercio, la industria y el diseño de políticas (UNFPA, 2014, p. iv).

Nessa linha de raciocínio do relatório, indagamos: e quanto à questão da profissionalização ou do acesso às novas tecnologias, não depende somente da vontade do jovem e sim das estratégias de manutenção e perpetuação de determinada condição social, como realizar as escolhas entre essas alternativas? Como enfrentar algumas

problemáticas em que o processo de complexificação impulsiona a trajetória profissional para determinado setor ou comércio, ou indústria, ou agroindústria, etc., e, nessas circunstâncias, o jovem fica a serviço da configuração do mercado quando necessita realizar a escolha entre alternativas. Parafraseando Marx (2012), a vida real vale mais que meia dúzia de palavras escritas em um programa de governo de como deve funcionar a vida do jovem trabalhador. Como escreve a jovem Irem Tümer⁴³, que contribuiu para a escrita do relatório da UNFPA (2014, p. v),

los jóvenes deben participar en todos los aspectos del proceso. Solo mediante una representación significativa de los jóvenes y la colaboración con ellos será posible alejarse de los planteamientos arraigados que se limitan a brindar servicios básicos a la juventud para adoptar un enfoque que empodere a los jóvenes y les permita desarrollar su potencial.

Realmente necessitamos de uma sociedade com conteúdo, que possibilite aos jovens, compreender o mundo para além desses conteúdos atrelados aos posicionamentos, em que cada vez mais a riqueza do mundo concentra-se nas mãos de poucos. E, enquanto isso, milhares de jovens vivem conforme o ritmo acelerado das propostas da qualificação. O jovem tem seu tempo roubado pelo desenvolvimento das forças produtivas, das capacidades que norteiam a atender a um grupo seleto de grandes empresas multinacionais. Vive diante das incertezas das escolhas a tomar. Como salienta Valencia (2009, p. 109),

a etapa atual da economia mundial mostra que, de qualquer forma, a maioria das categorias de operários estará submetida a regimes de precarização do trabalho e à crescente deterioração das suas condições de vida e de trabalho. As empresas transnacionais recorrem a todo tipo de medidas e mecanismos para apaziguar os problemas que se derivam da saturação e superprodução de mercadorias e capitais.

⁴³ Irem Tümer, de 23 anos, foi líder da juventude de Women Deliver e é membro do Parlamento Europeu dos jovens. Reside na Turquia.

Nem todos os jovens trabalhadores entram com as mesmas condições no jogo diário da vida; porém, todos estão submetidos às alternativas configuradas pela sociedade em que vivem e necessitam, todos os dias, tomar certos posicionamentos diante da problemática diária. A que se considerar a possibilidade de que podem articular seus pores teleológicos e alterar as regras, conforme o conteúdo dessa sociedade. A corrida pela certificação, pelo diploma, pela sobrevivência, pela esperança de modificar a realidade é perceptível, como relata uma das jovens entrevistadas:

[...] porque seu eu no caso tivesse já feito uma faculdade, técnico de enfermagem que é o que eu to querendo faze a partir do ano que vem, eu acho que se eu tivesse feito uma faculdade, já poderia ter pegado há mais tempo, porque tinha esses tempos atrás tinha uma vaga no [...] ⁴⁴; eu levei currículo, só não consegui pegar de atendente de caixa, por causa que não tinha o técnico de enfermagem, e eles exigem, sem ter o técnico de enfermagem, eles não pegam (Júlia).

A jovem citada possui outros cursos de profissionalização e atualmente trabalha em uma agroindústria. É evidente na fala dela a certeza de que o obstáculo é ela não possuir o curso superior (faculdade). Por mais que a profissionalização por meio de cursos de qualificação, técnico, ensino superior, etc., aparentemente, mostre-se como alternativa, torna-se relevante considerar que nessa organização capitalista, quando menos se espera, os cursos tornam-se obsoletos e deixam de existir.

E assim segue em todas as instâncias da profissionalização, a corrida, o tempo, e também o crédito e a necessidade de pagá-lo. O tempo para a conquista do diploma também é tempo de trabalho e, quando se tem a formação, nem sempre se confirma a certeza de conquistas por meio desse instrumento. A vida torna-se apenas sobrevivência, em um mundo de competidores, profissionais multifuncionais, que sempre podem alterar sua profissionalização e encaixar-se nas necessidades do mercado.

⁴⁴ Nome da instituição foi suprimido para preservar identidade da jovem.

A juventude dribla os desafios do atual mercado de trabalho vendendo sua força de trabalho, prestando serviços, fazendo consultorias, trabalho terceirizado, trabalho temporário, a domicílio, subcontratado, com bolsas de estudo, estágio ou arranjos flexíveis e precários similares (COAN; SHIROMA, 2012, p. 245).

Essa é a realidade social que permeia a formação e profissionalização do ser jovem na forma capital, baseada em aspectos de manipulação e propagação das profissionalizações para que o jovem qualifique sua força de trabalho e adentre ao processo produtivo. Os filhos de trabalhadores são alvos dos cursos de aprendizagem, como destaca o Senar SC (2014, p. 12) quanto ao público-alvo do curso, Auxiliar administrativo e financeiro para as empresas rurais são “[...] jovens entre 14 e 24 anos, sendo, preferencialmente, filhos de trabalhadores ou produtores rurais. Durante o curso, os aprendizes recebem uma bolsa das empresas parceiras”.

O jovem trabalhador é o alvo dos programas de aprendizagem, a propaganda da responsabilidade social engloba a ideia de que os filhos dos trabalhadores de certa maneira necessitam ser compensados, devido à condição de trabalho de seus pais. As agroindústrias também ganham um ponto de confiança da família do trabalhador quando oportunizam o jovem em realizar o curso de aprendizagem, pois, por causa dos baixos salários dos pais, com o curso, existe a possibilidade de complementação de renda por meio do valor que os filhos recebem participando do programa de aprendizagem.

O curso de aprendizagem, em parte, contribuiu como um elemento de qualificação da força de trabalho que não é possível encontrar em outros meios, aprendizagem e fonte de renda. Os jovens podem de maneira parcial aprender uma atividade profissional. No entanto, a que se pensar que conteúdos poderiam contribuir para enfrentar as lacunas vivenciadas pelos jovens para além dessas propostas.

A que se considerar a forma de conhecimento sobre quem é o jovem, a situação em que é colocada a categoria juventude nessa sociabilidade. De um lado, temos a alternativa que é refletir durante dez anos sobre a juventude como afirma o Estatuto da Juventude, em um pacto entre governo municipal, estadual e federal, e pensar nas estratégias para proteger os jovens das incongruências geradas pelas relações sociais em que está inserido. Por outro lado, temos que, ao

verificar os relatórios de órgãos internacionais⁴⁵, percebe-se que esse pacto é exigência dos países desenvolvidos, aos países pobres ou como mesmo consta nos relatórios sobre a juventude (2015), para se adequar ao desenvolvimento da competitividade internacional. Vejamos como esse apontamento é tratado nas palavras do documento da Organização Internacional do Trabalho (UNFPA, 2014, p. 23):

El acceso universal de los niños a la enseñanza primaria constituye un paso básico de la política de desarrollo, y contar con una amplia cobertura de educación secundaria mejora las perspectivas de los jóvenes para ganarse la vida. Sin embargo, son muchos los países que obtienen una escolarización de escasa calidad debido a los presupuestos que se destinan a ella, a consecuencia de una mala gobernanza del sector educativo (Banco Mundial, Filmer y Fox, 2014:10). Asimismo, es importante la formación profesional para preparar a los jóvenes para distintos niveles de aptitud (mayores y menores), que puedan ser útiles tanto en empresas domésticas como en el sector formal. Es necesario que las políticas de educación y formación se centren en facilitar la transición de la etapa educativa a la vida laboral y prevengan los desajustes del mercado laboral (Organización Internacional del Trabajo, 2013).

Na parte do relatório citada, evidenciamos dois documentos, a saber: um do Banco Mundial (2014) e outro da OIT (2013), que convocam os países em desenvolvimento, que possuem o maior número de jovens, a tratar a educação e a profissionalização para o trabalho como um objetivo central. E o jovem necessita receber essa profissionalização independentemente de qual área estará inserido. Portanto, a proposta diz que um dos aspectos centrais ao jovem é estar atento às modificações no processo produtivo.

⁴⁵ Para a escrita deste texto, utilizamos o último relatório El poder de 1.800 Millones Los Adolescentes, Los Jóvenes Y La Transformación Del Futuro. Estado de la población mundial 2014. Esse relatório, em todo o seu texto, cita muitos outros documentos elaborados pelo Banco Mundial, Unesco, etc. de como o jovem dos países subdesenvolvidos necessitam ser tratados.

Nesse norte, a qualificação profissional torna-se central na sociedade capitalista. Em específico no documento da UNFPA (2014) temos que “a vida é um curso”, e, então, jovem “qual é o seu curso”, induzindo ao jovem qual curso técnico, superior seguirá carreira. Assim, independentemente da vida de cada jovem, a sobrevivência exige um curso. Na próxima seção, trataremos da relação entre a vida cotidiana e a qualificação da força de trabalho, com base em relatos do jovem trabalhador de Fraiburgo.

5.1.1 O jovem na busca para qualificar sua força de trabalho: o programa jovem aprendiz

Abordaremos aqui a fala dos jovens que vivem no município de Fraiburgo e já realizaram algum curso de aprendizagem. É possível, mediante tais narrativas, compreender a sensação de instabilidade a que estão submetidos diante da qualificação da força de trabalho. Alguns jovens já estão cursando o segundo, o terceiro curso em áreas alternadas. E, em alguns casos, o que está disponível para vender a força de trabalho ainda são atividades de auxiliar de produção ou o desemprego.

A jovem Julia relata a falta de perspectiva em sua trajetória de qualificação profissional, pois já cursou os cursos de auxiliar em administração, atendente de farmácia, operador de computador, injetáveis e, atualmente, trabalha de auxiliar de produção em uma agroindústria do município. Conforme o relato da jovem, seu dia a dia na agroindústria organiza-se da seguinte maneira:

Meu dia a dia então eu trabalho na [...] ⁴⁶, faz três meses, trabalho na estufa, primeiro eu trabalhava no furador que é faze limpeza da maçã, a maçã caía pela metade, você limpava tipo só tirava as semente com uma colherinha daí eu fiquei um mês lá, daí agora os outros dois meses eu fui passei pra a estufa, daí a estufa é abastecer carrinho, daí tem quatro bandejas, daí durante o dia eu faço este serviço, faz dois meses que eu to na estufa.

⁴⁶ O nome da agroindústria foi suprimido a fim de preservar identidade da jovem entrevistada.

Mesmo com qualificações em muitas áreas, a jovem encontra dificuldades para atuar nas áreas em que tem a formação. Essa dificuldade de encontrar algo é apontada como um dos problemas que os jovens no município de Fraiburgo estão vivenciando. Não basta ter a qualificação, também é necessário ter a experiência e, no mundo precarizado e limitado de trabalho na forma abstrata, muitos jovens tornam-se trabalhadores em atividades braçais nas agroindústrias, realizando um trabalho repetitivo e com esperança de que talvez outra formação em outra área possibilite essa experiência.

A jovem Selma cursou Auxiliar Administrativo e Financeiro, programa jovem aprendiz, oferecido por uma agroindústria. Expõe que, quando terminou o Curso de Aprendizagem, a agroindústria não tinha vagas nessa área do curso para continuar na empresa. Entretanto, a jovem continuou trabalhando no controle de qualidade no processo produtivo da maçã e não na área oferecida pela agroindústria no curso de aprendizagem. A jovem conta sobre o trabalho realizado após concluir o curso de jovem aprendiz:

Era controle de qualidade, lá eles embalam maçã né! A produção lá embala as maçãs, o meu trabalho era vê como que tava saindo o produto final. É se tava bem alinhada na caixa, se as mulheres tavam tirando, porque elas têm que descartar as fora da categoria, por exemplo, tava passando cat 1, elas tinha que tira de categoria 2, categoria 3 e indústria. Eu tinha que vê, fazê as análises, as amostras, vê se elas tavam tirando tudo que tinha que tirá.

É possível, por meio do relato da jovem, entender que a atividade de trabalho que realizava após concluir o curso de aprendizagem, Auxiliar Administrativo e Financeiro, não tinha muito que relacionar com os conteúdos do curso que acabara de finalizar. No auge da produção de maçã, a qualificação era, em sua grande maioria, para atender a esse processo produtivo, relatado pela jovem. No período em que a produção de maçã era a base central da economia no município, os jovens realizavam o curso de aprendizagem na agroindústria, fazendo as atividades na produção de maçã, como conta a jovem:

Só que isso aí foi tipo no pomar o programa que eu fiz, não foi administrativo que nem os outros

tão fazendo agora, foi no pomar, aprendi tudo sobre fruticultura estas coisas, né!?

Tipo daí eles davam uma planta, ensinavam. Tipo eles não deixavam nós plantar, mas eles só mostravam né! Tipo teve uma época que era a colheita, daí eles ensinavam nós, daí nós colhia né! (Joana).

Entre uma qualificação e outra, a jovem citada encontra-se desempregada e com problemas de saúde em razão do trabalho que efetuou em muitas agroindústrias. Depois que terminou o curso de aprendizagem, aos 16 anos, vive entre o sonho de cursar o curso de matemática e o cuidado com a filha. Quando perguntada sobre sua trajetória após realizar o Curso de Aprendizagem, ela responde:

Daí com 16 anos eu entrei na [...] ⁴⁷, fiquei três ano. [...] Depois eu saí da [...], né! Eu casei quando eu tava na [...], ainda. Daí tive ela ⁴⁸, daí depois eu saí da [...] fiquei em casa um tempo, daí depois eu fui trabalhar na [...], daí saí de lá, daí fui no [...] e agora eu to em casa.

E na [...] ⁴⁹ você via alguma perspectiva, quando trabalhava lá, de crescimento, por você ter feito o programa de aprendizagem?

Não, não tinha nenhum.

Mesmo você fazendo o programa de aprendizagem?

Mesmo eu te feito o curso, mesmo eu sabendo né! Eles não davam.

E você conhece alguém que também jovem se formou no curso e não teve oportunidades?

O que fez curso comigo nenhum tá trabalhando nessa área, ninguém.

Com as modificações no processo produtivo, outras modalidades de cursos de aprendizagem são oferecidas. Ao jovem trabalhador, que

⁴⁷ O nome da agroindústria foi suprimido a fim de preservar identidade da jovem entrevistada.

⁴⁸ A filha estava no colo da entrevistada enquanto ela nos prestava a entrevista. Após a entrevista, disse que estava com problemas na coluna, devido ao trabalho que realizou desde os 16 anos na agroindústria de maçã e que isso dificulta atualmente para encontrar outro trabalho.

⁴⁹ Agroindústria em que a jovem realizou o Curso de Aprendizagem Jovem Cotista da Macieira.

curso algo para a produção de maçã, a qualificação efetivada torna-se obsoleta. Porém, há esperanças nas nebulosas incertezas da vida do jovem trabalhador em cursar outro curso e, assim, ampliar as possibilidades para vender sua força de trabalho.

Outro apontamento dos jovens trabalhadores é com relação à falta de oportunidades em vender sua força de trabalho nas agroindústrias ou outras empresas após finalizar o curso. A maioria dos jovens expressa, em suas falas, a falta de contato com a agroindústria, pois, mesmo sendo oferecido pela agroindustrial, o curso de aprendizagem acontece nas salas de aula das instituições de aprendizagem Senai e Senar. Nesse caso, o curso de aprendizagem é também compreendido pelo jovem trabalhador como um momento de adquirir algum conhecimento, mas sem expectativas de conservar uma trajetória profissional na área do curso.

Eu acho que o curso é uma boa oportunidade pra quem tá começando, mas assim que não é, não tem que entrar assim com muita... nossa assim muita animação, porque às vezes não é bem assim, você vai lá você vai aprender muita coisa; esse aprendizado você tira, só que eu acho que ainda também falta aquela contato com a empresa, porque isso a gente não tem. Nenhum contato com a empresa, assim é só com os professores mesmos e a gente, mas eu acho que falta isso, a gente devia ter a prática na empresa, porque isso falta; a gente não sabe como é, realmente, dentro da área de trabalho, e acho que isso é uma coisa que tá faltando (Marcia).

Esse desconhecimento do jovem acerca da realidade do trabalho na área técnica de formação que está cursando causa certa apreensão. Muitos jovens veem no curso, de um lado, somente uma possibilidade de não ficar sem nenhuma atividade laboral e, quem sabe, a alternativa de continuar na área de qualificação, caso a agroindústria decida lhe contratar; e, por outro lado, os jovens também aliam o curso de aprendizagem com a ajuda financeira que recebem e podem, assim, contribuir com as despesas da família. Segundo algumas falas, a ajuda financeira é um fator importante e que faz a diferença entre um jovem que cursa o jovem aprendiz e outro que não tem a mesma possibilidade:

Mas, então isso ajuda bastante, que nem aqui em casa às vezes quando eles precisam eu tô sempre ajudando e agora pro meu aniversário meu salário ajudo bastante né! Porque eu ajudei a comprar os doces, ajudei a comprar um monte de coisa né! Então isso é uma coisa muito boa! (Maria).

Na verdade, eu conseguia me manter com o salário lá que a gente ganhava, minha mãe não precisava me ajudar, tipo me dá comida e casa essas coisas daí ela me dava, mas roupa esse tipo de coisa pra mim sair era tudo eu, não precisava mais pedi pra ela (Selma).

[...] eu posso comprar minhas coisas, ajudo minha mãe também que ajuda, isso daí ajuda bastante (Euarda).

[...] agora eu posso comprar as coisas que eu quero, eu posso gastar né! Economizar também! Posso comprar coisa pra mim, como posso comprar coisa pro meu pai, pra minha mãe, pro meu irmão (João).

É fundamental perceber a participação da família nas decisões dos jovens, no tocante à questão financeira. Os jovens têm clareza de que o que ganham com a inserção no curso de aprendizagem colabora com as despesas e outras coisas supérfluas que não poderiam ter acesso caso dependessem exclusivamente da ajuda da família. Em alguns casos, a questão financeira encontra-se como primeiro objetivo, como relatam os jovens, ao serem indagados por que entraram no curso de aprendizagem:

Pra ganhar um pouco, porque eu estava sem dinheiro, precisava de dinheiro e pra aprende algumas coisas sobre mecânica (João).

Por causa do curso, tinha remuneração né! Daí como a gente não podia trabalhar por causa da idade, 14 anos, eu tinha catorze, daí mais por causa da remuneração mesmo, o curso também (Selma).

Um dado a destacar é que não é qualquer jovem que pode ter acesso ao programa de aprendizagem. Dos jovens na idade de participar de um curso de aprendizagem, somente são escolhidos aqueles que são filhos de trabalhadores da agroindústria. O processo seletivo, em alguns

casos, acontece até mesmo entre os filhos de trabalhadores, pois a quantidade de jovens buscando o programa é maior do que a de vagas disponíveis. As oportunidades não são iguais para todos e, de alguma maneira, encontram-se diante do crivo da seleção, ou não basta somente ser filho de trabalhador. Como relatam os jovens acerca do processo de seleção:

Tipo assim eles fizeram uma prova assim que era conteúdo da sexta série bem facinho, daí eu passei porque também meu pai trabalhava na empresa (Anita).

E como você ficou sabendo do curso? Pelo meu pai me falo, porque ele trabalha lá na [...] e saiu da [...] o programa (Pedro).

E como você ficou sabendo do curso? Pela minha mãe. [...] *E como foi o processo de seleção?* Bom, eu não sei muito na verdade, eles dão um papel pra mim preenche, daí a minha mãe leva lá pro chefe, pro chefe de turma daí ele leva pra central, daí de lá eles escolhem (Eduarda).

[...] eles fazem a divulgação lá na empresa eles colocam no mural que abriu as vagas e tal. [...] É os filhos dos funcionários. Eles dão prioridade né! Mas às vezes tem outros. Sobrinho sempre é parente dos funcionários (Selma).

Bom é, bom, não foi muita coisa porque, porque na empresa do meu pai foi poucos né! Daí não precisou de prova, fazê prova estas coisas assim, daí não precisou, não foi preciso faze daí, daí eu no caso lá, eles me contrataram (João).

Por causa do meu pai né! Que na empresa assim, minha prima também, meu primo fizeram quando eles tinham 16 anos, daí eu fiquei sabendo, daí meu pai conseguiu me encaixar ali pela empresa né! (Maria).

Mesmo com todas as negatividades de uma qualificação que não garante muitas possibilidades para o jovem trabalhador, é uma alternativa, e esta não alcança a todos os jovens. Ainda que, com todas as inconstâncias da vida do tornar-se adulto, para o jovem trabalhador, essa é uma oportunidade. Diante daqueles que não alcançam essa possibilidade de qualificação, eles se sobressaem, mesmo sabendo que,

no final do curso, podem não encontrar lugar no mercado de trabalho, como relata a jovem:

Conheço várias pessoas que fizeram esse curso que eu tô fazendo, não conseguiram sair dele com emprego. E ainda estão procurando, mas que nem a empresa ela dá muita aí a gente se vocês forem bem a gente contrata, mas não é bem assim que acontece (Marcia).

Assim como participar de um curso de aprendizagem não é para todos, como estabelece o Estatuto da Juventude, também conseguir um trabalho para garantir a subsistência não é certo. “A classe do trabalho é gravemente afetada pelas medidas a que deve ser submetida, no interesse da manutenção da rentabilidade de um sistema fetichista e cruelmente desumanizante” (MÉSZÁROS, 2015, p. 26).

Apesar dos aspectos desumanizantes que afetam os trabalhadores com essa forma de trabalho aliada à aprendizagem da força de trabalho, a mínima oportunidade oferecida a esses jovens torna-se grande. Pois a expectativa de um futuro apresenta-se de forma real – por meio dos processos de educação – para esse jovem, futuro aliado aos objetivos de conservação dessa sociabilidade. Ao jovem e a toda a sua família, o curso de aprendizagem, além da escolarização, permite ganho: financeiro e de qualificação. Porém, conseqüentemente, ao mesmo tempo em que realiza a qualificação, já precedem as incertezas de se terá oportunidades no concorrido mercado de trabalho.

As inquietações são muitas em uma sociedade que preza pela informação rápida e que também exige resultados curtos. O discurso da mídia, das políticas para juventude declara: as alternativas são diversas, se o jovem não alcança as suas metas é responsabilidade sua, pois cursos e qualificações de força de trabalho estão sendo disponibilizados. Os cursos são para todos os tipos de jovens, configuram-se conforme os gostos do cliente, de curta e longa duração, e em muitas áreas. E, assim sendo, temos um tipo de jovem na busca constante para se qualificar, entre incertezas e preocupações que afetam todos os dias sua vida. Sobre referido assunto trataremos no próximo item, considerando os depoimentos do jovem trabalhador de Fraiburgo/SC.

5.2 CONHECENDO OS CURSOS DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM SENAI/SENAR EM FRAIBURGO/SC

Como já exposto nesta tese, os cursos do programa de aprendizagem desenvolvido na cidade de Fraiburgo, para trabalhar nas agroindústrias, são oferecidos pelo Senai e o Senar. Os jovens que participaram da entrevista para esta pesquisa, e que atualmente estão participando do programa de aprendizagem, estão matriculados nos cursos que seguem conforme o Tabela 5 e a Tabela 6.

Tabela 5 – Aprendizagem Industrial de Suporte e Manutenção em Microcomputadores e Redes Locais:

MÓDULO ÚNICO	CARGA HORÁRIA
Eletricidade básica	24 h
Ética, cidadania e meio ambiente	20 h
Fundamentos da matemática	52 h
Fundamentos de comunicação oral e escrita	52 h
Informática básica	32 h
Inglês aplicado à informática	24 h
Instalação de sistemas operacionais e aplicativos	120 h
Montagem e manutenção I	148 h
Montagem e manutenção II	164 h
Organização e preparação para o trabalho	20 h
Redes locais	120 h
Saúde e segurança do trabalho	24 h

Fonte: <http://www2.sc.senai.br>. Acesso em 4 de dez. de 2015

Tabela 6 – Aprendizagem Industrial de Mecânico de Manutenção de Máquinas Em Geral:

MÓDULO ÚNICO	CARGA HORÁRIA
Aprimoramento profissional	80 h
Conceitos de manutenção	40 h
Eletricidade básica	40 h
Ética, cidadania e meio ambiente	20 h
Fundamentos da matemática	52 h
Fundamentos de comunicação oral e escrita	52 h
Informática básica	32 h
Leitura e interpretação de desenho mecânico	40 h
Metrologia para mecânica	40 h
Organização e preparação para o trabalho	20 h
Práticas do ofício de manutenção de máquinas em geral	280 h
Saúde e segurança do trabalho	24 h
Tecnologia mecânica para manutenção	80 h

Fonte: <http://www2.sc.senai.br>. Acesso em 4 de dez. de 2015.

Também nos conferiram depoimentos jovens trabalhadores que estão realizando sua formação técnico-profissional, no Senar/SC, no Curso Auxiliar Administrativo e Financeiro. Sobre o curso, o que consta no site⁵⁰ da instituição é que possui carga horária de 960 horas, distribuídas em 480 horas de aulas teóricas e 480 horas de prática profissional, sendo responsabilidade das empresas que contratam o jovem aprendiz as horas de prática profissional. As aulas teóricas são divididas em dois núcleos, básico com 248 horas, com objetivo de desenvolver habilidades pessoais e sociais, e o específico, para o desenvolvimento das habilidades técnicas.

Os egressos que foram entrevistados realizaram o curso de aprendizagem no Senar, ou seja, são jovens dos antigos cursos de aprendizagem cotista da maceira, ou já concluintes do Auxiliar Administrativo e Financeiro. O espaço do Senai é recente no município de Fraiburgo e foi inaugurado em 2013. Conforme dados da instituição de 2013 havia, aproximadamente, seiscentos alunos matriculados e, em janeiro de 2014, aproximadamente mil alunos.

⁵⁰ Disponível em <http://www.senar.com.br/portal/senar/portal.php>. Acesso em 4 de dez. de 2015.

Portanto, esses são os cursos em que os jovens aprendizes entrevistados participam, conforme os dados das instituições que promovem os cursos de aprendizagem. Primeiramente, trataremos de apresentar as falas dos jovens em especial no que tange ao conteúdo do curso no qual estavam cursando no momento da entrevista, jovens dos cursos de aprendizagem do Senai. Posteriormente, trataremos de analisar as falas dos egressos dos cursos do jovem aprendiz do Senar.

5.2.1 Os depoimentos dos jovens sobre o conteúdo dos cursos de aprendizagem

Neste tópico, analisaremos a fala do jovem aprendiz, que, no momento da entrevista, cursava o curso de aprendizagem. Propõe-se observar como essa aprendizagem ou o conteúdo desse curso reflete na sua vida cotidiana e de expectativas de futuro trabalhador. Busca-se entender como o jovem faz uso desse conhecimento, como articula os momentos de estudo no curso técnico-profissional com a escola e a própria vida.

Os cursos de aprendizagem, em sua maioria, permitem ao jovem aprender uma profissão técnica, específica. O conteúdo dos cursos, como relatam os jovens trabalhadores, está, em sua grande maioria, direcionado para atender a determinada atividade na agroindústria, nas áreas administrativas ou na área técnica. A jovem Maria, do curso de Aprendizagem Industrial de Suporte e Manutenção em Microcomputadores e Redes Locais, descreve como é seu dia a dia no curso:

A gente tem várias matérias, então várias matérias que eles preparam a gente tanto pro mercado de trabalho, quanto pra a gente aprende a fazer os cabos de internet, pra sabe o IP, pra configura um computador, pra formatar um computador, pra montar um computador, desmonta, então tem tudo isso e todo. Por exemplo, na segunda, a gente tem sistema operacional; na terça, a gente tem montagem e manutenção; na quarta, a gente tinha organização e preparação no trabalho e daí, na quinta e na sexta, era montagem e manutenção I. E eles passam bastante coisa, a maioria das aulas é tudo em slide, no caso tudo apresentação sabe e acho que é isso.

Em todo o tempo da entrevista, a jovem Maria salientou que os profissionais que realizavam o programa de aprendizagem deixavam todos cientes de que, caso não encontrassem um lugar para trabalhar, poderiam ser empreendedores. Por isso, é evidente, em sua fala, eles, os profissionais que lecionam, preparam os jovens tanto para o mercado de trabalho como para a prática de manutenção de computadores. Também esclarece que, além das aulas práticas, realizam outras atividades, como apresentar trabalhos feitos em slides para os colegas do curso, resolução de problemas sobre computadores, buscar responder indagações inferidas pelos professores do curso sobre a questão profissional:

É, até semana passada, a gente tinha informática básica, a gente aprendia a montar apresentação no Power point, as planilha e os documento no Word, daí montagem e manutenção a gente vê um pouco da história dos computadores do, deis do primeiro computador, do por que o computador foi criado, que foi criar cálculo, pra fazer cálculo né! E daí a gente faz também bastante apresentação, assim sabe pra turma, eles sempre dão bastante pesquisa pra gente, daí esse ano no mundo Senai a gente tá fazendo cyber crime que é no caso o bullying virtual, daí a gente tinha que fazer apresentação pesquisa, saber o porquê, a lei, o porquê da lei Carolina Dieckman né tudo isso!

Um dos apontamentos a evidenciar é que é perceptível na fala dos jovens trabalhadores o destaque para o conhecimento dos conceitos, do que é um computador, o que é tecnologia, o que é matemática. Quanto a conhecer suas gêneses históricas, alguns relatam esse momento como um pouco cansativo, pois, quando entram para o programa de aprendizagem, pressupõem que vão trabalhar na agroindústria. Portanto, quando chegam, deparam-se com a sala de aula e poucos momentos de “prática”, de “trabalho”, e alguns dizem que este é o ponto negativo do curso, como a jovem Maria relata:

Não, eu ainda não trabalho na empresa, porque, no caso, ainda eu não tenho a idade né! Mas tipo eles passam lá o conteúdo, tipos eles passam só teórico, teoria né! Vão lá e passam teoria, teoria! Daí umas duas, três aulas de teoria, e daí a gente vai pra prática. Que na prática a gente consegue entender melhor né!

E onde vocês fazem a prática?

O laboratório de montagem e manutenção que tem ali no Senai mesmo.

Então o curso de aprendizagem acontece todo no Senai? Todo no Senai (Maria).

O jovem trabalhador João, que cursa a Aprendizagem Industrial de Mecânico de Manutenção de Máquinas em Geral, também salienta que os conteúdos do curso são importantes, pois tratam de assuntos que poderão ajudar na escolha da futura profissão, estava animado no momento da entrevista e relata que o curso

é bom... há novas coisas, tem aula prática, tem aula teórica, daí tem aula de português também, aula de conceitos, aula de matemática, tem aula de tudo lá! Pra você aprende sobre mecânica.

Bom, eu aprendi a fazer, medir, no caso, fazer medições. Aprendi o conceito de tecnologia. Aprendi também a fazer várias coisas como, é como que eu posso te fala, mexe com paquímetro, com micrômetro, um monte de aparelhos (João).

O jovem João também expõe que, nas atividades domésticas com a ajuda do que aprendeu no curso, já pode até resolver alguns problemas domésticos concertar objetos, organizar instalações. Também que o curso prioriza o ensino de português e matemática, que ajuda compreender melhor os conteúdos destas disciplinas.

A jovem Anita também cursa a aprendizagem em mecânica e enfatiza o ensino de matemática, como prioridade nesse curso:

Lá a gente tem as aulas teóricas e tem as aulas práticas, daí temos bastante matérias principalmente relacionadas à matemática por causa que mecânica tem bastante assim cálculo essas coisas e as aulas práticas a gente faz as peças.

Tipo na aula prática a gente faz, um exemplo que a gente fez foi um martelinho que a gente fez assim e daí a gente teve que usar bastante coisa, bastante coisa tipo pra medi, essas coisa (Anita).

O que os jovens ratificam ser fundamental é a possibilidade de articular o conhecimento teórico com a prática, mesmo que essa

aconteça nos laboratórios do Senai. Para alguns, a falta de estar na agroindústria realizando a “prática” pode atrapalhar na concretização do curso. Para outros, o fato de estar no laboratório e fazer determinado objeto funcionar ou montar outro já é o suficiente, como a maioria salienta, quem está no programa tem a oportunidade que o primo, o vizinho, o amigo, o conhecido não têm. Então, o valorizar a oportunidade é evidente em todos os depoimentos dos jovens. Um dos pontos desse aproveitar as oportunidades é não desperdiçar os conteúdos adquiridos durante a aprendizagem, pois poderão ser utilizados em outros cursos que o jovem poderá cursar futuramente.

Pedro, jovem trabalhador do curso de Auxiliar Administrativo e Financeiro, oferecido pelo Senar, durante o depoimento mostrou-se um tanto apreensivo, pois as poucas agroindústrias que ainda estão na cidade de Fraiburgo estão fechando suas portas. O jovem trabalhador também evidencia sua insatisfação em estar realizando o curso de aprendizagem, pois esclarece que não é o que planeja para sua vida, que tem o sonho de ser policial. Além de o jovem realizar o programa de aprendizagem, é professor de música, de acordeom, em uma escola de música no município, então descreve uma vida diária bem atarefada, pois pela manhã está na escola, à tarde no programa de aprendizagem e à noite leciona as aulas de música. Quando questionado sobre os conteúdos do curso conta:

Atendimento ao cliente, matemática básica, informática básica, informática avançada, português instrumental.

[...] são dezesseis matérias. Agora a gente tá cursando matemática financeira, que é o que é percentagem, e o curso começa a uma hora e vai até as quatro e meia (Pedro).

A jovem aprendiz Carla, que também cursa o curso de Auxiliar Administrativo e Financeiro, conta como as disciplinas são ministradas:

A cada dois meses tem uma matéria diferente e daí a gente vai lá eles ensinam a matéria que tá programada pra esses dois meses e daí a gente fica lá aprende, a maioria faz dinâmica assim sobre o assunto (Carla).

Outro jovem aprendiz que cursa o curso de Auxiliar Administrativo e Financeiro, quando indagado sobre como é o dia a dia do curso, relata sobre as avaliações e atividades que são realizadas:

É bom porque daí nós fazemos um grupo, daí nós trabalhamos em grupo, as vezes só em dupla, tem provas, daí quando precisa de alguma prova eles, a professora manda pra empresa e daí a empresa avalia (Eduarda).

Os jovens que participam do curso Auxiliar Administrativo e Financeiro enfatizam os pontos positivos do curso e um destes como o central é a habilidade para falar em público. A região de Fraiburgo ainda é um local em que ao trabalhador cabe pouca organização política, as escolas, os meios de comunicação ensinam ao trabalhador a calar. Na pesquisa “*Trabalho e Trabalhadores no Município de Fraiburgo - SC 1970/1980*”, realizada em 2006, o sindicato de trabalhadores rurais de Fraiburgo, quando questionado na época, da realização da pesquisa 2005, sobre a organização dos trabalhadores, salienta a falta de nível de escolaridade como uma dificuldade de organizar os trabalhadores da maçã (MARTINS, 2006).

De um lado, ao entrevistar os jovens e conviver com os trabalhadores, percebe-se certa apreensão por parte deles, na hora de relatar e citar o nome das agroindústrias, sobre política, fala-se pouco, porque sabem eles os transtornos que gera ao resistir contra o sistema agroindustrial e conservador que é histórico na região. Entretanto, por outro lado, ao descrever sobre como o curso acontece, ficou evidente que o desenvolver o poder de falar em público diante dos colegas, na escola, na comunidade, na igreja, etc., como um dos pontos positivos do curso de aprendizagem:

E o que você já considerou importante deste curso para sua vida?

O fato de pode fala em público e atendimento ao cliente foi bom (Carla).

[...] Que nem tipo, eu tive dum módulo lá daí que a gente como a gente vai se apresentar na frente. Como eu sou envergonhada pra apresenta na frente, a professora ensino daí até agora eu tô melhor, poco melhor e isso foi bom pra mim também, daí como teve coisa de português eu

aprendi mais coisa que eu não lembrava, eu consegui lembra (Luana).

Descreva alguma atividade chamou sua atenção; enquanto você estava fazendo o curso e que foi importante, significativo para você.

Foi o atendimento ao cliente, porque você tinha que apresenta trabalho de projetos pros outros que me ajudou bastante até na escola, apresentação de trabalhos (Pedro).

Outra atividade considerada significativa para a jovem Eduarda foi a aula de cidadania, pois, como relata, ela pôde fazer algo que ainda não havia feito em sua vida, arrecadar alimentos e brinquedos para, posteriormente, junto com os demais colegas do curso, escolher um local para realizar a doação. A jovem assim relata a experiência:

Bom ahh, que nem nesse último módulo de cidadania, nós tivemos que foi formado dois grupos, daí no meu grupo nós tivemos que montar uma cesta, escolher um lugar, alguém para doar quem tive mais precisando. Já o outro grupo juntaram brinquedo pra escolher uma creche mais necessitada assim que precisasse (Eduarda).

Como salientam os jovens, o programa de aprendizagem cumpre com sua função social, mesmo que, em suas limitações, alcançam a juventude, no que diz respeito à questão imediata de qualificação, por meio dos cursos oferecidos. Essa qualificação imediata possibilita oportunizar ao jovem criar expectativas para um futuro, que os jovens nem ao certo sabem qual é, mas é um primeiro contato com o mundo do trabalho. Os conhecimentos do curso, embora com certas fragilidades, são possibilidades para além do mundo do crime, da violência e do não ter como auxiliar a família financeiramente. Porque, mesmo que os jovens ambicionem aprender algo novo, em todos os relatos, a parte financeira torna-se a prioridade do curso.

Até aqui analisamos o depoimento dos jovens a respeito do conteúdo dos cursos de aprendizagem que cursam, na próxima seção, trataremos de expor uma análise reflexiva de como o jovem responde quando indagado sobre a questão da trajetória profissional. Como essa oportunidade de estar contratado e realizando o curso de aprendizagem

Ihe permite construir perspectivas e possibilidades de escolher uma futura profissão.

5.2.2 O curso de aprendizagem e as trajetórias de vida dos jovens de Fraiburgo/SC

Expomos aqui o que os jovens trabalhadores pensam quanto à sua questão profissional. A grande maioria, quando questionada sobre as condições atuais de trabalho na região, principalmente em Fraiburgo, sente certa apreensão, pois vê seus pais, familiares, sendo despedidos das agroindústrias. Muitos percebem a falta de expectativas e até dizem que hoje o curso que estão realizando abre muito mais portas no mercado de trabalho do que aqueles que seus primos, ou conhecidos fizeram, que era voltado exclusivamente para a produção de maçã.

É evidente que, como já destacado nesta pesquisa, a cidade torna-se aos poucos de grande produtora de maçã em uma cidade agrícola, produtora principalmente de grãos e possui plantações de reflorestamento. Por isso, há necessidade de trocar as formações técnico-profissionais dos cursos de aprendizagem. A preocupação do jovem trabalhador é a qualificação de sua força de trabalho, como é possível compreender na fala da jovem Maria, que faz o curso de aprendizagem Industrial de Suporte e Manutenção em Microcomputadores e Redes Locais:

Agora eu já até pensando que no caso eu conversei com meu tio né! Que ia fazer prova pra mecânica agora no final do ano né! Só que ele falou que não valia a pena, porque como eu tô fazendo redes, seria melhor eu fazer elétrica né! Que daí envolve mais os fios né! Tudo. Então eu tô pensando que termino esse curso eu já vou fazer outro e eu tô pensando em fazer o técnico em elétrica ou em computação que daí eu faço faculdade, daí tipo pra sair no meu currículo e eu for procurar emprego e eu tiver um curso de aprendizagem, isso no caso vai ser meio caminho andado, porque eu já tenho o um pouco do curso de inglês, daí mais o curso de aprendizagem, eu tenho mais um curso de informática, então eu sei que isso vai me ajudar né! (Maria)

Esse relato permite-nos perceber que a jovem Maria está ansiosa pelas possibilidades que o curso de aprendizagem lhe oportuniza. A jovem explica que, além de ter o certificado da aprendizagem no currículo, também pode ser indicada pela agroindústria que fez o contrato de aprendizagem para ela, para outras indústrias para contratá-la:

Ele me proporciona, assim, indicações pras empresas, no caso eu tô agora pela [...] né! E a [...] não pode me contratar pra funcionário de novo, então agora no final do ano, se eu for uma aluna boa, uma aluna excelente, né assim! Eles vão me indicar pra outra empresa, tão neste primeiro conselho de classe que teve eles disseram, que eu sou uma aluna excelente né! Que eu presto atenção, que né! Falaram isso pra minha mãe, pro meu pai, eu não estou mentindo! É isso! (Maria)

O fator disciplina é demonstrado pelos jovens aprendizes entrevistados como um dos pontos que podem fazer com que se encontrem na frente dos demais aprendizes. A jovem Eduarda relata que muitos de seus colegas de curso faltam, ou são indisciplinados; nesses casos, são dispensados do curso. Quando questionada sobre de que forma o programa de aprendizagem é importante para sua vida, ela assim responde:

[...] porque, tipo assim, se eu tivesse desistido já, é já teria um problema pra mim que eu já sube os professores já explicaram se a gente acaba desistindo, ou interromper o curso na metade, ou no começo ou caba sendo demitida isso na verdade no futuro a gente não vai conseguir um bom emprego que isso vai ser o certificado que a gente vai recebe do curso que a gente completo, vai ajuda.

Este um dos apontamentos que evidenciamos no depoimento dos jovens, a corrida na qualificação profissional, para estar à frente de seus competidores, os outros jovens. Não desistir do curso de aprendizagem torna-se para esses jovens uma expectativa de se manter à frente dos demais. Como também, a possibilidade de se manter na área do curso, como no caso da jovem Anita, que realiza o curso de Mecânica; ela

relata que sempre se interessou por tal área, que sua família sempre indicou para ela fazer um curso de enfermagem, mas que o curso de aprendizagem direcionou-a para o que realmente queria:

[...] o curso em si, porque é mecânica, e eu quero fazer isso é uma profissão que eu quero mesmo pra mim.

Eu penso em fazer outros cursos semelhantes a este, assim tipo relacionado à mecânica, porque eu gostei desse assim. (Anita)

O jovem trabalhador, em sua grande maioria, aceita os conselhos dos familiares na hora de tomar a decisão. No caso específico desta pesquisa, um dos requisitos era o jovem ser filho de trabalhadores de algumas agroindústrias do município, sendo os pais agentes fundamentais para a inserção dos filhos no curso de aprendizagem. Das dez entrevistas realizadas, todas de certa maneira mencionam o pai ou a mãe, ou familiares mais próximos como agentes de referência na hora de tomar as decisões. Os pais e familiares, quando acompanhavam a entrevista, sempre demonstravam interesse em querer dar sua opinião sobre o que o jovem deveria fazer, das oportunidades de realizar um curso e continuar estudando. Nessa especificidade de Fraiburgo, o nível de escolaridade e cursos de qualificação ainda é uma maneira de avançar e ter oportunidades melhores de trabalho, e o jovem trabalhador alcançar postos de trabalho, que os pais, ou familiares não chegaram a conquistar no decorrer da vida. Conforme relata a jovem Maria:

Porque que nem meu pai falou, meu pai cobra muito de mim, pra mim estudar, pra mim não desleixar, então tipo eu sempre me dedico bastante, porque, às vezes, claro não vou dizer que eu sou uma aluna nota dez, que eu sempre tiro notas baixas, mas eu sempre estou me dedicando e vamos dizer que né!

Os pais dos jovens já esperam que, com o término do curso de aprendizagem, seus filhos possam estar até mesmo trabalhando nas agroindústrias em que trabalham; porém, ocupando cargos em níveis diferentes daqueles que ocupam. Sonham em ver seus filhos com um curso superior e recebendo um salário melhor. O que se percebe é que, ao trabalhador, conquistar bens torna-se central na vida. Os elementos de resistência, para melhores condições de trabalho, ou redução de

jornadas de trabalho, ou fim do banco de horas, etc., não é prioridade para o trabalhador da agroindústria, e o legado que podem deixar para os filhos é um trabalho. Um exemplo, podemos observar na fala do João, que conta sobre como o programa de aprendizagem lhe ajudaria em sua trajetória profissional:

Bom, eu pretendo ir trabalhar na empresa com meu pai, e com certeza, quando eu terminar de estudar, eu vou procurar um trabalho lá ou em outra empresa, alguma coisa assim. Espero ganha, leva a vida.

Outro aspecto destacado pelo o jovem João é que, com a sua participação no curso do programa de aprendizagem, ele ficará à frente de seus oponentes. Entre um jovem que realizou o curso e outro que não realizou, João diz que a agroindústria pode lhe contratar por ter o curso de aprendizagem no currículo.

Há aqueles jovens que são mais otimistas quanto ao curso do programa de aprendizagem e quanto ao futuro profissional. Alguns encontram na própria agroindústria contratante da aprendizagem as expectativas para vender a força de trabalho, assim que concluírem o contrato de aprendizagem. Sobre o aspecto de continuar contratado e trabalhando na agroindústria, a jovem Eduarda assim responde:

Bom, que eu saiba, eles que dizem assim que vai começa trabalha direto, que nem no frigorífico que a [...] e [...] são juntos, daí começa eu acho que já no frigorífico.

As incertezas são muito visíveis nas falas dos jovens trabalhadores, as possibilidades e as impossibilidades cercam-nos em todos os momentos. As variáveis do certo e o incerto tornam suscetíveis de concluir muitos cursos de qualificação, em áreas distintas. As qualificações técnico-profissionais estão à disposição por meio dos programas de aprendizagem. No próximo item, analisaremos as falas dos jovens trabalhadores egressos dos cursos de aprendizagem e suas trajetórias no curso de aprendizagem que realizaram e sua trajetória profissional com o término do curso.

5.2.3 Os jovens trabalhadores egressos e os cursos do Programa de Aprendizagem

Nesta seção, analisaremos os relatos dos jovens egressos dos cursos oferecidos pelo programa de aprendizagem. Dos dez jovens entrevistados, quatro são egressos dos cursos de aprendizagem. A análise das entrevistas deteve-se em dois aspectos principais: primeiramente o que o jovem trabalhador relata sobre o conhecimento que aprendeu no curso e, posteriormente, sobre a direção que tomou após o curso de aprendizagem.

Das quatro jovens egressas entrevistadas no momento, duas residiam com os pais, e duas já estavam morando sozinhas; duas se encontravam separadas, uma casada e uma solteira; duas estavam cursando algum curso superior, uma desempregada e uma trabalhando em uma agroindústria.

Uma das jovens, Joana, filha de trabalhadores da agroindústria, realizou o curso de aprendizagem Jovem Aprendiz Cotista da Macieira, há aproximadamente quatro anos. Sobre os conteúdos do curso, salienta que:

Tinha aula teórica, depois que a gente tinha um tempo de aula teórica, tinha aula prática, daí a gente ia aprende a fazer o que tinha aprendido na aula teórica.

E o que vocês faziam na prática?

Nóis aprendia tipo desde o começo quando era plantado o pé de maçã até eles arranca, tudo como era feito.

O trabalho e aprendizagem eram realizados nos pomares de maçã? É. Nem chegava a ir ao Parking House? Nós fomos uma vez só para ver como era embaladas as maçãs tudo, mas não, nunca teve aula lá. (Joana)

A jovem conta que, em algumas horas do dia, a prática acontecia no pomar de maçã, e os profissionais levavam os jovens para colher maçã, por um determinado tempo, dentro das quatro horas de aprendizagem. Quando questionada acerca do que o curso de aprendizagem contribuiu para sua vida, ela responde o seguinte:

Tipo foi importante, porque assim eu consigo que nem diz pegar de, se eu for num lugar, eu consigo

pegar de no controle de qualidade né! Porque aprende tudo sobre o que é a maçã também né! Tudo os tipo da maçã. (Joana)

Na realização das entrevistas, foi difícil encontrar jovem aprendiz que fez este curso de aprendizagem “Cotista da Macieira” que quisesse ser entrevistado, pois muitos dizem que o curso lhe ajudou somente financeiramente. O que esses jovens afirmam é que a única ajuda era a financeira, que contribuía com as despesas da família. A jovem esclarece que nem um dos jovens que fez o curso com ela encontra-se trabalhando na área de especialização, pois a especificidade do curso possibilita apenas o trabalho com a maçã e, atualmente, o município sofre uma crise na produção dessa fruta, com poucas oportunidades de venda da força de trabalho. Quando perguntada em que ajudava a aprendizagem, a jovem Joana conta que estudava e que o curso de aprendizagem não contribuía com o ensino e aprendizagem na escola:

[...] a única coisa é porque eles pagavam né! [...] *Em que contribuía, financeiramente para sua vida? Ajudava para comprar as coisas pra gente, que a gente queria, dava pra comprar.* (Joana)

A jovem afirma que o curso do programa de aprendizagem que fez não ajudou escolher profissão alguma. Porque o curso só tratava de questões de como era plantar maçã na especificidade dos pomares de maçã. Os conteúdos eram basicamente para a produção da maçã. Quando terminou o curso, passou a trabalhar na produção de maçã por alguns anos, no momento da entrevista, encontrava-se desempregada.

As outras três jovens egressas cursaram o Curso Auxiliar Administrativo e Financeiro. Quando questionadas se conheciam alguém que fez o curso “Cotista da Macieira” relataram que sim; salientaram, no entanto, que o curso serviu mais como uma ajuda financeira do que um conhecimento para qualificar a força de trabalho e que as pessoas que cursaram não estavam trabalhando na área. Um dos pontos positivos do curso Auxiliar Administrativo e Financeiro, que as jovens evidenciaram em suas falas, foi que, apesar das poucas possibilidades de trabalho, na área do curso, possibilita aprender muitos conhecimentos principalmente conteúdos de português e matemática:

[...] tinha um módulo de matemática básica, matemática financeira, noções de contabilidade,

que eu lembro, administração, português assertivo. (Marcia)

[...] a gente vê contabilidade, daí conta essas coisa daí como é se administra uma empresa esse tipo de coisa e aí vai de cada módulo, tem cada módulo é uma coisa diferente. (Selma)

A jovem Selma conta que cursar contabilidade no curso do programa de aprendizagem lhe influenciou a não querer optar por um curso nas áreas de exatas, pois, com base no conteúdo do curso, percebeu que não se agradaria com essa área. Porém, os conteúdos de Recursos Humanos, de atendimento, permitiram-lhe escolher o curso superior em Psicologia, o qual está cursando. A jovem Marcia também decidiu estudar o curso de Recursos Humanos, por causa de sua participação no curso de aprendizagem. Como relatam as jovens quando questionadas:

E ele ajudou de alguma forma na tua escolha profissional agora que você está fazendo teu curso de RH ou não ajudou?

Que eu comecei a gostar de RH essas coisas mais administrativas lá! Daí agora. (Marcia)

E influência nas escolhas que você faz hoje?

Em algumas coisas, não tudo assim eu acho que algumas coisas que a gente aprende, influencia bastante assim. Na escolha de uma profissão por exemplo, mas tem contabilidade e essas coisas eu não, tinha coisas que eu não tinha visto, que eu não sabia que tinha daí agora eu sei, eu acho que eu não iria pra essa área. Então eu acho que influencia.

Então te ajudou a escolher psicologia em vez de um curso de contabilidade por exemplo?

Sim. (Selma)

Um das características negativas do curso de aprendizagem levantada pelas jovens é que todo o curso era realizado em um único lugar, nas dependências do Senar e em sala de aula. As jovens salientam que isso dificulta entender a rotina do trabalho de um auxiliar administrador, pois todas as atividades aconteceram na sala em que aconteciam as aulas.

Assim, o curso é só na sala de aula não tem tipo tem teoria e a prática, mas é lá na mesma sala aí a teoria é mais escrita... a gente vê o conteúdo o que tem pra depois i pra prática, então a gente vê primeiro a teoria e depois vai pra prática só que na mesma sala.

Eu me sinto bem, eu acho que tem os bons professores mas eu acho ainda que senti a falta do ambiente de trabalho mesmo, porque lá a gente é uma coisa é uma sala de aula você é diferente de você estar num ambiente de trabalho que é totalmente diferente. (Marcia)

Não o curso era no Senar, no Sindicato ali, daí a gente não ia na empresa, só no Senar. (Selma)

A jovem Marcia terminou o curso de aprendizagem há aproximadamente quatro anos, salienta que as expectativas eram grandes enquanto realizava o curso de aprendizagem; contudo, ao terminar, deparou-se com o desemprego e a falta de oportunidades, na área em que se qualificou. A jovem conta como foi sua trajetória pós-programa de aprendizagem:

E depois do programa como está sendo tua trajetória profissional?

Na verdade, eu trabalhei num mercado, e daí agora foi mais por causa do curso né! Que lembravam de mim, que eu fiz o curso pela [...], daí eu tava trabalhando lá! Daí eu trabalhava no controle de qualidade lá! Trabalhei um ano e meio lá! Daí, eu sai!

Foi por causa do curso que você conseguiu uma vaga na empresa?

Tavam precisando daí eu fui fazer a entrevista, daí eles lembraram de mim que eu fazia o curso pela empresa né! E daí foi mais fácil.

E esse trabalho tinha a ver com o curso que você fez?

Não.... era outra coisa. (Marcia)

Um dos aspectos recorrentes na fala dos jovens é responsabilizar a si próprio pela falta de oportunidades. Muitos jovens culpam-se por ter a qualificação e não alcançar as possibilidades de vender sua força de trabalho. E, também, demonstram o quanto se frustram por ter

qualificações e ainda estar trabalhando na agroindústria ou desempregados. A jovem Julia trabalha em uma agroindústria e conta o seguinte:

Eu fiz vários cursos, larguei vários currículos só que até o momento... *você pode citar alguns dos cursos que você fez?* Fiz atendente de farmácia, fiz auxiliar administrativo e financeiro e daí fiz um de injetáveis agora faz dois meses e pouco, daí eu fiz um de operador de computador que é o básico.

Eu acho assim que, se eu tivesse já uma experiência assim em farmácia ou ter o técnico em enfermagem, seria bem mais fácil pra consegui, tanto no ramo de farmácia como no comércio. (Julia)

Como é possível perceber na fala da jovem Julia, ela se culpa por não ter experiência, apesar dos cursos. O jovem sabe que não basta ter as qualificações, pois encontra limitações quando se depara com o fator experiência. A sociedade burguesa sempre cria um obstáculo ao trabalhador, pois prioriza a meritocracia. Demonstra que nem tudo é para todos e cria seus sistemas de cortes, e quando o fator qualificação não se sustenta, entra em questão o fator experiência, como salienta a jovem, sobre a dificuldade de encontrar trabalho:

É... trabalho é difícil, porque pra jovem assim é bem difícil, principalmente primeiro emprego, porque eles querem pessoas com experiência, que sejam não jovens, mas sejam mais maduros, que já tenham trabalhado, que saibam como que é eu acho que é bem difícil na área de emprego. (Marcia)

Para a maioria dos jovens filhos de trabalhadores, a exigência para qualificar a força de trabalho, aparece já na adolescência. Toda a família de certa forma necessita estar atrelada ao mercado de trabalho para garantir a sobrevivência da família. É visível na fala da jovem Julia certa apreensão quanto à vida profissional, mesmo com todos os cursos que possui, se culpa por não estar atuando em nenhuma área dos cursos que concluiu. A jovem alia sua situação, porque ainda não teve a oportunidade de cursar a graduação, segundo ela,

fazendo faculdade, coisas que eu já poderia ter feito há mais tempo, no caso agora eu tenho criança pequena é complicado, faze faculdade porque que nem pra mim depende de alguém no caso durante a noite, **[para deixar o filho]** a mãe trabalha pra tá deixando o pequeno, daí quem? Tá certo tem o pai, só que maioria das vezes ele vai tá dormindo à noite. Daí que nem olha a mãe trabalha! Pra mim faze faculdade é só a noite! E com quem que eu vou deixar os dois **[filhos]**, sozinho não dá pra deixa! Daí eu penso assim não que, [...] se não tivesse eles, é óbvio podia já estar bem mais além, mas agora pra faze faculdade com criança pequena é complicado, não tem ninguém pra auxiliar, é complicado. (Julia)

A jovem trabalhadora descreve que, mesmo com os cursos de qualificações, lhe resta sempre trabalhar de auxiliar de produção na agroindústria. Desde o primeiro curso que fez até o momento, se não se submeter a trabalhar na agroindústria, acaba sempre desempregada. Então, como tem seus dois filhos, vende sua força de trabalho na agroindústria e é notável em seus gestos e voz a preocupação de não ter outras oportunidades de trabalho, mas afirma o seguinte:

Ahh o meu dia durante o dia é tranquilo, porque eu chego, a gente começa a trabalhar das 7:30 horas ao meio dia e das 13:00 horas até e 17:18 horas, da assim 17:13 horas, 17:14 horas por aí, nós já tamo liberado, só precisa passar da hora se não consegui atingir aquela meta que tem que atingi até o horário, daí precisa passa, mas o máximo é até uma 18:30, 19:00 horas.

[...] lá tem furador, tem a BL e tem o secador e tem a estufa que é o local onde eu trabalho. A diferença entre o secador e a estufa é que os dois a temperatura é alta, só que o secador eles ganham mais que a estufa porque eles trabalham dez horas durante o dia, daí ao invés deles pararem às cinco e dezoito eles param as seis e meia, sete e meia... tem dias que eles vão até oito horas quando apura mais. (Julia)

O fator desemprego também é um aspecto que obstaculiza a vida dos jovens. No momento das entrevistas, duas das jovens egressas do curso de aprendizagem encontravam-se nessa situação. Pochamann (2000) enfatiza que, com as transformações no mundo do trabalho, a tendência é que cada vez mais o jovem encontre-se na condição desempregado. O autor avalia que

o funcionamento do mercado de trabalho é desfavorável ao jovem. Diante da constante presença de um excedente de mão-de-obra no mercado, o jovem encontra as piores condições de competição em relação aos adultos, tendo de assumir funções, na maioria das vezes, de qualidade inferior na estrutura das empresas (POCHAMANN, 2000, p. 31).

Na maioria das vezes, a culpa pelo desemprego também é do desempregado, ou seja, o jovem torna-se culpado pela falta de oportunidades. O mercado de trabalho é visto como independente das características econômicas e sociais. Nesse caso, cabe ao indivíduo adaptar-se à conjuntura de oportunidades disponíveis, para vender sua força de trabalho. E, assim, procura “favorecer do seu próprio esforço e postura qualitativa, como forma de superação da concorrência em relação aos outros” (POCHAMANN, 2000, p. 64).

Portanto, ao analisar as falas dos jovens egressos dos cursos de aprendizagem, salientamos alguns apontamentos: o jovem aprendiz está à mercê das transformações econômicas, muda-se a produção, as qualificações também se alteram. Quando as formações técnico-profissionais não abrem possibilidades que se almejam, a opção é o curso superior. Nem sempre as qualificações em curso técnico-profissionalizante são suficientes, criam-se outros obstáculos ao jovem, como por exemplo, o de adquirir experiência na área em que pretende atuar, e assim o jovem permanece sob a égide de um trabalho precarizado, pois nunca lhe abre a possibilidade de ter essa experiência. E, por fim, o desemprego como uma característica que perturba e gera apreensão e preocupação para a sobrevivência do jovem diante da sociedade capitalista.

5.2.4 O curso de aprendizagem e seus impactos na vida do jovem trabalhador

Cabe destacar, nesse complexo de processos de educação, certa “preocupação” dos jovens relacionada a sua qualificação de força de trabalho. O pensar somente no futuro, em alguns casos, faz com que a vida do jovem passe por momentos difíceis, de “preocupação”. Sobre a “preocupação”, Kosik (2010) elabora uma crítica, utilizando o termo “preocupação” de Heidegger, da maneira em que este autor e o pensamento corrente a compreendem como parte do mundo do sujeito e está em conexão com o papel objetivo desempenhado na vida social.

Esta categoria “preocupação”, de acordo com Kosik (2010), possui um aspecto fenomênico alienado, que corresponde à manipulação do mundo diário, em que tudo acontece mecanicamente como se fosse por hábito. O preocupar-se ou ocupar-se torna-se um comportamento prático em um mundo já feito e dado. Esta “preocupação” leva o ser humano a ver o mundo como já pronto, estático, e ele, de certo modo, deve qualificar-se para simplesmente manipular essas atividades. “Viver no futuro” e “antecipar” significa, em certo sentido, negar a vida, o indivíduo como “preocupação” não vive o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe, reduz sua vida à nulidade, vale dizer a inautenticidade (KOSIK, 2010, p. 79).

Segue Kosik (2010, p. 75) explicando que

o ocupar-se, como trabalho humano abstrato no seu aspecto fenomênico, cria um mundo utilitário igualmente abstrato, no qual tudo se converte em aparelho utilitário: neste mundo as coisas não possuem significado independente nem existência objetiva.

O indivíduo executa automaticamente as ações vitais distintas, a cotidianidade humana torna-se um processo automático e mecânico, que, em sua maioria, impede os seres humanos de viver, na forma capital de vida, o trabalho torna-se o centro das atividades da vida. Vimos que a categoria cotidianidade é fundamental em todas as sociedades até aqui existentes, de acordo com Kosik (2010), ela não é a vida privada em oposição à pública, entretanto, é a vida de cada dia da vida individual de cada um. A cotidianidade é o mundo fenomênico em que a realidade manifesta-se ao sujeito, pode desvendar a verdade da

realidade, mas também a esconde, constitui-se no caminho para compreender a realidade ou falsificá-la.

A preocupação com o ensino e aprendizagem desde criança igualmente tem se tornado foco dos órgãos internacionais, para os países em desenvolvimento. Sendo assim, os conteúdos para a vida humana, desde muito cedo, voltam-se ao trabalho na forma capital. Desde muito pequeno nas séries primárias ao perguntar à criança o que ela quer ser quando crescer ou se tornar adulta, ela logo responde: professor, médico, dentista, etc.

Na vida de cada dia, constroem-se as pretensões de o que ser? O que ter? Que caminho seguir? Muitas são as influências desde muito cedo, que mobilizam as escolhas. E o que ser, para uma família da classe trabalhadora – e de toda instituição familiar nessa sociabilidade –, é consequência da educação que se tem. Desde muito jovem, no caso de alguns jovens entrevistados, é possível o acesso além da educação formal (escola) à educação informal (curso de qualificação da força de trabalho).

Ao jovem trabalhador cabe a responsabilidade em muitos casos de ser o que os pais não conseguiram ser, estudar tudo o que podem, para suprir um desejo que os pais almejavam. A família projeta no filho o que não conseguiu realizar em sua juventude, devido às dificuldades de acesso ao estudo. A possibilidade de ter sucesso profissional torna a vida do jovem trabalhador ocupada, entre o tempo dedicado à escola e ao curso técnico. Esse dia a dia é perceptível nas narrativas:

Eu acordo, eu vou pra escola, daí na escola, vou lá faço as atividade, daí a diretora se estressa cá nossa sala, daí eu chego em casa, daí eu almoço, daí eu lavo a louça, daí eu descanso um pouco, daí eu vou me arruma pra ir pro Senai, e lá no Senai a gente tem da uma e meia as três e dez, e das três e vinte as cinco e vinte, é das três e vinte as cinco e vinte, tem o intervalo né! (Maria).

[...] eu acordo de manhã e vou pra escola né! Daí volto ao meio dia, almoço e já vou pro curso, volto às 16:30 horas, chego por volta das 17:00 horas em casa e daí as 18:00 horas eu saio e vou pra Clave de Sol e volto aproximadamente às 21:00 horas (Pedro).

O jovem trabalhador, entre as atividades laborais e de qualificação técnica, nem sempre tem clareza de como realizar suas

escolhas no mundo. O indivíduo tem que tomar suas decisões alternativas em meio a um processo de colisão de forças distintas que emergem das contradições práticas que movem a sociedade. Conforme Foracchi (1977, p. 134), o jovem e

sua percepção da situação em que vive e de si próprio, tal como pode ser elaborada com base na sua experiência de trabalho, se restringe a uma reduzida parcela do cotidiano, isto é, àquela que lhe é imediatamente oferecida. Ainda não vislumbra, ou não consegue apreender, caminhos que lhe permitam ultrapassar o caráter contingente, socialmente superposto à condição de jovem e de estudante.

A experiência de trabalho e aprendizagem não se sustenta, de forma positiva, na sociabilidade que pressiona o jovem a buscar um trabalho para vender sua força de trabalho para manter-se vivo. Dessa maneira,

sendo atividade dissociada das preocupações imediatas do estudante que precisa trabalhar para manter-se, o trabalho executado funciona antes como atividade desintegradora, que converte a aprendizagem e a experiência em aquisições correlatadas mas incompletas em si mesmas (FORACCHI, 1977, p. 135).

A autora trata de um assunto pertinente que afeta toda a vida do jovem, a questão das contradições que se geram entre a aprendizagem ao mesmo tempo em que o jovem vende a força de trabalho. Como já relatado aqui, nas vozes do jovem trabalhador, em alguns casos, a maior ajuda do curso de aprendizagem é financeira. E, assim, na maior parte, o programa de aprendizagem contribui para preencher a lacuna da sobrevivência. Acertadamente, Foracchi (1977, p. 143) trata da questão de aprender pagando com trabalho e recebendo uma mínima “contribuição”, quando escreve que

a exploração do trabalho estudantil desenvolve-se no sentido de fazer com que ele pague com trabalho a prática ocupacional que o orientará na atividade futura. Quando o objetivo visado é a prática, quando o estudante pode permitir-se

busca-la, selecionando as oportunidades que melhor lhe convenham, intensifica-se o seu grau de exigência, exacerbam-se as suas aspirações. Mas, frequentemente, não lhe é dado escolher. Aproveita-se, então, da primeira oportunidade que consegue antever, sabendo que, para obter a prática desejada, terá de conformar-se com uma remuneração mínima.

Devido às limitações nas alternativas de outras formas para ganhar a vida e com a possibilidade da aprendizagem para suprir as necessidades básicas, o jovem trabalhador mantém-se seguindo todas as regulações e exigências das instituições que ministram os cursos. Como o curso de aprendizagem não é para todos, os jovens relatam as condições para permanecer no curso, além da idade, do comportamento, a assiduidade. “É um mundo estático, em que a manipulação, o ocupar-se e o utilitarismo representam o movimento do indivíduo presa da solidão, em uma realidade já pronta e acabada, cuja mera gênese está oculta” (KOSIK, 2010, p. 76).

E, assim, as palavras dos documentos, estatutos, confrontam-se com a realidade de relações em que está imbricado o jovem trabalhador e eis a situação: jovens posicionando-se para garantir a sobrevivência. Em uma análise mais profunda, conforme Mészáros (2015, p. 107-108),

[...] o intercâmbio recíproco entre os domínios material/econômico e político assume a forma de uma incorrigível dialética atrofiada, porque *um lado* na base material do processo sociometabólico deve dominar o outro – isto é, o valor de troca deve prevalecer sobre o valor de uso, a quantidade sobre a qualidade, o abstrato sobre o concreto, o formal sobre o substantivo, o comando sobre a execução, e, claro, o capital sobre o trabalho.

O formal dá garantias aos jovens no Estatuto, nos documentos – que se encontram embasados em leis – ao direito ao trabalho, à educação, à saúde, à cultura. Porém, na realidade concreta de cada jovem, os problemas concernentes ao trabalho, à educação evidenciam-se como algo a ser superado. A transformação social é necessária, mas a vida do jovem trabalhador está atrelada diretamente às atividades automáticas da vida cotidiana; com poucas possibilidades de

compreensão do seu contexto histórico-social, de conhecer as gêneses do problema e modificar a realidade social em que vive.

As experiências imediatas estão cada vez mais limitadas. E, assim, acaba com a possibilidade de desenvolvimento imanente-autônomo, pois as necessidades e tarefas brotam a princípio do desenvolvimento econômico e determinam os caminhos da cientificidade (LUKÁSC, 2010).

Sobre os aspectos de um ensino e aprendizagem para qualificação técnica, Machado (1982, p. 144) explica que

[...] todo um ritual e uma organização hierárquica e extremamente rígidos são necessários: disciplina rigorosa, autoritarismo, carga horária pesada, exames frequentes, desprezo pela discussão a respeito dos fins das técnicas que são aprendidas, ausência de espírito crítico, etc. A escola técnica industrial é estruturada para socializar o indivíduo para o desempenho do papel que a empresa lhe reserva. Este processo de educação pode esbarrar numa contradição concreta entre produzir o cidadão dócil e o profissional competente.

Como afirma a autora também é manifesto nas falas dos jovens. Os conhecimentos dos cursos de aprendizagem prezam pela técnica e a disciplina. De um lado, acentuam a técnica, o ensino de matemática e português; de outro lado também evidenciam o comportamento que o jovem deve desempenhar, como articula seus gestos de expressão, como diz a jovem Maria:

[...] a gente tem matemática, tem organização e preparação para o trabalho, eles cobram a postura, a nossa postura tipo assim! Por exemplo, assim, do jeito que eu sento, o jeito que eu falo, o jeito que eu me comporto, então eles cobram isto e, por exemplo, assim, toda vez que eles tive explicando e eu, por exemplo, eu tivesse assim⁵¹ é meio ponto descontado.

⁵¹ Enquanto a jovem falava também fazia o gesto em que se encontrava: distraída com a cabeça apoiada sobre as mãos.

Essa relação entre o curso de aprendizagem e a escola também é evidente nos relatos dos jovens, a objetividade dos conteúdos do curso de aprendizagem e a função que cumprem na escola, conforme a jovem relata:

Então eles cobram bastante, em matemática também, eles ajudam bastante, porque por exemplo na escola eu posso tê dúvida em alguma matéria lá e eu não consegui em matemática eles conseguem tirar nossas dúvidas. Então em comunicação oral e escrita também, como se fosse português né! nas apresentação a professora cobrava bastante o uso do tipo, a gente sempre esta tipo, tipo então toda vez que a gente falava tipo na apresentação ela descontava ponto e isso que é uma coisa que a gente vai fazer na escola já é uma. O uso dos porquês ela também ensino, o da crase, tudo isso sabe que na escola as vezes a gente não aprende e ali a gente aprende. Então é muito bom assim! (Maria).

O conhecimento, por meio do curso, por mais que contribua na escola ou em outras atividades cotidianas da vida do jovem, nem sempre possibilita a esse indivíduo transcender desta vida de cada dia. Os cursos de aprendizagem apresentam em seu conteúdo, como salienta Machado (1982, p. 131), “[...] a necessidade de entender o desenvolvimento da ciência e da técnica sob o capitalismo” e não de uma perspectiva histórica e de possibilidades de transformações sociais. Os instrutores dos cursos de aprendizagem em sua grande maioria afirmam o discurso do trabalho na forma capital, como descreve a jovem:

[...] eu penso no caso eu do o meu melhor e agora eu sei que no caso toda aula eles estão passando pra gente, um vídeo de que eles já tem tecnologia pra 2025, então eu sei que em 2025 eu vou tá com 25 anos, pense que em 2025 eu posso está com o meu negócio, eu posso se uma grande técnica, eu penso nisso sim, claro que isso pode não acontece, só que pra isso acontece eu tenho que dá o meu melhor (Maria).

A análise de Kosik (2010), no que concerne à “preocupação”, é perceptível na fala da jovem quando faz uma prospecção de que, caso

ocorra de forma que não encontre uma oportunidade de venda de força de trabalho na área, pode tornar-se uma jovem empreendedora aos 25 anos de idade. E, assim,

considerando que a reestruturação produtiva requer um novo perfil de trabalhador e que não há lugar para todos no atual mercado de trabalho, é importante preparar as pessoas para a geração de novos conhecimentos, identificar oportunidades, abrir novos negócios, até mesmo porque cada vez mais as grandes corporações estão cedendo espaços para empreendimentos menores, o que é desejável com o fenômeno da terceirização (COAN; SHIROMA, 2012, p. 261-262).

A instabilidade gerada na vida do jovem trabalhador, em alguns casos, provém do histórico da família. Muitos têm primos, tios, tias, etc., que cursaram cursos de aprendizagem, mas que o conhecimento adquirido por meio destes diluiu-se na ajuda financeira. Entretanto, nem todos os fins são financeiros, no caso da Selma e da Marcia, atualmente estão cursando Recursos Humanos e Psicologia, e aliam suas escolhas devido a participação no Curso de Aprendizagem colaborou na escolha do Curso Superior,

[...] a gente estuda bastante coisa e daí tem coisas que também vão influenciar na minha graduação, que nem tem vários campos da psicologia, tem a psicologia que atua nos departamento pessoal, então isso também vai se bom pra mim [...] (Marcia).

Ambas as jovens egressas evidenciam a ajuda mediante o curso de aprendizagem, na escolha da profissão que pretendem seguir. Nos jovens que estão realizando o curso técnico, percebe-se certa apreensão e perspectiva de continuar atuando na área na qual estão realizando a aprendizagem. E também como uma possibilidade de não trabalhar nas agroindústrias como – auxiliar de produção – trabalho braçal, mas na área técnica. Quando perguntado se a vida da jovem seria diferente caso não estivesse cursando o curso de aprendizagem, ela conta:

Seria. *Por quê?* Porque daí eu não ia aprender uma coisa nova eu ia continuar sempre na mesma. *E qual que era a mesma?*

A mesma é tipo eu ia fazer que nem as outras pessoas eu ia fazer até o terceiro ano aí trabalhar numa empresa no frigorífico⁵² (Estudante do Curso de Aprendizagem Industrial de Mecânico de Manutenção de Máquinas em Geral).

O jovem trabalhador sabe que as oportunidades não são para todos e, se caso ocorram falhas ou infortúnios na qualificação da força de trabalho, a outra opção de trabalho é a agroindústria. A conjuntura histórico-social em transição na região demonstra essas incertezas, por mais que a produção de maçã aos poucos deixa de ser central no município é uma opção. Os jovens, quando questionados sobre o que pensam quanto à oportunidade de trabalho na cidade de Fraiburgo afirmam:

Aqui em Fraiburgo ultimamente é complicado porque principalmente pra emprego. Porque aqui ou você trabalha em empresa de maçã ou você não trabalha porque a maioria dos lugares, principalmente agora nessa época de junho, julho em diante é bem complicado pra arrumar serviço (Julia).

[...] as empresas tem muita empresa com falha e as empresas que tem muitas já estão fechando as portas (Pedro).

[...] eu acho que deveria ter empresa diferente. A cidade é bonita eles podiam, sei lá no turismo, investir né! E não tem coisas assim, é sempre as mesmas empresas que faz décadas que estão aqui (Selma).

Somente por uma análise na perspectiva dialética é possível considerar as questões objetivas do desenvolvimento das forças produtivas e perceber a real situação que se encontra o grau de consciência política do jovem. Os conhecimentos dos cursos técnicos não possibilitam compreender para além da sociedade capitalista e suas artimanhas de aumento da valorização do capital. Mesmo que se tenha uma compreensão embora em fase muito inicial de que mudanças são

⁵² Agroindústrias produtoras de maçã.

necessárias, como se percebe na fala da jovem Selma, a alternativa sempre está na busca de novas formas para vender a força de trabalho.

5.2.5 A qualificação da força de trabalho do jovem para além dos programas de aprendizagem

Como afirma Lukács (2010), o conhecimento da história tornou-se formalmente uma ciência particular sempre mais “exata” nas suas intenções. O fator ideológico, segundo o seu verdadeiro conteúdo, torna o processo histórico real um ponto de base ideológica para a conservação do meramente existente na forma capital de vida. A perpetuação de elementos que intensificam o estranhamento na vida dos trabalhadores não possibilita que estes tenham um tempo para refletir sobre os problemas singulares da vida.

As características em que se encontram os trabalhadores, como classe conformista, que não questiona, antirrevolucionária, afirma-se pela relação assalariada e assim aprova a continuação da sociedade do capital. A grande maioria dos trabalhadores lutam para atender seu interesse que é adquirir o salário a cada mês. Os meios de subsistência, dentre eles a educação (formal/informal), vestimentas, comida, etc. é o que necessitam para se manter vendedor da força de trabalho.

Conforme as mudanças ocorridas na estrutura econômica e de acordo com o desenvolvimento da sociedade capitalista, o estranhamento adquire características cada vez mais sociais em seu conteúdo e forma. O trabalho necessário diminui, pela transição cada vez maior da mais valia absoluta para a mais valia relativa e permite, assim, a reprodução do trabalhador em um novo patamar da produção de capital. Lukács (2010) afirma que essas mudanças poderiam resultar no aumento da sociabilidade da reprodução dos seres humanos; porém, corroboram ainda mais para a intensificação da exploração da força de trabalho.

O valor de troca e o consumo são propagandeados e manipulados a favor do capital, e essa mesma sociedade que dita o consumismo é a mesma que restringe a circulação das mercadorias. O consumo e a busca de alternativas para saciar o consumismo têm sido um grande manipulador das vidas do jovem na contemporaneidade. Lukács (2014, p. 98) esclarece que,

quando o consumo de massa, como consequência da mais-valia relativa, se torna um problema central da reprodução capitalista, o capitalismo

passa a se interessar por este consumo de massa e, de certa maneira, o capital global acaba por ter um interesse imediato num aumento relativo do nível de vidas das massas.

Um dos fatores a que Lukács (2014, p. 97) se remete devido à consequência do consumo de massa é a decadência do fator subjetivo. As bases do declínio subjetivo acontecem em razão da influência do “comércio manipulado da indústria dos bens de consumo”, e corresponde a uma ideologia do deleitar-se. As formas de vida humana, no decorrer do processo histórico, no sistema feudal, no capitalista, da *polis*, etc., foram configuradas por meio do desenvolvimento econômico.

O ser humano vive na busca de satisfazer-se com bens de consumo conforme a satisfação própria da sociabilidade na qual vive. A manipulação motiva a técnica do consumo e impõe uma ideia que se volta para o consumo, com alternativas para satisfazê-los ou efetivar-se materialmente. Em alguns casos, o consumo não sai da esfera da sobrevivência, pois o indivíduo vende sua força de trabalho para atender às necessidades básicas da vida.

A manipulação direciona a consciência individual do sujeito, para a ideia de que é possível viver uma vida cheia de sentidos com os bens que consome por meio do salário que recebe. Os variados elementos de manipulação – mídia, propagandas – exercem influência na vida do indivíduo ao ponto que este vende sua força de trabalho para conquistar as mercadorias que considera fundamental. E assim, influi na construção do comportamento do ser humano.

Com o processo de desenvolvimento capitalista, a manipulação afeta todos os sujeitos,

[...] não tem mais como único ponto de referência a classe operária; sob este aspecto, ou seja, quanto à mais-valia relativa e à manipulação, mesmo a camada intelectual e toda a burguesia estão igualmente sujeitas ao capitalismo e às suas manipulações, não menos do que a classe operária. Trata-se de despertar a verdadeira autonomia da personalidade, e para isso o desenvolvimento econômico realizado até o presente momento criou as condições necessárias (LUKÁCS, 2014, p. 70).

As sutilezas da manipulação sob a forma capital de vida demonstram suas fragilidades quando não efetiva a relação entre ser humano e o ter bens de consumo. A vida cheia de sentidos propagada mediante os elementos de manipulação está parcialmente acompanhada pelo tédio de se viver. Em um mundo em que o conteúdo da vida rouba o que resta do tempo necessário, para realizar atividades fúteis, não transpõe para conhecimentos maiores com conteúdo filosófico, da arte ou ciência.

Diante das dificuldades e obstáculos construídos pela forma capital de conceber a vida, a concepção de ser manifesta-se no ter condições de possuir mercadorias adequadas. E, assim, na busca de satisfazer essas lacunas do ter, muitos jovens trabalhadores entram na corrida da competitividade. Essa competitividade refere-a à busca de qualificar-se o tanto quanto possam para ultrapassar as limitações que a sociedade na forma capital lhes impõe.

A sociedade capitalista não se sustenta, sem o aspecto da competitividade, seja entre os próprios capitalistas, seja criando condições da classe trabalhadora entre si, competirem mutuamente. A estrutura econômica, com o consentimento de governos, insere novos elementos no desenvolvimento processual da sociabilidade, cada vez mais a sociabilidade é envolvida com as ideias que atrelam o sujeito ao mundo do trabalho.

O jovem vive procurando em que vender sua força de trabalho na medida do possível, pois a conjuntura histórico-social coloca a necessidade de competir entre os seus. Os ajustes sociais e a ideia da manipulação para o consumo tornam o mundo das mercadorias o alvo a ser alcançado pelo jovem. A mercadoria, no caso, pode ser a educação (cursos de qualificação), e muitas empresas estão atualmente nesse negócio, como relata a jovem:

Eu fiz vários cursos, larguei vários currículos só que até o momento... *Você pode citar alguns dos cursos que você fez?* Fiz atendente de farmácia, fiz auxiliar administrativo e financeiro e daí fiz um de injetáveis agora faz dois meses e pouco, daí eu fiz um de operador de computador que é o básico.

E esses cursos você fez todos eles realizando o pagamento ou algum deles você fez de forma gratuita?

Não todos eles em forma de pagamento (Julia)

Para além de um curso de aprendizagem, o jovem precisa sempre se atualizar, para encontrar oportunidades e estar à frente de seus “opositores”. Os parâmetros conceituais, elaborados pelo capital, em sua grande maioria, servem para deformar a vida humana, não para formar um ser que se humaniza em suas relações, como os outros, com seu gênero. Mesmo com intenções positivas, o ser defronta-se todos os dias no mercado de trabalho, para vender a força de trabalho, custe a derrota do outro. A indiferença e a não incorporação da percepção do outro tornam as relações sociais individualistas, assim como as relações econômicas, priorizando a perspectiva da competitividade.

O ser humano e suas transformações no decorrer da vida são o fundamento da história e é a partir do conhecimento desse movimento histórico que se constrói o campo de possibilidades. As formas subjetivas, de cada ser humano, ou “as atividades espirituais” que são passíveis de alteração estão organizadas em um complexo de complexos da vida real, formam “a base das quais os homens organizam cada uma de suas ações e reações ao mundo externo” (LUKÁCS, 2014, p. 24).

O conhecimento sobre a realidade, das relações em suas formas fenomênicas iniciais e o entendimento de como essas se tornam cada vez mais complexas e mediatizadas são germes para a tomada de consciência. Consciência que permita entender que o que se vive está passível de ser modificado. O conhecimento das gêneses históricas das esferas da vida em sociedade, educação, jurídica, ideológica, etc. permite entender como construir ações estratégicas para transformá-las.

As análises de documentos de órgãos nacionais e internacionais a respeito de como deve ser o *ser* jovem no Brasil indicam que é necessário aprofundar, pensar e relacionar a juventude no âmbito da totalidade social. Buscar compreender que os jovens estão organizados para além dos aspectos regionais, mas que fazem parte de uma realidade social capitalista ampla. Esse conhecimento só é possível por meio de uma concepção que analisa as gêneses históricas, mediante um conhecimento histórico. Como destaca Mills (1972, p. 189),

o fato de terem os homens vivido em determinados tipos de sociedade no passado não impõe limites exatos ou absolutos aos tipos de sociedade que possam criar no futuro. Estudamos a história para discernir as alternativas em que a razão e a liberdade humanas podem, hoje, fazer a história. Estudamos as estruturas sociais históricas, em suma, para encontrar nelas as

formas pelas quais são e podem ser controladas. Pois somente assim conheceremos os limites e o sentido da liberdade humana.

A sociedade é um complexo de complexos, e as leis correspondem ao contexto histórico-social e norteiam a vida dos sujeitos. As sociedades passadas – as relações sociais desempenhadas em cada época – compreendem as relações de poder existentes entre as classes, desde a relação entre o patrício e o plebeu, o senhor feudal e o servo, a do trabalhador e o dono dos meios de produção, etc. Percebemos que essas relações acontecem conforme as regulações jurídicas, o tipo de educação, etc. de cada época e sempre existiu um germe de reação diante das opressões da vida cotidiana de cada um. Na vida cotidiana, em decorrência das modificações econômicas de cada período histórico, alteram-se as relações e os desafios se ampliam.

As análises não são mais locais e regionais são internacionais, apesar de considerarem as questões culturais de cada região, a tendência à mundialização é perceptível em todos os sentidos, sejam estes econômicos, políticos, culturais. Sobre a juventude, por exemplo, as análises sobre a conjuntura histórico-social indicam que,

[...] no atual momento histórico, a juventude, com sua diversidade, não pode ser vista apenas como momento de passagem. Em diferentes ritmos e intensidades, tais fenômenos aproximam jovens das economias centrais e periféricas. Pode-se dizer que nunca houve tanta conexão globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos e profundos os sentimentos de desconexão (SNJ, 2014, p. 20).

O último relatório sobre a juventude da UNFPA (2014, p.95) explica que

los jóvenes de hoy en día han nacido en un mundo tecnológico. Ofrecerles todas las oportunidades de sacarle el máximo partido puede contribuir a que las economías sean más competitivas, diversas y productivas, y las sociedades estén más conectadas y sean más inclusivas (UNFPA, 2014, p. 95).

A concepção histórico-social em que corresponde ao *ser* jovem no século XXI influi sobre as relações econômicas globais. Os avanços tecnológicos, o mundo das informações, as relações de trabalhos cada vez mais marcadas pela intensificação da força de trabalho são visíveis e concretas principalmente nos países periféricos. Os seres humanos encontram-se diante das incongruências do capital, na construção da história pautadas na venda da força de trabalho.

As apreciações sobre outros sistemas econômicos de organizar a vida possibilitam compreender que o afastamento dos obstáculos naturais, a diminuição do tempo de trabalho necessário para suprir a subsistência e a mundialização das relações humanas têm se intensificado. A vida na forma capital efetiva nas relações sociais concretas o que era apenas tendência em outras épocas.

Um dos aspectos que se tem intensificado a cada tempo é a competitividade que afeta os “ânimos do mercado mundial” em um âmbito de totalidade social, porém reflete na vida cotidiana e também afeta as relações sociais nas famílias, no mercado de trabalho até mesmo as relações afetivas. Quando, por exemplo, dois jovens amigos disputam a mesma vaga de trabalho, sabem que somente um ocupará o cargo. E, assim, urge a busca de concretizar uma compreensão teórica e prática, que possibilite contrapor as incongruências da relação baseada na totalidade social reverenciada pelo mercado capitalista.

5.3 CONHECER PARA TRANSFORMAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O que é conhecer? Quais as possibilidades para se chegar a algum conhecimento que permita compreender a vida para além da mera reprodução social da força de trabalho? Como conhecer para a vida, sem estar atrelado a vender a força de trabalho? Os jovens que dialogaram para a análise reflexiva desta pesquisa têm sonhos, para além de cursos técnico-profissionalizantes. Alguns se dedicam à música, outros a projetos para modificar a realidade social em que vivem, outros pensam na coletividade. Não estão inertes, são jovens a quem não foi permitido conhecer sua realidade objetiva para transformar.

Salienta Torriglia (2012, p. 80) que [...] “na atualidade, este movimento de negação da possibilidade de conhecer o mundo objetivo nunca esteve tão presente, apesar de estarmos sob a égide de uma sociedade dita do “conhecimento””. Portanto, é fundamental compreender o que entendemos por conhecimento,

em seu sentido amplo é [...] compreender a existência, [...] do constante metabolismo entre os seres humanos e a natureza. No processo de apropriação e objetivação do mundo objetivo, conhecer as propriedades e legalidade dos fenômenos é fundamental para a transformação e reprodução da existência (TORRIGLIA, 2012, p. 86-87).

Para que esse tipo de conhecimento a que a autora se refere venha a se concretizar em nossa sociedade, é necessária a existência de uma educação que gere o conhecer as gênese dos fenômenos. Que compreenda o movimento histórico e da vida em sociedade e que esta pode modificar e passar por transformações dinâmicas. De acordo com Pinassi (2014, p. 113), para que aconteça uma transformação radical na sociedade é necessário que um novo tipo de educação seja estabelecido, é necessário

[...] um enfrentamento rigoroso da educação e da consciência crítica exige que vislumbremos a possibilidade de restabelecer a unidade de trabalho manual e mental (de práxis e de teoria) que há mais de duzentos anos vem sendo progressivamente fragmentado, reificado pela divisão social do trabalho imposta pelo sistema de reprodução social do capital. Mas, isso não pode se restringir a um mero somatório de conhecimentos específicos, uma justaposição de saberes atomizados, muito menos outra malograda tentativa de constituir interdisciplinaridades conexas. A questão é muito mais complexa e requer a perspectiva de uma qualidade ontológica socialmente diferenciada da produção do conhecimento, algo que só pode acontecer mediante a superação dos instrumentos imediatamente epistemológicos e a recomposição da autêntica totalidade, ou seja, da relação entre o universo conceitual e a concreta perspectiva sócio-histórica.

É imprescindível estabelecer uma educação que não fica presa às agruras do mercado, das agendas e estatutos para manter os países na

competitividade doentia da sociedade que preza pelo lucro em vez do ser humano. Segundo Torriglia (2012, p. 80), é necessário entender que

nas últimas décadas, o conhecimento e sua produção se tornaram expressivos nos discursos da ciência e, em especial, no campo educacional. É nesse panorama que urge o significado da “sociedade do conhecimento”, cuja premissa principal é a “centralidade do conhecimento”. Assim, torna-se instigante perguntar que tipo de conhecimento se está priorizando?

O conhecimento técnico-profissional incutido na vida dos jovens trabalhadores como possibilidade de um futuro promissor já está deixando de ser tão aceito pela juventude, os jovens em sua realidade concreta reconhecem que a qualificação da força de trabalho nem sempre possibilita alcançar a profissão esperada. Quando se modifica a realidade econômica da região, como no caso de Fraiburgo, sabem os jovens que necessitam ter uma formação técnico-profissional, para além da produção que se encontra em decadência. Portanto, quando estão participando das formações técnico-profissionais, entre o curso técnico e a escola, é possível observar, nas falas aqui descritas, o quanto estar buscando “conhecimentos novos” e diferenciados tem se tornado a única alternativa. A sociedade do “conhecimento” na realidade cumpre determinada função ideológica na sociedade capitalista nas palavras de Torriglia (2012, p. 81),

a sociedade do conhecimento (também chamada de “economia do conhecimento”, “sociedade da informação”) expressa e manifesta uma forma socialmente válida de se apresentar e representar uma aparente necessidade social em que o conhecimento passa a ser central para a sociedade, e assim a educação estaria sendo o “núcleo duro” dessa nova necessidade. [...] Nessa direção, as reformas e as políticas públicas de educação foram convocadas a cumprir um papel especial no avanço das tecnologias e da ciência (TORRIGLIA, 2012, p. 81).

O que temos de processos de educação na sociabilidade capitalista é esta alternativa: não propor modificações substanciais, na

realidade do jovem trabalhador. Os estatutos, documentos citados nesta tese indicam-nos que essas transformações são somente superficiais, e, como diz Pinassi (2014, p. 112), “[...] essa crise é irreversível, a qualidade do ensino público resultante das contingências atuais do capital, só pode ser irreversivelmente indigente para formar indivíduos igualmente indigentes”. Desse modo, nos relatos dos jovens, é perceptível essa indigência, de um lado, os jovens que estão cursando entendem que o valor proporcional ao salário mínimo, que recebem pelo contrato é a base de sua participação no curso, pois contribui com a família financeiramente, por outro lado, temos aqueles jovens egressos dos cursos, desempregados ou ocupando posições de trabalho em características de precarização.

É necessário não abandonar a possibilidade de transformação social, como salienta Pinassi (2014, p. 115), “educação e formação da consciência efetivamente crítica e revolucionária só podem ser conquistadas a partir da realidade das lutas travadas contra o capital, da experiência que emana da agudeza das contradições da atualidade”. E como é possível que essa realidade de lutas seja real na vida dos jovens trabalhadores e suas famílias? Assim como em outros tempos, as crises do capital, cada vez mais tem se mostrado insustentáveis e, assim, abre-se a possibilidade, de compreender e desnudar tais contradições, como afirma Ianni (1968, p. 238), o jovem

[...] ele próprio descobre que o seu comportamento é tolhido, prejudicado, e, muitas vezes, deformado institucionalmente. [...] da relação do trabalhador com as condições e o produto do seu trabalho – fenômeno que começa a ser descortinado na juventude – e devido às contradições entre os valores universais da cultura e as possibilidades reais apresentadas à ação, o adolescente vislumbra tanto as inconsistências estruturais do sistema como as alternativas concretas apresentadas à sua consciência.

As promessas de formação técnico-profissional acompanhadas de propostas de vender a força de trabalho, quando não sustentadas pela sociedade, geram certa resistência e motivos para lutar. Quando os postos de trabalho apresentam-se cada vez mais precarizados, com uma intensificação cada vez maior da exploração da força de trabalho, também é sentido pelo jovem trabalhador. Outro fator que afeta o jovem é o desemprego, mesmo quando já fez todos os cursos técnico-

profissionalizantes disponíveis, informática, administração, etc. “A princípio está consciência é inestruturada vaga, mas pouco a pouco ela pode adquirir um alto grau de consistência” (IANNI, 1968, p. 229). Continua o autor explicando que,

[...] devido aos mecanismos de controle da “sociedade adulta”, uma grande parte da juventude não apreende, sob nenhuma forma, as contradições fundamentais do sistema social. as técnicas de controle e transformação do comportamento humano, nesses casos, alcançam sua plena eficácia, evitando que o jovem vislumbre as profundas inconsistências do sistema econômico e sócio-cultural (IANNI, 1968, p. 241-240).

O conhecer a conjuntura histórico-social na grande maioria tem sido desprezado, como sociedade do “conhecimento”, as informações rápidas e sorrateiras, aos poucos, têm substituído o conhecimento substancial, sobre a vida do ser social. Salientamos que a

[...] ocultação das mediações acaba por diluir a possibilidade de uma intervenção clara e responsável, dissolvendo também a possibilidade de transformação das condições objetivas da presente sociabilidade, favorecendo a instauração de proposições que apenas reformam ou maquiagem a realidade (TORRIGLIA, 2012, p. 91).

Na mesma direção, sobre o conhecimento das mediações que permitam uma transformação substancial na sociedade, temos que, segundo Pinassi (2014, p. 112), na

[...] composição de uma sociabilidade de novo tipo, capaz de conferir tal sentido ontológico ao processo, necessariamente precisa remeter ao papel da educação em suas intencionalidades históricas. Não há meio termo: ou a educação serve para reformar e reproduzir o sistema ou a educação vem para revolucionar e remeter para além do capital.

Um apontamento interessante seria compreender como o sujeito na contemporaneidade do século XXI pode se munir dessas potencialidades para desvelar e analisar sua vida cotidiana na busca de encontrar caminhos para superação.

Conforme Torriglia (2012, p. 85),

[...] Uma das respostas plausíveis pode ser um esfacelamento do ser social que opera nos sujeitos, isto significa, entre outras características, a existência de uma multiplicidade de “focos” para compreender isoladamente o que nos constitui como individualidade e como generalidade.

Lukács (2010) salienta que, a partir da memória, capacidade de memorizar os fenômenos, pode se falar de uma autêntica formação humana. Compreender que o caráter humano não é fixo, mas resultado do devir histórico é fundamental ao ser social. O caráter da vida cotidiana regulada por experiências acumuladas será de fundamental importância ao ser humano:

[...] o exemplo das experiências acumuladas, tornadas tradicionais, transforma-se em fio condutor das decisões entre alternativas atuais, no interior e por meio de cujas realizações o homem em formação (vem a ser educado) para tornar-se um membro efetivo e próprio da sociedade humana (LUKÁCS, 2010, p. 130).

Portanto, temos que considerar que a crítica à sociedade capitalista é necessária, que compreender a realidade social em seu devir histórico é fundamental. Entender como os jovens filhos dos trabalhadores são tratados nessa sociedade permite-nos levantar apontamentos que gerem indagações pontuais, acerca da necessidade de uma substancial transformação social. O que temos, nos dias atuais, é uma sociedade que se baseia na superficialidade; o que necessitamos é de ir além dos discursos dos documentos, é analisar a vida real do jovem, é analisar sua fala, por meio de uma teoria que se preze em explicitar as gêneses históricas de por que a realidade de milhares de jovens configura-se, em sua grande maioria, para atender às leis do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente não quer só comida
 A gente quer comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida
 A gente quer saída para qualquer parte
 A gente não quer só comida
 A gente quer bebida, diversão, balé
 A gente não quer só comida
 A gente quer a vida como a vida quer.
 Titãs

Este estudo de tese possibilitou-nos apresentar argumentos sobre a juventude relativamente aos processos de educação e ao mundo do trabalho, mediante aspectos sociais gerais e específicos da realidade do município de Fraiburgo/SC. Também foi possível levantar outros questionamentos que cercam a realidade do jovem diante da sociabilidade capitalista, que poderão desdobrar-se em futuros estudos. Enunciamos nesta investigação alguns apontamentos, teóricos e práticos, sobre a situação do jovem quanto à qualificação da sua força de trabalho; as falas dos jovens trabalhadores nos permitiram aprofundar teoricamente as gêneses do processo histórico em andamento.

Centramo-nos em elaborar uma análise reflexiva com respeito à situação do jovem na cidade de Fraiburgo/SC, especificamente o jovem trabalhador. O jovem que está na corrida para qualificar sua força de trabalho, o jovem trabalhador que cursa ou cursou algum curso do programa jovem aprendiz, filho e/ou filha de trabalhadores das agroindústrias no município. São notáveis as expectativas e esperanças de encontrar algo bom e realizar uma boa trajetória profissional dos jovens que buscam trabalho, porém a realidade em que vivem demonstra o contrário, em alguns casos, a desesperança. Em sua grande maioria, os jovens vivem da venda da força de trabalho em trabalhos precarizados, e na tentativa de cursar o ensino superior com expectativas de sair do desemprego ou das condições de trabalho precarizadas.

Nessa direção é que desenvolvemos esta tese com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a relação entre os processos de educação e o mundo do trabalho e suas implicâncias para a vida dos jovens. A pesquisa apresentou a realidade social do município de Fraiburgo/SC, levando em conta os aspectos das modificações econômicas e sociais. Assim sendo, buscamos e expusemos as reais condições sociais do jovem trabalhador nessa realidade social,

considerando, porém, as implicações econômicas e sociais da totalidade social. Nossas análises estiveram orientadas principalmente com base nas obras de Marx e Lukács, sobre vida cotidiana, trabalho abstrato, estranhamento, esfera jurídica, para melhor explicar os dados empíricos da tese.

No processo do estudo, a pesquisa foi organizada e escrita em cinco capítulos com as seguintes temáticas: a compreensão do mundo diante da reprodução social; o ser jovem e a contextualização histórica; capitalismo e a luta dos trabalhadores; as transformações na sociabilidade capitalista: o complexo jurídico e o ser jovem; e do direito à qualificação: forma capital que manipula.

Em *A compreensão do mundo diante da reprodução social*, apresentamos a perspectiva teórica adotada para defender nossa tese, como também traçamos uma compreensão das principais categorias de análise utilizadas para compreender o objeto de pesquisa da tese, o jovem trabalhador. Explicamos quais as principais características sobre a especificidade de nosso estudo – o jovem trabalhador de Fraiburgo/SC – e como pretendíamos desenvolver tal análise. Também realizamos uma exposição de alguns dos principais autores que tratam da temática juventude (filósofos, sociólogos, pedagogos, psicólogos).

Em *o Ser jovem e contextualização histórica*, elaboramos uma análise sobre as gêneses históricas da juventude. Consideramos, com a elaboração desse capítulo, que a sociedade industrial torna-se um marco de profundas transformações na vida do trabalhador, a vida do jovem passa a ser subsumida ao trabalho, a reprodução do ser social integra-se à reprodução do capital e, ao jovem trabalhador, resta a disciplina, a obediência, o tempo na indústria, as altas jornadas de trabalho. Esse capítulo permitiu-nos compreender que existe uma diferença entre o administrar do tempo antes da revolução industrial e depois desta, na vida do jovem trabalhador.

Dessa maneira, no capítulo que trata sobre *Capitalismo e a luta dos trabalhadores*, pudemos compreender que a industrialização cada vez mais se insere em um processo de intensificação da exploração da força de trabalho. Os trabalhadores se encontram cercados pelo fenômeno social do estranhamento, poucas são as possibilidades de transformações sociais, para além dessa forma de organizar a vida. O salário tem sido a base do trabalhador. Para mantê-lo ou garanti-lo no futuro, é necessário inserir-se desde muito cedo no mundo do trabalho. Sendo assim, conforme as modificações no processo produtivo, a qualificação também deve acompanhar essas mudanças, e o jovem trabalhador passa a correr atrás de tal qualificação.

As modificações em nível mundial na economia têm cada vez mais interferido em todas as regiões do planeta, sejam elas urbanas ou rurais. A cidade de Fraiburgo/SC é considerada uma cidade rural com pequeno centro urbano, as agroindústrias e a imposição da propriedade privada direcionam os passos dos trabalhadores que vivem no município. A vida do jovem trabalhador fica à mercê dessas condições impostas pelas agroindústrias, e a possibilidade da venda da força de trabalho torna-se cada vez mais escassa.

Como foi possível perceber no levantamento de dados desta tese, aos poucos, a produção de maçã diminui e as propostas de cursos de qualificações foram modificadas, e o jovem trabalhador busca outro e mais outro curso para qualificar-se, e tentar manter-se no mercado de trabalho. Na temática *As transformações na sociabilidade capitalista: o complexo jurídico e o ser jovem*, tratamos de umas das alternativas de trabalho para o jovem, que é a Lei de Aprendizagem. Dessa maneira, por meio das falas dos jovens e análises da Lei de Aprendizagem e da Lei do Estatuto da Juventude – com uma compreensão teórica a respeito da esfera jurídica e suas interferências na sociedade capitalista –, foi possível perceber que, em sua grande maioria, o jovem vive uma realidade diferente do que a lei propõe, já que os direitos ao trabalho e à educação são escassos, e as oportunidades para cursar um curso de aprendizagem são para poucos.

Com a possibilidade de desenvolver esta pesquisa, evidenciou-se ainda mais a tese que defendemos de que nessa sociabilidade os processos de educação, em sua maior parte, oferecem elementos de forma limitada. Isso, na maioria das vezes, obstaculiza as possibilidades de formular tendências para além das características que permitem a sustentação do trabalho abstrato.

A corrida pela qualificação apresenta-se em todos os lugares. No último capítulo – *Do direito à qualificação: forma capital que manipula* – desta tese, foi possível analisar e verificar nos depoimentos dos jovens a “preocupação” em se qualificar em algo, em se manter competitivo diante dos outros jovens trabalhadores, para alcançar um futuro melhor.

Importante salientar que vivemos em uma sociedade de classes e que as transformações para a classe trabalhadora encontram-se em um caminho difícil devido à crise estrutural. A classe burguesa sempre cria mecanismos razoáveis para a manutenção e sustentação de uma educação que ande conforme seus interesses, não prioriza uma educação com formação de uma consciência crítica, pois, como afirma Pinassi (2014, p. 111),

[...] qualquer discussão realmente séria sobre *educação e formação da consciência crítica*, temas de renovada relevância, precisa partir de um pressuposto elementar: o de que vivemos numa *sociedade de classes* na vigência plena de uma gravíssima *crise estrutural*.

É fundamental compreender que a educação na sociedade capitalista tem como base esta relação, trabalhadores e burguesia, tendo a burguesia sempre que tirar vantagens lucrativas. A conjuntura histórica indica-nos que o caminho é priorizar uma educação para além da educação formal burguesa; porém, como ressalta Pinassi (2014, p. 112), “precisamos compreender que a consciência crítica só pode ser emancipadora se conseguir transcender o mundo da moral burguesa e da desumana substância material que preside a lógica maior dessa sociedade”.

Ianni, no texto *O jovem radical*, considera os aspectos do jovem da década de 1960 e da classe burguesa; contudo, oferece-nos elementos universais bastante atuais sobre a juventude, pois ainda nos encontramos na configuração social capitalista. O autor esclarece que o sistema capitalista de produção transforma a vida das pessoas de forma tão drástica que os jovens tornam-se o grupo social que rapidamente percebe esses aspectos e movimentam-se com a sociedade, seja em correntes políticas de esquerda, seja de direita, desempenham um comportamento político.

O jovem trabalhador a que nos referimos nesta tese, percebe a degradação em que está envolvido, das faltas de oportunidades, do conhecimento frágil adquirido por meio dos programas de aprendizagem que lhe é oferecido. É possível ver a imagem de um jovem que conhece a realidade em que vive, em meio a um trabalho desmotivador, mesmo possuindo cursos técnico-profissionais, seja de curta ou longa duração. Um comportamento radical é necessário, como salienta Ianni (1968, p. 226): “[...] esse comportamento é o produto de uma consciência peculiar da condição social do próprio jovem, da sua situação de classe e da sociedade global”. Em meio à crise econômica e política e as barreiras para se alcançar os bens de consumo, cada vez mais o jovem trabalhador vive à mercê das oportunidades sorrateiras que aparecem para ele.

Os mentores de documentos, estatutos, agendas para a juventude, sabem do potencial do jovem. Quando escrevem, é possível constatar o entusiasmo quando falam da quantidade de jovens que o mundo tem, da necessidade de aproveitar o que de melhor o conhecimento da juventude

pode possibilitar. É perceptível nos discursos dos documentos certa preocupação em não denegrir ou obstaculizar a vontade da juventude em querer mudar o mundo. Contudo, quando os jovens de alguma maneira buscam subsídios de resistência para mudar o mundo,

[...] é necessário que [...] sejam políticos, sim, mas de conformidade com os ideais dos grupos dominantes, interessados na preservação da conjuntura presente. Qualquer outra atuação é danosa e denunciada como “desvio” da condição real da juventude. Nesse sentido, os jovens são fortemente influenciados pelas concepções que os adultos têm de si, isto é, da missão do cidadão conformado com a presente estrutura de dominação. As atitudes e opiniões dos adultos se transformam efetivamente em requisitos do comportamento dos jovens (IANNI, 2014, p. 231).

E essa é uma realidade muito atual, a grande maioria dos jovens conforma-se com os aspectos de vida que a sociedade em que vive propõe como o certo. A luta e resistência ao sistema acontecem somente por meio de uma qualificação da força de trabalho, para, por intermédio desta, vender a força de trabalho e conquistar bens de consumo. Os familiares, a comunidade, a escola, possibilitam a projeção do futuro do jovem e este tem como base alcançar altos níveis de escolaridade e qualificações diversas.

Portanto, o que se percebe é que, como salienta Pochamann (2000, p. 51),

com a grande concorrência entre trabalhadores – na maioria das vezes representando uma das poucas possibilidades de reprodução da sobrevivência dos excedentes da mão-de-obra –, o padrão de inserção ocupacional do jovem é extremamente precário e instável.

Isso não foge da lógica em todos os níveis da educação e da formação, já que o discurso de “meritocracia” sustenta a responsabilidade individual, e não social, do conjunto das relações que expressam um modo de produzir e reproduzir a vida. No entanto, a que se entender que a conjuntura histórica da sociedade capitalista tem como

tendência limitar cada vez mais boas condições de trabalho ao jovem trabalhador, a ponto de, como afirma Isla (2008b, 177),

[...] la instrucción se vincula cada vez menos al ingreso; la movilidad de la fuerza de trabajo no se equipara con la movilidad del capital; el empleo ya no asegura una identidad ni la incorporación a la ciudadanía basada en el territorio; y; finalmente, algunos miembros de las nuevas generaciones nunca conocerán lo que significa un trabajo formal.

Os vínculos de confiança e compromisso dissolvem-se em curto prazo, todos são competidores. Os investimentos devem ser individuais, as instituições apostam na competência permanente, promovem uma cultura do esforço individual, mas os indivíduos encontram-se juntos no mercado de trabalho, para vender sua força de trabalho (ISLA, 2008b). Um jovem com curso de aprendizagem no currículo pode estar, em algumas circunstâncias, à frente daquele jovem que não teve a oportunidade de participar do programa de aprendizagem.

Com as modificações e necessidades da sociabilidade capitalista e as formas flexíveis de trabalho temos como consequência para o jovem uma trajetória profissional incerta e com acúmulo de diversas experiências profissionais. Isso decorre porque a tendência histórica é cada vez mais orientar e levar o jovem a ingressar no mercado de trabalho de forma alternada entre a qualificação da força de trabalho, por meio de programas de aprendizagem, estágio e à procura de um trabalho, passando por diversas ocupações até atingir a vida adulta (POCHMANN, 2000).

Importante salientar que o estranhamento, como um fenômeno histórico-social, tem se mostrado cada vez mais presente nesses processos de trabalho e educação contemporâneos, em que desumaniza, desrespeitando a vida humana, os tempos de ser humano. A configuração social acelera os processos de vida; cada vez mais a vida dos jovens é ocupada por uma leva de compromissos que outrora pertenciam à vida adulta e

[...] esse antagonismo, [...] nunca é simplesmente psicológico, mas possui sempre um conteúdo social: a questão referente a que momentos da exploração capitalista determinam essencialmente o comportamento dos trabalhadores que se

sublevam contra ela. A espontaneidade é a reação imediata ao ser e devir econômicos (LUKÁCS, 2013, p. 625).

Para a juventude, aliar trabalho, anos escolares e anos de qualificação da força de trabalho tem sido comum; contudo, salientamos que isso não pode ser o essencial da vida. Com base nesse movimento da compreensão histórico-social, sobre o jovem, evidenciamos a necessidade de maior aprofundamento teórico. Muito se fala sobre direitos humanos, mas o que é o direito de ser humano? Como se constitui a individualidade humana? Que elementos nos processos da educação contemporânea podem construir um campo de mediações com possibilidades de alterar a forma de sociedade capital? São questionamentos que podem ser desdobrados em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

Brasil Secretaria Nacional de Juventude Estação juventude: **conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude** / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/documentos/ej-caderno>. Acesso em: 10 abr. 2015

BOURDIEU, Pierre. **A “Juventude” é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Editora Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro: 1983.

CLARKE, John, HALL Stuart, JEFFESON Tony, ROBERTS, Brian. **Subcultura, culturas y clase**, In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

COAN, Marival, SHIROMA, Eneida Oto. **Educação para o empreendedorismo: forjando um jovem de novo tipo?** In: DA SILVA, Mariléia Maria, QUARTIERO, Maria Elisa, EVANGELISTA, Olinda (organizadoras). Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

COLEMAN, S. James. **La sociedad adolescente** in: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

DIÁRIO CATARINENSE. **Mesmo com área menor, produção de maçã segue em alta em SC**. Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/economia/noticia/2013/02/mesmo-com-area-menor-producao-de-maca-segue-em-alta-em-sc-4040520.html>. Acesso em: 29 de jul. de 2013.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DUAYER, Mario. **Anti-realismo e absolutas crenças relativas**. In: Revista Margem Esquerda – ensaios marxistas nº 8, São Paulo, Boitempo editorial, novembro de 2006, PP. 109-130.

El poder de 1.800 Millones Los Adolescentes, Los Jóvenes Y La Transformación Del Futuro. **Estado de la población mundial 2014**.

Disponível em:

<http://www.unfpa.org/public/home/publications/pid/18634>. Acesso em: 19 de nov. de 2014.

EISENSTADT, Noah Shmuel. **Grupos de edades y estrutura social: el problema**, In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ENGELS, Friedrich. **O socialismo jurídico**. São Paulo: Boitempo, 2012.

Estatuto da Juventude. **Mais direitos Para a Juventude que Transforma o Brasil**. Disponível em:

<http://www.juventude.gov.br/estatuto/estatuto-de-bolso/estatuto-web>. Acesso em: 19 de nov. de 2014.

FERRAROTI, Franco. **Consideraciones generales de la juventud como problema social**, In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

FORACCHI, M. Marialice. **A Juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 1972.

FORACCHI, M. Marialice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2ª São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2010

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

IANNI, Otávio. **O jovem radical**. In: Sociologia da juventude I da Europa de Marx à América Latina de hoje. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1968.

ISLAS Pérez Antonio José. **Juventud: un concepto en disputa** in: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

ISLA, José Antonio Pérez. **Entre la incertidumbre y el riesgo: ser y no ser, esa es la cuestión ... juvenil**. In: Los jóvenes y el futuro: procesos de inclusión social y patrones de vulnerabilidad en un mundo globalizado. Editora: Prometeo libros, 2008b.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens**. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1996. 1 v. Da antiguidade a era moderna.

LEVI, Giovanni; SCHMIT, Jean-Claude. **História dos jovens**. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1996. 2 v. A época contemporânea.

LORIGA Sabina. **A experiência militar** in: LEVI, Giovanni; SCHMIT, Jean-Claude. História dos jovens. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1996. 2 v. A época contemporânea.

LUKÁCS, G.. **Ontologia do ser social: a reprodução.** A partir do texto *La riproduzione*, segundo capítulo de *Per una Ontologia dell 'Essere Sociale*. Tradução de Sergio Lessa Filho. Universidade Federal de Alagoas (1990), Roma: Riunit, 1981.

LUKÁCS, György. **Prefácio.** In: HELLER, Agnes. *A sociologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia. 2.** Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social.** São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I.** São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Conversando com Lukács: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz.** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MACHADO, Lucília R. de Sousa. **Educação e divisão social do trabalho.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

MARTINS, Juliana Aparecida Cruz. **“Trabalho e Trabalhadores no Município de Fraiburgo - SC 1970/1980”** [Trabalho de Conclusão de Curso] / Juliana Aparecida Cruz Martins; orientadora, Maria de Fátima Rodrigues Pereira. - Caçador, SC, 2006.

MARTINS, Juliana Aparecida Cruz **A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo SC e o Programa de Aprendizagem "Cultivo da Macieira-Jovem Aprendiz Cotista"** [dissertação] / Juliana Aparecida Cruz Martins; orientadora, Patrícia Laura Torriglia. - Florianópolis, SC, 2011. 155 p.

MARX, Karl (1983). **O Capital.** Vol. I, tomo 1, São Paulo: Abril Cultural.

MARX, Karl (1984). *O Capital.* Vol. I, tomo 2, São Paulo: Abril Cultural.

- MARX, Karl (1982). **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar.** São Paulo: Abril Cultural.
- MARX, Karl. **Sobre a questão judaica.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha.** São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**⁵³. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Proposições acerca da produção de conhecimento e políticas de formação docente.** In: Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. **O Renovado Conservadorismo da agenda pós-moderna.** IN: *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, maio/ago, 2004.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Indagações no campo do conhecimento.** Texto base para o mini-curso Indagações sobre o conhecimento no campo da educação, GT 17, 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 7 a 11 de outubro de 2007.

⁵³ Texto escrito no ano de 1959.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. **“A teoria tem consequências”:
Indagações sobre o conhecimento no campo da educação.** Educ.
Soc., Campinas, vol. 30, n. 107, p. 585-607, maio/ago. 2009.

NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**/*J.P. Netto, M.C.
Brant de Carvalho*. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NIZIA Marchello –Christiane. **Cavalaria e cortesia** in: LEVI,
Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo (SP):
Cia. das Letras, 1996. 1 v. Da antiguidade a era moderna.

PACHUKANIS, E.B. **Teoria Geral do Direito e marxismo**. São Paulo:
Editora Acadêmica, 1988.

PASTOUREAU, Michel. **Os emblemas da juventude: atributos e
representações dos jovens na imagem medieval** in: LEVI, Giovanni;
SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo (SP): Cia. das
Letras, 1996. 1 v. Da antiguidade a era moderna.

PERROT, Michelle. **A juventude operária. Da oficina à fábrica** in:
LEVI, Giovanni; SCHMIT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo
(SP): Cia. das Letras, 1996. 2 v. A época contemporânea.

PINASSI, Maria Orlanda. **Florestan Fernandes e a Crise do Capital:
a Urgência da Educação e Formação da Consciência Crítica**.
Germinal: *Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 6, n. 2, p.
110-117, dez. 2014.

POCHMANN, M. **A Batalha pelo Primeiro Emprego: As
Perspectivas e a Situação Atual do Jovem no Mercado de Trabalho**.
São Paulo: Publisher Brasil, 2000. v. 1. 95 p.

Políticas Públicas de Juventude (Folder). Secretaria Nacional da
Juventude. Disponível em:
<http://www.juventude.gov.br/documentos/folder-politicas-publicas>.
Acesso em 19 de nov. de 2014.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**. 1. Ed. –
São Paulo: Boitempo, 2014.

REVISTA DA FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL/SC. *Agricultura SC*. Edição número 16, agosto de 2014.

RUMMERT, Maria Sonia, ALGEBAILÉ Eveline, VENTURA, Jaqueline. **Educação e formação humana no cenário de integração subalterna no capital-imperialismo**. In: DA SILVA, Mariléia Maria, QUARTIERO, Maria Elisa, EVANGELISTA, Olinda (organizadoras). *Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

SCHNAPP, Alain. **A imagem dos jovens na cidade grega** in: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1996. 1 v. Da antiguidade a era moderna.

SCHINDLER, Norbert. **Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna** in: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1996. 1 v. Da antiguidade a era moderna.

Segunda Conferência Nacional de Juventude/2011, Brasília / DF.

Autonomia e emancipação da Juventude. Disponível em:

<http://www.juventude.gov.br/documentos/autonomia-e-emancipacao-da-juventude>. Acesso em: 19 de nov. de 2014.

SENAR SC. SC: **Senar catarinense forma 53 participantes no programa Jovem**

Aprendiz Cotista em Fraiburgo. Disponível em:

<http://www.paginarural.com.br/noticia/198386/senar-catarinense-forma-53-participantes-no-programa-jovem-aprendiz-cotista-em-fraiburgo>. Acesso em 26 de julho de 2014.

SENAI SC. **Aprendizagem industrial**. Disponível em:

<https://www.sc.senai.br/siteinstitucional/sobre/aluno/souformado/q/aprendizagemindustrial/cidade/Fraiburgo>. Acesso em 02 de dez. de 2014.

THOMPSON, E. P. **A Lógica da história [Capítulo VII]**. In:

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRIGLIA, Patricia Laura, CISNE, Feiten Margareth. **Vida Cotidiana e o Cotidiano Escolar: aproximações ontológicas em debate.** XVII ENDIPE, 2014. (Congresso).

TORRIGLIA, Patricia Laura. **Produção de conhecimento e educação: considerações para pensar o ser social na sociedade contemporânea.** In: Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade/ organizado por Denise Leite e Elizeth Gonzaga dos Santos Lima. Porto Alegre: 2012.

TORRIGLIA, P.L, Cisne M.F. **A crítica ontológica na formação humana e os processos de conhecimento: aproximações reflexivas.** Revista Ibero-americana de Educação, v. 67 (2) p. 161 – 171. 2015.

TORRIGLIA, P. L (1999). **Reflexões sobre o trabalho e a reprodução social: primeiras aproximações em relação ao complexo educativo.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORRIGLIA, P. L (2004). **A formação docente no contexto histórico-político das reformas educacionais no Brasil e na Argentina.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORRIGLIA, P. L (2016). **Relatório de Pesquisa.** Projeto Pós Doutoral. Universidade Nova de Lisboa. 2016.

TORRIGLIA, Patricia Laura. **A ontologia crítica, práxis cotidiana e as dimensões do conhecimento: primeiros apontamentos para discutir o ser da didática.** Projeto de Pesquisa 2013-2016. PPGE/CED/UFSC.

TUMOLO, Paulo Sergio. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?** Educação & Sociedade, Campinas - SP, v. 26, n. 90, p. 239-265, 2005.

TUMOLO, Paulo Sergio. **Educação e marxismo, A educação na perspectiva da classe trabalhadora.** Anotações aula proferida no dia 20 nov. de 2012, PPGE/UFSC, Florianópolis SC.

TOLSTÓI, Leão (1828-1910). **Infância, Adolescência, Juventude.**
Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

VALENCIA, Adrian Sotelo. **A estruturação do mundo do trabalho:
superexploração e novos paradigmas da organização do trabalho.**
Tradução de Fernando Corrêa Prado. Uberlândia: EDUFU, 2009.